

ele, e, por este sopro, colocou no corpo uma alma racional, justa, capaz de gozar a Deus eternamente. A parte animal ou inferior ficou dependente da razão, e a espiritual ou superior de Deus. Sucedeu, como sabeis, que Adão desobedeceu, comendo a maçã; daí advieram dois grandes males; como o homem não se quis sujeitar ao seu Criador, a alma perdeu também o seu domínio; e não só Adão sentiu esta miséria, mas todos os filhos, porque, desde que houve pecado, a vontade humana não ficou absoluta; umas vezes a parte animal quer a sua satisfação, e outras, o louvor e reputação; a parte espiritual quer o contrário. Quando se está à mesa o apetite sensual deseja comer carnes, satisfazendo os seus gostos e afastando o que lhe desagrada.

Para melhor compreensão consideremos um animal à mesa com natureza angélica. Procura suas as satisfações, custe o que custar. A alma ou parte superior responde: «Não é razoável que te satisfaças». A parte animal quer dominar. Mas, se esta alma está na graça de Deus, dirá: «Não te pertence a ti mandar em mim e não devo obedecer-te». Se não tiver graça, não terá força para lhe resistir. Ainda que queira dizer a esta serva que se cale, esta não obedecerá e revolta-se. Uma Irmã bem exercitada na virtude e na mortificação, quando sente algum desejo de satisfazer-se, seja na bebida, na comida, ou noutra coisa qualquer, contra o que Deus pede, diz a este animal: «Cala-tê miserável; és tu que mandas o que devo fazer? Não, não. Nunca farei o que propões, mas praticarei as virtudes contrárias.»

Eis, minhas Irmãs, o trabalho da graça numa alma na qual se encontra a mortificação: submete a matéria à razão, como a nossa Irmã acaba de dizer. Poder-me-eis perguntar: quando devemos proceder assim? Minhas Irmãs, todas as vezes que reconhecemos que as nossas paixões querem revoltar-se contra a razão. Sentimos o desejo de ser honrados pelas pessoas que nos conhecem; logo que o notarmos, reflitamos, e, com o pensamento de que só Deus é digno de ser honrado, digamos a esta escrava: «Calai-vos, só vos é devida a censura e a confusão, por causa dos vossos pecados.» Se queremos murmurar, se temos dificuldade em suportar uma palavrinha que nos fere, uma recusa, ou coisa semelhante, dominemo-lo pela mortificação e não nos deixemos levar a responder palavra por palavra, uma recusa por outra, como à nossa parte animal apetece fazer, se o pudesse. É preciso acostumar-se sempre a contradizer o apetite sensual. Daí provém que as Filhas da Caridade que conhecem bem e estão habituadas à mortificação não obedecem à natureza, que como bem o sabem, só procura satisfazer-se. Por mais que peça a estas Irmãs, por exemplo, que recebam visitas nos seus quartos, não as receberão.

Uma Irmã sente desejo de ver o seu confessor, de lhe falar ; se tiver a graça, não o fará, porque as suas regras não lho permitem ; se não a tiver, deixar-se-á arrastar pela tentação. Eis a diferença entre as Irmãs que compreendem a tentação em si e as que não o compreendem.

Eis o que nossa Irmã disse.

Compreendeis isto bem, minhas Irmãs ? Meu Deus ! Não sei se me faço compreender, porque a base e a economia da perfeição consiste nesta prática. Por exemplo, a natureza pede o descanso. Custa muito, com tanto frio, levantar às quatro horas. Esta serva bem quereria ficar na cama, porque lhe parece que não descansou bem durante a noite. Não vê ela estas razões para se fazer obedecer ? Sim, parece-lhe, e uma pessoa que não soubesse a exigência da natureza, persuadir-se-ia que tinha necessidade de descanso. Mas, se sabe recusar esta proposta, dirá : « Levantemo-nos, em nome de Deus », e fá-lo. Se a natureza quer resistir, dir-lhe-á : « Ah ! Quereis satisfazer-vos, mas não o conseguireis ». Eis, minhas Irmãs, como deveis proceder e acostumar-vos a contradizer sempre a vossa vontade, sobretudo quando não é conforme com a dos Superiores, pelos quais a de Deus vos é manifestada.

Vejamos quais são os actos desta virtude. Haveria muitas coisas a dizer sobre este assunto, e não temos tempo. Contudo, minhas Irmãs, vou dizer-vos alguma coisa sobre isto : sentis dificuldade em observar exactamente os mandamentos da lei de Deus, em ir à igreja participar da Santa Missa ; ao mesmo tempo que notais esta repugnância, deveis resistir e fazer o contrário, se não, ofendeis a Deus. Uma Irmã ter-vos-á ofendido e imediatamente vos sentis indignadas contra ela, sentireis o vosso coração sangrar, até tereis dificuldade em falar-lhe. Se não resistis, podeis fazer qualquer coisa contra a caridade. Então deveis dizer : « Quererias por ventura conservar este azedume que concebestes contra tua Irmã ! O quê ! Não lhe queres falar ! Não será assim. »

Uma Irmã está tentada a possuir um objecto, ou coisa semelhante. Logo que o sente deve contradizer esta parte inferior ; se quiser tornar-se senhora, deve combatê-la e fazê-la calar. Porque, minhas Irmãs, uma Filha da Caridade que assim não procede, se, apenas sente um pensamento contrário ao que Nosso Senhor pede dela, não o repele do seu coração, não é uma verdadeira Filha da Caridade. Como reinaria Deus numa alma que se deixa governar pelos seus appetites ! Não podia reinar. Nunca tereis paz interior, se não tiverdes esta prática que se chama mortificação interior, e que faz os santos, pois, minhas Irmãs, sem ela não há paz alguma e não poderá haver. Todos os santos do paraíso trilharam este caminho ; vós, se quizerdes chegar à perfeição, deveis continua-

nuamente contrariar as vossas paixões, inclinações e sobretudo a própria vontade.

Há meios para conhecer em que devemos praticá-la e para nisso nos ajudarem. Por exemplo, se uma Irmã encontra inclinação para um asseio exagerado, para ser gentil, bem apresentada, estimada pelos Superiores ou senhoras. Este conhecimento é um bom meio, para se desfazer das suas imperfeições e lhes pôr fim. É preciso a mortificação interior para renunciar a esta estima e exigências.

O citado é quanto ao interior; vejamos quanto ao exterior. Há dificuldade e exige mortificação suportar qualquer tribulação, seja por doença, ou quando se é acusado de ter feito qualquer coisa que nunca se pensou; pode suceder que vos repreendam por terdes feito bem. A natureza sente-se e de maneira nenhuma o admite. É preciso reprimí-la, e longe de se impacientar, murmurar e procurar justificar-se, pelo contrário, deve aceitar-se esta libré que Nosso Senhor nos envia, abraçá-la e dizer; «Sêde bem-vinda, ó boa cruz, recebo-vos com gosto.» Se o demónio vos tentar e vos levar a não o suportar ou a fazer uma acção indigna de uma Filha da Caridade, imediatamente, minhas Irmãs, tanto vós como eu, digamos a Deus: «Não quero consentir isto, mediante a vossa graça.»

Há a mortificação dos cinco sentidos exteriores, a vista, o ouvido, o gosto, e o tacto, os quais nos são comuns com os animais. Ora, devemos mortificar estes sentidos, principalmente a vista, para a não deixarmos aplicar, pela curiosidade, sobre os objectos capazes de nos levarem a ofender a Deus. Sobretudo recomendo-vos que não olheis para nenhum homem, a não ser por utilidade ou necessidade. Ah! Minhas Filhas, há entre vós algumas que me consolam, quando as vejo pelas ruas com tanta modéstia! Digo para mim: «Sem dúvida Deus habita nela.» Estive há dias numa casa de religiosas, onde notei que duas não eram nada mortificadas no exterior. Ah! Minhas Filhas, digo-vos que quando vi isto, imediatamente me viestes ao espírito, e simultâneamente agradei a Deus ter dado a esta Companhia a graça de ter este espírito que nada vale se não acrescentardes a ela a virtude interior. Se vos contentásseis com ir de olhos baixos, mas permitísseis ao vosso espírito correr para aqui e para ali, esta modéstia exterior não seria verdadeira virtude. O mesmo sucede com uma Irmã que diz as suas faltas e as confessa. Se o fizesse por vaidade e com intenção de ser considerada virtuosa, seria dissimulação e não virtude. Ah! Minhas Irmãs, experimentai unir sempre o interior ao exterior e conservai a santa prática da modéstia, pensando muitas vezes que não entrastes numa Comu-

nidade para viver segundo as vossas inclinações, nem para satisfazer o corpo.

Recordo-me, a este propósito, das religiosas carmelitas. De que pensais que vivem, minhas Irmãs? De carnes bem preparadas? Nada disso. Comem grandes tijelas de sopa e de ovos pôdres. É esta a sua alimentação, apesar de serem Filhas de boas famílias, onde eram tratadas muito delicadamente. Mas não o digo sem ter uma certeza absoluta: os ovos que lhes servem são fétidos como os cadáveres em decomposição, mas devem comê-los.

Digo mais, minhas Irmãs, comer e beber sem se mortificar em alguma coisa, seguir os seus apetites, rejeitar o que não é do vosso gosto, é viver como animal. Deveis alimentar-vos, comendo o pão suficiente, em virtude do vosso grande trabalho; mas peço-vos que fujais do excesso e das coisas delicadas tanto quanto puderdes, para agradardes a Deus.

Tudo o que dissemos diz antes respeito aos casos em que é preciso mortificar-nos, do que aos meios que devemos empregar.

O primeiro meio, minhas Irmãs, é estar nesta disposição e começar desde hoje, porque é de supôr que, se estivéssemos bem resolvidos a mortificar-nos nas ocasiões que se apresentam, não faltaríamos tanto como faltamos.

O segundo meio, são os motivos apresentados por S. Paulo. O primeiro diz: «Todo aquele que viver segundo a carne morrerá». (Epistola aos Romanos VIII, 13). Quer dizer, morrerá da vida da graça. Quem a mortificar viverá da vida dos filhos de Deus. Eu digo-vos que uma Filha da Caridade que tiver mortificado bem as suas paixões viverá da vida da graça, será santa neste mundo e gloriosa no outro. Queria poder dizer isto a todas as Filhas da Caridade; mas, como a maioria estão ausentes, digo-vos e asseguro-vos, da parte de Deus, ser este o caminho da santificação e não há outro. Procuremos o que nos desagrada, só assim nos podemos salvar.

Outro motivo, é o da necessidade de nos mortificar neste mundo ou sofrer no outro, em expiação dos nossos pecados. Ora, vêde que diferença, arder no outro mundo, ou esforçar-se um pouco para vencer as dificuldades e praticar as regras. S. Paulo diz: «Para conseguir uma eternidade de felicidade, castigo o meu corpo» (I Cor. 9,27); e: «Por um momento de mortificação eu adquiro uma eternidade de consolação». (II Cor. 4,17). Ah! Minhas Irmãs, *por um momento*, porque este grande santo compára os sofrimentos desta vida a momentos.

O terceiro motivo, é sentir consolação em se dominar. Dizia-o hoje, e penso ter-vo-lo dito outrora, havia dois religiosos carmelitas descalços que se perguntavam mutuamente um dia: «Como

pode ser que as coisas que pensamos dar-nos desgosto, nos dêem alegria; e onde pensamos encontrar com que nos mortificar, encontramos com que nos satisfazer!» Vêde como os bons religiosos encontravam consolação nas mortificações. O seu exemplo ensinam-nos que não é tão difícil praticar a virtude, como nos parece. Sabemos, por experiência, esta verdade. Vêde uma Filha da Caridade que consentiu na tentação de deixar a sua vocação, quantos remorsos tem em seguida! E, pelo contrário, que consolação tendes depois de terdes resistido à mesma tentação, ou a qualquer outra! Isto, minhas queridas Irmãs, não merecerá que trabalhemos neste sentido?

É também necessária a oração. Logo que nos sentirmos assaltados por qualquer mau pensamento, devemos recorrer a ela. Isto ajudará a tomar a resolução de fazer, a partir de hoje, três ou quatro actos de mortificação diáriamente. Por exemplo, devemos ver a nossa maior inclinação. Será a murmuração, encontrando que censurar nas acções dos Superiores? Devemos então, todas as manhãs, tomar a resolução de nos mortificarmos tantas vezes, quantas se apresentar a ocasião de murmurar. Mordamos os lábios para não o podermos fazer. O mesmo para os movimentos de impaciência, nunca nos deixando levar pela paixão, ver aquilo a que somos mais impelidos pelas nossas inclinações, depois resolvermo-nos a mortificá-las corajosamente. Se o fazeis, minhas queridas Irmãs, estais no verdadeiro caminho da santidade e possuíis a chave da perfeição das Filhas da Caridade.

Senhora Le Gras, quereis dizer-nos os vossos pensamentos?

— Uma razão é que, como cristãs, devemos mortificar em nós o que vive fora da graça. A segunda é que nada avilta tanto a criatura racional como a satisfação das paixões, contra os desígnios de Deus, seu Criador. E uma terceira é que nada parece tão desprezível às pessoas de razão como o uso desregrado dos sentidos e paixões. A mortificação dos sentidos consiste particularmente em não os empregar noutro fim senão para o que Deus no-los deu, usá-los com moderação e servir-se deles para praticar actos de mortificação. A mortificação das paixões consiste em não se servir delas senão para tudo fazer dentro da razão e da justiça, para nos excitar no amor de Deus e do próximo.

Os meios de que resolvi servir-me, são: primeiramente, o pensamento do mal que fazemos. De semelhantes a Deus como devemos ser pelo bom uso das nossas paixões, tornamo-nos semelhantes aos animais e piores ainda, quando nos deixamos arrastar pela malícia da natureza humana.

Em segundo lugar, pensei que devia exercer uma vigilância

cuidadosa sobre as minhas paixões e sentidos, para não ser surpreendida por eles.

Em terceiro lugar, pensei que poderia ser ajudada a vencer-me, lembrando-me que as pessoas, com quem terei de tratar, têm, como eu, o uso dos sentidos e das paixões, e que a caridade me obriga a não as levar a empregá-los mal.

O quarto meio é pensar frequentemente no mau uso que deles fiz toda a minha vida, para desconfiar de mim, recorrer a Deus com confiança e pedir-Lhe força.

— Ora bem, Deus seja bendito, minhas queridas Irmãs! Não vos parece que desejais alguma ocasião de vos mortificardes, para testemunhar a Deus que Lhe sereis fiéis nesta prática? Sim, creio que cada uma está nesta disposição, apesar da experiência que tendes das vossas fraquezas, que vos obrigam a recorrer a Nosso Senhor. Ele vos concederá a graça de aproveitar de tudo o que acabo de dizer. Meu Salvador, de todo o meu coração vo-Lo peço. Dai-nos o espírito da santa mortificação. Fazei, Senhor, que não vivamos mais como animais, mas como criaturas racionais. Nós vo-lo prometemos. Mas, porque depende de Vós, que nos alcanceis esta graça eu vo-lo peço, pela Vossa santa vida, cheia de mortificação interior e exterior.

*Benedictio Dei Patris...*

66 — CONFERÊNCIA DO DIA 2 DE FEVEREIRO DE 1655

## SOBRE O ESPÍRITO FECHADO

Minhas Irmãs, o assunto desta conferência é sobre o espírito fechado, isto é, um demónio ou um vício que nos impede de abrir o nosso coração quando é necessário, e a quem de direito, como deve ser.

O primeiro ponto trata das razões que nos obrigam a acautelar-nos deste espírito; o segundo, sobre as pessoas que o têm; o terceiro, sobre o que devemos fazer para o expulsar.

Minha Irmã, dissei-nos os pensamentos que tivestes sobre este assunto.

— Meu Pai, primeiramente pareceu-me que o espírito fechado impede-nos de dizer as nossas dificuldades, quando tivermos algumas, aos nossos Superiores; se não o fizermos, podemos perder a vocação.

— Minha Filha, tendes razão; vêm daí grandes males. Este espírito leva à perdição. Para tornar isto mais claro, ficai sabendo que há pessoas que têm disposição para dizer tudo o que lhes vai no coração a quase toda a espécie de pessoas. Há outras que são reservadas, só falam quando convém, não dizem o que pensam a todos, dizem o que é preciso, mas sabem muito bem calar o que não devem dizer.

Para compreender a verdade do que digo, representai-vos Irmãs que entre vós são prudentes. Não quer dizer que não sejais reservadas; mas sempre há algumas mais discretas, que podemos tomar como exemplo. Vejamos como procedem aquelas que julgais mais prudentes: falam pouco e a propósito; deixam as outras dizer e preferem antes escutá-las do que fazer o mesmo. Podemos estudar a diferença destes dois espíritos, que são ambos fechados, como ides ver.

Há portanto um outro espírito fechado, e as pessoas que o têm, como acabais de ouvir, muito facilmente dizem tudo, excepto o preciso. Por exemplo, as Filhas da Caridade que o tivessem, quando se encontrassem com as pessoas do mundo, diriam coisas maravilhosas, mas, quando se tratar de descobrir os seus pensamentos ao seu director não dirão nada relativo à sua pessoa. Aquelles a quem não deveriam dizer, dizem-no, mas, para os seus Superiores, têm a boca fechada. São muito entendidas a falar das coisas indiferentes e temporais, mas para o espiritual, não se lhes pode arrancar uma palavra.

Devemos saber que não falamos nesta conferência das que têm o espírito fechado para não se descobrirem a todas as pessoas, mas sabem calar o que não devem dizer, pois é um sinal de prudência e de virtude, portanto mais louvável do que censurável. Falamos das que não querem abrir o seu coração a quem de direito e como devem. Este vício é um demónio na alma, porque há um demónio que está encarregado de tentar todas as religiosas, todas as almas que devem fazer a comunicação e às Filhas da Caridade, para que caiam neste pecado. Quando não lhe resistem desde o princípio, apodera-se-lhes do coração e faz-lhes guardar o segredo, numa palavra, torna-as mudas.

Outras almas têm um espírito cândido, aberto, simples e dizem não só as suas faltas aos Superiores, mas gostariam muito que toda a gente as soubesse. Ah! Como têm motivo para agradecer a Deus! Recebi ontem à noite uma carta, que vinha de cento e cinquenta léguas daqui. É um padre da Missão descrevendo uma missão que fizeram nessa terra. Manda-me dizer que uma mulher depois de ter ouvido o sermão ficou tão sensibilizada, que, arrependidíssima, se confessou e disse: «Senhor, tenho pena

de ter pecado e estou tão confundida da minha mísera vida passada, que desejaria que todos os meus pecados fossem escritos no meu rosto, para toda a gente os poder ler. Como fiquei consolado, minhas Irmãs, por ouvir isto desta boa mulher! Quem pensais vós lhe concedeu a graça de ter esta disposição? Foi Deus, pelo ministério deste bom anjo, que dá felicidade às Filhas da Caridade de dizer as suas faltas. Ah! Minhas Irmãs, são os anjos bons que o fazem, assim como os maus o impedem.

Notai bem esta diferença; não falamos das prudentes, mas das que estão escondidas quando é preciso aparecer, das que manifestam as suas dificuldades às Irmãs, àqueles que as não podem aliviar, e não querem falar disso aos Superiores. Ora, pergunto-vos, minha Irmã, quais são os grandes males que isto causa?

— Meu Pai, parece-me que o maior, é a perda da vocação.

— Tendes razão, minha Filha, uma Irmã que não manifesta as suas dificuldades corre o grande perigo de não perseverar. Desde o momento em que teme que saibam as suas disposições e diz às Irmãs: «Não digais à Senhora Le Gras ou ao senhor Padre Portail», imediatamente, minhas Irmãs, podeis acreditá-lo, o demónio começa a ser o senhor do seu coração. É como um rapaz mau que quer enganar uma pobre menina. Que faz ele? Propõe-lhe maravilhas; mas proibindo-lhe falar disso. «Livrai-vos de o dizer ao vosso pai ou à vossa mãe; se o fizerdes, farei isto, e aquilo», e o resto. Porque pensais que a ameaça? Ele sabe bem que, se o pai e a mãe o soubessem, o impediriam.

O demónio faz o mesmo quando tenta uma Irmã a querer ter uma mudança, a ser estimada, ou coisa semelhante. Diz-lhe: «Não o digais, fugi de o dizer ao Senhor Padre Vicente ou à Senhora Le Gras.» Se condescender, o demónio não se contenta em tê-la feito guardar segredo, mas deixa-a na disposição citada, levando-a a fazer confidências às Irmãs e aos externos. Ora comunicar as dificuldades e tentações a uma Irmã, a uma pessoa do mundo, nada remedia, porque não têm a graça para a conduzir, mas tudo se complicava. Se ides com uma dificuldade ou tentação, voltareis com duas ou três. Como quereis que eles vos curem, visto serem doentes? Ides a uma Irmã abrir o vosso coração, dizendo-lhe qualquer descontentamento que recebestes, que a Senhora Le Gras ou uma Irmã vos contristou, e esta Irmã tem já o espírito deformado, contrariado, como o vosso. Pensareis encontrar nela alívio! E este demónio faz-vos acreditar que encontrareis nisso consolação! Não pode ser, minhas Irmãs, embora vos pareça; é um engano diabólico, assim seduz o mundo. Eis, minha Filha, o que dissestes. O espírito fechado, apoderando-se de uma Filha da Caridade, põe-na em perigo de perder a sua vocação.

Minha Irmã, que outra razão pensastes que obriga as Filhas da Caridade a ter o coração aberto para dizer as suas faltas ao Senhor Padre Portail, à Senhora Le Gras ou a mim?

— Meu Pai, a primeira que reconheci é a seguinte : se não dissermos as nossas dificuldades, não poderemos encontrar a consolação. Penso não haver maior mal no espírito fechado que este ; não pode haver direcção para uma pessoa que não se comunica, nem os Superiores saber as nossas disposições se as não dissermos.

Minha Filha, tendes razão. Não sois vós que o dizeis ; é o Espírito Santo que o pôs na vossa boca. Diz na Sagrada Escritura : «Não há direcção para as pessoas que não se abrem. Não há meio de ajudar uma pessoa que tem veneno no coração e não o quer dizer ; se recebestes uma punhalada que vos fêz uma chaga mortal e não a descobris, não podeis curá-la. Por isso, quando virdes Irmãs que não querem manifestar as suas disposições a quem devem, considerai-as possuídas por este demónio, e por conseguinte em perigo eminente.

Minha Filha, no que se pode conhecer se uma Irmã o tem ?

— Meu Pai, quando se vê uma Irmã perturbada, triste e abatida.

— A nossa Irmã diz bem. Um sinal de que se tem no interior alguma coisa, que se não quer descobrir, é quando se está triste e desgostosa ; porque uma alma que não tem nada oculto, tem um coração aberto e não está, de forma alguma, sujeita a isso. A alegria do Espírito Santo não reside num espírito fechado. Quando uma pessoa se confessou e declarou o seu pecado, tem grande paz e descanso. Donde provém esta mudança ? É que descobriu a chaga, e, fazendo-o, recebeu o remédio. A nossa Irmã apresentou um bom meio de reconhecer as que têm este espírito. Quando virdes uma Irmã inquieta, pesarosa, aborrecida, desconfiada na vocação, dizei : «Certamente o demónio apoderou-se desta Irmã.»

Se o tempo no-lo permitisse, creio, minhas Irmãs, que nos apresentaríeis muitas outras razões. Mas, para abreviarmos, vou dizer-vos algumas, a primeira das quais é o que vos disse, que não há nenhum meio de dirigir uma alma que não se comunica. É um forte motivo para nos levar a fugir dele.

Vejamos os sinais para conhecê-lo. Se uma pessoa na confissão disfarçasse o seu pecado para o tornar menos grave, pode-se dizer que tem o espírito fechado. Eis um grande mal.

Outro sinal, é quando uma Irmã tem grande dificuldade em descobrir o seu coração fora do confessional. Se lhe pergunto : «Minha Irmã, como estais desta tentação?» E ela, dissimulando o

estado em que se encontra, responde : «Senhor, se me perguntásseis isso na confissão, dir-vo-lo-ia, mas neste momento não posso»; ou se, dizendo alguma coisa, não diz como é, eis um sinal de espírito occulto.

Outro ainda, é dizê-lo espontâneamente às Irmãs. Uma Irmã que tem qualquer tentação e tem este espírito, se conhece algumas descontentes, vai desabafar com elas. Eis a infelicidade. Daí provêm as murmurações e as queixas.

É ainda um sinal, não dizer logo ao principio a tentação contra a vocação. Dir-se-á ao director ou aos Superiores a sua difficuldade, mas o mais tarde possível e na maioria das vezes quando já não há remédio. Quando não se procura o socorro no momento preciso, por culpa própria, não se encontra. Vêdes que não basta abrir o coração, se não o fizermos quando devemos, isto é, logo que a tentação se apresenta.

Há outros sinais deste espírito. Conhecê-los-eis em vós, se vos examinardes, pelo menos aquelas que já estiverem contaminadas.

Digamos uma palavra dos meios para se desfazer deste demónio. Se me perguntardes, minhas Irmãs, o que é preciso fazer para sair dele, responder-vos-ei o que Nosso Senhor respondeu aos discípulos que não puderam curar uma criança surda muda. Como lhes perguntassem a causa, disse-lhes : «Esta espécie de demónios não se expulsa senão pela oração e pelo jejum » Do mesmo modo, minhas Irmãs, este espírito, que é um demónio na alma, só se expulsa pelo jejum e pela oração. Se o sentirdes em vós, fazei as vossas orações nesta intenção, ou pelo menos tomai as vossas resoluções para vos desfazerdes del. Além disso, jejuai algumas vezes, ou applicai com este fim o jejum ordinário que fazeis às sextas-feiras, ou o da Quaresma, na qual vamos agora entrar. Enfim, minhas queridas Irmãs, segui o conselho que o Filho de Deus deu aos discípulos, e dizei : «Senhor, o demónio mudo que me atormenta só se expulsa por estes dois actos de penitência. Peço-Vos que aceiteis os jejuns e as orações que Vos ofereço, para que Vos digneis libertar-me dele, de modo que nada encubra, por mais vergonhoso e abominável que seja. Tenho uma punhalada no peito ! Quero ser curada, se for do Vosso agrado.

O segundo meio consiste em considerar o miserável estado de uma pobre Irmã que tem este espírito, muito mais prejudicial do que ter um demónio no corpo. Ah ! Minhas Irmãs, que podemos dizer se nos encontrarmos neste estado ? «O que? Meu Deus ! Tenho um mau pensamento que me quer perder ; di-lo-ei às minhas Irmãs e aos que me não podem ajudar ; mas aos meus Superiores, que têm graça para isso, não o direi !» Reconhecendo o pobre estado em que vos encontrais, sereis impelidas a saír.

Isto é para aquelas que são fechadas. Para as outras que o não são, pelo contrário, têm um coração cândido, um espírito aberto para com os Superiores, são prudentes, e não se comunicam senão àqueles a quem devem. Oh! Devem agradecer a Deus para não o perderem e suplicar que lho conserve, de maneira que nunca esta virtude seja ofuscada por tal demónio de espírito.

O terceiro meio, é que, quando vos aproximardes dos vossos confessores e sentirdes dificuldade em abrir o vosso coração, (porque à natureza repugna sempre o bem), imiteis Judite que, obrigada a cortar a cabeça a Holofernes, começou a tremer com medo, mas reanimando-se, pediu auxílio a Nosso Senhor para conseguir o fim da sua empresa. Depois cortou a cabeça deste tirano com a própria espada dele. Assim, minhas Irmãs, é preciso pedir socorro para deitar por terra a cabeça deste Holofernes, isto é, para abrir o vosso coração ao vosso director e dizer: «Senhor, vêdes a dificuldade que tenho em transmitir o que sinto; ajudai-me, por favor. Eis o que deveis fazer». Se tendes alguma dificuldade ou tentação vergonhosa, dizei-a primeiro, isto vos dará força para dizer o resto. Ordinariamente a vergonha não deixa aparecer. O demónio diz-nos: «Que pensarão de ti? Ah! Meu Deus! Que dirão? O que! Uma Filha da Caridade ter pensamentos tão horríveis! Não te estimarão mais, se disseres tal ou tal coisa.»

Ó minhas Filhas, é completamente o contrário; não duvideis desta verdade: as pessoas mais estimadas são aquelas que expon-tâneamente se abrem. Temos o exemplo de Madalena que, lançando-se aos pés de Nosso Senhor, Lhe confessou os pecados e Lhe abriu o coração. Depois disso, Nosso Senhor, desprezou-a? Não. Longe de formar dela um mau conceito, tomou a sua defesa, contra o fariseu que a queria censurar.

Minhas Irmãs, aprendei duma vez para sempre que nunca temos e não poderemos ter em pouca consideração as pessoas que dizem as suas faltas. Para mim, não tenho maior consolação do que quando alguém descobre e diz o estado da sua alma. Aprecio-o tanto que se pudesse ir ao lugar onde mora a mulher de que falamos, iria, ainda que fosse a dez léguas daqui, para ter a consolação de lhe dizer: «Boa mulher, sois bem-aventurada, pois Deus vos deu a disposição em que estais, de desejar que os vossos pecados sejam escritos sobre a vossa frente». Dizei pois a este demónio: «Vai, maldito demónio, tu dizes que me desprezarão, se eu disser as minhas dificuldades, e é o contrário, estimar-me-ão mais.» Minhas queridas Irmãs, dizer que uma Irmã está pronta a abrir-se aos Superiores, é dizer tudo. O céu alegra-se com isso, porque é uma espécie de penitência. Não sou eu que o digo, é Nosso Senhor: «Os anjos alegram-se por um pecador que faz pe-

nitência» (S. Lucas 15,10). Dizer as suas dificuldades e tentações, é uma maneira de a fazer. Enfim ficai para sempre cientes que uma pessoa sincera, cândida, aberta não pode ser enganada pelos seus inimigos. O que vos impedirá então de vos descobrires aos vossos Superiores? Não o deveis fazer para serdes estimadas. Deus nos livre de o fazer com este espírito!

Poder-me-eis dizer: «Oh! Mas, Senhor Padre, eu disse-o ao meu confessor; porque é preciso dizê-lo ainda à Senhora Le Gras?». O que fizestes está bem, mas não é suficiente, deveis comunicá-lo aos Superiores, porque, como foi dito, não se pode receber uma orientação sem o fazer.

Parece-me, minhas Irmãs, que, isto apresentado, tanto vós como eu, devemos resolver-nos a dizer tudo aos nossos Superiores e aquelas que não abrem o coração, esforçar-se-ão por fazê-lo de hoje para o futuro.

Peço a Nosso Senhor Jesus Cristo que nos conceda esta graça, a vós peço-vos que oreis umas pelas outras, para este demónio nunca ser o senhor dos nossos corações e que os nossos bons anjos, que tantas vezes nos inspiram esta comunicação de coração, sejam vencedores. Salvador das nossas almas, que tanto amais a candura e a simplicidade, e no-la recomendastes, nós Vos pedimos este dom para a pequena Companhia, para todas as almas que a ela chamastes; permiti que não tenhamos paz se não dissermos aos nossos Superiores tudo o que nos preocupa e sem pedirmos conselho e parecer, em todas as nossas tentações. Concedei-nos esta graça, nós Vos suplicamos.

Minhas Irmãs, notai que não é suficiente abrir o coração aos seus Superiores; é preciso acreditar neles e fazer o que nos dizem, porque é o principal; de contrário servirá de pouco.

Não posso deixar de vos dizer uma coisa que esta manhã, na repetição de oração, me enterneceu. Um dos nossos Irmãos, que tinha ocultado uma coisa e não a disse ao confessor, teve a graça de a poder dizer em voz alta, e além disso declarou que era um pobre e miserável rapaz, que tinha sido sustentado nas escolas pelas esmolas da freguesia; e não o tinha descoberto até então, apesar de muitas vezes ter esse pensamento. Quando ouvi este rapaz declará-lo com tanta coragem, devo confessar que senti um aumento de veneração por ele e pensei que Deus lhe concederá a graça de ser um grande santo: sim, minhas Irmãs, muitas vezes basta um verdadeiro acto de virtude para conseguí-lo, pois dá à alma força para fazer um milhão de outros. Disse-vos isso para vos confirmar na convicção de que é bom sinal a alma dizer as suas faltas.

Senhora Le Gras, não nos dissestes os vossos pensamentos.

— Meu Pai, o estudo deste espírito, apresenta-nos mais uma razão, para nos acautelarmos, fazendo-nos compreender que é um demónio escondido na alma, e pode fazer maior mal do que o demónio dos espíritos malignos no corpo; um diz respeito à vida eterna e outro apenas à vida temporal.

Outra razão é que, se procedermos com este espírito, apagaremos, por assim dizer, a luz que Nosso Senhor veio acender nas almas.

Outra, é que as pessoas que assim procedem são muito impertinentes, dificultam a vida das companheiras e correm o grande perigo de que o espírito de orgulho tome um grande ascendente sobre a sua imaginação, levando-as a fecharem-se. Apesar de desconhecido, farão a sua obra de tal forma que as torna desconhecidas a elas próprias não podendo dar-se a conhecer, impedindo, as de receberem as advertências que necessitam.

Embora existam temperamentos que naturalmente não podem abrir-se, nem explicar-se, penso que as paixões desejam mais esta tentação; o orgulho principalmente sugere-nos ao espírito não dizer tal ou tal coisa, receando as consequências, ou que as outras pessoas, por ter caído uma vez, suspeitem dela para sempre; daí provém um grande prejuízo para a alma levando-a a perder toda a delicadeza de sentimentos.

Tais pessoas, quando têm problemas de consciência ou qualquer necessidade, se lhes falam em comunicação, estão em perigo de mentir ou dissimular. Este hábito poder-se-á tornar tão arraigado, dominando-as até na confissão. Esta disposição, proveniente do espírito maligno, pode meter as pessoas que o possuem num tal embaraço, que desprezem os avisos dos seus Superiores, e não se resolvam a dizer-lhes as dificuldades, julgando-os interessado ou persuadidos por outros. Isto permite que procurem ajuda ou consolação onde não devem, e encontrem apenas ocasiões muito perigosas e que arrastam à perdição. Aquelas que pouco a pouco se apoderam desta máxima, não podendo conter as suas dificuldades, nem o que sabem de outrem, estão muitas vezes em perigo de deturpar a comunicação e fazê-la a todas as pessoas; o que acarreta grande prejuízo ao seu adiantamento espiritual, permitindo que ofendam a Deus, e levem as que as escutam a fazer o mesmo.

Este espírito é perigosíssimo e quase sempre desconhecido. Devemos com frequência pedir a Nosso Senhor luz para o descobrir, se residir em nós. Cada uma deve temer e desconfiar que tem algum; para se libertar dele é preciso que, apenas se sinta alguma dificuldade e repugnância em dizê-lo, se recorra ao Espírito Santo, para lhe dar força. Depois vencer-se, e dizê-lo por amor de Deus.

Se alguma se sentir levada a procurar em outrem consolação para se descarregar, deve desconfiar; igualmente se sentisse repugnância que os seus Superiores soubessem o que quer dizer ou pensar, deverá temer.

Uma Irmã pediu perdão por ter agido com este espírito, e solicitou as orações do Nosso Venerando Pai para ser ajudada na correcção de tal disposição.

Este disse-lhe:

— De todo o meu coração, minha Filha, o farei. Peço a Nosso Senhor que enquanto eu, apesar de indigno, pronunciar de Sua parte as palavras de bênção, nos conceda a graça de bem entrarmos nesta prática.

*Benedictio Dei Patris...*

67 — CONFERÊNCIA DE 23 DE MAIO DE 1655

### SOBRE A OBEDIÊNCIA

Minhas caríssimas Irmãs, o tema desta conferência é a obediência. O primeiro ponto é sobre as razões que temos para a praticarmos e fazer tudo por obediência; o segundo ponto, sobre os sinais que darão a conhecer se a possuímos; o terceiro, sobre os meios de adquiri-la e de fazer tudo neste espírito.

Hoje compete falar da virtude da santa obediência, a virtude de Nosso Senhor, a própria virtude do nosso Salvador, porque a praticou toda a Sua vida até à morte.

Minha Irmã, quais são as razões que temos para nos applicarmos a uma perfeita obediência?

— Meu Pai, pareceu-me que o exemplo de Nosso Senhor nos obriga à obediência.

— Minha Irmã, quando respondeis, é preciso primeiramente dizer: o assunto da conferência é tal, como hoje, da obediência; e depois as razões que temos para ser obedientes. Depois de mencionardes os três pontos, deveis dizer os pensamentos que Deus vos deu sobre isso. É assim, minhas Irmãs, que deveis responder.

A nossa Irmã disse que uma razão pela qual devemos amar a virtude da obediência é o exemplo de Nosso Senhor. Que outra razão, minha Irmã?

— Meu Pai, sobre o terceiro ponto, pensei que um meio para adquirir esta virtude, é pensar que tudo quanto fiz pela minha própria vontade, nunca teve êxito.

Outra Irmã respondeu que, para obedecer como se deve, é preciso acreditar que é Deus que nos manda pelos nossos Superiores.

Outra razão, é porque Deus nos ordena esta obediência, e, tendo-nos chamado à Companhia, estamos duplamente obrigadas, e acrescentou que era um meio de perseverar na vocação.

A Irmã, contrita e confundida, pediu desculpa por não poder falar mais, apesar de ter muitos outros pensamentos, e disse que nunca tinha obedecido.

— Pronto, pronto, minha Filha, Deus vos concederá a graça de para o futuro, obedecer. Dizeis bem. Uma razão que vos obriga à obediência é que, sem ela, não podeis perseverar na vossa vocação, pois, minhas Irmãs, desde que a obediência não exista entre vós, adeus pobre Caridade, está morta. Mas, enquanto esta santa prática estiver na Companhia, fará bem. Um meio de conhecer se uma Irmã tem a virtude da obediência ou não tem repugnância em fazer o que os Superiores lhe ordenam, é se está pronta a ir por toda a parte, a regressar quando lho ordenarem, se está desprendida das suas ocupações, quando lhe mandam que as deixe. Eis um verdadeiro sinal. Mas se ela encontra digno de censura o que os Superiores dizem, murmurar de seu procedimento, dizendo que há má organização, apresenta um sinal de desobediência.

Minhãs Irmãs, enquanto na Companhia se observar esta virtude, ela subsistirá, de contrário perecerá. Assim como a Igreja não subsiste senão pela obediência dos fiéis ao pároco, dos párocos aos bispos, e destes ao Papa, do mesmo modo todas as Comunidades, particularmente a vossa, não podem perseverar senão com a obediência dos súbditos aos Superiores, sobretudo das mais antigas. Oh! Irmãs antigas, quanto deveis procurar edificar as mais novas! Se todas o devem procurar, as mais velhas de vocação estão-no ainda mais obrigadas, pois sabeis que dizem: «Uma tal Irmã fez bem assim; também o farei pois; se houvesse mal, ela não o faria.» Vêde, Minhas Irmãs, o que as novas dirão.

Minha Irmã, quais são os sinais do vício contrário a esta virtude?

— Meu Pai, parece-me que é o apego à nossa própria vontade, impedindo-nos de seguir a de Deus e a dos Superiores.

— Muito bem, minha Filha. É o apego à nossa própria vontade. Dizem-me que vá aqui ou ali, mas estou tão apegada à minha vontade que não quero ir; proibem-me que faça tal coisa, mas quero fazê-la porque estou convencida de que esta proibição não é justa! Quando se chega a isto, tem-se a ruína das Comunidades.

Vós, minha Irmã, tendes alguma razão para vos obrigar à obediência ?

A Irmã respondeu pouco mais ou menos a mesma coisa, acrescentando que viemos à Companhia para obedecer; se quando entrámos era a nossa intenção, devíamos continuar nesta prática, e um meio de nos ajudar, é perguntarmo-nos muitas vezes porque é que viemos para a Companhia.

— Oh! Muito bem dito, minha Filha! É um bom meio para nos incitarmos à prática desta santa virtude. S. Bernardo fazia-se muitas vezes a mesma pergunta, principalmente quando sentia alguma repugnância na prática da virtude. Interrogava-se, dizendo: «Bernardo, Bernardo, porque entraste na religião? Seria para mandar? Seria para fazer a tua vontade, ou para te deliciars? Nada disso. Foi para obedecer; para renunciar à tua própria vontade e para te dar».

Vêde, minhas Irmãs, o que este grande santo dizia para se incitar ao cumprimento do seu dever; é o que nós deveríamos fazer enquanto vivermos. Oh! É um grande meio, para progredirmos na virtude, perguntarmo-nos frequentemente: Francisca, Joana, Maria, porque vieste para aqui? Será para fazer o que queres, viver à tua vontade? Oh! Não, não tiveste esta intenção quando deixaste o mundo, ou se a tivesses tido, caíste no engano. Visto teres vindo, para servir a Deus da maneira que Ele o pede, porque não o farás.

Ó minhas Irmãs, é uma grande loucura ter vindo para obedecer, e depois não querer fazê-lo. Os artistas vão para o trabalho para trabalhar, os alunos para a escola para aprender; e vós, teríeis vindo para aqui para não fazer nada, ou então para só fazerdes o que quereis e como quereis! Se assim é, temeí que Deus vos tire as Suas graças para as dar a outras mais fiéis do que vós. Eis a razão porque nos resolveremos desde já a fazer tudo por obediência. Digamos em nós mesmos: «Ó meu Deus, Vós me concedestes a graça insigne de me colocar numa Companhia que tem a honra de Vos pertencer, para aí obedecer Aqueles que encarregastes de me guiar, e será possível que eu faça completamente o contrário! É possível! Ó minha alma, vão os alunos à escola para se tornarem mais ignorantes? Pelo contrário, vão lá para aprender e aplicam-se com todo o ardor; e não farás o teu dever para agradar ao teu Deus! Oh! De hoje para o futuro quero ser mais fervorosa para fazer o que Ele pedir de mim.»

Muito bem! Minhas Filhas, sinto-me muito feliz por ter ouvido os vossos pensamentos sobre este assunto. Mas antes de passar adiante, temos de reconhecer que somos descendentes de

dois homens: Adão, que sendo justo, se tornou pecador pela sua desobediência e foi despojado de todos os dons da graça que Deus lhe tinha dado; de Jesus Cristo, que veio para salvar os que voluntariamente se tinham perdido. Vou repetir: temos em nós dois espíritos, um do velho homem, outro do novo. O primeiro, quis fazer a sua própria vontade e tornar-se independente de Deus; como mostram as palavras da serpente: «Sereis como Deus»; Adão, fazendo-o, perdeu-se e a todos com ele. O novo Adão, Jesus Cristo, ao contrário do primeiro, veio do Céu à terra para se fazer obediente. Vêde a diferença que existe entre os dois. O novo procura fazer a vontade de Seu Pai, o velho, a sua; o novo submete-se até aos seus inferiores, o velho não quer submeter-se ao Criador; enfim Cristo só procura aniquilar a própria vontade, como nos ensinou no jardim das oliveiras, e Adão seguiu a sua.

Ora, uma pessoa que gosta da cdediência, aniquila a própria vontade, mostrando assim possuir o espírito de Nosso Senhor. Quereis vós saber se uma Filha da Caridade tem o espírito do novo Adão? Vêde se é bem obediente, pois é um verdadeiro sinal. Mas, se gosta de fazer a sua vontade em todas as acções, eis o sinal do espírito do velho Adão, ou antes, do espírito do demónio; bastava persuadir-se bem desta verdade para nada fazer segundo este maldito espírito, que não é outro senão a própria vontade. Eis, pois, a primeira razão, para nos obrigarmos a praticar a santa obediência: as Irmãs que amam a obediência têm o espírito de Nosso Senhor.

A segunda, é que há um duplo mérito em fazer o bem por obediência. É tão certo que não admite dúvida. E não só as boas obras adquirem uma nova beleza, mas as indiferentes tornam-se meritórias quando feitas por obediência. Por exemplo, quando ides servir os pobres, é uma boa obra, que já em si é meritória, mas, se a fizerdes por obediência, tem um duplo mérito; é como um belo relevo que a torna mais brilhante; é como se acrescentassem pedras preciosas a outras pedras preciosas.

Para compreender bem isto, imaginai que vos fazem um vestido de lindo tafetá. Quando não houver outro tecido, é sempre um lindo vestido. Mas, se a este tecido se juntasse um outro, seriam dois padrões juntos, o que o torna mais belo do que antes. Acrescentai-lhe ainda aplicações em ouro, eis duas belezas: o tecido e o ouro. Ora, minhas Irmãs, acontece o mesmo com respeito às obras feitas por obediência. Que consolação para as Filhas da Caridade! Só fazeis uma acção e tendes duas espécies de recompensa.

Mais ainda. Como já vos disse, fazer uma obra indiferente, como beber, comer, descansar, recrear-se, são acções insignifican-

tes em si, mas a obediência torna-as meritórias e mais agradáveis a Deus do que as boas obras feitas sem a obediência. É uma pedra filosofal. Tudo o que toca transforma-o em ouro. As boas obras feitas sem esta virtude não são agradáveis a Deus. É um poderoso motivo para nada se fazer sem obediência. Conheci pessoas de condição que não fazem nada sem este espírito. Um conselheiro da corte, que tinha sido huguenote, desde a sua conversão gostou tanto da obediência que, quando havia alguma coisa a fazer, o perguntava ao laçao, para ter o mérito de fazer as suas acções por obediência. Quando era preciso ir para qualquer parte, perguntava-lhe se devia ir por um tal caminho. Ó minhas Irmãs, um homem do mundo a fazer isto! Que confusão para nós, que temos tantos meios para adiantarmos na virtude e somos tão negligentes!

Meu Deus! Como há pobres Filhas da Caridade que perdem muito por sua culpa! Servem os pobres, vão e vêm, matam-se para não fazer nada, quando seguem a sua própria vontade. Minhas Irmãs, fazei tudo o que vos agrada, mas as vossas melhores acções não serão meritórias sem esta virtude. Devemos dizer que há grandes vantagens na obediência, visto o Filho de Deus ter querido fazer tudo por obediência e submeter-se-lhe de tal forma que teria preferido morrer do que faltar-lhe; e, pelo contrário, há grandes desvantagens no vício oposto.

Diz-se, na Sagrada Escritura, que, quando Saúl quis travar a batalha, e desejou oferecer um sacrificio a Deus para alcançar a vitória, gostaria que fosse o próprio profeta a oferecê-lo; mas, como não chegou, ofereceu-o ele. E, como não tinha sido escolhido por Deus para o fazer, o seu sacrificio não Lhe foi agradável; Deus, censurou-o por ter agido sem autorização. Enquanto Saúl fez esta acção por sua vontade, Deus mandou eleger outro rei para o substituir. A Escritura diz que Saúl foi reprovado. Isto mostra que as boas obras feitas para seguir a inclinação natural e sem obediência, são inúteis e mesmo prejudiciais.

Se este exemplo não vos faz temer esta infelicidade, não sei o que vos comoverá. O que! Por ter feito uma acção boa por amor de Deus este rei foi reprovado! Quanto não devemos temer se encontrarmos na Companhia alguém apegado à própria vontade! Ah! É um demónio, pois não existiria demónio, nem inferno, se não houvesse vontade própria.

Algumas quererão jejuar para satisfazer o seu desejo e capricho e para que as julguem mais virtuosas do que as outras; pois, quando se tornam excepcionais, é quasi sempre para serem estimadas. Outras quererão ir visitar este pobre. Quer lhe dêem licença ou não, irão, porque querem fazê-lo. Outras rezarão vã-

rias orações sem licença! Em si estes sacrificios são bons, mas, porque o móbil é a vontade própria, Deus não o quer. Digamos agora, e eu quero dizê-lo convosco: «Ó meu Deus, se o velho Adão quer que eu faça a minha própria vontade, mas Jesus Cristo quer que eu siga a dos meus Superiores, eu desde hoje, fá-la-ei, mediante a Vossa graça, que imploro».

Uma outra razão, é que, se fizerdes tudo por obediência, estais certas de cumprir a vontade de Deus. É preciso não o duvidar, visto Ele ter dito: «Quem vos obedece, a Mim obedece.» (S. Lucas, 10,16). Por conseguinte quem vos desobedece, Me desobedece. Oh! Que consolação para as almas generosas, que amam esta santa virtude, estarem certas de cumprir a vontade de Deus! Consolai-vos, vós que sois fieis à obediência. Mas, vós, espíritos desobedientes, que apenas obedeceis se aquilo que vos mandam é conforme às vossas inclinações, o que se manifesta quando se obedece apenas em certas coisas e não noutras, oh! receai, que em lugar de terdes feito a vontade de Deus, só tendes feito a vossa, ou, para melhor dizer, a do demónio!

Poder-me-eis dizer: «Como fazemos nós a vontade de Deus, se é a da minha Superiora, ou de uma Irmã que não vale mais do que eu, pois é uma pobre camponesa, que chegou muito depois de mim à Companhia?» Não importa! Desde que essa Irmã recebeu o poder de vos mandar, cumpris a vontade de Deus quando lhe obedeceis.

«Mas é uma Irmã que nada tem a mais do que eu, não tem grande capacidade e tem um temperamento incompatível com o meu.» Sois obrigadas a submeter-vos. É um Deus que o diz, é um artigo de fé, de que não se deve duvidar; se o não fizerdes, ofenderis a Deus.

Estou certo de que todas dizeis: «Oh! Não pensava nisso quando me mandavam qualquer coisa, porque teria sido muito mais pronta a obedecer. Reconheço que a virtude da obediência é tão agradável a Vossos olhos, ó meu Deus, que todas as acções feitas neste espírito adquirirão uma nova beleza e um relevo que as torna muito agradáveis ao meu Salvador. Deveras desejo que me concedais a graça de tudo fazer por obediência, pois assim terei a certeza de cumprir sempre a Vossa santa vontade.»

Senhor, eis uma parte. Mas apresentai-me as características de uma Irmã muito obediente. — Minhas Irmãs, uma, é quando faz tudo o que lhe mandam. Uma Irmã que só faz o que quer e lhe agrada, dizendo: «Não quero fazer isto, porque não me agrada», ou então o faz segundo lhe parece, submete-se, mas diz: «Farei isto ou aquilo, no entanto, reconheço que é inútil», esta Irmã tem um espírito de desobediência.

Quando o Pai Eterno quis enviar o Seu Filho à terra, propôs-lhe todas as coisas que deveria fazer e sofrer. Sabeis como a vida de Nosso Senhor foi cheia de sofrimentos! Seu Pai disse-lhe: «Permitirei que sejais desprezado e escorraçado por toda a gente, que um Herodes Vos obrigue a fugir desde a Vossa tenra idade, que sejais tido por louco, que recebais maldições pelas Vossas obras milagrosas; numa palavra, permitirei que todas as criaturas se revoltem contra Vós.»

Foi o que o Pai Eterno apresentou ao Filho. Este respondeu: «Meu Pai, farei tudo o que Me ordenais». Isto mostra-nos que, regra geral devemos obedecer em tudo.

Há algumas que bem querem obedecer no que não exige esforço, conforme o seu capricho. Não é suficiente. Havemos de obedecer em todas as coisas e a todos que têm autoridade sobre nós. Basta sabermos que receberam este poder, para lhes sermos submissos.

Eis um segundo sinal de uma perfeita obediência: submeter-se a qualquer Superior, seja uma Irmã pouco agradável, seja a uma outra mais agradável. Esta virtude faz com que se submeta não só aos seus Superiores, mas ainda a companheiros e inferiores, considerando todos como Superiores. É o que S. Paulo nos ordena.

Um outro sinal é obedecer pontualmente, isto é, fazer como nos ordenaram. Há algumas que realmente fazem o que os Superiores lhe disseram, mas a medias. Assim não se obedece perfeitamente.

Além disso, a obediência deve ser voluntária e não imposta à força. Apresenta-se uma coisa para fazer. Faz-se de boa vontade e generosamente, com disponibilidade, de maneira que a alegria interior que serte em obedecer, transpareça no exterior.

O quinto sinal de uma perfeita obediência é quando se respeita a intenção daqueles que nos ordenaram. Por exemplo, encarregam-vos dum trabalho e surge uma dificuldade na execução; como proceder para sair de tal embaraço. Olhai para a intenção da Superiora e segui-a, sem dizer que seria preferível de outra maneira e sem consultar o vosso capricho.

Um sexto sinal desta virtude, é fazer todas as acções para agradar a Deus, sem nelas procurar o louvor e o aplauso, nem dos Superiores, nem de outra pessoa, mas procurar cumprir a vontade de Deus, que se manifesta pela obediência.

O sétimo sinal, é quando se submete não só a vontade, mas ainda a opinião, acreditando que o que nos dizem é bem mandado. Há algumas que submetem a vontade e não querem submeter a sua opinião. Será isto submeter o juízo? Quer di-

zer, minhas Irmãs, que quando vos mandam fazer um acto que vos repugna ou não vos parece bem, immediatamente deveis renunciar à vossa opinião e saber encontrar razões que vos convençam de que o acto é bom quando executado da maneira que vos mandam.

Enfim, minhas queridas Irmãs, um verdadeiro sinal da santa obediência é perseverar até ao fim. Há algumas que nos princípios se mostram muito obedientes, mas afrouxam no fim. Quando entram, parece que farão maravilhas, achando tudo hem; nada lhes parece difficil ou impossível. Depois de algum tempo de convívio com as outras, começam a ser negligentes, mostrando que não têm a perfeita obediência.

Minhas Irmãs, são estas as oito condições necessárias para serdes perfeitamente obedientes. Aquelas que as têm, podem estar certas de que tudo o que fizerem será agradável a Nosso Senhor e assim merecerão uma dupla recompensa. Sim, são belas joias que tornam as suas acções agradáveis aos olhares do seu Esposo. Sim, minhas queridas Irmãs, porque Deus se compraz em olhar para almas desejosas de Lhe agradarem em todas as acções. As Filhas da Caridade devem ser exactas na obediência não tendo outro interesse senão o de agradar à Sua bondade. Sem dúvida que Nosso Senhor se revê nestas almas e lhes concede grandes graças.

Dir-me-eis: «Senhor, isso é muito bom, mas qual é o meio para adquirir esta perfeita observância?» O meio, minhas queridas Irmãs, para as que a não têm a adquirirem, e as que já a possuem nela perseverarem?

Em primeiro lugar como é um dom de Deus, devemos pedir-Lho, instá-Lo muitas vezes, importuná-Lo para que no-lo conceda. Ó meu Deus, concedei-me a graça de nunca fazer coisa alguma segundo o velho Adão, que só quer seguir a sua vontade e as suas inclinações. Fazêi, pela Vossa bondade, que todas as minhas acções, palavras e intenções, sejam conformes com o exemplo que o Vosso Filho nos deixou. Ora, Jesus Cristo foi obediente a Seu Pai em todas as coisas. Os santos dizem que foi a obediência do Filho de Deus que lhe deu entrada na Sua glória, pois, se não tivesse cumprido as ordens de Deus Seu Pai, não teria recebido a recompensa depois da morte.

O segundo meio é pensar a sós connosco — digo-o também a mim porque, como vós, tenho os meus Superiores — como Nosso Senhor fazia, e perguntar-Lhe: «O que! Senhor, não fazíeis Vós nada, sem obediência? Quando querieis fazer alguma coisa, pedíeis para isso licença à Vossa Mãe e a S. José?» Responder-vos-à que sim; e com estas considerações animar-vos-eis a obedecer.

Um outro meio, é pensar nos bons servos, sempre prontos a fazer o que os patrões lhes dizem, na obediência dos soldados ao capitão. Como isto deve ser para nós um poderoso motivo. Como! É possível obedecer-se mais prontamente aos homens do que a Deus! Os criados que não têm outro objectivo senão agradar ao patrão serão mais pontuais do que eu, embora eu saiba que, fazendo as minhas acções por obediência, adquiero duplo mérito? Oh! Não será mais assim. Há vinte anos que estamos em guerra; nunca ouvi dizer que um soldado tenha desobedecido ao seu capitão; mais ainda, nunca o vi na história de França.

Minhas Irmãs, um outro meio é pensar muitas vezes no que acabámos de dizer. Imaginai quanta beleza, quanta bondade e quanta perfeição quizerdes; tudo isto se encontra na obediência; sobretudo é uma das acções que mais agrada a Deus. Ainda mais, se desobedecerdes, fazeis obra do demónio. Sim, as Filhas da Caridade que seguem a sua própria vontade fazem a obra do demónio, que não faz e não pode fazer outra coisa senão desobedecer. Pelo contrário, as que unicamente procuram fazer a vontade de Deus pela sua submissão aos Superiores, têm a certeza de agradar a Nosso Senhor. Escolhei o que preferirdes: Ou fazer como Nosso Senhor, ou como o demónio. Não duvido que gostareis mais de ter o espírito de Deus do que o do demónio, que é o espírito de desobediência.

Ora bem, com tudo o que dissemos, uma das razões que mais nos deve convencer é o que me dizia um bom servo de Deus: «Penso muitas vezes na caridade destas boas senhoras, no alívio que proporcionam aos pobres, nas Filhas da Caridade que a isso se dedicam. Sabeis, Senhor, que formam um outro hospital todos os pobres assistidos pelas Irmãs, o que é um grande alívio para o «Hospital-Geral», que por este meio, viu diminuir dois terços o número dos pobres que seriam obrigados a internar-se, se não houvesse esta caridade? Vêde, minhas Irmãs, o que esta pessoa me dizia! Deve ter feito o cálculo dos pobres que socorreis. Foi Deus que fez o bem, servindo-se de vós. Eis a razão porque deveis humilhar-vos profundamente, julgando-vos indignas de tantas graças.

Ah! Meu Deus, o que fizestes quando formastes a pequena Companhia da Caridade? Não dizíeis nada; ninguém pensava nisso, e tínheis resolvido fazer esta obra. Foi do Vosso agrado, meu Deus, fazer como que um outro «Hospital da Misericórdia», mas maior, contendo dois terços da lotação do de Paris. Por o terdes feito, sêde para sempre louvado!

As antigas que estão desde a fundação sabem como começámos, que não foi obra dos homens! E, porque estão desde os princípios, são obrigadas a uma maior perfeição! Ó antigas! Ó Irmãs

antigas! Que fazeis quando as vossas acções desmentem a vossa antiguidade? Que direis a Deus quando vos pedir conta de todos os vossos pensamentos, palavras e acções, principalmente aquelas que tiverem dado mau exemplo às novas?

Eu miserável, que direi por ter dado escândalo às mais novas? Deveis saber que a antiguidade só se conhece pela virtude e não pelo número de anos.

Este bom Senhor dizia-me ainda: «Por vezes, vemos em nossa casa Filhas da Caridade, mas são Irmãs que entraram na Companhia apenas há três ou quatro meses. Ficamos admirados de as ver tão desprendidas de tudo, tão indiferentes e submissas. Enfim, é admirável que Deus molde estas almas em tão pouco tempo. «Faz ver, minhas queridas Irmãs, quanto esta Companhia é amada por Deus, visto nela derramar tão abundantemente as suas graças e dá-vos a conhecer a obrigação que tendes em ser fiéis a Nosso Senhor.

Senhora Le Gras, querere dizer-nos o que pensou sobre este assunto?

— Meu Pai, há várias razões que nos devem levar a praticar uma exacta obediência, encontramos-as até na natureza, pois vemos que, se as criaturas, mesmo insensíveis, não fossem obedientes às ordens de Deus, tudo acabaria; como também, na organização das sociedades tudo se arruinaria sem a obediência perfeita dos inferiores aos Superiores. Os corpos humanos só subsistem mediante esta obediência imperceptível das suas partes.

Mas as Comunidades cristãs, particularmente as Filhas da Caridade, têm razões justíssimas e imprescindíveis para procurarem uma exacta e habitual obediência.

A primeira é a obediência que na criação Deus pediu aos primeiros homens, e a perda da sua felicidade quando desobedeceram.

Outra, é o exemplo que nos deu o Filho de Deus em todas as acções da Sua vida, e de quem se diz que se fez obediente até à morte ignominiosa. A glória que a Sua Humanidade recebeu com essa morte mostra-nos que foi uma obediência voluntária e não forçada.

Uma outra razão é a vantagem da obediência, pois livra-nos da responsabilidade, não permite que nos enganemos, apesar de sermos pouco espertos e incapazes.

No segundo ponto, pensei que uma prova de que desejamos esta grande virtude da obediência e procuramos praticá-la, é prescindir livremente da nossa vontade para fazer a dos outros, não fazer nada sem que a nossa consciência tenha a certeza absoluta de que os nossos Superiores aprovariam, se tivéssemos oportunidade de lhes pedir licença.

No terceiro ponto, parece-me que um meio muito próprio para adquirir a prática desta virtude, é amá-la muito, considerá-la um grande auxílio que permite a união da nossa vontade com a de Deus, para Lhe sermos sempre agradáveis.

Um outro meio, é nunca sermos obstinadas nas nossas opiniões em coisas indiferentes ; é habituar-nos a seguir o parecer e a vontade de outrem de preferência à nossa, quando nada de importante impede a glória de Deus.

Um meio um pouco remoto é acostumarmo-nos às humilhações, visto a obediência ser filha da humildade.

Um bom meio para adquirir o hábito da obediência é obedecer prontamente, sem escutar os raciocínios do nosso espírito.

Um outro, é não gostar da própria glória, nem das suas próprias satisfações, lembrando-se que Nosso Senhor só procurou a glória de Seu Pai.

Mas, como o nosso amor próprio nos põe muitas vezes na ignorância e na cegueira, o meio infalível é pedir a Deus esta virtude como Ele quer que a pratiquemos.

O nosso Muito Venerando Pai tendo perguntado os seus pensamentos a uma Irmã, esta disse-lhe :

Os motivos que me obrigam à obediência são primeiramente o exemplo de Nosso Senhor que foi obediente até à morte da cruz. E como não temos outro modelo senão Ele, estamos mais obrigadas do que ninguém a imitá-Lo.

Um segundo, é que uma pessoa desobediente é um péssimo exemplo, é-o particularmente uma Filha da Caridade para todas as Irmãs atraindo assim a maldição lançada contra os que dão escândalo.

O terceiro é que estamos certas de fazer a vontade de Deus quando fazemos a dos nossos Superiores.

No segundo ponto, pensei que temos esta perfeita obediência se fazemos prontamente o que nos mandam, sem querer terminar o trabalho que estamos a fazer quando nos enviam para outra parte.

Um outro sinal é quando obedecemos com tão boa vontade a uma Irmã como a outra, sem atender se nos agrada ou não.

Um terceiro sinal é a perseverança, que nos leva a estar sempre dispostas a mudar de trabalho, e a deixar alegremente as nossas ocupações para abraçar as que nos agradam menos.

O meio de adquirir a obediência é, segundo me parece, habituar-se a obedecer mesmo nas coisas pequenas, porque, fazendo assim, chegar-se-á a adquirir o hábito da virtude da obediência, e depois será muito fácil obedecer em tudo.

Um outro meio é ver Deus naqueles que mandam fazer alguma coisa.

Um terceiro é desviar prontamente as pequenas repugnâncias que por vezes assaltam o espírito, fazendo a nossa acção tanto mais prontamente, quanto mais repugnância sentirmos em fazê-la.

O nosso muito Venerando Pai, estando quase a terminar, disse a uma Irmã que, por timidez, não ousou responder-Lhe quando a interrogou :

Irmã fulana, peça perdão da desobediência que acabou de cometer porque quando foi interrogada não respondeu nada, e do mau exemplo que deu à Companhia. O que a Irmã fez ! Depois disto, deu sucintamente a Sua bênção.

*Benedictio Dei Patris. . .*

68. — CONFERÊNCIA DE 1 DE AGOSTO DE 1655

### SOBRE A OBSEVÂNCIA DAS REGRAS

Primeiro ponto. As razões que temos de as observar bem.

Segundo ponto. As faltas que se notaram contra a sua observância.

Terceiro ponto. Os meios de bem as cumprirmos.

Minhas caríssimas Irmãs, o assunto desta conferência é sobre as vossas regras e as nossas. Vejamos as razões que temos para as observar.

Uma Irmã disse :

Meu Pai, parece-me que uma razão é disso depender a glória de Deus e a edificação do próximo.

— Minha Irmã, pensais então que daí provém a glória de Deus?

— Sim, meu Pai.

— Ó minhas Irmãs, como é importante para a salvação das nossas almas a observância das nossas regras. E vós, minha Filha, que vos parece das razões que vos levam a observar as nossas regras?

— Meu Pai, parece-me que observá-las é a maneira de nos tornarmos semelhantes a Nosso Senhor, que veio ao mundo para cumprir as normas que Seu Pai Lhe deu. Penso também que as nossas regras só são amor e por conseguinte é preciso ser fiel por amor.

— Deve, pois, agradecer a Deus, minha Filha, por Ele lhe ter dado tão belos pensamentos. Bendito seja Deus ! É um grande dom que Deus concede a uma Irmã ser fiel ao levantar, ao deitar, ao silêncio e a todas as outras Regras. Meu Deus ! Como é grande a consolação da Irmã que observa fielmente as suas Re-

gras! Como Nosso Senhor a ama! Nunca um esposo olhou paa a esposa como Nosso Senhor vê a Filha da Caridade que observa bem as suas Regras. Por exemplo, se aprover a Deus querer que uma Irmã fique junto de um doente, ao Domingo, em vez de ir assistir à Missa, apesar da obrigação, assim deve proceder. Isto é deixar Deus por Deus. Ah! Minhas Irmãs, não há no mundo quem tenha meios melhores de progredir na perfeição do que vós, com Regras tão fáceis. É, pois, grande consolação poder dizer-se: «Observo bem as minhas Regras». Mas ao dar-se o contrário, quantos remorsos de consciência têm os culpados se as não observam! E é suficiente quanto ao primeiro ponto.

Vejamos o segundo, sobre as faltas que se notaram contra a regra. Minha Irmã, quantas faltas notastes em geral na Companhia contra as regras?

— Meu Pai, notei que se falta, nas paróquias, ao levantar às quatro horas; eu própria faltei muitas vezes. Não há também pontualidade no deitar.

Minhas Irmãs, procurai ser muito fiéis a este ponto. Nada há tão importante como o levantar de manhã à hora marcada; daí depende todo o resto do dia. Não sei se as Irmãs das outras paróquias o observam com regularidade.

Levanta-se às quatro horas, minha Irmã? perguntou a uma.

— Meu Pai, sou muito negligente; peço-vos perdão e a todas as minhas Irmãs,

— Deus a abençõe, minha Irmã! Pedirei por si na Santa Missa.

Interrogou outra:

Diga-me, minha Irmã, na sua casa há exacta observância no levantar às quatro horas?

— Não falto a isso, meu Pai, mas falto muito ao silêncio.

— Ó minha Filha, o silêncio tem grandes vantagens. Estimo muito os religiosos que o guardam, minhas Irmãs! Comparar-vos às religiosas! Julgo-vos muito menos do que elas. O silêncio, minhas Irmãs, serve para falarmos a Deus; é quando Ele comunica as Suas graças; não vos fala fóra do silêncio porque as palavras de Deus não se misturam com as palavras e o tumulto dos homens. Minhas Filhas, é necessário que doravante sejais muito fiéis a este ponto.

Responderam todas que o desejavam. Bendito seja Deus, minhas Irmãs! Disse-lhes ele. Deus vos conceda essa graça!

Minha Irmã, cometem-se outras faltas na Companhia contra as regras?

— Meu Pai, eu falto muito ao levantar.

— É por causa da vossa enfermidade, minha Filha. Não fazeis a oração?

— Sim, meu Pai.

— Bendito seja Deus!

E vós, minha Filha, dirigindo-se a uma outra, que notastes?

— Notei, meu Pai, que falto ao silêncio, que não tenho bastante abertura de coração para com os meus Superiores, e sou infiel ao levantar das quatro horas.

— Nunca será demais lembrar que as Filhas da Caridade devem acautelar-se quanto ao espírito de duplicidade. Devem, com muita simplicidade, dizer tudo aos Superiores; não ha nada que se não deva dizer, não a todos, não, isso não é necessário. Sabem, minhas Irmãs, onde reside Nosso Senhor? Nos simples. Não se deve ocultar coisa alguma. Dizer uma coisa por outra. A Filha da Caridade não deve nunca proceder desse modo com aqueles que ocupam o lugar de Deus. Mas, pelo contrário, deve dizer o bem e o mal, tal como são. O mundo começa a conhecer que este espírito de simplicidade está na Companhia. Se não existe em todas, pelo menos existe na maior parte. Bendito seja Deus, minhas Irmãs! Louvo a Sua Bondade que se digna nestes últimos tempos utilizar pobres e simples meninas na última das Companhias da Sua Igreja.

— Meu Pai, diz uma Irmã, peço que me diga se há inconveniente de sair a Irmã Servente sem o dizer à companheira.

— Faz bem em perguntar isso, minha Irmã, porque é uma coisa muito importante. Sim, minhas Irmãs, devem dizer onde vão. Se a companheira não estiver, digam aos vizinhos.

69 — CONFERÊNCIA DO DIA 8 DE AGOSTO DE 1655

### SOBRE A FIDELIDADE ÀS REGRAS

Minhas Irmãs, continuaremos o assunto começado há oito dias. Não as interrogarei; direi somente os meus pequenos pensamentos sobre o mesmo caso; 1.<sup>o</sup> as razões que há para bem observarem as Regras; 2.<sup>o</sup> as faltas que notam contra elás; 3.<sup>o</sup>, os meios de bem as observarem no futuro.

O primeiro motivo, é que são de Deus, e Ele é o Seu autor porque, como diz Santo Agostinho, tudo o que conduz ao bem, vem de Deus; e como as Regras nos levam a isso, é certo virem de Deus e serem inspiradas por Ele unicamente.

O segundo motivo é terem as regras sido todas inspiradas na Sagrada Escritura, de onde foram coligidas. Por conseguinte, são santas. Produzem dois efeitos: o primeiro é fazerem chegar ao que Deus pede a cada uma na qualidade de boas cristãs; o se-

gundo, é que farão não só servir os pobres da maneira que Deus quer, como conversar com o próximo em espírito de caridade e de humildade, especialmente entre Irmãs. Estas regras tendem todas a isso e servem como as asas aos pássaros para voar. Note-se bem isto, minhas queridas Filhas, como os pássaros para voar, não lhes pesando de forma alguma; do mesmo modo as Filhas da Caridade têm as suas regras, que lhes servem de asas para voar até Deus; e muito longe de serem um peso, ajudam-nas a voar, quando as praticam bem. Mas, se uma Filha da Caridade não tem as suas asas, que são as suas santas regras praticadas fielmente, pode dizer-se que é uma Irmã perdida. Seria preferível termos os pensamentos e sentimentos do bem-aventurado João Berkman, que considero um santo. Dizia ele; «Ou morrer, ou guardar as minhas regras», em tão elevado conceito as tinha.

O terceiro motivo, minhas Irmãs, é bem fácil. Não pedem coisas difíceis como nas outras Comunidades. Vêde as Carmelitas, tão austeras! Jejuam oito meses no ano, não usam roupa branca, levantam-se à meia noite, oram quase sem cessar. As Irmãs de S. Tomás fazem quase a mesma coisa, e são meninas de condição, minhas Irmãs, habituadas no mundo a viver delicadamente. Não obstante, o jantar ordinário compõe-se de dois ovos, e umas e outras se disciplinam, usam camisa de tecido grosseiro e além disso trazem muitas vezes o cilício.

As Filhas de Santa Maria, apesar de serem duma ordem suave, são obrigadas pelas suas regras a tomarem a disciplina em comum na sexta-feira de cada semana. Não vos ordenam nada disso, minhas Irmãs, a não ser que alguma tenha devoção de a tomar com a licença dos Superiores. Considerai quanto sereis culpadas diante de Deus, se faltardes a Regras tão fáceis. Além disso, são doces e suaves, e pesam tanto às Irmãs que as amam como aos pássaros as suas asas.

O quarto motivo que vos deve levar a observar as Regras de conselho, é que não obrigam sob pecado. Minhas Filhas, considerai bem isto; é necessário distinguir e compreender. Tendes as Regras de mandamento que são tiradas dos mandamentos de Deus e da Sagrada Escritura. Algumas já fizeram votos, e pecam indo contra esses votos, como quando uma Irmã falta à obediência devida aos Superiores. Neste caso peca contra as Regras do Mandamento, e a Sagrada Escritura manda esta obediência. Do mesmo modo, as que cometem alguma falta contra a castidade, que não permite relançar os olhos voluntariamente com mau fim, especialmente sobre pessoas de diferente sexo; porque, desde que, pelos votos, sois consagradas a Deus, nada é vosso, nem o espírito, nem mesmo um olhar que deveis fazer para vosso Esposo. Por-

tanto as Irmãs que faltam aos seus votos, pecam indubitavelmente. Eis a razão porque devem fazer atenção aos meios por onde o mal entra. Tantas vezes um olhar é tão perigoso! Quem transgride a regra contra a pureza, a obediência e a pobreza peca mortalmente. As Irmãs que caem nestas falhas devem fazer penitência por isso, e confessar-se logo que seja possível.

Quanto às regras de conselho, não obrigam sob pecado, a não ser que haja desprezo. Por exemplo, faltar ao levantar das quatro da manhã, ao deitar das nove, faltar ao silêncio, deixar de ajoelhar-se à entrada ou à saída, tudo isto são regras de conselho. Faltar a elas por fragilidade, não é pecar; mas faltar a elas por desprezo, é um pecado, assim como às regras dos votos, tiradas da Sagrada Escritura, porque é regra geral que todo o desprezo de um bem é um pecado mortal.

Assim uma Irmã que, por desprezo, disser: «Para que me levantar cedo, sujeitar-me desta forma ao silêncio e outras regras, prestar tantas vezes contas aos Superiores!» Essa peca gravemente e dá mau exemplo às outras, levando-as a cair no desprezo das suas regras. A Irmã que assim procede é um instrumento do inferno; não se deve ouvir, como nem a um demónio. Há outras que são absolutamente o contrário: estão de tal forma apegadas às Regras que não as deixam seja qual for o motivo. Por exemplo, se disserem a uma irmã: «Eis um doente que está muito mal»; esta deve deixar a oração para ir socorrer o doente. Se não for, procede mal, a não ser que haja meio de não ir sem prejudicar o doente; há coisas que se podem adiar.

Enfim, a razão de se observarem as regras, é porque são as asas que vos farão voar até Deus. Antes, portanto, morrer, meu Salvador, do que faltar às minhas regras. Se faltar a elas, quero resolver-me a fazer alguma penitência. Podemos examinar à noite quantas quedas tivemos durante o dia, e, para melhor o verificarmos ponhamos um alfinete na manga, quando faltarmos. Um doutor, grande homem de bem, meu conhecido, minhas Irmãs, tinha um tão grande amor às Regras, que dizia: «Farei tantos nós no meu cinto quantas faltas reconhecer ter cometido contra a observância das minhas Regras; em tão grande consideração tinha a observância delas! Como devemos agradecer muito a Deus quando não tenha havido faltas. Um outro meio, é pedir a Deus esta graça e dizer-lhe: «Meu Deus, se me permitis pedir alguma coisa, peço-vos a graça de bem observar as minhas regras.»

Um outro meio, é lê-las. Até aqui não as tínheis; mas com a ajuda de Deus, vireis a possuí-las. Os Capuchinhos lêem-nas todas as sextas-feiras, e fazem-no com autoridade do Santo Padre, que lhes ordena a leitura tão frequente das suas regras a fim de que

possam verificar a necessidade que têm de as observar para a sua salvação. E é certo, minhas Filhas, que esta leitura é tão necessária à vossa perfeição, como à deles.

O mesmo Santo Padre deu aos padres da Missão o poder de estabelecer em França e na Saboia a confraria das senhoras da Caridade. Como se viu que as senhoras não se podiam ocupar no serviço dos pobres doentes como muito desejavam, para remediar essa dificuldade, pensou-se que seria bom ter meninas de inferior condição e instrui-las para este fim; o que a Senhora Le Gras fez há vinte e cinco anos com grande bênção de Deus. A primeira <sup>(1)</sup> morreu em S. Luís, vítima da peste, porque, por caridade, deitou na sua cama uma mulher que a tinha.

Tinham Regras e viviam observando-as fielmente. No começo foi um pequeno bloco de neve, e esta companhia aumentou de tal forma e tornou-se tão agradável a Deus que podemos dizer com verdade que foi Deus a fazer esta obra, porque se estendeu a toda a parte. Sim, minhas Irmãs, o vosso nome está em tantos lugares que até chegou a Madagáscar, onde vos desejam. Os nossos padres que lá estão mandaram dizer que seria conveniente haver ali Irmãs da Companhia a fim de ganharem mais facilmente as almas dos pobres pretos. Meu Deus! É Deus que abençoa a vossa Companhia, e, desde que lhe sejais fiéis, abençoá-la-á sempre.

Vou ler não só a aprovação do vosso estabelecimento pelo Senhor Arcebispo de Paris, e a confirmação desta pelo Senhor Cardeal de Retz, seu coadjutor <sup>(2)</sup>, como também as vossas regras. O que fez com efeito; as nossas Irmãs ficaram tão comovidas que não contiveram as lágrimas.

Em seguida acrescentou:

Minhas Irmãs, julgou-se bem que permanecesse o nome de sociedade ou confraria, e o próprio senhor Arcebispo assim o ordenou, pelo receio de que, se nos fosse dado o nome de congregação, succedesse no futuro, mudarem a casa em clausura e fazerem-se religiosas, como aconteceu com as Irmãs de Santa Maria. Deus permitiu que pobres meninas substituíssem estas senhoras. <sup>(3)</sup> E como é de temer que se encontrasse com o tempo algum espírito mal formado que quisesse trazer a esta Sociedade e Companhia de pobres meninas, mudança, ou nos hábitos, ou na maneira de viver, alguém que quisesse fazer mudar o toucado ou o hábito,

(1) Margarida Naseau.

(2) O Cardeal tinha confirmado em Roma as Regras do Instituto a 18 de Janeiro de 1655. Ver em Pedro Coste: *S. Vicente de Paulo*, t. 13, pags. 551-556; 557-565; 569-572, os textos e documentos de que fala aqui S. Vicente.

(3) S. Francisco não queria clausura para as suas filhas; estabeleceu-a no entanto, a instâncias de Dinis de Marquemont, Arcebispo de Lião.

ou que dissesse: «Como! Estar toucadas dessa forma para visitar os pobres! É preciso ter uma touca e um lenço de pescoço para vos cobrir». Se alguém quisesse persuadir-vos destas coisas, repeli-as dizendo que desejais a coroa preparada por Deus às Irmãs de Santa Maria. Não consentam em nenhuma mudança, fugi disso como de um veneno, e digam que o nome de confraria ou sociedade foi dado para que fiquem no primeiro espírito dado por Deus à vossa congregação desde o berço. Minhas Filhas, peço isto com todo o meu coração.

Os Franciscanos faziam como vós. No princípio ganhavam a vida. Um dia, quando S. Francisco estava enlevado na admiração das grandes bênçãos que Deus derramava na Ordem, o demónio apareceu-lhe e disse-lhe: «destruirei a tua ordem; colocarei nela pessoa de condição e espíritos sábios que a destruirão e anularão todas as boas máximas que aí se observam». Com efeito, foi preciso reformá-la. Por isto se verifica que onde se deve observar uma verdadeira pobreza, as pessoas de condição são muito perigosas, por ser contrária ao seu nascimento. É certo haver já entre vós algumas que cumprem muito bem o seu dever; bendito seja Deus! Mas, minhas Irmãs, não recebam nunca senão as que tiverem boa vontade de viver segundo as Regras e máximas da vossa Companhia e não queiram aumentar a vaidade.

Permaneçam pois no estado em que Deus as colocou; conservem sempre o primeiro espírito de humildade e de simplicidade. Visto Deus vos ter escolhido como escolheu S. Francisco, para O honrar na vossa condição pobre e humilde aos olhos do mundo. Ficai nela, e Ele vos abençoará.

Temos ainda a temer os espíritos que quisessem persuadir-vos a vestir bem e a desprezar tudo isto. Continuem neste espírito. Deus escolheu-vos para viver deste modo. Minhas queridas Irmãs, o que são as regras? Haverá alguma coisa mais fácil e mais agradável do que a observância das vossas Regras, que consiste em imitar Nosso Senhor que primeiro praticou e depois ensinou. É o que as Irmãs devem fazer.

Eis, minhas queridas Irmãs, as Regras que devem mostrar à posteridade. Agradeçam a Deus que vos escolheu para tão grandes coisas. Não poderiam ter maior bem do que pertencer ao número dos quais o Apóstolo S. Paulo diz: Quos praescivit et praedestinavit conformes fieri, etc.; os que Deus escolheu para serem predestinados, tornou-os semelhantes à imagem de seu Filho! (Rom. (8,19).

Fostes vós, minhas Filhas, escolhidas por Deus para serdes as predestinadas, enquanto fiéis à observância das vossas regras. Foi Deus a eleger-vos. Sois as apóstolas da caridade. Que resta

pois senão agradecer à Divina Bondade pela escolha que fez entre mil milhões, a fim de ser as Suas Esposas e para que se tornem semelhantes a Seu Filho? Escolhidas para ser os fundamentos da vossa Companhia, devem dar-se a Deus completamente em acção de graças por tê-las escolhido para Suas esposas. Deveis dar-vos a Deus para observar as vossas regras. Resta saber se todas desejam perseverar na sua observância.

Todas as Irmãs responderam afirmativamente.

O senhor Padre Vicente disse-lhes ainda :

Aceitais estes regulamentos ?

— Sim, meu Pai.

Peçamos à Santíssima Virgem que interceda por todos nós junto de seu Filho, a fim de que nos conceda as graças necessárias para isso. Santíssima Virgem, que falais por aqueles que não têm língua e não podem falar, nós Vos pedimos, estas boas Irmãs e eu, que ampareis a pequena Companhia. Continuai e acabai a obra que começastes. Continuai a vossa santa protecção sobre a pequena Companhia e todas as bênçãos com que vos aprouve cumulá-la até ao presente. Concedei, se for do vosso agrado, a estas Irmãs a graça da perseverança final, sem a qual nunca poderão gozar do mérito que espero, meu Deus, que a Vossa bondade dará àquelas que forem fiéis à sua vocação. É nesta esperança que vou pronunciar as palavras de bênção.

*Benedictio Dei Patris...*

70 — CONFERÊNCIA DO DIA 29 DE SETEMBRO DE 1655

### EXPLICAÇÃO DAS REGRAS COMUNS

Minhas queridas Irmãs, o assunto desta conferência é sobre a leitura das vossas regras. Disse-vos, na última vez, que faria a leitura delas e que vo-las explicaria. Pensei que o dia de S. Miguel, em que a Igreja nos propõe, no Evangelho, a imitação das crianças, seria para nós uma oportunidade de pedir a Deus, pelos méritos deste arcanjo, uma particular disposição para dela tirar proveito. Mas antes da leitura das Regras, direi alguma coisa quanto à obrigação de nos entregarmos a Deus a fim de bem as observarmos.

A primeira razão, é a Bondade de Deus, a vontade de Deus, o prazer de Deus e a alegria de Deus. Os que falam em cumprir a vontade de Deus compreendem por esta Vontade os Seus mandamentos e os da Sua Igreja, que obrigam a obedecer ao Papa,

aos Bispos e a outros que receberam poder da Sua parte. Os mandamentos de Deus obrigam a todos, mesmo os príncipes e os reis da terra. Além disso, cada um é obrigado a guardar as regras do estado de vida que escolheu, para assegurar a sua salvação. Ora, é certo que as regras da pequena Companhia tendem a aperfeiçoar-vos e a ajudar-vos a cumprir os mandamentos de Deus. Assim são de Deus, visto provir d'Ele tudo o que tende ao bem. Segundo esta máxima, quando guardais as regras, fazeis sempre a vontade de Deus. Sim, minhas Irmãs, enquanto as guardais, ficai certas de cumprir a vontade de Deus. Que consolação, estar nesta certeza de que se agrada a Deus, que se faz o que Ele quer e que se Lhe dá alegria! Que consolação tem um pai ao ver que os seus filhos só fazem a sua vontade! Sucede assim com Deus, minhas Irmãs. Compraz-se em ver as pessoas que não querem senão a vontade d'Ele. Humilhemo-nos por ver que nós, mesquinhas criaturas, damos alegria a este Deus tão bom, que não a pode receber, sendo suficiente a Si mesmo. Mas não deixa de se comprazer naqueles que só procuram agradar-Lhe. O Filho de Deus não fez outra coisa na terra senão a vontade de Seu Pai; seguiu toda a Sua vida as regras de Deus Seu Pai, apesar de não as ter escritas; porque as sabia antes de vir ao mundo e ofereceu-se para vir cumpri-las; o que perfeitamente observou em todas as coisas, não fazendo nunca senão o que sabia ser conforme a elas e o que era agradável a Seu Pai.

Ora, minhas Irmãs considerem portanto isto, que estamos no estado de fazer sempre a vontade de Deus, se formos fiéis em guardar as nossas regras! Oh! Que felicidade, minhas queridas Irmãs, ser chamada a esta Companhia! Agradecei a Deus por vos ter associado a Seu Filho para Lhe dardes alegria e prazer. Minhas Irmãs, consolai-vos porque guardais as vossas regras. Aquelas que não sentem remorsos de as ter violado, que têm dentro de si mesmas o testemunho de as ter sempre observado desde que estão na Companhia, e estão na disposição de as guardar sempre sem omitir nenhuma, devem alegrar-se e dar graças a Nosso Senhor! Mas, as que as não guardam, digam a si mesmas: «Desde que estou na Companhia não guardo as minhas regras», ou: «Guardo-as mal», aflijam-se com razão por ter sido tão negligentes, e façam a resolução de serem mais fiéis a Deus no futuro.

Uma razão para bem observar as regras, é que tudo corre bem numa casa ou Companhia em que se guardam fielmente. A caridade encontra-se aí, o suporte de umas para com as outras, a humildade, a cordialidade; em resumo, por toda a parte onde há fidelidade às regras, as coisas correm sempre bem, pois mos-

tram o que devemos fazer para com Deus e para com o próximo. Como é belo ver que cada um cumpre o seu dever, que os inferiores são submissos e respeitosos para com os Superiores, que estes cumprem bem os seus cargos! É um contentamento sem igual. Vê-se isso nas famílias dos campos, onde estão muitas vezes: quando os filhos são obedientes, os pais e mães cuidadosos em mantê-los no seu dever, e que tudo está bem regulado, estimam-se todos, edificam os outros, e tudo corre bem nas suas casas. Pelo contrário, onde não existe ordem, só há miséria e confusão.

Do mesmo modo, minhas Irmãs, guardemos as nossas regras e tudo correrá bem. De onde provêm os desregramentos de tantos mosteiros? Infelizmente vemos muito disso. É que não observaram bem as suas regras. Isto colocou-os num tão pobre estado, que vemos religiosos viver com tanta liberdade e desordem como se estivessem no mundo. Donde pensam que provêm isto? Da transgressão das regras; preferiram um prazer presente a uma felicidade eterna; quiseram gozar à vontade, e, em consequência disso, viram-se cair em ruínas as casas e tudo o resto, por não terem sido fiéis ao que Deus pedia deles.

O mesmo sucederá se as Filhas da Caridade desprezarem as suas regras. Quando se vejam espíritos sem afeição, sem fazer caso da observância e que digam, «Isto não é grande coisa; transgredí uma pequena regra que não obriga sob pecado; eis do que tanto se fala!» Oh! Que infelicidade para tal Irmã e para todas aquelas que sejam a causa de tão mau exemplo e da perda da Companhia ao mesmo tempo! Porque isso sucederá sem dúvida logo que ela se relaxar. Então poder-se-á dizer com razão: «Adeus, Filhas da Caridade!» Sim, minhas Irmãs, será preciso fazer o funeral da vossa Companhia logo que caíam no desprezo das vossas regras.

Uma terceira razão, é que são fáceis. Não são austeras como tantas outras que obrigam a jejuns, vigílias e outros exercícios de penitência. Como as pobres Irmãs de «S. Tomás» que não comem quase nada, senão pão. Levantam-se à meia noite, fazem três horas de oração, cantam a missa, e, no meio disto tudo, ocupam-se em trabalhos penosos, só jantam às onze horas ou ao meio dia, de futuro sem carne, mas com ovos, como as Carmelitas, que lhes servem umas vezes em omelete, outras vezes estrelados, ou de outra forma. Só têm isto à mesa. Além disto, dão-se todos os dias a disciplina. Pela graça de Deus, não sois obrigadas a tanta coisa; ainda há nas vossas refeições um pouco de carne. Pelo que sereis mais criminosas se, tendo regras tão fáceis, as não praticais.

Penso que não há no mundo uma Companhia em que se encontre consolação igual às das Filhas da Caridade. Quando vão

visitar um pobre por caridade, recebem mil bênçãos do doente e dos que aq̃ vêm, porque há poucas pessoas que não desejem bem às nossas Irmãs, vendo o trabalho que têm, se não é de boca é pelo menos de coração. Oiço-o dizer melhor do que vós, e muitas vezes por pessoas que não sabem que tenho a honra de servir a vossa Companhia.

As vossas regras são, pois, fáceis; e isto é conforme ao que Nosso Senhor disse: «Vinde a mim, vós todos que estais sobrecarregados, e aliviar-vos-ei, consolar-vos-ei; vinde a mim, vós que gemeis sob o fardo das vossas imperfeições, e encontrareis paz nas vossas almas; vinde, vós que estais carregados e que tendes qualquer pena e aliviar-vos-ei; porque o meu jugo é suave e o meu fardo leve», (S. Mateus, 11,28 e seg.), que não é outro senão as vossas regras.

O que vos deve animar, é porque vêm de Deus e tendem todas para Deus. Pensava hoje nisso, lendo-as. Não têm outro fim senão o de vós aperfeiçoar. Ora, há uma máxima na Igreja e segundo S. Paulo, que tudo o que tende ao bem, vem de Deus. Portanto, são dEle, visto tenderem a ajudar-vos a tornar mais fácil a vossa salvação. Ó minhas Irmãs, podeis, observando-as, atingir a santidade sem ser Carmelitas; e sem outra vocação senão a vossa, podeis chegar à perfeição.

Não foram os homens que as inventaram; foi Deus que as inspirou. Eu consultei muito e vi pela experiência se isto era bem. Há 25 anos que se faz observar as mesmas regras e que Nosso Senhor fez conhecer pouco a pouco o que se devia fazer. Enfim, foram aceites pela Igreja; o que é ainda um sinal muito certo de que são de Deus; como o dissémos, visto nunca aprovar senão o que vem dEle.

Eis as razões que devem excitar à fiél observância das vossas regras e a não pensar: «Se transgredir esta regra, peço mortalmente; eis o que é muito difficil de observar!» Minhas Irmãs, é preciso nem sequer pensar assim, mas guardá-las, porque isto agrada a Deus. As almas que amam muito a Nosso Senhor não consideram: «Se não fizer tal coisa, pecarei eu?» Pelo contrário, para as levar a fazer tudo o que podem, basta fazer-lhes compreender que agradam a seu Esposo. Não se divirtam pois a tanto esquadrinhar, mas guardem as vossas regras porque são suaves e fáceis.

Quando digo que se não deve pensar se há pecado em transgredir as regras, entendo que isso não leve ao desânimo; porque minhas Irmãs, devem pensar, se faltarem a um mandamento de Deus não observando as regras, pecareis. Por exemplo, as vossas regras estão ligadas aos mandamentos de Deus; não observando

estas regras, pecareis. Deste número é a regra pela qual recomendam a pureza, não conviver com os homens. Isto diz respeito a Deus, e, se faltais a ela, violareis os Seus mandamentos. Quando se aconselha a vista baixa, a não deixar entrar os homens no quarto, a evitar toda a espécie de affectação, isso é apenas para melhor poderem guardar os mandamentos que proíbem a impureza. É recomendar a castidade, guardar a modéstia, não ter amizades particulares, nem apego aos lugares e às pessoas. Se viveis estes avisos, são guardados os mandamentos. Vêde bem que se fôr permitida a entrada de um homem no vosso quarto, há o perigo de ser concebido algum pecado contra a pureza, porque é muito difícil guardá-la, se não se fugir das ocasiões. É por esta mesma razão que nós recomendamos não o permitam nem a padre nem a leigo, por qualquer razão que seja, nem sequer mesmo aos padres da Missão, mesmo se fosse eu, a não ser em caso de doença. Vêde se não tivemos razão de proceder deste modo e se uma pessoa que violasse esta regra não se exporia ao perigo de cair na impureza, de violar os mandamentos de Deus e por consequente de pecar mortalmente. Julgai por isto quanto esta regra é útil e razoável e com que castigo Deus puniria as que a não observassem.

Quando vos ordenam que vos ameis umas às outras e que faltais a isto, violais uma regra, e, além disso, pecais contra os mandamentos de Deus, que mandam não odiar o próximo, mas amá-lo; porque está escrito: «Um homem que tem ódio está morto, porque está fora da caridade». (I S. João 3,14-15). Recomendam-se a cordialidade e o respeito; se faltardes, pecareis contra as regras e contra este mandamento.

Tendes além disso outras regras que não obrigam sob pecado, não sendo tiradas dos mandamentos de Deus; por exemplo, recomendam-vos que vos levanteis às quatro horas; não consta que Deus tenha nunca mandado isto. Não pecais pois, não vos levantando a esta hora. A Sagrada Escritura nunca mandou levantar às quatro horas, nem fazer oração. Depois disso, escrevem até uma certa hora. Se o fizerem, observam a regra; se o não fizerem, não é pecado. Portanto não se levantar às quatro horas não é pecado, a não ser que, pelo vosso mau exemplo, uma outra não se levante; porque, quando se dá mau exemplo, é pecado, e, portanto, é preciso confessar-se disso e acusar-se do mau exemplo. Infeliz daquele por quem o escândalo se dá, sendo causa de que se cometa alguma falta, ou se deixe de praticar algum bem.

Fiquem agora em paz, minhas Irmãs, e não perguntem mais: «Haverá pecado?» Não considerem o momento de prazer que se sente em satisfazer-se, ao deixar qualquer regra, mas considerem

o prazer que Deus tem quando as observamos por Seu amor. Quando digo: «Não considerem isso» devem fazer muita atenção para não ofender a Deus e nunca para terem mais liberdade.

Basta-nos agora ver as vossas regras e fazermos a leitura delas. Tendes algumas que são próprias para o estado e a direcção da Companhia, como as que dizem respeito aos Superiores e às Directoras. Estas já as ouvistes. Há, além disso, regras comuns, que todas devem guardar; outras particulares, que são próprias de cada officio, como da cozinheira, da porteira, etc. Penso que será bom começar pelo fim da Companhia.

O Senhor Padre Vicente leu o primeiro artigo, parou e falou-nos pouco mais ou menos nestes termos.

Já vi muitas regras, mas nenhuma que honrem mais a Deus do que as vossas. Não, nunca vi uma Companhia que preste mais honra a Deus do que as vossa. Foi instituída para honrar a grande caridade de Nosso Senhor. Que felicidade, minhas queridas Irmãs! Eis um nobre fim. Ser estabelecidas para honrar a grande caridade de Jesus Cristo, tê-Lo por modelo e exemplo, com a Santíssima Virgem, em tudo o que fazeis, ó meu Deus, que felicidade! Felizes as mães que geram filhos para um tal exercício, que é a continuação do que Nosso Senhor e a Sua Santíssima Mãe fizeram na terra!

Vistes por ventura alguma vez uma casa religiosa que tivesse tão nobre fim? Quanto a mim não conheci nem religião nem Comunidade que pudesse fazer o que fazeis. As Carmelitas têm por fim a oração; as Irmãs de «São Tomás» cantam os louvores de Deus e assistem ao próximo, quando podem; as Irmãs do «Hospital Geral» têm por fim trabalhar primeiramente na própria perfeição, e depois disto, assistir aos doentes; o que é de algum modo fazer o mesmo que vós. Mas não têm regras que as obriguem a assistir em geral a toda a gente, isto é, a todos os pobres; e vós deveis, sem excepção nem de pessoa nem de lugar, estar sempre prontas a praticar a caridade, Deus escolheu-vos para isso; escolheu-vos além disso para serdes as mães dessas crianças que as infelizes, indignas de o ser, expõem e abandonam.

Ó meu Deus! Meu Deus! Minhas filhas, que consolação! Sois virgens e mães ao mesmo tempo. Sim, sois mães destas pobres crianças, visto cumprirdes para com elas os deveres mais consideráveis, e sois virgens, pois foi para isso e para conservar esse precioso tesouro que deixastes o mundo. Ah! Minhas Irmãs, como temos grande motivo de nos confundirmos diante de Deus, reconhecendo-nos indignos de tantas graças, e de nos entregarmos a Ele para O honrar pela pureza de intenção, que devemos ter em tudo o que fazemos!

Consideremos as Irmãs da praça «Real»; se tiverem 25 doentes, é o máximo, e são pelo menos quarenta religiosas. As outras hospitaleiras têm talvez dezasseis, e são pelo menos vinte e seis Irmãs para os servir. E eis que uma só freguesia vos fornece vinte, trinta, quarenta e por vezes sessenta. As Irmãs do «Hospital Geral», como vos disse, têm doentes, mas não têm os condenados a trabalhos forçados. Pobres criminosos abandonados por todos, quem é que tem piedade deles? As pobres Filhas da Caridade! Não será fazer o que dissemos: honrar a grande caridade de Nosso Senhor, que socorria a todos os mais miseráveis pecadores, sem fazer atenção aos seus enormes crimes?

Ah! Minhas Irmãs, digo-vos ainda, nunca houve uma Companhia que tivesse louvado a Deus mais do que a vossa. Haverá alguma que tenha os vossos loucos? Não encontrais nenhuma, e no entanto, tendes esta felicidade. Os Senhores da Assistência Pública pensaram que, para bem conduzir esta grande casa de pobres insensatos, era preciso servir-se das pobres Filhas da Caridade. Com efeito, não nos deixaram de instar até que lhas tivéssemos enviado. Minhas Filhas, como deveis ser reconhecidas para com Deus! Como serfeis ingratas se não o reconheçeis e não guardásseis as regras de uma tal vocação, que é tão agradável aos olhos de Nosso Senhor e tão proveitosa ao próximo. Na verdade, seria preciso ser muito insensível para não ser impellido a esta prática. Depois de tudo o que sabemos, não observar as regras de uma tal Companhia, que tem a Deus em vista, pois são d'Ele! Penso que não haverá nem purgatório nem inferno suficiente para castigar a ingratidão de uma Irmã que faltasse a elas.

É preciso, portanto, para aproveitarem disto, animarem-se umas às outras e dizer: «Minha Irmã, não somos nós bem-aventuradas por estar numa tal Companhia! Teríamos nós alguma vez pensado no que este homem acaba de dizer?» As antigas, que, desde o começo, trabalharam até agora, devem continuar com maior fervor, pelo receio de que, afrouxando por causa da sua antiguidade, venham a perder o mérito que adquiriram. As novas devem dizer: «Como! As nossas antigas trabalharam tanto para adquirir estas graças à Companhia, e nós não seríamos cuidadosas em as conservar pela fidelidade na prática das nossas regras! Queremos não sòmente conservar as que Deus concedeu à pequena Companhia, mas, além disso, adquirir outras.

Meu Deus! Disse o Senhor Padre Vicente como que fora de si. Ó meu Deus! Ó meu Deus! Pobre Senhora Goussault! Na noite em que morreu disse-me: «Senhor, vi diante de Deus as Filhas da Caridade. Ah! Como os Seus desígnios são grandes sobre elas!»

Minhas Irmãs, consagrai-lhe grande devoção, porque julgo que é uma grande santa.

Vêde como o fim desta Companhia é nobre; devem socorrer os pobres doentes espiritual e corporalmente para honrar a grande caridade de Jesus Cristo; e para isso, é preciso que façam o officio de pastores e de mães. Os pastores têm grande cuidado das almas; os príncipes e magistrados, dos corpos; mas vós deveis servir os pobres doentes, como pastores, como pais e mães, procurando-lhes, para a alma e para o corpo, todo o bem possível, porque muitas vezes não têm ninguém que cuide deles, senão vós. Quantos há que morrem nas vossas mãos, minhas Irmãs, que vão para junto de Deus, depois de ter recebido pelo vosso cuidado todos os sacramentos! Meu Deus, como esta Companhia vos honra! Bendito seja Deus! Um homem dizia-me, falando-me de uma certa comunidade: «Não digo como morreram os que de lá saíram, mas sei como morreram os que lá ficaram.» Digo o mesmo de vós, minhas Irmãs; sei muito bem como morreram as que perseveraram na Companhia; mas não sei como morreram as que dela saíram. Vimos morrer, ou antes, começar uma vida eterna, várias das nossas Irmãs. Como são felizes por terem sido fiéis a Deus na sua vocação! Mas somos também obrigados a seguir o exemplo que elas nos deixaram!

Já vos li este artigo. «A pequena Companhia é composta de meninas e viúvas». A Superiora, sendo «como a alma que anima o corpo», fará observar as ditas regras, receberá e instruirá na prática das virtudes cristãs as ditas meninas e viúvas, chamá-las-á e enviarão a toda a parte onde fôr necessário que vão, tudo isto, segundo o parecer do Superior geral.

O que diz respeito às outras três Officiais foi dito na pequena conferência<sup>(1)</sup> quando o Senhor Padre Vicente reuniu as Filhas da Caridade para lhes dar os avisos necessários sobre todas as coisas.

Minhas Irmãs, eis o que diz respeito à Superiora e que foi sempre observado, pela misericórdia de Deus e boa direcção da Senhora Le Gras. Agradecei a Deus o bom procedimento existente até agora. A Superiora será como a alma da Companhia. Minhas Filhas, como tendes motivo para orar a Deus e pedir-Lhe que dê à Companhia pessoas zelosas, para fazer observar as boas práticas que nela têm havido até ao presente. É preciso pedir muitas vezes a Nosso Senhor, visto ser Ele o autor desta obra, que dê às pessoas que entrarem na Companhia o espirito que todas devem ter para continuar, por este meio, o bem que se

(1) Ver S. Vicente, t. 13, pág. 693, documento 168.

começou. Disse-vos, minhas Filhas, que sois virgens e mães; mas precisais para isso de ter a disposição de socorrer as pobres crianças quando vo-lo ordenarem, e assim participareis na felicidade das que trabalham nisso efectivamente. Oh! Como é grande, e como devem agradecer a Deus por tê-las chamado a este officio!

Ouvistes dizer que se enviará e chamará quando se julgar oportuno. Deveis estar na disposição de irdes para toda a parte, porque vos pedem em vários lugares. Em Tolosa fazem grande instância nisso. O Senhor Bispo de Cahors escreveu-me a esse respeito, e não teremos descanso enquanto não as houver nesta terra. Em Madagáscar, os nossos padres pedem que lhes enviemos as Filhas da Caridade, a fim de ajudarem a atrair as almas. Os senhores padres Mousnier e Bordaise mandam-me dizer que pensam ser este o verdadeiro meio para fazer que os da terra recebam a fé; que se poderia fazer um hospital para os doentes, e um seminário para instruir as meninas. Pedem também para lá crianças abandonadas que saibam trabalhar, para ensinar outras. Eis a razão porque vos deveis dispôr a isto. Há quatro mil e quinhentas léguas, e é preciso seis meses para as percorrer. Minhas Irmãs, digo isto para mostrar os desígnios que Deus tem sobre vós. Disponde-vos pois, minhas Filhas, e entregai-vos a Nosso Senhor para irdes onde Lhe aprouver.

Estais vós nesta resolução de ir a toda a parte, sem excepção?

— Sim, meu Pai, disseram elas.

— Mas sentis todas esta disposição? Se sentirdes,izei-mo.

Todas as Irmãs levantaram-se e responderam pela segunda vez afirmativamente.

Oh! Que infeliz seria aquela que esfriasse as outras, que fosse causa de algum desânimo a respeito das que têm boa vontade! Como seriam dignas de um grande castigo! Com que suplício se poderia castigar a Irmã que fosse tão infeliz que desse causa à perda desta Companhia, que criticasse as ordens dos Superiores, que murmurasse, que censurasse, que fosse causa de que estas almas simples, que sempre se deixaram conduzir, desconfiassem e comesçassem a proceder como bem lhes parecesse, não querendo deixar-se orientar. Como seria infeliz essa Irmã! É quanta razão tem para temer!

Ah! Minhas Filhas, continuem como começaram. Como crianças que confiam no pai, deixastes-vos conduzir. Por isso não fostes enganadas. Aquelas que esfriassem estas boas almas e dissessem: Porque isto? Porque aquilo? Para que servem estes hábitos? Seria melhor tê-los de outra forma. É muito aborrecido ir para tão longe; não estariam tão bem neste país? Ó Salvador! O que fazem elas quando mantêm tais discursos! Haveria inferno bastante para

castigar tais pessoas, que matam assim todas as boas obras, assassinando as almas que as escutam! É verdadeiramente homicida a que causa a decadência da Companhia; mata todas aquelas a quem presta este mau serviço. Minhas Irmãs, digo a verdade, é ser assassino. Não acreditam que digo a verdade? Haverá pena suficientemente grande para a Irmã que impede os desígnios de Nosso Senhor sobre essas almas!

Quando virdes alguma desta espécie, a murmurar e a censurar, considerai-a como um Judas que quer perder a pequena Companhia e fugi dela tanto quanto possível. Se vos quiser deter, mostrai-lhe o que tendes a fazer, e deixai-a. Não deis ouvidos à serpente; é Judas. Ele fazia assim; murmurava, ia acusar Nosso Senhor aos Judeus e dizia-lhes: «Ele faz isto, ele faz aquilo»; segredava assim a um e a outro, por estar dominado pela inveja contra o Filho de Deus e de tudo que Ele fazia. Do mesmo modo, a infeliz Irmã que censurasse fosse o que fosse, faz o officio de Judas; censura com uma e com outra: «Diz-se tal coisa», «porque é isto?», «Porque é aquilo?» Ah! Minhas Irmãs, se, por infelicidade, vier a encontrar-se uma assim, fazei o sinal da cruz, ao vê-la. É preciso não a escutar; quer perder a Companhia e arruiná-la completamente. Judas queria mal não só a Nosso Senhor, mas tinha inveja dos apóstolos, de Maria Madalena e de toda a religião católica, que queria arruinar. Enfim, querer mudar a ordem que foi estabelecida na Companhia, é querer arruiná-la. Considerai o que merece uma pessoa com este procedimento!

O Senhor Padre Vicente tendo lido o que respeita ao estabelecimento da Companhia e os nomes das Superioras, onde se faz referência à submissão que deve haver às ordens da Superiora, diz que se devia ir e voltar imediatamente logo que a obediência o ordena, sem escolher, nem se recusar a ir para tal lugar.

Então a Senhora Le Gras disse-lhe em voz baixa que nunca tinha visto as nossas Irmãs transgredirem isto, porque sempre estavam prontas a ir e vir quando lho ordenavam.

Bendito seja Deus, minhas Filhas! Retorquiu o Senhor Padre Vicente; sinto-me muito consolado. A Senhora Le Gras acaba de me dizer que, quando vos disseram «ide», sempre fostes; e quando vos disseram «Vinde», viestes. Coragem, minhas Filhas, coragem! Continuem e agradeçam a Deus o testemunho que tendes hoje. É a Senhora Le Gras que dá este louvor à companhia, agradecei-lhe também. Oh! Se Deus não tivesse visto isto, que teria feito? Quantas casas se viram em Paris perecer por falta de submissão! Por isso, a vossa não subsistirá senão por esse meio. Coragem pois, minhas Filhas, visto que tivestes hoje, festa de S. Miguel, um testemunho que vos deve levar a bendizer a Deus!

E retomando a leitura das Regras sobre o artigo que contém que as Filhas da Caridade «não se esquecerão de si mesmas, para que, servindo os outros, se tornem dignas de receber a recompensa que Nosso Senhor promete aos que tiverem cuidado em se manter em estado de graça»; é, diz ele, não ter pecado mortal a pesar na consciência, nem mesmo venial, se puder ser. Eis o que é manter-se em estado de graça: ter um grande horror ao pecado mortal e fugir dele como do demónio, mesmo do venial; e quando se cometeu algum, confessar-se dele o mais depressa possível, sobretudo se é mortal. Não se devem deitar sem o ter confessado.

Sua Eminência o Cardeal de La Rochefoucauld não podia suportar na consciência a menor mancha. Por isso o confessor dormia no seu quarto e logo que tivesse algum mau pensamento, imediatamente o dizia: «Senhor, pensei tal coisa, confesso-me disso a vós.» Minhas Irmãs, o que fazia proceder assim a este santo homem, senão a aversão ao pecado? Não se admirem, pois, se vos aconselham a fugir do pecado mortal, porque as nossas bem-aventuradas Irmãs que foram para o céu temeram não só o pecado mortal, mas até o venial, como a morte. A continuação das regras traz que as Filhas da Caridade esforçar-se-ão por adquirir e praticar as virtudes, observar as regras comuns. Ó minhas Filhas; é o que Nosso Senhor quer de cada uma, e deveis pedir-Lhe muitas vezes a graça de a guardar.

É tudo o que diremos hoje. Só tenho a recomendar-me às vossas orações. Todos os dias, nas minhas orações e na santa missa, peço a Nosso Senhor, que conceda às Filhas da Caridade a graça de serem tão fiéis à sua vocação que Lhe sejam agradáveis. Fazei, Senhor, que as Vossas pobres Filhas recebidas na pequena Companhia como sendo enviadas da Vossa parte, se esforcem cada vez mais em Vos serem agradáveis pela prática das virtudes que exigis delas. É, minhas queridas Irmãs, o que devem muitas vezes pedir a Deus, e Suplico-Lhe a graça de vo-la dispensar.

71 — CONFERÊNCIA DE 18 DE OUTUBRO DE 1656

### SOBRE O FIM DA COMPANHIA

*(Regras Comuns, art. 1, 2, 3)*

Minhas Irmãs, não faremos hoje a nossa conferência como de costume. Nas outras costumais dizer os vossos pensamentos; nesta explicar-vos-ei as regras. Na última expliquei-vos as que

se referem em geral à Superiora e às Irmãs do Conselho, e disse-vos o que diz respeito a todas as Irmãs. Começaremos hoje a explicar o que diz respeito em geral a toda a Companhia e a cada Irmã em particular. O que dissémos na última vez a respeito das Superiores, di-lo-emos para todas as Irmãs, de modo que, ouvindo isto, cada uma verá claramente o que lhe diz respeito e poderá dizer: «Isto é para mim.» É por esta razão que estas regras que ides ouvir são chamadas *Regras Comuns*, porque todas as devem guardar, em qualquer lugar onde estiverem, não só em Paris, mas nos hospitais, nos campos, nas paróquias e enfim, em toda a parte. Nos «Forçados», no «Santo-Nome de Jesus», nos «Pobres Loucos», em toda a parte se devem observar estas regras. A mesma coisa se faz em todas as Companhias: elas têm, como vós, as suas regras comuns e particulares.

Regras comuns que as Filhas da Caridade devem guardar. — «Pensarão muitas vezes que o fim principal para o qual Deus as chamou e reuniu foi para honrar Nosso Senhor Jesus Cristo, seu modêlo». Eis, pois o que diz a regra, ou, melhor, Nosso Senhor Jesus Cristo por ela: «Pensarão muitas vezes que o fim para o qual Deus as chamou foi para honrar Nosso Senhor.» Minhas queridas Irmãs, são estes os pensamentos que devem ocupar o vosso espírito, o das vossas regras. Assim como se sente prazer em considerar um belo jardim cheio de flores de todas as espécies, do mesmo modo deveis pensar muitas vezes com gosto nas vossas regras que são como tantas belas flores no jardim de Nosso Senhor, o vosso Esposo, o qual vos convida a colhê-las; o que se faz pelo pensamento. Pois assim como uma pessoa que se deleita em pensar e considerar as flores e os frutos de um jardim, os transfere para si mesma, do mesmo modo, minhas Irmãs, as Filhas da Caridade que sentem prazer nos pensamentos das suas regras, se ornarão de outras tantas belas flores, que as tornarão agradáveis a Nosso Senhor; e, além disso, isto fará que não tenham nenhuma dificuldade em as observar. Por exemplo, quando se acorda de manhã, vai-se falar a Deus na oração: «Oh! Que felicidade falar com um Deus que tanto nos ama!» Detendo-se nestes pensamentos, levantar-se-ão prontamente e com alegria.

Quando servis os doentes, deveis ainda lembrar-vos que é Nosso Senhor, representado nesse pobre. Estando umas com as outras, as vossas conversas devem ser sobre as virtudes das nossas Irmãs, que tanto amaram as suas regras, e daquilo que vos pode ajudar a adiantar na perfeição da vossa vocação, sobretudo das vossas regras. Recomendo-vos que ocupeis o espírito com estas cousas, procurando retê-las tanto mais que vos são necessárias para adquirir as virtudes próprias ao fim principal para o qual a

vossa Companhia foi estabelecida. É a isto que deveis continuamente aspirar, minhas queridas Irmãs. Foi para isso que vos destes a Deus, e portanto deveis servir-vos dos meios que vos podem ajudar a chegar aonde desejais. A única coisa necessária, é pensar muitas vezes no fim para o qual a Companhia foi instituída, e na intenção que cada uma tinha quando veio para aqui. Ora é preciso que saibam que entre todas as Companhias que servem a Deus, mais particularmente, cada uma tem o seu fim particular, como, numa república, cada profissão tem o seu officio particular; os alfaiates, os padeiros, os sapateiros, etc. O mesmo succede com as Companhias dedicadas a Deus.

Os Cartuxos têm por fim principal uma grande solidão: estão escondidos aos olhos do mundo, de modo que nunca se vêem; estão numa contínua prisão, por amor de Nosso Senhor. Os Capuchinhos têm por fim a pobreza, que praticam nos hábitos, calçado, etc. Pensaram que poderiam honrar a pobreza de Nosso Senhor, abraçando este estado de vida pobre, o que, com efeito, Lhe é agradável, visto Ele ter vindo à terra para se fazer pobre. Como a teria Ele abraçado e recomendado tanto à Santissima Virgem e a S. José, se não lhe fosse agradável! As Carmelitas, que são muito austeras, têm por fim uma grande mortificação. Andam descalças, a não ser que usem às vezes sandálias, em França. Não sei bem como andam aqui; mas, em Espanha, não usam nem meias, nem sapatos; dormem sobre um pouco de palha ou de feno, não obstante o rigor do inverno. Estas Religiosas que são de condição, há pouco saídas do mundo, reduzem-se a isto; porque, minhas Irmãs? Para agradar a Deus, para fazer penitência, para orar pela Igreja. As Irmãs do Hospital-Geral, já vos falei disso, têm por fim principal trabalhar na sua própria salvação e na dos pobres doentes do hospital. As da «Praça Real» têm por fim principal assistir às pobres mulheres doentes que recebem, e não aos homens: e porque são estas as suas regras, julgam alcançar a sua salvação, observando-as.

Mas vós, minhas queridas Irmãs, destes-vos, principalmente, a Deus para viver como boas cristãs, para serdes boas Filhas da Caridade, para trabalhar nas virtudes próprias do fim para que fostes criadas, para assistir aos pobres doentes, não numa única casa, como a do Hospital-Geral, mas por toda a parte, como fazia Nosso Senhor, que não fazia excepção, pois ajudava a todos os que recorriam a Ele. Foi o que as nossas Irmãs começaram, com respeito aos doentes, ajudando-os com tanto cuidado; e, Deus, vendo que elas o faziam tão cuidadosamente, indo-os procurar na sua casa, como fazia Nosso Senhor, a maior parte das

vezes, disse : «Estas Irmãs agradam-Me ; desempenham bem este officio ; quero confiar-lhes um segundo.»

É, minhas Irmãs, o destas pobres crianças abandonadas, que não tinham ninguém que cuidasse delas ; e Nosso Senhor quis servir-se da Companhia para esta obra, de que dou graças à Sua bondade.

Como Ele visse que tínheis abraçado isto com tanta caridade, disse : «Eu quero ainda dar-lhes um outro officio.» Sim, minhas Irmãs, foi Deus que vo-lo deu, sem que tivésseis pensado nele, nem a Senhora Le Gras, nem tão pouco eu ; porque é assim que as obras de Deus se fazem, sem que os homens pensem nisso. Quando uma obra não tem autor, deve dizer-se que foi Deus quem a fez. Mas qual é este officio ? É a assistência aos pobres criminosos ou forçados, abandonados entre as mãos de pessoas que não têm nenhuma piedade deles ! Vi-os, estes pobres, tratados como animais, o que fez que Deus se movesse de compaixão. Causaram-Lhe pena, pelo que a Sua bondade fez duas coisas em seu favor : Primeiro, fez-lhes comprar uma casa ; segundo, quis dispôr as coisas de tal forma que fossem servidos pelas Suas próprias filhas porque dizer *uma Filha da Caridade, é dizer uma filha de Deus.*

Ele quis ainda confiar-vos outra cousa, que é ajudar os pobres doentes, os pobres velhinhos do «Nome de Jesus» e essas pobres pessoas que perderam o juizo. Sim, minhas Irmãs, foi o próprio Deus que quis servir-se das Filhas da Caridade para cuidar destes pobres loucos. Oh ! Que felicidade para todas vós ! Mas que grande graça, para as que estão aí colocadas, ter um tão bom meio de prestar serviço a Deus e a Nosso Senhor, Seu Filho !

Deveis, minhas Irmãs, saber que Nosso Senhor quis sentir na Sua própria pessoa todas as misérias possíveis. O termo que usa a Escritura é que quis passar por escândalo para os judeus e loucura para os gentios (I. Cor. 1,23), para vos mostrar que podeis servi-Lo em todos os pobres aflitos. É a razão por que quis passar por este estado, para o santificar como todos os outros. É preciso que saibam que Ele está nestes pobres desprovidos de espírito, como em todos os outros. É nesta crença que lhe deveis prestar serviço, e, quando os fordes ver, alegrai-vos e dizei convosco mesmas : «Vou a estes pobres para honrar neles a pessoa de Nosso Senhor ; vou ver neles a sabedoria incarnada de Deus, que quis passar por tal, não sendo, com efeito, assim.» Ora pois, minhas Filhas, até ao presente os vossos fins foram fazer o que acabamos de dizer. Não sabemos se chegareis a envelhecer bastante para ver que Deus dá novos officios à Companhia ; mas bem sabemos que, se viverdes conformemente ao fim

que Nosso Senhor pede de vós, desempenhando, como deve ser, as vossas obrigações, tanto no serviço dos pobres, como na observância das vossas regras, se fizerdes bem, como espero que comeceis, oh! Deus abençoará cada vez mais os vossos exercícios e conservar-vos-á; mas é preciso ser-Lhe fiel para se tornar digno disso.

Portanto, o fim para o qual deveis tender, é honrar Nosso Senhor Jesus Cristo, servindo-O nos pobres, nas crianças, para honrar a Sua infância nos pobres necessitados, como no «Nome de Jesus», e como nessa pobre gente que ajudastes quando veio refugiar-se em Paris por causa das guerras. Vêde, como deveis estar prontas a ajudar os pobres por toda a parte onde vos enviarem: no exército, como fizestes quanto fostes chamadas para isso, nos pobres criminosos, e, geralmente, em todos os sítios onde podeis ajudar os pobres, visto ser esse o vosso fim. E para isso, minhas queridas Irmãs, deveis muitas vezes perguntar-vos, a exemplo de S. Bernardo, porque é que entrastes na Companhia. Este grande santo interrogava-se a si mesmo: «Bernardo, Bernardo, porque é que entrastes em religião? Seria para fazer a tua vontade, viver em liberdade? Nada disso.» E quando sentia alguma repugnância, repetia a mesma pergunta, à qual respondia: Dêste-te a Deus para viver como bom religioso, para renunciar às tuas próprias satisfações e para fazer tudo o que Deus pede de ti na tua religião.» Minhas queridas Irmãs, deveis perguntar-vos do mesmo modo: «Porque é que Deus instituiu a Companhia da Caridade? Porque é que me chamou para aqui». E, depois, responder a vós mesmas: «Para honrar Nosso Senhor e prestar-Lhe serviço nos pobres e fazer tudo o que Ele decidiu que eu fizesse.» Eis como deveis excitar-vos a trabalhar nos vossos officios. Não vos julgais felizes, minhas Irmãs, por Nosso Senhor se dignar servir-se de vós? As Irmãs do «Hospital-Geral» fazem o que são obrigadas a fazer; mas, quanto a vós, deveis ser indiferentes para fazer tudo o que o vosso fim requer. É este o vosso objectivo, e não deveis desejar outros exercícos. Se fossem dizer às Carmelitas, às Cartuxas, às Capuchinhas que fizessem outra coisa diferente do que fazem, fá-lo-iam elas? Oh! Não, porque é o seu fim, e basta-lhes fazer o que o seu Instituto obriga. Assim Nosso Senhor não escolheu outra Companhia para O servir na pessoa dos pobres doentes, do modo que sois obrigadas a servi-Lo. Ah! Minhas Irmãs, que felicidade! Foi Deus que vos entregou o cuidado dos Seus pobres, e deveis proceder nisso, no Seu espirito, compadecendo-vos das suas misérias, e sentindo-as em vós mesmas tanto quanto possível, como aquele que dizia: «Sou perseguido com os perseguidos, maldito com os que o são; sou escravo

com os escravos; estou aflito com os aflitos e doentes com os doentes.»

É assim que deveis proceder para serdes boas Filhas da Caridade, para ir para onde Deus quiser; se fôr para Africa, para Africa, para o exército, para as Indias, para onde vos pedirem, sois Filhas da Caridade, deveis ir para ali. Nosso Senhor fez portanto uma Companhia mais d'Ele do que vossa, da qual sois membros. É por isso que vos chamam *Filhas da Caridade*, isto é, *Filhas de Deus*. Humilhai-vos, ponde-vos abaixo de toda a gente, vendo que Deus quer servir-se de pobres meninas do campo para tão grandes coisas. Humilhai-vos diante de Deus, é o vosso dever, e estai prontas a abraçar todos os officios que a Divina Providência vos confiar. Não posso recomendar-vos bastante isto, minhas Irmãs, visto ser o fim da vossa Companhia; e quando faltardes a este fim, então adeus Caridade.

Terceiro artigo. — «Farão todos os seus exercícos, tanto espirituais como corporais, em espírito de humildade e de caridade, e em união com os que Nosso Senhor Jesus Cristo fez na terra.»

Minhas queridas Irmãs, as vossas regras dizem que Deus pede em geral e em particular que façais três coisas, que vem a ser: que todas as vossas acções sejam acompanhadas destas três virtudes de humildade, de caridade e de imitação de Nosso Senhor; é o que ensina este artigo.

«Farão sempre os seus exercícos em união com os que Nosso Senhor fez na terra.» Por exemplo, indo à paróquia ver os doentes, ides para honrar Nosso Senhor, na sua pessoa; quando ides à oração, pensai o mesmo, ou pouco mais ou menos isto: «Mas! Pobre miserável que eu sou, serei eu bem digna de ir à oração falar a Deus! «Não deixeis, no entanto, de ir, no amor da vossa abjecção e para honrar as orações de Nosso Senhor. Indo para a mesa, pensai o mesmo, que não sois dignas de tomar a vossa refeição com as outras, e dizei: «Mas! Meu Senhor, não mereço comer os bens dos pobres, nem de estar na Companhia das minhas Irmãs, que O servem tão bem, ao passo que eu, não sirvo para coisa alguma.»

Eis como nos devemos sempre reconhecer incapazes de fazer coisa alguma que valha; porque, vêde minhas Filhas, até que ternhais entrado bem neste espírito, de vos reconhecerdes pobres-desprezíveis, incapazes de bem algum, mesmo que sejais muito, felizes e que vos tenham por tal, nunca chegareis à perfeição. Depois de se ter feito esta reflexão sobre a própria indignidade, é preciso levantar-se por um acto de amor de Deus, e dizer: «Ainda que não seja digna de fazer tal coisa, porque Deus o quer,

hei-de fazê-la sobretudo para Lhe agradar, já que Ele a deseja de mim.»

Quando fordes à oração, deve ser puramente para agradar a Deus, dizendo: «Não sou digna de falar com Deus; mas, porque a obediência o quer, esta é a Sua vontade, vou para honrar Nosso Senhor.» Pois, que pensais vós, minhas Irmãs? Não basta fazer a oração segundo a sua fantasia, sem atenção e à sua moda; oh! Não, não basta; deveis fazê-la como Nosso Senhor fez as suas na terra. Fazia-as com grande respeito na presença de Deus, com confiança e humildade. Assim como as outras acções, que deveis conformar sempre com as suas, se quereis que sejam meritórias. Vou para o refectório para honrar a modéstia com que Jesus Cristo tomava a sua refeição; e por isso, devemos proceder como se O víssemos: mantendo-nos direitos e modestos, pegar no pão e na carne com boas maneiras, comer tranquilamente, e não se lançar com sofreguidão sobre a carne e sobre aquilo que nos apresentam, como se o quiséssemos devorar.

Um dia em que estava com o bem-aventurado bispo de Génova, ele disse-me: «Senhor Padre Vicente, perguntava uma vez à nossa Mãe se as nossas Irmãs guardavam bem a modéstia à mesa, e ela respondeu-me: Monsenhor, deveis vê-las». E tendo sabido que isso era possível, colocou-se num lugar de onde podia facilmente notar como elas procediam; e viu estas Irmãs com uma grande modéstia, como pessoas que estavam na presença de Deus e dos anjos. Oh! Como isso consola!

Minhas queridas Irmãs, procurai que todas as obras que fizerdes sejam acompanhadas destas três virtudes, de modo que ao mesmo tempo que fazeis a acção exterior, o vosso espírito se ocupe interiormente com Deus, o que se pode fazer assim. Indo aos doentes,izei convosco mesmas: «Ah! Que miserável sou! Como ousou eu ir a este pobre, eu, que sou mais doente diante de Deus do que ele! Se muitas santas almas o pudessem fazer, fariam isto muito melhor do que eu.» Depois animai a vossa coragem com este pensamento; «Vou já por amor de Deus! Oh! Como me sinto feliz por ter sido escolhida para um tão santo officio!»

Pensais vós, minhas Irmãs, que seja uma grande causa fazer o que fazeis, se não o valorizardes pela intenção? O que! Pensais que assistir aos doentes por gosto, ir para determinado lugar porque aí encontrais gozo, obedecer porque o que vos mandam vos agrada, trabalhar porque se não pode estar sem nenhum officio, orar porque as outras o fazem, seja desempenhar o vosso dever? Nada disso, minhas Irmãs, não vos enganeis; o mérito das nossas acções vem do fim com que as fazemos. Disse a missa hoje; se não a celebrei com as condições necessárias, não estou mais adian-

tado por causa disso; comungastes, ajudastes os vossos pobres, fizestes a oração e outras coisas, se não juntastes o interior ao exterior, não fizestes nada, porque todos podem fazer o mesmo. Mesmo um pagão poderia fazer o que nós fazemos, para seu prazer e puramente como uma obra material; pode ir ver um doente por divertimento, beber e comer, descansar e trabalhar sem nenhum mérito nem demérito. O mesmo sucede connosco, quando fazemos as nossas obras. Por boas que sejam em si mesmas, sem uma recta intenção e o desejo de agradar a Deus, não são mais meritórias do que se fossem coisas indiferentes. Mas se quereis que todas as vossas obras sejam agradáveis a Deus, fazei-as em espírito de humildade, de caridade, e em união com as que Nosso Senhor fez; e fixai bem que é preciso ter esta intenção; sem isso, privamo-nos, muitas vezes, da recompensa devida às boas obras que fazemos.

Sabeis que, quando se baptiza uma criança, se derrama água sobre a cabeça, se pronunciam todas as palavras e se fazem todas as cerimónias requeridas; mas, com tudo isto, é preciso ter a intenção de fazer um cristão; e se ela faltar, não está baptizada; porque não é só a água que se derrama, nem todas as outras cerimónias, que fazem da criança um cristão. É preciso que aquele que baptiza tenha a intenção de fazer um cristão. Assim as Filhas da Caridade que fazem os seus exercícios da maneira que foi dita, e sem intenção, não agradam a Deus, que pede primeiramente o coração, e, depois, a obra.

Há anos tão férteis, que em vez de centeio e de trigo misturados, que os lavradores sêmearam, a fertilidade do ano faz que a terra semeada com esta mistura de dois grãos, produza trigo puro, em vez de mistura de partes iguais que, haviam semeado. Assim, minhas Irmãs, tudo o que fizerdes, pela razão destas três virtudes, se transformará em trigo. Ainda que só vos sirvais de centeio, isto é, que só façais acções indiferentes, recolhereis trigo, recebendo igual recompensa pelas pequenas acções, como pelas maiores, feitas com tibieza, e sem o affecto requerido.

Diz-se duma certa pedra, que se chama filosofal que tudo o que toca se transforma em ouro. Minhas queridas Irmãs, tudo o que fizerdes, se o acompanhardes destas três virtudes, será mudado completamente em ouro; é uma pedra filosofal que converte tudo em ouro; e assim todas as vossas obras serão agradáveis a Deus e aos anjos. Isto, chama se graça santificante. É uma beleza que torna a alma agradável a Nosso Senhor, que faz que Ele se compraza nela e em tudo o que ela faz. Seja o que for, que esta alma faça, tudo agrada a Deus: ir, vir, servir um doente, dar um medicamento, tudo é agradável a Nosso Senhor. Ah!

Minhas Irmãs, as Filhas da Caridade são mais agradáveis a Deus, quando cumprem bem o seu dever, do que uma criança muito amada, nunca o foi de seu pai nem de sua mãe. Como são belas as almas revestidas com esta graça santificante! Como são felizes, como devem crescer de virtude em virtude, para se tornarem cada vez mais agradáveis a seu Esposo!

Mas ainda há mais: é que isto vos alcança a graça do paraíso. Sim, minhas Irmãs, estas acções feitas humildemente e por amor de Deus merecem a glória eterna, não só a glória comum que é dada a todas as almas bem-aventuradas, mas uma glória que irá sempre aumentando, à medida que aquelas que tiverdes edificado, se servirem dos vossos bons exemplos. Ó minhas queridas Irmãs, não saíreis daqui com as mãos vazias, se tomardes a resolução de praticar o que os vossos pais vos disseram. É o que Deus pede de vós, e deveis entregar-vos à Sua bondade para isso. Senhor, concedei-nos esta graça de conhecer o valor e o mérito das acções feitas em união com as Vossas. Ó minhas Filhas, que esta lição fique bem enraizada nas vossas almas! Ah! Se houvesse entre vós alguma que dissésse no seu coração: «Que meio hei-de empregar para praticar tudo isto! Como poderia ter o espírito sempre ocupado no que estou a fazer, para praticar estas virtudes! Oh! Nunca poderei prender-me deste modo»; eu lhe responderia: «Começai hoje, continuai amanhã, e isso vos será fácil». Desde este momento, dizei a vós mesmas: «Ah! Sou indigna de ouvir a palavra de Deus, visto tantas vezes me ter concedido esta graça, e não ser melhor. Pensai de cada uma das vossas Irmãs, em particular, que aproveitarão muito melhor do que vós, daquilo que acabamos de dizer. Indo-vos embora, dizei: «Volto para o lugar de onde vim, por obediência, e não por gostar muito de lá estar, mas, visto que Deus o quer, pois me mandam voltar para lá, faço-o, também, para honrar os passos de Nosso Senhor, quando regressava das Suas viagens.

Amanhã, ao levantar-vos para a oração, pensai que não sois dignas de que Deus permita que Lhe faleis, mas que, já que Ele o quer, vós o fareis em união com as orações de Seu Filho. E assim, ide à oração com a alegria de fazer a vontade de Deus, e com grande desejo de Lhe agradecer.

Quando fordes aos pobres, e em tudo o que fizerdes de amanhã em diante, continuai a mesma coisa, e encontrareis nisso mais facilidade. Esforçai-vos por prestar atenção a estas práticas ainda quatro ou cinco dias de seguida. Depois disto, não encontrareis nada de mais fácil; chegareis, pela continuação, a contrair um santo costume, de tal modo que, não só não encontrareis mais dificuldade na prática destas virtudes, mas mesmo não

podereis fazer doutro modo. Ah! As nossas boas Irmãs que foram para Deus praticaram muito bem o que vos dizemos; constataram que a virtude não é tão difficil de adquirir como imaginamos. É só preciso querer, e constranger-se um pouco. Ó minhas Irmãs, se, ao principio, tiverdes um pouco de difficuldade, lembrai-vos que é para agradar a Deus, e que não durará muito tempo. Continuai dez ou doze dias, e depois não vos custará mais; antes pelo contrário, sentireis prazer em fazer as vossas acções com concentração e applicação de espirito, o que atrairá sobre vós grandes graças; e essas graças porão nos vossos corações uma al disposição que um dia virá em que não podereis deixar de fazer o bem a que estiverdes habituadas. É o que dizia S. Bernardo: *Non possibile, etc.*

Encontrar-se num estado em que não se possa seguir a própria vontade, a não ser que seja conforme com a de Deus, oh! estado feliz esse, em que não podemos fazer as nossas obras, senão para agradar a Deus! É fazer, por assim dizer, o que Deus faz, pois tudo o que Ele opera, é para Sua glória e para Seu prazer; de maneira que podemos dizer que fazendo estas obras só com o fim de dar glória a Deus, é fazer, tanto quanto possível, o que Ele faz, e assim é ser Deus mesmo. Ó minhas Filhas, animai-vos pois para chegardes a este grau de perfeição. Procurai adquirir, como disse, um hábito no bem, de tal maneira que não possais deixar de o fazer, e todas as vossas acções serão acompanhadas destas três virtudes, sem nenhum constrangimento, visto que não podereis deixar de fazer aquilo, a que estais habituadas. Tendes grandes motivos de vos dardes a Deus e de corresponder às inspirações que Ele vos der, as quais nunca vos faltarão, se reconhecerdes que de vós mesmas não sois senão pecado. Se entrardes nesta prática, minhas queridas Irmãs, fareis as vossas obras como Nosso Senhor quer que as façais, tomando-O por exemplo, como as vossas regras vo-lo ensinam. Se continuardes, não tereis motivos para invejar a companhia de quem quer que seja, pois tendo Deus presente, tereis tudo. Que motivo de confusão, quando se pensa nisso: fazer o que Deus faz, fazer continuamente a Sua vontade, e por consequente obrigar a Sua bondade a comprazer-se em nós! Ah! Ele não tem outro prazer senão o das almas que trabalham por seu amor. Quando eu digo que não tem outro prazer, quero dizer nas suas criaturas, porque tem outros: sente prazer em si mesmo e nas suas divinas perfeições; mas não existe outro fora d'Ele, senão o de estar com aquelles que Ele ama. É a sua alegria, o seu prazer, ficar nas almas que santificou. Ah! Quantas consolações para as Irmãs que pensam: «Deus me vê, compraz-se no que eu faço. É Ele que me

faz agir, que me faz ir e vir.» Um soldado que vê o seu capitão, anima-se ao combate pela sua presença. Coragem, minhas Irmãs! Deus vos abençoará se Lhe fordes fiéis. Coragem! Pois Ele fará por vós o que sem Ele não poderíeis fazer.

É o que peço a Nosso Senhor que vos conceda, e, apesar de miserável pecador, não deixarei de pronunciar as palavras de bênção, rogando a Deus que, ao mesmo tempo que eu as disser, derrame este espírito nas vossas almas, para fazerdes todas as vossas acções com humildade, caridade, e em união com as que Nosso Senhor fez na terra. É o que Vos peço, meu Salvador, para todas as almas que chamastes a esta Companhia.

A Senhora Le Gras, vendo que o Senhor Padre Vicente ia dar a bênção, perguntou-lhe se seria a propósito, na primeira Conferência, prestar contas do uso que tivessem feito dos avisos que acabavam de receber, ao que ele respondeu continuando a prática da seguinte maneira:

A Senhora Le Gras pergunta-me se seria a propósito dar contas da maneira como praticaram estas virtudes: Penso que, com efeito, isso estaria bem, porque temos necessidade de sermos ajudados para entrar na prática de algumas virtudes. Ora, entre os meios que nos podem servir, o ter que prestar contas é um dos melhores. Por isso a Senhora Le Gras tem razão. Foi Deus que lhe sugeriu este pensamento. Eis portanto, minhas Irmãs, o que devemos fazer na próxima vez que nos reuniremos.

Recomendo às vossas orações duas das nossas Irmãs que estão doentes, para que apraza a Deus conceder-lhes a graça de fazer bom uso dos seus sofrimentos, e peço-vos que vos lembreis da pobre Polónia, que está num triste estado. O rei e a rainha deixaram Varsóvia e foram para Cracóvia. Temos grande motivo para recomendar isto a Deus.

72 — CONFERÊNCIA DE 2 DE NOVEMBRO DE 1655

## SOBRE AS MÁXIMAS DE JESUS CRISTO E AS DO MUNDO

*(Regras comuns, art. 4)*

Minhas Irmãs, as duas últimas conferências foram sobre as vossas regras. Na penúltima explicamos o que diz respeito às Irmãs do Conselho, e na última começámos a expôr-vos as regras comuns, que todas devem guardar, estejam onde estiverem. Falámos já das duas primeiras regras; continuaremos hoje sobre o

mesmo assunto das regras comuns. O artigo 4.º diz o seguinte : «Terão horror às máximas do mundo e abraçarão as de Jesus Cristo, etc.»

Na verdade, minhas queridas Irmãs, todas estas regras são completamente de Deus. No Santo Evangelho lemos que aquilo que Nosso Senhor praticou mais vezes, foi o que as vossas regras vos ordenam ; foi propriamente do Evangelho, que Jesus ensinou e depois praticou, que elas foram tiradas, particularmente, as que agora vamos explicar. Se estão contidas no santo Evangelho, podemos bem dizer que são de Deus, e que foi Ele quem as inspirou. Não achais que isto é belo? «Terão horror à máximas do mundo, e abraçarão as de Jesus Cristo.» Vêde o que esta regra nos diz, minhas queridas Irmãs, que vós e eu devemos odiar a maneira de proceder do mundo. Se quereis ser boas Filhas da Caridade, e, eu, bom Padre da Missão, devemos ter ódio e aversão pelas máximas daqueles que vivem segundo o mundo, porque há pessoas que vivem segundo o mundo e outras que não têm nada de comum com ele. Ao dizer que se deve ter horror pelas máximas do mundo, deve entender-se isto, visto que há tantas almas que vivem no mundo, como se não estivessem nele ; estão entre os maus e vivem cristãmente. Vêdes isto bastantes vezes, minhas Irmãs. Não é destas que falamos, é das pessoas que vivem do espírito do mundo. Deus tem duas espécies de servos na Igreja : uns que vivem como bons cristãos, apesar de não estarem completamente fóra do reboliço do século ; e outros que ele retirou desta massa corrompida do mundo para O servir mais perfeitamente. Ora, uns e outros devem trabalhar, segundo a sua condição, na sua salvação.

Mas, perguntar-me-eis ; não são todos os cristãos obrigados a ter horror às máximas do mundo ? Sim, minhas Irmãs, mas vós sois particularmente obrigadas a isso, não só como cristãs, pois todos os cristãos são obrigados a isso, mas também como Filhas da Caridade. Mas, há almas que estão no mundo como não sendo dele, e que vivem segundo as máximas do Evangelho. Nosso Senhor estava no mundo sem participar de forma alguma nas suas máximas ; muito longe disso : tinha-lhes horror, prègando continuamente contra elas : Era contrário às suas obras e às suas palavras ; enfim, em todas as suas maneiras de proceder, odiava, não as almas que estavam no mundo, mas o mal que havia nelas. Por isso, a Companhia deve ter horror às máximas do mundo, de exemplo de Nosso Senhor. Vou citar-vos algumas para que as eviteis, pelo horror que deveis conceber por elas.

Primeiramente, o mundo estima o bem, a honra e a beleza. Por exemplo, quando encontra uma menina com espírito, gra-

ciosa e afável, compraz-se nela, pois ele gosta muito destas coisas. Eis uma das máximas do mundo. Ora, os filhos de Nosso Senhor devem desprezar tudo isto, visto Ele mesmo não lhe ter feito nenhum caso. Só o mundo é que estima estas coisas. Como é que o Filho de Deus estimaria a beleza do mundo, Ele que não fez caso da Sua, apesar de ser a verdadeira beleza, que é o esplendor e a beleza de Deus Seu Pai! Além disso, diz-se d'Ele que é *Speciosus forma prae filiis hominum*, que é o mais belo de entre os filhos dos homens. E, embora fosse assim tão belo, desprezou de tal forma a sua beleza, que permitiu que o Seu rosto fosse coberto de escarros, quando da sua paixão, o que nos mostra bem que não estimou nada a sua beleza. Ah! Minhas Irmãs, depois deste exemplo é preciso não fazer mais caso de todas as coisas que o mundo procura, e que deveis considerar como lama; porque não há no mundo nada digno de ser tão estimado, como a virtude.

Um dia, uma religiosa disse-me que algumas pessoas lhe tinham dito que tinha umas lindas mãos, e que isto lhe causava grande pesar. «Temo, dizia ela, que o demónio mas tenha dado para me perder.» Vêde, minhas Irmãs, que sentimentos tinha esta alma da estima que se fazia da beleza das suas mãos. Estava muito afastada das que fazem o impossível para as embranquecer, pois temia que isso fosse uma cilada para a perder. Ora, é o que devemos fazer quando nos louvam, seja pelo que for, temer que seja o demónio que nos queira perder, e desprezar todos os elogios.

É ainda uma máxima do mundo fugir da pobreza e da miséria, e considerar-se feliz quando se pode evitá-lo; porque o mundo afeiçoa-se às coisas mundanas, como são as prosperidades, as honras e os louvores. Sabeis todas que o mundo quer sempre mais do que o que tem, porque nunca está satisfeito. Cobiça o que é dos outros, e, quando alguém tem qualquer coisa mais, diz; «Ah! Porque será que não sou como este homem ou como aquela mulher! Porque é que não tenho tal ou tal coisa que tem aquele!» É pois uma máxima do mundo estimar tudo isto, e não amá-lo quando o possui, mas cobiçá-lo nos outros. Uma Filha da Caridade deve, pelo contrário, pensar que o Filho de Deus sempre preferiu a pobreza às riquezas, o desprezo à honra e disse que era mais fácil fazer passar um cabo pelo buraco duma agulha, do que um rico entrar no céu. Sabeis o que é um cabo. É uma amarra que serve para fazer passar os barcos sobre a água; no entanto o Filho de Deus disse, que é mais difícil que um homem rico entre no céu, do que fazer passar esse grosso cabo pelo buraco de uma agulha! Será possível, minhas Irmãs, que depois disto, estimeis os bens e comodidades da vida? Oh!

Longe de os estimar, deveis, pelo contrário, desprezá-los, visto o Filho de Deus o ter feito.

O mundo tem ainda por máxima a vida de sociedade com as suas reuniões, por isso gosta de se encontrar nos banquetes, como a maior parte das pessoas de Paris. As Filhas da Caridade, pelo contrário, devem temer essas reuniões mundanas, evitá-las tanto quanto possam. Quanto aos banquetes, estão fora deste perigo pela observância da regra, que lhes proíbe comer fora de casa.

Finalmente, uma das máximas do mundo, é procurar a sua satisfação em todas as coisas, até na virtude; aqueles que vivem segundo o espírito do mundo, que fazem algum bem, querem que todos o saibam; ouvindo a Missa, fazendo as menores acções, procuram nisso glória. Ora, minhas queridas Irmãs, é preciso procurar dar consolação a Deus e fazer nesse sentido todas as nossas acções, e não para agradar às criaturas. Quando ides servir os pobres, dizei: «Vou aos doentes por amor de Deus». É preciso acautelar-se contra esta máxima, que se aloja em toda a parte. Nem as pessoas de elevada espiritualidade são isentas disso, e podem, se não se acautelarem, procurar a sua satisfação em tudo o que fazem. Assim uma Irmã irá de boa vontade para uma tal freguesia, porque as senhoras a estimam e dizem bem dela; falará com mansidão e afabilidade aos pobres, porque dizem que é uma boa Irmã, cumpridora do seu dever. Ah! Minhas Irmãs, eis uma máxima do mundo! Fazer tudo para sua própria satisfação, é seguir as suas máximas. Acautelai-vos disto.

Mas é uma obra boa que faço, dir-me-eis; não poderei encontrar nela a minha satisfação? Sim, é boa em si, mas tornai-la má, buscando a vossa consolação e não a de Deus. Deve-mos pois ter horror aos louvores, às adulações, e outras coisas que pod-riam dar-nos qualquer vã satisfação, tanto ao corpo como ao espírito. Deveis desprezar tudo isto e dizer: «Não o quero por serem máximas do mundo». Ó minhas Irmãs, notai bem, porque é nisto que as pessoas mais espirituais naufragam. Procuram na devoção o seu gosto e a própria satisfação: na Confissão, na Santa Comunhão, nas orações, nas conversas espirituais, numa palavra, buscam-se a si mesmas em tudo; se o analizardes bem, vereis que é verdade que nos podemos satisfazer nas melhores acções, mesmo dando conta dos vossos officios aos Superiores, se o que fizerdes for com intenção de serdes estimadas e parecerdes virtuosas. O que contribui para que caíamos tão facilmente neste defeito, mesmo sem o notarmos? É o espírito da carne e a máxima de que falámos. Vendo-nos agir assim, portanto, tão afastados das máximas de Nosso Senhor, devemos recear.

Vêdes, minhas Filhas, é grande a obra que realizais. Se é grande, os desígnios de Deus também o são; para cooperar com eles, é preciso que as Filhas da Caridade façam as acções conformes ao nome que usam. Não será ter grandes desígnios sobre vós, querer que empregueis a vossa vida em seguir as máximas de Seu Filho? Oh! Como sois felizes, minhas Irmãs! Não deveríamos gostar de outra coisa, senão do que Cristo gostou. Quando Nosso Senhor tem estimação por qualquer coisa, é preciso estimá-la, mas quando a despreza, é necessário desprezá-la. Assinalámos as máximas que Ele despreza. A sua imitação, devemos desprezá-las, para chegar à perfeição que Deus pede de nós, que não é outra coisa senão desprezar o que Ele despreza e estimar o que Ele estima, tendo horror às máximas do mundo, como os bens, as honras e tudo o que procura. As pessoas que querem viver cristãmente repelem tudo isto; e quando lhe querem fazer algum elogio, dizem: «Nosso Senhor não estima tal coisa; também não o quero consentir! Nenhum bem, nenhum prazer. Todos estes desejos saiem das máximas do mundo, às quais o Filho de Deus tem horror. É o espírito da carne, que só procura o que Nosso Senhor repeliu enquanto esteve na terra; eu também só quero olhar para essas coisas para as desprezar.» Eis o que fazem as almas boas. Mas as que não têm outro fim, em tudo o que fazem e dizem, senão o seu prazer, (oh! Daí vem a desolação), não tem outro cuidado senão procurar os meios de satisfazer as suas paixões desregradas e só se preocupam com o corpo. Oh! Ê destes que S. Paulo dizia: «O seu deus é o ventre» (Fil. 3,19), isto é, são idólatras de si mesmos: contanto que tenham com que satisfazer a sensualidade, não atendem ao meio empregado.

Os filhos de Nosso Senhor não se preocupam em encontrar a satisfação pessoal no que empreendem; desejam unicamente agradar a Deus; é o que deveis fazer, minhas Filhas, abraçando as máximas de Jesus Cristo! Mas é preciso humilhar-se, reconhecendo-se indignas de tal graça.

Talvez me pergunteis se as Filhas da Caridade são obrigadas a ter tanta virtude como as religiosas. Digo-vos, minhas Irmãs, que tendes ainda mais necessidade: «Como! — dir-me-eis ainda — somos nós obrigadas a ser mais perfeitas do que as religiosas?» Oh! Ê porque as disposições de cada uma devem ter relação com as graças que recebe. É para dizer tudo numa palavra, não há religiosas de quem Deus peça tanto como de vós, que fostes chamadas ao que uma religiosa não foi, e da maneira como fostes. Ê por este motivo que Deus quer mais perfeição de vós do que delas. Se as Carmelitas estão obrigadas a viver santamente, a prestar honra a Deus, a amá-Lo a Ele e ao próximo, vós viestes

aquí para isso e para seguir as máximas de Jesus Cristo, que de-seja que todos sejam santos, cada um segundo a sua condição. Pensais que apenas os religiosos e as religiosas devem aspirar à perfeição? Ó minhas Irmãs, todos os cristãos o devem, e vós ainda mais do que as religiosas. Não é a religião que faz os santos; é o cuidado que os seus membros têm em se aperfeiçoar, pois pode haver na religião pessoas imperfeitas e viciosas, como por vezes se tem visto. Vêde pois, que não é necessário estar encerrada num claustro para adquirir a santidade que Deus pede de vós. O estado religioso é muito santo; mas não podemos concluir que os que o abraçam se santificam.

Além disso, digo-vos que, se as Irmãs do Hospital Geral têm necessidade de virtude, porque servem os doentes, vós servi-los. não como elas, mas ainda mais, pois fazei-Lo como Nosso Senhor o fez quando ia visitá-los, não em vossas casas, como as religiosas, mas sois obrigadas a ir procurá-los no seu domicílio; e nisto vós as ultrapassais, porque não vos contentais em assistir os que vos trazem, como elas o fazem; mas ides ainda servi-los na sua própria casa; levaes-lhes de comer e prestais-lhes muitos outros serviços. Digo isto com todo o respeito que devo a estas grandes almas, que estimo muito; mas, por assim dizer, vós deveis ter mais virtudes do que elas. Eis a razão. Quanto mais Deus pede das pessoas, maior perfeição lhes é exigida para fazer o que a Sua Providência lhes ordena. Ora, as religiosas do Hospital Geral não são obrigadas a fazer o que vós fazeis. Ides como os apóstolos, de um lugar para o outro, é Nosso Senhor que vos envia, por ordem dos vossos Superiores. Empreendestes fazer o que Nosso Senhor fazia na terra. Ó minhas Irmãs, se podésseis conceber quanta perfeição exige o vosso estado.

As Ursulinas servem o próximo instruindo e recebendo alunas, que ordinariamente são de condição; vós deveis instruir os pobres por toda a parte em que se apresentar a ocasião, não só as crianças que vão à escola, mas duma maneira geral, todos os pobres que assistis; deveis pois ter a virtude das Irmãs de Santa Úrsula, visto fazerdes o que elas fazem; é necessário terdes as virtudes das Irmãs do Hospital Geral, das Carmelitas e das de Santa Maria, e duma maneira geral todas as que são próprias e necessárias a todos os Institutos que fazem profissão de servir a Deus, visto Ele o pedir de vós. Eis a razão, minhas queridas Irmãs, porque deveis fazer o possível para vos tornardes muito virtuosas, sobretudo odiar o mundo e as suas máximas, porque os trabalhos a que vos dedicais o exigem. Vê-se, como já vos disse, religiosas que se ocupam do serviço dos pobres; a vossa Companhia tem isto por fim principal. Servir as pobres crianças

abandonadas e os pobres forçados ; o que nenhuma casa religiosa empreendeu fazer. Minhas Filhas, dizei convosco mesmas : «Deus pede mais de mim do que das outras religiosas.» E eu digo-vos : Deus pede de vós grandes virtudes, visto Ele vos dar obras tão variadas.

Ah ! Pobre senhora Goussault, como conhecíeis bem esta verdade ! Ela disse-me, antes da sua morte, que tinha visto as Filhas da Caridade diante de Deus e que Ele lhe pedia grandes coisas. Mas deveis acreditar que não se cumprirão, se não fordes fiéis e não vos tornardes ainda mais virtuosas do que as religiosas.

Minhas Filhas, fujamos portanto do mundo e estimemos o que Nosso Senhor estima. Não é isto excelente ? Não vos parece que tenha havido razão em vo-lo ordenar. Quem inspirou as vossas regras, senão Deus ?

O Senhor Padre Vicente repetiu várias vezes o mesmo, e todas as Irmãs disseram que eram da mesma opinião.

Oh ! Como sois felizes, retorquiu ele, por serdes chamadas a esta Companhia, à qual Deus deu tão santas regras !

Uma máxima ainda do mundo, é a troça. Troçam uns dos outros. Se houvesse entre vós alguma que troçassem das que se dão a Deus de uma maneira mais perfeita, ah ! É esta que está nas máximas do mundo ; tem o seu espírito, ou antes, o do demónio ; porque é o demónio que excita os mundanos a troçarem, principalmente das boas almas. É aquela que faz troça das suas Irmãs, porque são reservadas, fiéis a todas as observâncias, que andam modestamente e não são como elas têm o espírito do demónio, e imitam-no. Eis porque é preciso banir este vício da Companhia. Que nunca a zombaria entre nela ! Oh ! Nunca se deve zombar dos que fazem bem.

Uma outra máxima do mundo, é não abrir fàcilmente o seu coração. As almas boas, expõem simplesmente os seus pensamentos ; nunca dizem o contrário do que pensam. Mas a máxima do mundo é fazer equívocos, batotas e dissimular o que se pensa para surpreender os outros. As pessoas de bem, pelo contrário, andam com simplicidade e não usam subterfúgios. É o que deveis fazer, minhas Irmãs. Nunca vos recuseis a dizer as vossas disposições interiores, quando os vossos Superiores vo-las perguntarem ; não espereis mesmo que eles vo-las perguntem, mas fazei-o espontaneamente, sobretudo quando alguma coisa vos cause pena.

Admira-se ainda no mundo uma pessoa espirituosa, que sabe falar bem e dar respostas a propósito. Ah ! Quando virdes entre vós algumas que louvam estas coisas e estimam estas máximas, afligi-vos, chorai as suas misérias e dizei : «Como, meu Deus ! Po-

derá ainda haver pessoas na Companhia que conservem este espírito do mundo, dissipador das graças que Deus deu à Companhia ! Viemos aqui para nos separarmos do mundo, e queremos seguir as suas maneiras de proceder ! Não é isto o que Nosso Senhor pede de nós ! «Minhas Irmãs, como devem ter horror a tudo o que aproxime, por pouco que seja, das máximas do mundo, e fazer guerra à tendência que para isso poderiam ter, até que a tenham inteiramente destruído. Evitem as pessoas do mundo. Se querem seguir Jesus Cristo, devem afastar-se das pessoas do mundo que lhe são contrárias. E quando vejam que se estimam as coisas do mundo, é mau sinal ; desconfiem de tal pessoa. Se dissesse : «Meu Deus ! Como minha Irmã é bem vista na Companhia ! E como as senhoras gostam dela !» Tende horror a isto. É uma máxima do mundo, minhas Irmãs. Nunca se deve louvar as graças naturais numa pessoa que se deu a Deus, nem censurar as que são menos favorecidas.

As casas bem regulares têm por prática nunca elogiar os talentos naturais. Só se estima a virtude ; e se alguma Irmã compõe livros, escreve bem e canta na perfeição, não se fala nisso, porque não o merece, sendo apenas coisas indiferentes. Assim, as Irmãs não devem entreter-se com estas bagatelas, que só servem para fazer perder o tempo e impedir as almas de se ocuparem de Deus com santos pensamentos. Mas sabem o que é preciso elogiar ? É a virtude, a fidelidade às regras. Quando virdes uma Irmã a gostar da pobreza, a escolher o pior para si e a guardar o melhor para o próximo, que não quer fazer a menor coisa contra a ordem dos seus Superiores, é isto que se deve estimar. Não há perigo algum em conversar destas coisas e em dizer umas ás outras para se animarem : «Minha Irmã, não notastes a virtude da Irmã Fulana, como serve os doentes com suavidade, e como procura adiantar na virtude ? Não quer perder a menor ocasião de a praticar.» É o que se deve elogiar e nunca outras coisas ; oh ! Nunca ! Pelo contrário, nunca devem falar da beleza, da habilidade, da facilidade em se exprimir, da boa voz de uma Irmã, nem se sabe escrever bem. Não vale a pena.

Segundo uma máxima do mundo, para se ser alguma coisa, é preciso fazer-se valer. As Irmãs devem ter horror a esta máxima como às outras. Minhas Irmãs, é próprio do demónio procurar aparecer, brilhar e fazer ver que o que pensamos é próprio para atrair a estima dos outros. Ah ! Se por infelicidade, houvesse entre vós quem se sentisse atingida deste vício, que se arrependa e se humillhe diante de Deus, dizendo : « Miserável que sou ! Onde estão as virtudes que uma Filha da Caridade deve ter ? Não tenho em seu lugar senão orgulho e práticas contrárias

às de Nosso Senhor.» É preciso, pois, humilhar-se e pedir perdão a Deus, quando se conheça ter caído nestas faltas.

Não só não devem levar a mal que as considerem inferiores às outras; mas é preciso, para imitar Nosso Senhor, fugir, como da peste, de tudo o que poderia dar glória e honra, porque permitir os louvores, tendo satisfação que os outros nos façam valer, é seguir o espírito da carne, numa palavra, é uma máxima diabólica. São chamadas a seguir Nosso Senhor, e por isso devem afastar-se de tudo o que lhe é contrário, amar só o que Nosso Senhor ama, e louvar tudo o que Ele louva. Fixem bem isto: Nunca se deve louvar o que o mundo louva. Sendo o que esta regra nos ensina, devem retê-la, bem como todas as outras; porque, vêde, minhas Irmãs, o vosso principal fim é bem compreender as vossas regras.

Como são felizes pela obrigação em que estão de odiar o mundo! Mas de que maneira o devem odiar? Como Nosso Senhor! Ele diz que não ora pelo mundo: *non pro mundo rogo*; eu não oro pelo mundo, (S. João 17,9). Compreendi bem isto, minhas Irmãs. Quando digo que Nosso Senhor não ora pelo mundo, não falo de todas as pessoas que estão no mundo, porque nele há gente de bem; mas refiro-me às que vivem segundo as máximas do mundo, como são as que vou indicar. Vêde a grande aversão que o Filho de Deus tinha ao mundo: disse que não ora por ele, e ora pelos que o fazem morrer! O que faz ver que tinha mais horror ao mundo do que àqueles que o crucificaram, pois disse não querer orar pelo mundo, e fê-lo pelos seus inimigos.

A continuação desta regra contém que elas abraçarão as máximas de Jesus Cristo, de modo que, minhas queridas Irmãs, não basta repelir e detestar as máximas do mundo; é preciso, além disso, abraçar as de Jesus Cristo, que são todas contrarias às do mundo.

Bem-aventurados os pobres de espírito, porque deles é o reino dos Céus (S. Mateus 5,3); eis quem combate o desejo dos bens e das honras.

Bem-aventurados os mansos, porque possuirão a terra.

Bem-aventurados os que choram; isto é, Nosso Senhor chama Bem-aventurados os que gemem e sofrem; e o mundo faz o contrário. Minhas Irmãs, é preciso dar-vos a Deus para entrar nesta prática; e desde este momento, façam um acto de desejo de virem a ser virtuosas.

Bem-aventurados os misericordiosos que se dedicam a aliviar os pobres nas suas misérias.

Bem-aventurados os puros e modestos de coração. Ó minhas

Filhas, a pureza de coração agrada tanto a Nosso Senhor que lhe promete nada menos do que ver a Deus.

Bem-aventurados os pacíficos, isto é, os que acalmam as perturbações, que não querem contestações. Estes são chamados Filhos de Deus, porque se tornam semelhantes a Seu Filho, que é um Deus de paz e desceu do céu à terra para trazer a paz. Eis porque é Bem-aventurada uma Irmã que se esforça por levar a paz a toda a parte e por conservá-la em si mesma.

Bem-aventurados os perseguidos. É uma Irmã virtuosa que quer ser obediente aos Superiores e seguir as suas ordens exactamente; há as que não queriam fazer coisa alguma contra a vontade dos seus Superiores, nem mesmo ter um pensamento contra a sua intenção, se fosse possível. Se, por isso, censuram esta Irmã, porque não foi como as outras, que não vêm de tão perto; se, por causa da sua submissão, falam mal dela, se a desprezam, como essa Irmã é feliz! Sofre, na verdade, mas é pela justiça; e assim, segundo esta máxima, é Bem-aventurada.

Eis, minhas Irmãs, as máximas do Filho de Deus e as que Ele mais vezes praticou e ensinou, quando estava no mundo. Devem, pois, abraçá-las ardentemente, visto ser vosso dever amar o que Nosso Senhor ama, e odiar o que Ele odeia.

Diz ainda esta regra: «Abraçarão as máximas de Jesus entre outras as que recomendam a mortificação, tanto interior como exterior, o desprezo de si mesmas e das coisas da terra, preferindo os empregos humildes e que repugnam às inclinações da natureza, aos honrosos e agradáveis, tomando sempre o último lugar e o que as outras rejeitam.»

Minhas Irmãs, é necessária a mortificação, sem a qual não podem seguir as máximas do Filho de Deus, sobretudo a interior. Nosso Senhor veio ensinar-nos estas duas espécies de mortificação: a interior, sofrendo na Sua alma que os homens comessem pecados contra Seu Pai; a exterior suportando enormes tormentos em todo o Seu Corpo. É preciso, pois, fazer disto um estado e viver numa contínua mortificação.

A exterior consiste também em não olhar para o que agrada, quando a curiosidade leva a isso; em andar com a vista baixa, sem parar para ver o que se passa nos lugares onde vão. Disto não tenho motivo de queixa. Até agora edifiquei-me muito com a modéstia que guardam nas ruas. Mas é preciso continuar, minhas Filhas.

É necessário mortificar os olhos e os ouvidos, que se comprazem em ouvir cantos, músicas, elogios que nos dão, notícias, o canto dos passarinhos. Os ouvidos encontram prazer nestas

coisas; mas é preciso mortificar-se e fugir delas em vez de as procurar.

O paladar procura sempre satisfação no beber e no comer, deseja as carnes bem preparadas e delicadas. É necessário mortificá-lo, repelindo tudo isto, preferindo as carnes grosseiras às que estão bem temperadas.

Depois disto temos o tacto. Sente-se prazer, por vezes, em tocar as mãos das outras, mesmo em deixar-se tocar pelos homens. Minhas Irmãs, é preciso mortificar isto e ter-lhe horror. Quando se vê que alguém o faz, não o suportem nunca, sobretudo dos homens. Se tivéssem a mão carvões ardentes, seria necessário lançar-lhos para lhes mostrar que não devem ser atrevidos.

É o que devem fazer quanto à exterior. Mas não é suficiente; é necessária a interior, que consiste em mortificar as faculdades da alma,

O entendimento é levado a querer saber todas as coisas curiosas, a informar-se do que não é necessário. É grande mal a curiosidade! É necessário mortificá-la, porque não é preciso saber tanto. Segundo diz S. Paulo a ciência dá vaidade e só a caridade é que edifica. (I Cor. 8,1).

A memória sente-se tão satisfeita em lembrar os prazeres que se tiveram outróra nas famílias de onde se saiu, em se recordar dos pais, das suas carícias, do bom trato que deles se recebeu e dos pedidos de casamento! Ah! Minhas Irmãs, é preciso mortificar tudo isto e não parar no que se deixou; nunca suportem que a memória tome prazer nestes pensamentos.

A vontade tende a amar o que lhe agrada e a repelir as coisas que lhe são penosas.

Enfim, minhas Irmãs, devem prestar grande atenção à mortificação interior e exterior. Quanto à vista, como vo-lo disse já, não me posso queixar; e, assim como censuro o vício, só posso louvar a virtude. É preciso, pois, mortificar-nos em tudo o que nos deleita: no olfacto, no paladar, no tacto, numa palavra em todos os sentidos e sentir-se satisfeitas com as coisas grosseiras, tanto nos hábitos e roupas, como nos viveres. Nunca fujam destas coisas. Para serem boas Filhas da Caridade, amem a pobreza e a vileza, porque a máxima de Jesus Cristo foi escolher o pior, desprezar-se a si mesmo, até dizer que era como um júmento, que era um verme da terra e o opróbro dos homens, tanto ele tinha pouca estima de Si mesmo. Foi isto, que o levou a morrer pelos homens, preferindo assim a sua salvação à própria vida, de modo que, se houvesse uma só alma, teria dado na mesma a Sua vida para a salvar.

Minhas Irmãs, entremos neste sentimento e peçamos muitas vezes a Deus que nos dê o desprezo próprio, de forma que estejamos satisfeitos por ser tidos como pobres miseráveis, que amemos tudo o que leva a esse desprezo e que tomemos sempre o pior se nos fosse permitido escolher: o vestido mais feio, o pior peitilho, a camisa mais grosseira, numa palavra, que corramos para o que há de mais vil e que desejemos que isto nos suceda, visto ser esta a máxima de Nosso Senhor, que sempre desprezou as coisas da terra. Ó minhas Filhas, sois chamadas à vida que Ele levou; devem, pois, fazer como Ele. Que consolação tem uma alma se trabalhar segundo as máximas do Filho de Deus!

Uma boa pessoa que vi hoje na Madalena, vindo de Santa Maria, disse-me, falando da estima que faz do serviço prestado a estas pobres almas convertidas: «Se as minhas Irmãs <sup>(1)</sup> soubessem o prazer que há em fazer o bem e que consolação se sente em prestar serviço a Nosso Senhor nestas pobres meninas penitentes, todas desejaríam ir para lá.» Vêde, minhas Irmãs, terão mais consolação e prazer na mortificação, em escolher o pior e guardar o melhor para as companheiras, que se tivessem recebido todas as satisfações que a natureza pede, quando seguimos as nossas inclinações, porque é seguir as máximas de Jesus Cristo que sempre escolheu o pior, até querer morrer num patíbulo, que é a morte mais dolorosa e ignominiosa que se pode sofrer.

Se o pensamento de ser Superiora lhes vier ao espírito, minhas Irmãs, rejeitem-o; é o demónio que quer perder-vos dando o desejo de chegar a um officio para serem estimadas e consideradas mais que as outras. É a máxima do mundo; e desde o momento que notem ter o espírito a ocupar-se disso e a julgarem felizes as que são Superiores, ah! Nessa mesma hora exorcizem esse demónio, condenem esse monstro e digam: «Ó meu Deus, é bem melhor para a minha salvação estar na categoria das últimas do que na que me parece ser mais elevada; o último lugar é ainda muito honroso para mim.»

Se fizerem assim, minhas queridas Irmãs, guardando sempre o melhor para as vossas Irmãs, seguis as máximas de Jesus Cristo; e se fizerem o contrário, seguirão as do demónio, que faz guardar o melhor para si. Nosso Senhor, pelo contrário, prometeu e deu toda a espécie de bens aos homens e escolheu toda a espécie de penas e de maldições para Ele. Vêde qual devem seguir.

Que dizem, minhas Irmãs? Não lhes parece razoável obedecer e guardar esta regra que ensina a fugir das máximas do mundo e a abraçar as de Nosso Senhor?

(1) As Irmãs da Visitação.

— Sim, meu Pai, responderam as Irmãs.

— Estão dispostas a seguir as máximas de Nosso Senhor? Tendo respondido afirmativamente, o Senhor Padre Vicente disse-lhes que deviam pedir essa graça a Nosso Senhor Jesus Cristo. Peço-Lhe, por intercessão da Santíssima Virgem, que a conceda à pequena Companhia.

*Benedictio Dei Patris...*

## 73 — CONFERÊNCIA DE 6 DE JUNHO DE 1656

### SOBRE A INDIFERENÇA

*(Regras comuns, art. 5.)*

Minhas Irmãs, o assunto desta conferência é sobre o quinto artigo das regras, que diz respeito aos apegos.

Primeiro ponto: as razões que temos de bem guardar esta regra; segundo: as faltas que se podem cometer contra esta regra; terceiro ponto: os meios que se devem empregar para acabar com esses apegos e evitá-los.

Eis o assunto da nossa conferência, minhas Filhas. Porque é uma regra que convém explicar, e como já é tarde, não interrogarei nenhuma. Creio ser melhor proceder desta forma.

A regra pois sobre a indiferença diz: «Não terão apego a coisa alguma criada, principalmente a lugares, enpregos ou pessoas, nem ainda a seus parentes ou confessores, estando sempre dispostas a deixar tudo quando a obediência lhos mandar, considerando que Nosso Senhor disse que não somos dignos d'Ele se não deixarmos pai, mãe, irmãos e se não renunciarmos a nós mesmas e a todas as coisas deste mundo para O seguir.»

É tão importante para as Filhas da Caridade esta Regra que não conheço nenhuma casa religiosa com tanta necessidade como vós de praticar o que ela contém; é mais necessário ainda por se tratar de pessoas do vosso sexo. O desprendimento da família, das obras e geralmente de todas as coisas, é de tal forma indispensável que, sem isto, não é possível o cumprimento dos deveres da vossa vocação. Não é que os religiosos e religiosas não sejam obrigados a este desprendimento; mas as Filhas da Caridade são-no tanto mais quanto é certo a sua vida ser semelhante à dos apóstolos, que nada tinham de seu, nem lar, nem morada, nem lugar fixo; mas iam para toda a parte onde o espírito de Deus os enviava; e vemos que S. Pedro lhes ordenava que fossem

por todo o mundo: Europa, Ásia, África e em geral a todas as províncias. Minhas queridas Irmãs, a Regra diz que a boa Irmã da Caridade e o bom missionário tem de viver esta geral indiferença. Devemos trabalhar nisso para estarmos só apegados a Deus, a fim de que, desprendidos das criaturas, o nosso coração só suspire por Ele e seja dócil em seguir tudo o que Deus pede de nós, para seguir a toda a parte onde, pelos nossos Superiores, nos enviar. Ah! Nada deve haver que nos prenda, visto Nosso Senhor nos dizer por esta Regra, tirada do seu Evangelho, que, se não renunciarmos a pai, mãe, irmãos e irmãs, não somos dignos d'Ele. Considerai a importância deste desprendimento, pois, a não ser assim, não sereis dignas de Nosso Senhor.

Para que possam compreender melhor este artigo, minhas caríssimas Irmãs, dividi-o em três pontos. Primeiro: Nosso Senhor mesmo nos recomenda o que está contido neste ponto da regra, proibindo expressamente o apego às criaturas. Segundo: é indispensável este desprendimento para bem guardar esta regra. Sim, minhas Irmãs, logo que alguma sinta afeição por qualquer coisa, procure fazê-lo desaparecer o mais cedo possível, ou por si mesma, ou pelos Superiores, descobrindo-lhes o que sabe ser a causa deste apego. Portanto, a primeira coisa consiste em não ter apego algum, e a segunda em desprender-se, se houver algum affecto, com o auxílio dos Superiores e de si mesma. Porque, minhas Irmãs, Deus fala-nos muitas vezes ao coração; temos apenas de estar atentos à Sua voz, que nos previne, e nos faz conhecer o objecto do nosso apego. Não é verdade que Ele nos faz compreender bem isso? Logo que uma Irmã se aperceba do muito affecto que dedica à família, ou a uma Irmã, ou a qualquer outra coisa, deve, o mais cedo possível, e sem nenhuma demora, descobri-lo aos Superiores; e se não tiver oportunidade nesse mesmo dia, que venha logo no dia seguinte. E porque a nossa miséria é tão grande, porque o amor próprio nos cega, e porque a estima que temos de nós mesmos não nos permite reconhecer os nossos apegos, é de toda a utilidade perguntar ao director se não há em nós qualquer apego, ou à Superiora e até mesmo a uma Irmã que veja ser muito virtuosa. Eis o que é necessário fazer para destruir o apego que possa existir.

No terceiro ponto: A autoridade de Nosso Senhor que ordena o desprendimento das criaturas e ensina que se deve deixar pai, mãe, irmãos e irmãs para sermos dignos d'Ele. E porque talvez não comprehendam o que quer dizer apego, tenho de vo-lo explicar e expor as razões que temos de fugir dele, com o auxílio de Nosso Senhor.

O apego não é outra coisa, minhas Irmãs, senão um affecto.

desordenado o tudo a que não é Deus; porque, rigorosamente falando, apego significa um contínuo affecto do coração a qualquer criatura, que faz que recusemos a Deus o amor que Lhe é devido e que nos faz desviar de Deus o que voluntariamente Lhe foi prometido. Somos muito miseráveis ao darmos o nosso affecto às criaturas, depois da nossa doação a Deus! Ao entrarem na Companhia, Deus concedeu-lhes ao mesmo tempo a graça de as tirar do mundo, dessa massa corrompida. Para que? A fim de serem Suas esposas e as colocar numa Companhia com a qual tem tanto cuidado. É pois uma grande infidelidade apegar-se ao que nem merece ser visto por nós.

Há duas espécies de apegos: um pelo que temos e outro pelo que desejamos. O primeiro é quando uma Irmã tem apego a um hábito feito de tal forma, por um peitilho ou pelos sapatos que tem, porque são feitos à moda; gosta de ter uma bela cabeleira e que se veja. Tudo isto é apego e contrário ao que Nosso Senhor quer de nós. Minhas Irmãs, ter apego a ninharias, a bagatelas, a uma estampa, não será isto deplorável?

A outra espécie de apego é o desejo de ter o que se não possui, como o desejo de um tal lugar, de uma tal coisa, o desejo de ir com uma tal Irmã, porque o seu feitio agrada ao nosso, de ir para uma tal paróquia, ter um tal confessor. Eis o apego por todas estas coisas. Não as temos ainda, mas desejamos possuí-las, e, o que é pior ainda, é que fazemos tudo o que podemos para o conseguir. Ora, este amor de possuir o que se não tem, é um apego. Entrem, pois, em si mesmas e digam: «Não tenho eu algum apego ao que tenho a meu uso, ou ao que não possuo? A uma Irmã, a um livro, a uma estampa, ou a qualquer outra coisa?» Examinem e vejam se não tendes algum affecto desregrado a qualquer das coisas que acabamos de falar. Se assim for, detestai-a: «Ó meu Deus, eis-me caída nesta armadilha! Meu Salvador, ajudai-me a sair dela.» Fixai isto bem, minhas queridas Irmãs, o apego é um affecto ao que se tem e um desejo de possuir o que se não possui.

Dissemos que o apego é um affecto a alguma criatura que se não ama por amor de Deus, mas por qualquer outro motivo. Ora, nunca devemos ter amor por outrem senão por Deus; ou, se o tivermos, deve ser por amor de Deus; e não é permitido amar outra coisa senão a Deus, ou por Deus. Se uma Irmã ama a sua Irmã, é preciso que seja pela sua virtude e pelas graças de Deus que estão nela. Do mesmo modo, se um pai ama os seus filhos, se lhes procura o bem, é necessário que o faça por amor de Deus, que lhes deu e quer que ele os ame. Mas se amar esta Irmã porque é da sua terra, se amar aquela, enquanto segue as

suas inclinações, oh! este apego é mau e perigoso, e é preciso acautelarem-se, seja no que se refere aos presentes, como aos que possam vir, a fim de nunca se amar senão a Deus, ou por amor de Deus.

Ó minhas queridas Irmãs, como é belo só ter affecto a Deus, estar livre e desprendido das criaturas! Minhas filhas, se Nosso Senhor conceder a graça de viverem esta prática, o céu o admirará com prazer. Como serão agradáveis a Deus, que Se compraz em ver uma alma que só O ama a Ele! Como não olhará para uma Companhia que Ele mesmo fez, se a vir cheia do desejo de se torrar agradável aos olhos da Sua Divina Magestade e de se desprender de tudo por seu amor. Ah! Isto fá-lo-á derramar as Suas graças sobre todas as que têm essa disposição e que por tal estão no seu agrado.

Dissemos, minhas Irmãs, que este affecto pelas criaturas é desregrado, e nisso consiste a infracção a esta regra. Infrigi-la é ter affecto a qualquer coisa que não se deve ter nem desejar, sobretudo quando este sentimento impede não só a fidelidade às regras, mas também à submissão ao que os Superiores ordenam, ou à sua intenção; porque é principalmente à intenção que é preciso tomar sentido. É isto *apego*.

Como! Afeiçoarmo-nos a uma criatura que pode ser viciosa, poderá impedir seguir a vontade de Deus, que nos é indicada pelos nossos Superiores? Ah! Minhas Irmãs, o que! Preferir uma miserável satisfação à vontade de Deus! Por exemplo, eis uma Irmã a quem a Superiora diz que faça qualquer coisa; ou então sabe que a sua intenção é que seja feita assim; e, porque esta Irmã está apegada à sua própria satisfação ou juízo, não o faz; ou se o faz, é com dificuldade. Eis um mau apego.

Dissémos também que deve ser contínuo para ser verdadeiro apego; é preciso que seja uma afeição que continue; porque há diferença entre uma que passe em pouco tempo, e outra que dure. Uma Irmã que encontra dificuldade em deixar qualquer coisa mostra que está apegada. Se fizer o que pode para se desprender disso e disser: «Que farei eu? Estou presa a este affecto desordenado, tenho que o deixar». Minhas Irmãs, quando se procede assim, não é apego; só, se continuasse, era verdadeiro apego; é preciso, além disso, que esta Irmã compreenda o que faz, se tem apego a esta ou àquela coisa, e que, reconhecendo-o, continua, não obstante os avisos, que recebeu para se corrigir. Oh! Nesse caso pode-se dizer que há apego. Mas, desde o momento que uma Filha da Caridade tem esse sentimento, deve dizê-lo ao confessor; e se não puder no mesmo dia, deve tomar a resolução de ir na primeira oportunidade, dizer à Senhora Le Gras ou ao

Senhor Padre Portail, ou ainda a qualquer outra Irmã que se sabe ser muito virtuosa; ou, se me encontrar, pode dizer-me: «Penso, Senhor Padre, ser obrigada a dizer que me parece ter apego a uma tal Irmã, a tal lugar, ou a outra coisa; peço-lhe que me diga o que devo fazer sobre este assunto». Se aquele a quem se dirigir lhe perguntar desde há quanto tempo sente esta afeição, dir-lhe-á ingenuamente: «Há tanto tempo». Se lhe perguntar ainda o que fez para a fazer desaparecer, responderá: «Fiz isto ou aquilo, mas sinto sempre inquietação». Então, conhecendo que é um affecto excessivo, lhe dirá que tem de o fazer desaparecer. E assim, minhas queridas Irmãs, dar-lhe-á o meio de se libertar disso.

Logo pois que uma Irmã se aperceba de algum apego, deve dizê-lo; e as que estão longe podem comunicá-lo à Irmã Servente. Ó minhas Filhas, desejo que tenham entre vós a prática de uma pessoa que vi no mundo. Vi uma senhora que, assim que sentia muita afeição a seu marido ou a seus filhos, dizia ao seu confessor: «Senhor Padre, sinto demasiado apreço à minha família; e quanto ao meu marido, estou muito inquieta pela sua ausência; o que devo fazer?» Minhas Irmãs, será necessário que pessoas cujo estado não requiere tanta perfeição como o vosso, tenham esta fidelidade, e que uma Filha da Caridade tenha um affecto desregado ou à sua família ou ao seu confessor ou a qualquer coisa que seja, sem o dizer aos seus Superiores! É necessário manifestar-se para pedir conselho sobre o que deve fazer. É um dom do Espírito Santo que se dá principalmente neste tempo. Devem pedí-lo a Deus para vós e para aqueles que vos dirigem.

Mas, Senhor Padre, direis falai-nos de apegos; porque chama apego à afeição que se tem a uma coisa? — Como compreenderemos tudo isto, minhas Irmãs? Na Sagrada Escritura, compara-se esse sentimento a uma cilada, a uma rêde. Se o Espírito Santo compara, na Sagrada Escritura, o apego a qualquer coisa a uma armadilha, a rêdes e a um laço, daí podemos compreender o que é um mau apego. É, pois, um laço que liga os que se deixam prender; de modo que o pecador é ligado pelo pecado e torna-se escravo do pecado. Sim, o pecado é um laço; e o que se diz do pecado, pode-se dizer de um affecto desordenado, porque liga os que são atingidos por ele e torna-os escravos e miseráveis.

Senhor Padre, dirão ainda, como se compreende isso? Diz que apego é um laço que liga e do qual nos podemos desprender; mostrai-nos como se faz.

Minhas queridas Irmãs, para melhor compreender o que é o apego, imaginem um homem preso a uma árvore por uma corda, com pés e mãos ligados com cadeias, as cordas bem atadas e as

cadeias bem soldadas. O que fará ele? Ei-lo escravo ; porque, primeiramente, este pobre homem não pode sair dali por si só, se alguém não partir as suas cadeias e não o ajudar. Segundo, não pode ir à procura de sustento para a sua pobre vida, de modo que morrerá de fome, se não lhe levarem comida ; e é a sua terceira infelicidade. Quarto, se o deixarem assim durante a noite, está em perigo de ser devorado pelas feras, das quais não poderá defender-se. São quatro coisas que encontram respeitantes a este homem acorrentado, e que o tornam miserável.

Do mesmo modo, considerem, minhas caríssimas Irmãs, que uma Irmã apegada a qualquer coisa que seja, é como este pobre homem. Não pode desprender-se sózinha, se estiver bem ligada e amarrada ; isto é, se estiver muito apegada é-lhe impossível desprender-se, se não for ajudada por alguém. Que fará pois uma Irmã que se encontra neste estado ? A quem recorrerá ela ? Ei-la presa. O affecto a um hábito, a um toucado, a punhos que sobressaíam um pouco, para que os vejam, mantêm-na bem apegada, que lhe será impossível desfazer-se disso. Causa-lhe pesar ; não tem nada mais no seu espírito senão o seu apego, e de dia e de noite pensa nisso. Não é verdade o que digo ? Não sentem bem em vós mesmas a experiência desta verdade ? Oh ! Creio que sabem quanto é difícil desfazer-se de um apego a qualquer coisa. Confessar-vos-eis disso com o desejo de o deixar ; mas é bem para temer que depois da confissão succeda o mesmo como anteriormente.

Dissémos que esse pobre homem, assim preso, não pode alimentar-se e morre de fome se não lhe trouxerem comida. Assim, a Irmã que tem algum apego, não vai procurar o que a poderia por em liberdade e dar a vida à sua alma. Não dirá que tem tal affecto desordenado. Sabem bem agora o que é pouco mais ou menos ter apegos. Por exemplo, ter apego a deixar a sua vocação. Esta pobre Irmã está toda occupada com este affecto ; medita continuamente isto no seu espírito ; não tem descanso ; está sempre inquieta e na dúvida : « Farei ou não farei ? » É um grande tormento para esta pobre criatura e nunca poderá libertar-se, se alguém não se intrometer, ou o seu director, ou a sua Superiora, porque está ligada e presa.

Enfim o pobre homem de que falámos, corre o risco de que as feras o comam. Se o não retirarem dali, ao anoitecer, o lobo ou qualquer outra fera o devorará. É justamente o que succederá a uma pobre Irmã afastada do rebanho. Separa-se dos seus Superiores, despreza os seus avisos ; o coração está preso às suas próprias satisfações. Está fora da Comunidade, visto não seguir as suas práticas. Esta Irmã vive em perigo de que o espírito ma-

ligno a faça sair da Companhia. E porque? Porque o lobo a encontrou fora do rebanho; só lá estava de corpo e não de espírito, a esperar a ocasião; e no momento oportuno o demónio fê-la vacilar; e assim fica em perigo de ser devorada no mundo. Quantas vimos que depois de ter saído, não sabiam o que fazer, pela grande dificuldade que há de se salvarem no mundo! Ó minhas Irmãs. Será possível que um apego leve uma Irmã a sair de uma Companhia que até agora foi de tão grande consolação e edificação para todas! Porque até agora podemos falar, pela misericórdia de Deus!

É necessário que saibam que há três espécies de apegos ao mal: à vaidade, à affectação e à estima. Quando uma Irmã chega a este ponto, que se apraz em ser estimada do mundo, é vaidade. Ter apego em fazer o hábito da maneira que lhe agrada, ter um peitilho bem posto, bem arranjado, querer os cabelos a verem-se um pouco, eis um mau apego.

Há ainda o apego à sua maneira de ver. Como é desregrada tal maneira de ser! Quando nos detemos no que se imagina ser bem segundo o nosso parecer e que desprezamos as opiniões de outros, é uma triste coisa.

Além disso, uma Irmã que pretende reservar alguma coisa para o futuro, poderá pensar assim pouco mais ou menos: «Sei acaso o que sucederá dentro de dez anos? É preciso que junte algum dinheiro. «Oh! Se houvesse alguma tão desprezível que assim procedesse, roubaria os pobres ainda que se tratasse do dinheiro que lhe tivesse sido dado para viver. Sim, minhas Irmãs, é roubar os pobres o reservar-se alguma coisa, porque aqueles que o deram, apenas o fizeram com a intenção de que seria empregado na manutenção das Servas dos Pobres, e todo o bem que pertence à Companhia é destinado às boas Irmãs que servem bem os pobres, de modo que tirar seja o que for, é roubá-los. Ora tais apegos, como acabamos de falar, são viciosos, é necessário fugir deles a valer. Mas creio que não há nenhum desta última espécie na pequena Companhia: e se houvesse alguma Irmã culpada desta falta, seria por falta de confiança na Providência de Deus que sempre governou a Companhia até agora.

Minhas Irmãs, a Providência de Deus, que sempre conduziu a Companhia, é admirável para com as Filhas da Caridade. Quem dá os meios de nos mantermos, e quem inspirou à Rainha que fizesse o bem que tem feito, senão essa mesma Providência? Seria uma grande infidelidade, uma Irmã que, para própria satisfação, se reservasse alguma coisa e lhe tivesse apego. Espero da Bondade de Deus que não exista nenhuma assim entre vós.

Se, por infelicidade, houvesse alguma com estes affectos viciosos,

não estará muito longe de fazer como Judas, que, por infeliz apego que tinha ao dinheiro, chegou ao ponto de vender o seu Deus. É grande infelicidade estar apegado ao mal! Não nos poderíamos desfazer dele. Este miserável guardava a bolsa da despesa de Nosso Senhor e dos Apóstolos, que lhe tinha sido confiada. E, o apego ao dinheiro, levou-o a entregar o Seu Bom Mestre e a ser um deicida. Ó meu Salvador! É a última infelicidade em que o precipitou esse mau sentimento. Assim, quando se vê uma Irmã ter estas espécies de apegos, é mau sinal, porque foi motivo da condenação de Judas.

Outros apegos há que não são pecado mortal, como por exemplo, desejar ter tal hábito, tal peitilho, preferir a companhia duma Irmã a outra. Não é um mal tão grande como os outros que dissemos. Mas devem no entanto fugir do apego a estas coisas indiferentes, apesar de não serem pecado mortal, se quiserem chegar à santidade que a vossa vocação requer. Se houvesse alguma que tenha apego a um officio, que queira ser Irmã Servente, é a tentação mais horrível que uma Irmã pode ter, a qual só pode vir do demónio, que de anjo se tornou no que é, por ter querido elevar-se. Como o desejo de ser Superiora é perigoso! O apego a tais coisas, minhas queridas Irmãs, é mais horrível do que o inferno; porque, como neste lugar há uma contínua desordem, assim as pessoas apegadas a qualquer coisa são causa da grande desordem numa Companhia.

Alguns há que, por um nada, em que puseram todo o seu affecto, se o perderem ou o deixarem, quase perdem o juízo. Vi uma mulher tão afeiçoada ao cão, que ficou quase inconsolável quando ele morreu. Encontrava me em viagem com ela, e, considerando-a, via-a triste e abatida. Não deixava de suspirar durante uns oito ou dez dias. Enfim, tendo-lhe perguntado a causa, disse-me que lhe tinha morrido o cão. É uma estranha loucura! Só tendo perdido o juízo pode haver um apego destes a tal ninharia!

Há pessoas tão interessadas por um vestido feito de tal forma e de tal tecido, que perturbarão toda a Companhia para satisfazer a sua paixão. Outras há sujeitas a afeiçoarem-se desordenadamente a tudo que lhes dá alguma satisfação, como a um gato, a terem chaves, enfim uma quantidade de outras coisas que não merecem atenção da parte seja de quem for, por muito pouco que seja razoável. E quando se fala a estas pessoas em ir para qualquer lugar, ficam tristes e melancólicas e só obedecem com dificuldade. Por que razão não fazem elas com alegria e prontidão o que lhes é ordenado? É porque têm alguma afeição a prendê-las. Minhas queridas Irmãs, são estes os efeitos de um apego demasiado.

Há uma outra espécie ainda e esta diz respeito às coisas espirituais ; por exemplo, ter desejo de jejuar, é uma boa obra, e no entanto, pode haver nisso um apego.

Dirão : «Que diz, Senhor Padre ? Será apego o querer fazer bem? Não é uma acção boa jejuar ? E diz que isto é um vício ? Sim, minhas Irmãs, é um vício, quando este jejum se faz sem licença dos Superiores e por vontade própria. Ter vontade de jejuar e o próprio jejum, é virtude quanto ao objecto ; mas porque não o fazeis com as condições requeridas, Deus não o aceita. Digo o que Ele mandou dizer outróra aos fariseus, pelo profeta : «Não quero os vossos jejuns, porque é a vontade própria que se encontra nisso e, portanto, não tenho nada a fazer.» Se for por obediência, Deus terá isso por agradável. Mas, do mesmo modo que odeia a vontade própria, tudo o que se faz por ela lhe desagrada, e não recebe, nem mesmo os sacrificios, apesar de muito santos. Uma Irmã que tem a devoção de se confessar ou de comungar mais vezes do que as outras ; procurará o Senhor Padre Portail ou a Senhora Le Gras a fim de lhes pedir licença <sup>(1)</sup>. Não lha concedem e não deixa de seguir a sua inclinação. É um apego, apesar de parecer que é feito por amor de Deus. Minhas queridas Irmãs, o maior sacrificio que podem oferecer a Deus, é o da vontade própria.

Senhor Padre, desejava tomar a disciplina muitas vezes ; sinto nisso tão grande consolação. Está bem, mas só se a obediência vo-lo permitir.

Mas, Senhor Padre, uma peregrinação a Nossa Senhora das Virtudes, aos Mártires, ir de passagem todos os oito dias a Nossa Senhora não será agradável a Deus ?

— Não ! Estas devoções nada valem se não forem feitas por obediência. As peregrinações por si mesmas são boas ; mas sair de propósito do quarto ou de casa para ir a Nossa Senhora ou a outros lugares de devoção, sem a licença dos Superiores, é o que nunca deveu fazer, minhas queridas Irmãs.

Considerai, portanto bem isto. O apego às coisas boas e santas é mau, se não for conforme às ordens dos Superiores. As vossas Regras são bem feitas e é conveniente que saibam a obrigação que há de não terem nenhum apego, vendo como são grandes os males que daí procedem. Ó Salvador ! Não será razoável que nos esforcemos por nos vermos livres destes laços se nos encontrarmos induzidos neles ? Ó minhas Irmãs, um passarinho apanhado na armadilha debate-se de dia e de noite para sair dela, sem nunca se cansar ; e, enquanto viver, não deixará de procurar escapar-se. No entanto cairemos num mau apego sem nos preocuparmos em

---

Ver, sobre este ponto, a nota e observação da pág 249.

sair dele! Isto condenar-nos-á diante de Deus e não teremos desculpa, se não nos servirmos deste exemplo. O quê! Minhas Irmãs, não será uma coisa deplorável ver um pássaro fazer o que pode para sair da sua armadilha e uma Filha da Caridade que se vê apegada a qualquer coisa não fazer nada para se desprender disso! Que dirá a Deus, se a morte a surpreender neste estado? Isto bastará para ser julgada. Oh! Que dor para a alma! Deus dir-lhe-á: «Como! Sois Filha da Caridade e não quisestes fazer coisa alguma para vos desfazerdes de tal coisa! Ide, não vos conheço!» É o que uma Irmã que quer viver nos seus affectos desordenados deve esperar; é o que merece! Como deveis temer os apegos e tomar a resolução, desde este momento, de se desprenderem daqueles que podem ter e evitar aqueles que podem vir!

Enfim, minhas queridas Irmãs, o fim desta regra é lembrar-nos que só se deve amar a Deus ou por Deus.

— Mas, Senhor Padre, dirão as Irmãs, é um mal tão grande estar apegada a um peitinho, aos seus cabelos, a uma camisa ou a qualquer devoção? Que nome dá a este mal?

— Chamo a isto, idolatria. Sim, minhas Irmãs, é preciso compará-lo à idolatria. Eis a razão. Deus quer que O amemos acima de todas as coisas, e nós preferimos a criatura, à qual nos prendemos. É-se idólatra disso mesmo que Lhe preferimos. É uma infelicidade cair na idolatria. É o que fazem quando se prendem às criaturas.

Digo, além disso, que se é adúltero. Minhas Irmãs, considerai isto bem. Entrando na Companhia, escolhestes Nosso Senhor para Esposo, e recebeu-vos por Suas esposas, ou, para melhor dizer, ficastes noivas d'Ele. Ao fim de quatro anos, pouco mais ou menos, entregastes-vos inteiramente a Ele, e isto pelos votos, de modo que sois as Suas Esposas e Ele é o vosso Esposo. E como o casamento não é outra coisa senão uma doação que a mulher faz de si mesma ao marido, assim o casamento espiritual que contraístes com Nosso Senhor não é outra coisa senão uma doação que lhe fizestes de vós mesmas; e Ele de igual modo se deu a vós, porque sempre se dá às almas que se dão por um contrato irrevogável, que nunca se dissolverá. Deste modo, pela graça de Deus, podeis dizer que o vosso Esposo está no céu. Ora, assim como uma mulher séria não olha para outro homem senão o seu marido, ou então seria uma adúltera, assim a Filha da Caridade que tem a honra de ser Esposa do Filho de Deus, e que, no entanto, se apega a qualquer coisa, é uma adúltera, tanto mais que prefere a criatura a Deus. Que pena tem um esposo ao ver a esposa faltar à fidelidade que lhe deve! Minhas Irmãs, não há dor semelhante a esta. Mas também que motivo de aflição para a

miserável passar de esposa ao estado de adúltera, por apego às criaturas!

Eis uma razão para levar ao desprendimento das criaturas. Ó Salvador, que desgosto vos faz qualquer coisa em prejuízo do amor que Vos deve! Ó Minhas Irmãs, que uma esposa de Nosso Senhor, ou noiva, dedique o seu affecto a coisas diferentes do seu esposo, é fazer-lhe uma afronta; e a Sua grande pena é ver esta alma, que lhe é tão querida, ter o coração apegado ao que ama, e preferir, como diz S. Paulo, a criatura ao Criador.

Eis ainda uma razão para não ter nenhum apego; estas palavras são de Nosso Senhor: «Porque onde está o teu tesouro, ali está também o teu coração (S. Mateus 6,21)». Portanto, segundo isto, o vosso hábito, os sapatos que têm o vosso coração preso são o vosso tesouro; pode dizer: «Mas é só a um toucado, a um hábito ou a uma paróquia a que sinto affecto». Não importa! Aquela que está apegada da maneira que acabamos de dizer, tem ali o seu tesouro. Pensa nisso muitas vezes; o seu prazer é estar nesse lugar; não deseja outra coisa senão conservar o que possui, de modo que está ali o seu tesouro e o seu coração está com ele, do qual não sabe desprender-se sem uma graça muito particular. Oh! Como esta pobre Irmã tem absoluta necessidade de auxílio e de pedir socorro, como se grita ao fogo! Sim, é preciso recorrer a Deus a fim de Lhe pedir a Sua assistência; deve dirigir-se aos Superiores e dizer-lhes: «Ajudai-me a desprender deste infeliz apego.» Mas muitas vezes não ousa dizê-lo, porque pensa: «Se, vou dizer que prefiro a nossa Irmã a uma outra, separar-me-ão e não terei esta ou aquela satisfação que me promete; se digo que gosto de ter este hábito, tirar-me-ão do mesmo modo.» Se está tentada contra a sua vocação, custa-lhe declará-lo. A pobre virá a casa; o Espírito Santo dir-lhe-á pelo caminho: «Dize isto à Senhora Le Gras, ao Senhor Padre Portail, ou aquela Irmã, que é muito virtuosa». Chegou a casa, não ousa dizê-lo; está por vezes pronta a falar, e depois não pode resolver-se a isso. É muito difficil deixar esse apego. Procurará ainda confessar-se ao Director e talvez lhe diga alguma coisa que se refira a isso, mas não fica satisfeita com a confissão, nem com o confessor. Pelo contrário, fica mais inquieta do que anteriormente.

E donde provém que depois da recepção do sacramento da penitência não goze da paz e tranquillidade que costuma dar aos que o recebem como deve ser? Oh! Não se admirem disso; tanto mais que Deus não se comunica àqueles que têm apêgos; retira-se deles, como se retira de um corpo morto. Ouviram alguma vez dizer que uma pessoa viva quisesse juntar-se a um cadáver? Nunca, e esperam que Nosso Senhor, que é a própria vida e que

se quer unir a vós por amor, faça sentir a consolação que ordinariamente dá às almas que o recebem bem dispostas! É o que se não pode dar enquanto houver um apego desses. Que união pode haver entre a morte e a vida? E como querem que Deus se lhes comunique se estiverem mortas e presas a uma miserável criatura, que está de tal forma no vosso espírito que vem a ser a preferida à Origem de toda a beleza? Ah! Minhas Irmãs, não se admirem de ver esta Irmã inquieta e perturbada de consciência. Sofre por tudo. Verá uma outra Irmã falar à Senhora Le Gras com abertura de coração, que lhe dirá as suas faltas, mesmo diante das outras; porque as almas boas não se preocupam dizendo as suas imperfeições. A senhora Le Gras perguntará: «Minha Irmã como está?» Essa Irmã responderá: «Estaria bem se estivesse livre deste apego.» Se uma Irmã que se não quer desprender, ou que está tão bem ligada por afeição a qualquer coisa que não tem força para o dizer, ouvir isto que pena não sentirá de não poder fazer assim! Não quero dizer que ela desespere, mas custa-lhe muito; porque a acção da sua Irmã é para ela uma censura de que não procede bem; a consciência acusa-a e diz-lhe: «Porque não és assim?» E ei-la numa tristeza e melancolia estranhas. Não se admirem porque ela não se sinta satisfeita, é Deus que assim o permite.

Virá a uma conferência onde se falará de uma Irmã falecida. Ouvirá que esta Irmã não tinha apegos, ou, se os tivesse tido, tinha-os deixado. Então aumenta a sua pena. Quando uma pobre Irmã ouve dizer de outra o contrário do que sente, é uma verdadeira mortificação. Queria sair dos seus laços; mas a pobre miserável não pode, porque já não é tempo. Resistiu às inspirações que Deus lhe deu tantas vezes; desprezou os avisos dos confessores e Superiores; não se serviu dos exemplos dos outros; enfim, não se despreendeu quando Deus o queria, e já o não poderá quando o quiser.

Lestes o Evangelho das virgens? A mesma coisa que succedeu ás loucas, succede a essa Irmã. Não pensaram em fornecer-se do azeite necessário senão quando já não tinham tempo. Assim, se nos endurecermos no mal, minhas Irmãs, é difficilimo afastar-nos dele. E como, ordinariamente, somos cegos no nosso próprio caso, a pobre Irmã não pensa que seja essa a causa de todo o mal que sofre. Sabe que não tem descanso, nem satisfação; mas não o atribui a este apego.

Enfim, minhas Irmãs, se a Irmã não perde a vocação nessa altura, perdê-la-á na próxima ocasião; porque, sentindo-se assaltada pela tentação, ei-la no desespero por não vencer esse estado. Diz consigo mesma: «Estou perdida; não há salvação para mim;

aqui mais me condeno do que me salvo; tenho de sair e de ir para o mundo.» Para sair das suas redes, a pobre criatura pensa encontrar paz onde só existe perturbação. O mundo está cheio de perigos e de ciladas para a sua salvação. Oh! Está muito enganada! Pensa estar mais descansada quando sair. É esse um estado miserável e digno de compaixão. Quero crer que aquelas que estão assim apegadas fingem estar contentes com os outros e persistem por algum tempo, mas não podem permanecer na Companhia, a qual não suportará membros estragados e corrompidos. É como o mar: por si próprio lança fora os corpos mortos e tudo o que o pode infectar.

E a felicidade daquelas que não têm apego a coisa alguma; estão sempre satisfeitas, não temem coisa alguma e vão de fronte erguida no caminho da virtude; se encontram qualquer dificuldade não perdem a coragem, porque confiam em Deus e dizem: «Deus é o meu tudo; Deus é o meu Criador e toda a minha esperança; não me permitirá mal superior ao que posso suportar.» Feliz a alma que não ama senão a Deus.

Senhor Padre, dirá alguma, é um grande mal que acaba de nos mostrar. Se há aqui alguma que tenha apegos, ei-la descritas com cores que metem medo. Mas qual é o meio para não se cair neste estado, ou para sair dele quando se caiu?

O primeiro meio é pensar muitas vezes na disformidade e fealdade do estado miserável a que conduzem os apegos; pensar frequentemente que é deplorável preferir a criatura ao Criador; fazer a sua oração sobre o assunto desde amanhã a fim de considerar bem o horror que se deve ter a todo o affecto desregrado.

Um outro meio, é examinar neste mesmo momento se não há qualquer afeição desordenada. Meu Deus! Não estarei eu demasiado presa à minha família, a uma Irmã? E à paróquia onde estou, ou a outra coisa? E se conhecerem estar apegadas a alguma destas coisas ou a outras, recorram imediatamente ao remédio e digam: «Ó Salvador, ajudai-me a sair deste miserável estado.» É o que se deve fazer, minhas queridas Irmãs: desde esta hora tomam a resolução de trabalhar em destruírem este sentimento, e depois, com os bons conselhos que receberem ficareis livres destes apegos. Mas, lembrem-se sobretudo de examinarem se têm algum apego, e façam como um bom fidalgo de vida tão santa, que Sua Excelência Rev.<sup>ma</sup>; o Senhor Arcebispo de Lião lhe permitiu ter o Santíssimo Sacramento em sua casa. (1)

Um dia, viajava a cavallo e meditava, como de costume. Começou a examinar-se para verificar se não estava apegado a

---

(1) — O Conde de Rougemont.

qualquer coisa. Fez pois a sua oração sobre isso, como ele próprio me contou, e perguntou: «Amo eu o meu Deus, ou qualquer outra coisa (porque, minhas Irmãs, há apegos espirituais)? Não tenho eu apego ao meu castelo? Não! Mas, se o fogo o destruísse todo, não teria eu pena? Não receio! Se Deus permitisse isso, conformar-me-ia com Sua Santa Vontade, com o pensamento de que Nosso Senhor não tinha nem castelo nem casa própria. E ao meu chapéu que me preserva do sol e da chuva, não terei demasiado affecto? Não será excessiva a minha amizade à Senhora Condessa, ou a qualquer outra criatura? E aos meus bens e rendimentos?»

Depois destas interrogações, reconheceu que todas estas coisas nada o impressionavam. Coube enfim a vez à sua espada; pensando no serviço que lhe tinha prestado em várias ocasiões perigosas, sentiu amor por ela e que lhe seria difícil desfazer-se dela; porque a natureza dizia: «Como! Uma espada que tantas vezes te salvou a vida! Deves guardá-la». Eis o que lhe sugeria o apego: «Acautela-te! Não te desfaças dela. Que farias tu se fosses surpreendido e atacado sem ter com que te defenderes?» Enquanto dava voltas a isto no seu espírito, o bom anjo inspirou-lhe este pensamento: «Pois bem! Confias mais na tua espada do que em Deus? Quem é que te deu o meio de te livrares dos precipícios por onde passavas? Não foi o cuidado que Deus tem contigo? E tu attribuis isso à tua espada!»

Minhas Irmãs, o remorso de consciência apoderou-se dele e fê-lo entrar em si mesmo e dizer: «Oh! Miserável que tu és! Em que pensas tu, tu que tantas vezes sentistes o cuidado do teu Criador contigo. Meu Deus! Perdoai-me a minha infidelidade.» E, no mesmo instante, desceu do cavalo e partiu a espada contra uma pedra, para não ter apego nenhum. Reconheceu logo a vantagem que têm as almas generosas em desfazerem-se do que desagrada a Deus; porque sentiu na alma uma tão grande consolação, no mesmo instante em que quebrou a espada, que nunca tinha sentido nenhuma igual.

É assim que Deus procede quando as pessas são fiéis em seguir as suas inspirações, como este bom fidalgo que só tinha apego à sua espada, mas logo que o reconheceu, a destruiu. Ah! Minhas queridas Irmãs, se desejam ter parte nas consolações do Vosso Esposo é necessário, desde este momento, tomarem a resolução de se desprenderem de tudo a que sentem apego, e digam-no aos Superiores. Esta noite mesma ide ter com a Senhora Le Gras e digam-lhe: «Senhora Le Gras, parece-me ter muita afeição a tal ou tal coisa; que é preciso fazer para acabar com este apego?» Sim, minhas Irmãs, devem todas tomar esta resolução de não estarem, no futuro, apegadas a outra coisa senão a Deus, como,

pela Sua Misericórdia, eu o faço comigo mesmo. Ah! Miserável! Tenho grande motivo para temer estar no estado que acabo de indicar.

Um outro meio, minhas queridas Irmãs, já o dissemos. Estou apegada a um confessor, a uma senhora ou a qualquer outra coisa; é preciso, no mesmo instante em que conheçam isso, ir aos Superiores, descobrir-lhes o vosso interior e dizer-lhes: «Sinto muita afeição a determinada pessoa e esta também a mim: bem sinto que me custa separarem-me da minha Irmã; no entanto, não deixe de fazer o que Vos aprouver; tirai, cortai, fazei o que julgardes a propósito para meu bem». Assim devem fazer todas as Filhas da Caridade: ser fiéis em manifestar as dificuldades e tentações aos Superiores. E, para dizer a verdade, é muito difícil dirigir a Companhia sem isso. Portanto se quiserem que a vossa se conserve, devem contribuir para isso, por este meio. Como pensam que se possa aconselhar uma Irmã a desprender-se se ela não disser coisa alguma e se estiver de tal forma presa que não queira fazer coisa alguma nesse sentido! Não é possível retirá-la desse infeliz estado, se não se declarar e não desejar sair dele. Muito mais ainda, nem o próprio Deus pode, se ela não cooperar com a Sua graça, se não a lançar por terra, como S. Paulo; porque não é preciso menos do que isso.

Devem pois descobrir o vosso infeliz apego e tomar a resolução de sair, custe o que custar, desse infeliz estado. As lágrimas, minhas Irmãs, se as choram, devem ser por esse motivo. Não será razoável que uma alma apegada às criaturas sinta amargura? Que motivo de humilhação quando se pensa que cometeu um adultério e uma idolatria tantas vezes quantas se preferiu a criatura ao Criador. É preciso pois servir-se destes meios, minhas queridas Irmãs, e se o fizerem, há motivo para esperar que Deus lhes concederá a graça de deixarem todo o apego. Mas não o podemos, se Deus não nos ajudar. Uma pobre Irmã que, ligada de pés e mãos, como esse pobre homem de quem falámos, nunca poderá libertar-se por si só; necessita da intervenção de Deus. Deixou-se levar pelo affecto e imaginação, que lhe representam algum bem imaginário; a sua vontade está presa a esses sentimentos. Ah! Salvador! Ei-la ligada; não pode sair daí, se não lhe quebrarem as cordas que a prendem. Minhas Irmãs, no primeiro momento em que notam ter algum acto desregrado, recorram a Deus e digam-Lhe: «Senhor, se quiserdes que ame alguma coisa, concedei-me a graça de ser puramente por Vós». Não deixará de nos ajudar, mas devem acautelarem-se para se não deixarem levar por afeições desde o começo, visto ser tão difícil livrarem-se delas.

Dêmo-nos a Deus, minhas queridas Irmãs, para não termos

nenhum apego às criaturas, nem ao que possuímos, nem ao que não temos e que não nos é permitido possuir, para só a Ele desejar.

Pensais que falei por acaso dos apegos desregrados? Não minhas Irmãs, é a vossa Regra que obriga a evitá-los; mas, cumpre-vos dar-vos a Deus desde este momento e dizer: longe daqui todo o apego, longe de mim todo o affecto desregrado! Renuncio a isso, sim, renuncio a isso para sempre, visto pôrem-me na condição das adúlteras e das idólatras. Longe de mim, pois, todo o amor das criaturas! Quero desprender-me delas para mais livremente me unir a meu Esposo, tenho grande confiança em Deus que me ajudará».

E enquanto o Senhor Padre Vicente falava ainda, uma Irmã pediu perdão e disse que reconhecia ter estado neste miserável estado que acabava de descrever, e entregou dois livros que tinha e aos quais estava apegada.

Deus vos abençõe, minha Filha! Diz o Senhor Padre Vicente. Oh! Está muito bem! E' assim que se deve fazer; não entreis somente no espírito de penitência, mas praticai com effeito o que foi dito. Oh! Deus vos abençõe! Peço a Nosso Senhor que vos desprenda, de forma que, a Irmã e eu, nunca tenhamos apego senão a Ele. E da Sua parte, pronunciando as palavras de bênção, pedirei à Sua bondade que nos una a Ele com um laço indissolúvel e tão forte que nada haja capaz de o destruir. É, minhas queridas Irmãs, a graça que peço a Nosso Senhor, que O amemos a a Ele e por Ele.

74 — CONFERÊNCIA DE 23 DE JULHO DE 1656

## SOBRE O AMOR DOS SOFRIMENTOS FÍSICOS E MORAIS

*(Regras Comuns, art. 6)*

Minhas queridas Irmãs, a conferência de hoje diz respeito à explicação das vossas regras. Já vimos o 1.º, 2.º, 3.º, 4.º, e 5.º, artigos, eis o sexto: «Sofrerão de boa vontade e por amor de Deus, contrariedades, contradições, escárneos, calúnias e outras mortificações que lhes podem sobrevir, mesmo por terem procedido bem, segundo o exemplo de Nosso Senhor, que, sendo innocentíssimo, as padeceu ainda maiores por nós, rezando ainda por aqueles que O crucificaram.» Minhas Irmãs, ouvi bem como este artigo das vossas Regras diz respeito às incomodidades, às indisposições, aos sofrimentos, às calúnias e contrariedades que

podem sobrevir ao ajudarem os vossos doentes. E por aí se vê que Nosso Senhor quer que tudo isto seja suportado de bom grado e por amor d'Ele.

Mas, Senhor Padre, quem fará mal às Irmãs que só praticam o bem, que trabalham com todas as suas forças para socorrer os pobres na doença e na própria perfeição? Quem é que lhes poderá fazer mal? Minhas Irmãs, é por isso que é necessário resolver-se a sofrer; por isso mesmo Deus permite que sejamos mortificados. Sim, minhas Irmãs, porque servimos a Deus. Tere-mos aflições; e porque Ele nos ama, trata-nos como Ele próprio foi tratado. Permite que ora se sofra frio ora se esteja mal vestido. Outras vezes, é preciso ir para o campo, onde se encontram muitas dificuldades; é preciso sofrer ora uma calúnia, ora uma injúria. Eis, minhas queridas Irmãs, o que a Providência permite que suceda aos servos de Deus. Os sofrimentos são concedidos às pessoas de bem, porque se tornaram dignas, pela sua virtude e fidelidade, de fazerem bom uso deles. Conheceis o exemplo de Tobias, que era tão caridoso, levantava-se da mesa e deixava a sua refeição para ir enterrar os mortos. A Sagrada Escritura diz que, por isso, Deus encontrou-o digno de ser privado da vista. Como! Um homem que se emprega em acções de caridade, a enterrar os mortos, e Deus priva-o da luz que é tão agradável! Sim, e são as suas obras de misericórdia que o tornaram digno dessa privação. Cumpre, pois, à Filha da Caridade, estar disposta a sofrer e que se dê a Deus para receber de bom grado tudo o que suceder de contrário ao que deseja.

Vamos contra esta regra, se murmuramos contra aqueles que julgamos serem causa das nossas penas, se, ao termos algum descontentamento na nossa vocação, nos queixarmos a uma Irmã e lhe digamos: «Ah! Meu Deus! Somos tão miseráveis nesta Companhia; é preciso fazer isto e aquilo; estou numa paróquia onde há tantas dificuldades! Tenho uma companheira tão desagradável!» Proceder assim, é infringir a regra! Murmurar de que o seu quarto não é do seu gosto, de lhe negarem a licença de irem a qualquer lado, queixarem-se de serem mal recebidas quando aqui vêm, é um grande mal. Porque, minhas Irmãs, se sois filhas de Nosso Senhor, como o deveis ser, visto uma Filha da Caridade ser chamada filha de Nosso Senhor, nunca deveis murmurar. Ele nunca encontrava razão para censurar as ordens de Seu Pai, e nós lamentamo-nos de não sermos bem alimentados, bem alojados! Quando estamos doentes imaginamos que não somos bem tratados!...

As Irmãs que estão assim estão muito longe de Nosso Senhor, e infringem esta Regra pela qual todo o cristão, e particular-

mente as Filhas da Caridade, são exortados a nunca murmurar do que Deus lhes envia, e a receber todas as coisas como vindas da Sua parte ; porque nada succede senão por Sua ordem ou permissão. Como nos viria uma dificuldade senão por ordem de Deus, visto que nem um cabelo cai da nossa cabeça sem que Ele o permita, assim, quando uma Irmã desgosta a companheira ; quando uma Superiora ou Irmã de officio não concedem o que lhes pedem, é preciso não considerarem isso como vindo delas, mas como permitido por Deus para nos fazer merecer e nos pôr num estado mais perfeito pela paciência em suportar isso !

A paciência é a virtude dos perfeitos. Minhas Irmãs, que consolação temos quando soffremos alguma coisa por amor de Deus e nos comprazemos nas humilhações ! É tão consolador este estado de perfeição no qual se sofre de bom grado os pequenos descontentamentos e só por sabermos que nos são enviados por Deus ! Oh ! Que consolação ! É preciso pois considerar tudo o que nos succede de penoso como vindo de Deus, para termos merecimentos ; porque é por isso que Ele permite que sejamos mortificados. Minhas Irmãs, Deus não é um tirano ; não tem prazer em fazer soffrer os que O servem ; não sente consolação por uma Irmã estar cheia de penas, de doenças e torturada pelos seus inimigos, a não ser que isso sirva para a tornar mais agradável aos olhos da Sua divina Magestade.

Nesse momento, todas as Irmãs tendo-se posto de joelhos para adorar Nosso Senhor, que levavam a um doente, o Senhor Padre Vicente fez o mesmo e disse-lhes, ao levantar-se :

Quando se prega nas Igrejas e que Nosso Senhor passa, não se ajoelham porque se fala d'Ele, e é prestar-Lhe honras procedendo assim, de modo que não é necessário levantarem-se outra vez, numa ocasião como esta. Eu é que devo tirar unicamente o meu chapéu.

E retomando o seu discurso, disse :

Eis como Deus permite que aqueles que O servem sofram. Mas, Senhor Padre, mostrai-nos como se faz isso ? Minhas Filhas, succede-nos a nós como a uma pedra da qual se quer fazer uma linda imagem de Nossa Senhora, de S. João, ou de qualquer outro santo. Que deve fazer o escultor para conseguir o seu desígnio ? É preciso que pegue no martelo e que tire desta pedra todo o supérfluo. É para isso, dá-lhe grandes marteladas, de modo que ao vê-lo dirão que quer dar cabo dela ; e, em seguida, depois de ter tirado o maior, pega num martelo mais pequeno, depois no cinzel, para começar a formar a figura com todas as suas partes, e enfim outros utensílios mais delicados, para a pôr na perfeição que deseja dar a esta imagem.

Minhas Irmãs, Deus procede do mesmo modo a vosso respeito. Uma pobre Filha da Caridade ou um pobre missionário, antes que Deus os retire do mundo, vivem na imperfeição, são como pedras grosseiras; mas Deus quer fazer delas imagens lindas, e para isso dá-lhes grandes e fortes golpes. E como procede Ele? Ora, fazendo-os sofrer com o calor, ora com o frio, depois indo ver os doentes nos campos, onde o vento fustiga no inverno. É preciso não deixar de ir pelo mau tempo. Pois bem! São grandes provas que Deus destina sobre uma pobre Filha da Caridade. A quem só considerasse as aparências, diria que essa Irmã é infeliz; mas, se lançar o olhar sobre os desígnios de Deus, verá que todos estes golpes só servem para formar nela uma bela imagem. E quando, no começo, Deus enviou grandes provações, tanto do corpo como do espírito, e porque Ele vê que aquilo que havia de mais imperfeito saía desta alma por meio da paciência com que suportou tudo, então, pega nos cinzeis para a modelar, quer dizer, permite por vezes que tenha algumas penas, como por exemplo, uma pequena antipatia contra uma Irmã que não deixa de a magoar. Sim, minhas Irmãs, isso pode suceder, mesmo contra a Superiora.

Quando Deus resolveu aperfeiçoar uma alma, permite que ela seja tentada contra a sua vocação e por vezes pronta a deixar tudo. Depois, como o escultor, pega no cinzel e começa a fazer os traços desse rosto; adorna-o e embeleza-o; sente prazer em enriquecê-lo de graças e não deixa nunca até que o tenha tornado perfeitamente agradável. Mas, como não há ninguém no mundo que possa fazer uma bela imagem de pedra, a não ser a martelo, assim duma Filha da Caridade, para ser transformada numa bela imagem, com um lindo rosto que dê prazer a Deus, é preciso que seja utilizado o martelo. Quando falo de um belo rosto, não me refiro ao exterior, porque não se deve fazer nenhum caso disso, e Deus não se preocupa com ele, mas falo da face da alma, que agrada extremamente a Deus e aos bem-aventurados. Ah! quem se poderia representar o prazer que Ele sente com uma Filha da Caridade, depois que a colocou neste estado!

As que se queixam às companheiras, como já o disse, infringem esta regra. Uma Irmã lamentar-se-à a uma outra que anda mal vestida, que tem muitas dificuldades na paróquia e que está descontente com a companheira; fazer tais queixas, é transgredir a regra. Além disso, se alguma se queixa de lhe custar ir para o campo, de estar mal instalada, ou outra coisa, é proceder contra a regra. E todas as Irmãs que se queixam do tratamento da comunidade, procedem contra os desígnios de Deus, que permite isso para fazer uma bela estátua; e assim ela opõe-se à vontade

de Deus. Oh! É preciso darem-se a Ele para sofrer tudo o que succeder de contrário e penoso.

Pensam que há alguém que não sofra na terra? Como! Os príncipes? São eles muitas vezes que têm maiores aflições. Os ricos? Os Papas? Não, não! Eles não estão isentos de dificuldades. O Papa não está sem sofrimentos; tem mesmo muitos, e maiores do que os nossos. Isto deve-nos animar a receber da mão de Deus tudo o que não nos succeder segundo desejamos, à imitação de Nosso Senhor, que nos deu o exemplo, sofrendo toda a vida na Sua alma, no Seu corpo e na Sua habitação, nem tendo nada Seu; na Sua alimentação, vivendo de esmolas; na Sua honra; numa palavra, em todas as coisas que se possam imaginar.

Ora, minhas queridas Irmãs, se o Filho de Deus viveu no sofrimento, quem poderá ser isento dele? Quando visitava os pobres e passava diante das tabernas, faziam troça d'Ele, escarneciam-no e afligia-se ouvindo canções más e palavras insolentes. Ah! Minhas Filhas, não se admirem pois, se lhes disserem coisas semelhantes, e se, quando forem pelas ruas, e até nas casas, encontrarem insolentes que digam coisas penosas, pois não pouparam o Filho de Deus; ora, quando lhes disserem alguma coisa descortês que tenham dificuldade em suportar, não respondam, mas elevem o vosso coração a Deus para lhe pedirem a graça de sofrer isso por Seu amor, e vão contar o vosso desgosto a Nosso Senhor no Santíssimo Sacramento. Não vos queixeis pois às Irmãs, porque, se lhes manifestais os descontentamentos, não recebereis alívio e incomodá-las-eis. Eis a razão porque nunca deveis contar as vossas penas às outras Irmãs. Recebestes um punhal no coração e sois crueis em querer enterrá-lo também no dos outros; porque, dizendo as vossas penas, elas passam para o coração da outra Irmã. Se as disserdes a várias, causar-lhes-eis mil tentações e desgostos, que as levarão talvez a perder a vocação. Oh! E' muito importante não se lamentarem, a não ser aos Superiores. Em alguma dificuldade, dizei-a à Superiora, se estais aqui; e se não, escrevei à Senhora Le Gras ou a mim; mas sobretudo recorrei a Deus, porque é d'Ele que deveis esperar auxílio.

A esta regra transgridem ainda as que dizem as suas penas, não sòmente ás Irmãs, mas ainda ás pessoas seculares. Não hesitarão dizer imprudentemente o seu descontentamento a uma Senhora da Caridade, ou a alguma boa amiga. Se encontram uma religiosa, fazem o mesmo. É coisa estranha que haja pessoas de tal forma fracas que não saibam sofrer a menor coisa sem se queixar e murmurar; uma bagatela causa-lhes pena. Ah! Minhas Irmãs, é preciso precaverem-se contra semelhantes faltas; e em vez de se deixarem levar á paixão quando receberem algum des-

gosto, devem antes recorrer a Nosso Senhor, se estiverem próximo da igreja, e dizer-Lhe: «Senhor, tende piedade de mim; está aqui uma alma que sofre; tende piedade de mim.» É preciso fazer assim, minhas Irmãs. Mas escutai o que Ele vos disser. Falará a Sua linguagem; dirá o que deveis fazer; e tenho a certeza de que, se ouvirdes bem o que Ele vos inspirar, sentireis forças suficientes para suportar as pequenas mágoas.

Finalmente, é preciso resolvermo-nos a sofrer. E quem é que não sofre na terra? Examinemos as melhores almas que conhecemos, e vejamos se todas não tiveram dificuldades, umas de uma forma, outras de outra. Penssais talvez que sois as únicas. É regra geral que todas as pessoas de bem sejam perseguidas; e isto vos deve obrigar a nunca vos queixardes, nem a comunicar as vossas tribulações ás companheiras ou aos seculares. Ó minhas Irmãs, quantas há que perderam a vocação por não terem aceite das mãos de Deus os motivos de mortificação que lhes sobrevinham, e se arrependeram quando já não era tempo! Viram-nas voltar aqui depois de terem saído; queixavam-se e murmuravam, dizendo coisas com exagero e por vezes mentindo, cegando-as a paixão tão fortemente que diziam mesmo o que não era. Por isso, não deveis comunicar nada ás vossas Irmãs; e se tiverdes alguma coisa a dizer, dirigi-vos à Senhora Le Gras, ao Senhor Padre Portail; e não se admirem daquilo que tenham de sofrer, pois não há ninguém que não seja tentado. Somos como os cataventos que se colocam sobre as Igrejas; vê-los-eis ora do lado do ocidente, ora do setentrião, às vezes do oriente, outras vezes do meio dia. Eis justamente a vida do homem na terra: hoje deseja uma coisa, amanhã está aborrecido com ela; e assim tem sempre qualquer pesar. Mas, se souber fazer bom uso disso, dá grande motivo de alegria aos anjos e adquire muitas graças. Oh! Quando uma Irmã chega a este ponto, bem se abstém de se queixar; pelo contrário, recebe as suas penas com alegria e como testemunho do amor que Deus tem por ela; diz, como a Esposa dos cântares: «O meu segredo é para mim,» isto é, as minhas penas, as minhas aflições; eis porque eu não as descobrirei, a não ser aos que têm de Deus poder para isso.

Além disso, uma Irmã sem espírito de mortificação não se contentará em murmurar quando alguma coisa não está segundo o seu agrado, e em o comunicar a um secular; mas fará o possível para se satisfazer. Se tiver sapatos que não lhe agradem, pede outros; se um hábito não lhe cai bem como quer, arranja-se para ter outro de tecido melhor. Ainda outra que não pode suportar coisa alguma, tenta satisfazer-se procurando o que não tem. A outra não lhe darão um peitilho como ela deseja; entregá-lo-a. Oh!

Isto é um grande mal, se existisse entre vós! Como! Para ter a satisfação de estar bem vestida como quer, não fará dificuldade em passar por cima de todas as coisas! Oh! Que infelicidade tem uma tal Irmã! Uma outra arranjará a sua cabeça, puxará os cabelos para fóra para mostrar que os tem. Minhas Irmãs, não se vê isto aqui, graças a Deus; mas, se existisse nenhuma das que estão em lugares afastados, que grande mal isto seria! Uma outra terá uma camiseta cujas mangas estarão um pouco estragadas; não somente murmurará disso, mas mandará fazer uma outra, e talvez com um tecido mais fino do que o da Comunidade! Oh! Como isto é mal! Nunca podeis comprar nada para os vossos hábitos; a casa fornece o necessário; e assim não devem procurar tais satisfações, que não vos são permitidas enquanto estão perto da casa. Para aquelas que não estão aqui e que podem comprar a sua roupa onde estiverem, é preciso que a peçam aos que a devem fornecer do necessário e digam como o tecido deve ser, nem mais branco, nem mais fino do que aquele que se servem na casa principal. Mas aqui isso não se deve fazer. Do mesmo modo, aquelas que querem ter roupa mais fina do que as outras, as que estão de tal forma apegadas às suas satisfações que, se a carne ou o pão não fôr do seu gosto, procuram mudar e compram outro, transgridem a regra.

Eis pois, minhas Irmãs, como se deve permanecer conforme à maneira de viver da casa e privar-se das satisfações que se imagina encontrar nestas coisas. Mas, para o fazer como deve ser, devem resolver-se a sofrer. Bem-aventurados os que sofrem. Visto Nosso Senhor ter dito que aqueles que sofrem aflições são bem-aventurados, é preciso sentirmo-nos satisfeitos quando temos ocasião disso. De que fonte pensam que vem a murmuração e as queixas quando não temos o que queremos? Todos os pecados, grandes e pequenos, provêm de algum pecado mortal; por exemplo, o orgulho produz o amor próprio, persuade que temos mais espírito do que os outros e que somos mais bem sucedidos; leva a gabar-nos do que fazemos, impede de nos submettermos e torna-nos escravos do próprio juízo. Uma alma orgulhosa faz tudo isto. Os avarentos que amam o dinheiro, fazem usuras e rapinas para viverem à vontade, e isso procede do pecado da avareza. Neste tempo presente, não há razão para pensar que isto se dê na Companhia, pois, pela graça de Deus, há entre vós várias que amam a pobreza. Eis, portanto, como todas as nossas faltas, por pequenas que sejam, provêm de alguma fonte má. Depois disto, donde pensais que provêm as murmurações e queixas contra as aflições, o frio e outros incómodos? Isso provêm do

pecado da preguiça, que é um enorme mal e o maior dos pecados mortais.

Mas dirão as Irmãs: «Porque diz, Senhor Padre, que a preguiça é o maior de todos os pecados mortais, estando ele colocado no último lugar?» Sim, está no fim de todos; mas não é menor do que os outros. O que é a preguiça, minhas Irmãs? A preguiça é um aborrecimento das coisas de Deus, uma aversão à virtude, que faz que não amemos as ocasiões de a praticar, e assim é que em vez de aproveitarmos das ocasiões de sofrimento, servindo-nos delas para nos elevarmos para Deus, fazemos o contrário: murmuramos e queixamo-nos. E donde provém isto? Provém duma preguiça de espírito que torna uma alma aborrecida com tudo. Se vai à oração, tem o espírito distraído e sem atenção; na comunhão, a mesma coisa. Ah! Porque pensam que não temos gosto na comunhão, nem nos outros exercícios de piedade? É porque nos tornámos indignos das consolações de Deus. E, não sentindo gosto nas coisas boas, não se devem admirar se têm dificuldades, porque neste estado encontram-nas onde menos esperam. Se as mandam a uma tal paróquia, dizem: «Tenho dificuldade nisso; não posso suportar tal coisa.» Não contente com isto, queixar-se-à às suas Irmãs. Ah! Minhas Irmãs, uma alma preguiçosa queixa se e murmura sempre; nada a pode satisfazer; porque não estabelece bem o amor das virtudes no seu coração, não encontra nenhuma consolação em praticá-las.

Dizeis, portanto, Senhor Padre, que a preguiça é a fonte das queixas e murmurações a que se deixam ir. E por consequência uma Irmã mostra, quando cai nestas faltas, que não tem a virtude da paciência, que lhe poderia fazer adquirir uma coroa no céu, se tivesse sofrido de bom grado e por amor de Deus, as pequenas contrariedades que lhe podem sobrevir. — Sim, minhas Irmãs, ela causa todas estas infelicidades; e uma pessoa que não é paciente, tem dificuldade nas menores coisas. Se a não cumprimentam imagina que não a estimam suficientemente; se sente qualquer indisposição, o pulso um pouco mais acelerado num dia do que no outro, pensa estar doente; se a não acariciam, cai na tristeza; acusa tal Irmã de dureza, de falta de caridade, e não hesita em procurar o que pensa que a pode satisfazer.

Mas, Senhor Padre, é pois um pecado muito grande? — Minhas Irmãs, tenho de lhes dizer duas coisas para que compreendam.

A primeira, é que aqueles que fazem as coisas de Deus com tristeza e negligência são amaldiçoados por Ele. — Como, Senhor Padre! O que nos diz? Que infelicidade ser amaldiçoado por Deus! É muito estranho! — Isto encontra-se na Sagrada Escri-

tura, minhas Irmãs. — Mas, Senhor Padre, diga-nos um pouco as palavras pelas quais Deus amaldiçoa os preguiçosos? — Ei-las: *maledictus homo qui facit*, etc., isto é, maldito seja o homem que faz a obra de Deus negligentemente e que procede cobardemente no serviço de Deus! É de facto, vêdes ordinariamente estas pessoas não terem firmeza no bem e terem o espírito abatido, de modo que tudo lhes causa pena. Ó minhas queridas Irmãs, não se admirem se virem algumas que, no começo, pareciam tão fervorosas e edificavam as outras; sendo exactas na observância das Regras, tornarem-se negligentes no serviço de Deus. Eram boas meninas quando entraram na Companhia, e continuaram mesmo durante algum tempo no seu fervor; mas, ao cabo de alguns anos, não são mais do que tibieza e negligência; tornaram-se tanto mais preguiçosas quanto mais fervorosas tinham sido. Não se devem admirar disso, porque se deixaram levar ao pecado da preguiça, descuidando os exercícios das boas obras e não fazendo actos de fé, de esperança e de caridade. Começaram a assistir à missa com um espírito vago e assim se conservaram também na oração. E qual a razão disto? É que a preguiça se apoderou delas, de modo que, não puderam suportar as penas que Deus lhes enviou. Esta Irmã só procurava as suas satisfações. Depois disso, nesse infeliz estado, raramente a pobre Irmã está contente, nem com a paróquia, nem com as Irmãs, nem com os officios. Terá sempre o espírito deformado. Ó Salvador! O que dirão as que a viram quando prócedia tão bem! Como! Esta Irmã, que vimos tão forte que as dificuldades não lhe metiam medo, que era tão fervorosa que não perdia uma ocasião de praticar a virtude, mudou agora tanto! E donde provém tal mudança? Ah! É que se encontrou no número daqueles que são amaldiçoados por Deus. E que poderá fazer uma pessoa sobre a qual caiu a maldição de Deus? Minhas Filhas, é disto que devemos acautelar-nos. E não imagineis como brincadeira de crianças o que digo; porque é uma verdade; o homem no estado que dissemos, é amaldiçoado por Deus.

Ora, a chave do edificio espiritual das Filhas da Caridade consiste em fazer bem tudo o que estão obrigadas a fazer, a fim de que não sejam daqueles que fazem a obra de Deus com negligência e por isso serem eles mesmos a causa da sua infelicidade; porque, apesar da maldição de Deus recair sobre eles, não é este o seu desígnio, mas isso succede por sua culpa. O arcabuzeiro que atira ao alvo não tem outra intenção senão a de atirar o seu tiro direitinho ao que visa. Se algum imprudente se encontrar entre os dois, a bala mata-o. Não era de forma alguma o desígnio daquele que atirou, mas, o outro tendo-se encontrado ali, o tiro

atinge-o. Ora, minhas Irmãs, o mesmo sucede quando Deus dá a sua maldição à preguiça; manda os Seus raios sobre este vício. Vós e eu encontramos-nos no lugar do alvo, e esta maldição cai sobre vós e sobre mim. Não era contra vós que este tiro foi disparado; mas pusestes-vos no estado de preguiça e de negligência, contra o qual esta maldição foi dada. Não vos admireis, pois, que este seja o desígnio de Deus; não é porque Ele o queira fazer; mas é porque vos pusestes assim. É preciso, pois, temer e evitar as coisas que podem causar esta infelicidade.

A preguiça leva sobretudo à inobservância das Regras. Uma Irmã negligente falta hoje a uma regra; amanhã faltará a outra, porque, logo que afrouxe no bem, uma falta atrai outra. Se amanhã são negligentes nesta regra, depois de amanhã faltarão a uma outra, que toda a Irmã que não guarda as suas regras, atrai a ira de Deus; e nas regras, a prontidão na obediência é a principal. Mas não querer obedecer, ou fazê-lo tão mal que seria preferível não o fazer, é um efeito do pecado da preguiça. Podeis conhecê-lo por isto: por exemplo, se estou num lugar onde não observo as minhas Regras, onde não posso suportar a menor dificuldade, custa-me a obedecer e assim que me ordenam alguma coisa, sinto dificuldade. Minhas queridas Irmãs, é o pecado da preguiça que causa tudo isto; é este pecado que é amaldiçoado por Deus. Suponde o caso que estávamos neste estado. Se assim é, onde estamos nós? Na preguiça. E onde está o pecado da preguiça? Está no lugar onde Deus envia os seus raios e as suas maldições. Consideremos pois, se uma Irmã que lá se encontra não terá razão para temer.

Mas há mais, minhas queridas Irmãs, Deus detesta, abomina o preguiçoso e ameaça vomitá-lo. Ora, uma pessoa que faz tudo o que acabo de dizer, está na preguiça, e Deus não a pode suportar por que odeia de tal forma estas pessoas que fazem a Sua obra com negligência, que ameaça vomitá-las. Ora, quando se diz que Deus não pode suportar uma alma tibia, é, segundo a nossa maneira de falar, para melhor fazer compreender a coisa. Oh! Como é terrível! «Vomitai-vos-ei!» E para que serve o que se vomitou? Para coisa alguma senão para agoniar aqueles que o vêem. Uma pessoa que chegou a este estado não serve senão para seguir as suas paixões e correr atrás dos seus affectos desregrados. Eis para o que serve. Acautelai-vos, minhas Irmãs, é um assunto de importância, porque sucede, por vezes, não somente a uma pessoa, mas pode mesmo cair sobre toda a Comunidade. Salvador! Que motivo de temor para a Companhia! Mas também que motivo de consolação para a Irmã que observa as suas Regras e que sente prazer em fazer tudo o que faz, por Deus! Ah! Ele põe

então nela as suas complacências. Tudo o que faz agrada à Sua Majestade, e não somente nas acções que de si mesmo são boas, como ouvir a santa missa, comungar e fazer oração, mas ainda em tudo o que realiza, mesmo dormindo. Por isso aquelas que não têm esta disposição, minhas Irmãs, devem temer!

Ouvistes hoje o Evangelho? Quando aqueles que não fizeram a vontade de Deus vierem dizer-lhe à hora da morte: «Senhor, Senhor,» dir-lhes-á: «Não vos conheço; podeis pedir, podeis louvar, não vos conheço.» Isto não é somente para temer na morte mas também durante a vida; porque somos indignos de ser ouvidos por Deus nas nossas orações, e que as nossas acções não manifestam que somos seus servos, que faremos nós? Porque pensais que Nosso Senhor não quer reconhecer estas pessoas? É porque só reconhece as almas virtuosas; não admite as que são infiéis à participação nas Suas graças, e é por isso que diz: «Não vos conheço.» Quando uma Companhia cai neste estado de tibieza e de negligência, minhas Irmãs, está em grande perigo de perecer porque decaiu do estado em que Deus a tinha colocado. No começo, os membros desta bela Companhia, que davam prazer a Deus, enquanto perseveraram, desagradaram-Lhe de tal forma nesse estado de preguiça, que não pôde continuar a olhar para eles e é constrangido a vomitá-los. Ah! Infelizes daquelas que fossem causa de um tão grande mal!

Ora, vejamos em qual destes dois estados estamos: no primeiro ou no segundo? Estamos no primeiro, se observamos bem as Regras, se suportamos de bom grado as dificuldades e não murmuramos quando sofremos.

Se assim é, a Companhia será muito agradável a Deus! Ó Salvador, que há mais agradável aos Vossos desejos! Mas, se alguma afrouxou, ou antes, se toda a Companhia esfriou na observância das Regras, que grande mal! Espero que tal não se dê dum modo geral, mas que apenas em particular, uma ou outra se tem descuidado. Acautelemo-nos, minhas Irmãs, ponhamos a mão na consciência e vejamos como recebemos as contrariedades que nos sobrevêm. A dificuldade que se apresenta, amamo-la nós como vinda da parte de Deus para alcançarmos méritos. Se o fazemos, demos graças a Deus por isso; mas se vemos que fazemos o contrário, receemos a Sua maldição, e, para a evitar, reanimemos a nossa coragem.»

Quanto à Companhia em geral, é certo que trabalha, graças a Deus. Se assim não fosse, como vos poderiam desejar para tantos lugares! Se notassem decadência entre as Filhas da Caridade, não as procurariam como acontece; porque não se passa um dia em que não receba pedidos de Irmãs. E quem são aqueles, que nos

fazem um tal favor? São Bispos! Minhas Irmãs, e que grande motivo para nos humilharmos! Como! Pobres e miseráveis criaturas serem tão estimadas, serem pedidas para tantos lugares, não será um grande motivo de confusão, ao considerar-se quanta imperfeição há! Digo isto para mostrar a obrigação que têm de serem reconhecidas pelas graças que Deus faz à Companhia, a qual goza de tão boa reputação que, no mesmo dia, vieram pedir as Irmãs para três lugares. É de crer que, se as Filhas da Caridade em geral fossem desequilibradas, se houvesse desordem no seu conjunto, Deus não permitiria que tivessem tão santos officios. E sabeis quanto vale ver uma Irmã entregar-se com amor ao serviço dos pobres? Ah! Minhas Irmãs, se o soubessem! Nunca ouvi dizer que tivessem pedido religiosas carmelitas para alguma cidade. E quanto a vós, são bispos que vos desejam, porque fazeis profissão de assistir às necessidades do próximo! Grande motivo de consolação para aquelas que guardam as suas regras! Mas acautelai-vos para que não haja alguma dentro vós que se tenha posto no estado de que falamos. Fazei amanhã a vossa oração sobre isto e vêde se não caistes em alguma destas faltas; sobretudo resolvi nunca vos queixardes às Irmãs: e se vos encontrais neste estado de preguiça, pedi a Deus que vos conceda a graça de sair dele para entrardes no que lhe é agradável. Fazei, como diz S. Pedro: Se não estais no estado de predestinados, fazei o possível para entrardes nele. Trabalhai para sair desse estado, e em todas as vossas orações pedi a Deus a graça de todas Lhe serem fiéis, que não haja nenhuma que abuse das Suas graças, ou que venha a prender-se a uma ninharia, a um nada, que atraia sobre elas a maldição de Deus.

Oh! Bendito seja Deus! Coragem, minhas Filhas! Trabalhai para Lhe serdes fiéis em todas as coisas, e não vos queixeis, mesmo quando doentes. Tomemos tudo da mão de Deus e digamos-Lhe: «Senhor, ao mesmo tempo que vos peço a graça de sofrer as dificuldades que a Vossa Bondade me enviar, proponho-me aceitá-las como vindas da Vossa mão, Senhor, visto que não podemos viver no mundo sem tribulações, faço o propósito de receber, por Vosso amor, todas as contrariedades que me sobrevierem assim como de me desfazer do espírito de preguiça, de fazer bem as coisas ordenadas, de me manter firme no bem, porque isto Vos será agradável.»

Minhas Irmãs, uma regra observada, um pequeno sofrimento, suportado por amor de Deus, porporciona grande felicidade àqueles que O amam! Mas também que infelicidade desperdiçar as graças que Deus tenha concedido a uma alma! Peço a Nosso

Senhor que nos conceda a graça de sair deste estado de preguiça, se estamos nele.

Uma Irmã interrompeu então o Senhor Padre Vicente e pediu-lhe que solicitasse de Deus o perdão para algumas faltas de que se reconhecia culpada sobre este assunto.

— Pois bem! Minha Irmã, disse-lhe ele, caístes porque sois fraca, mas agora levantai-vos pelo que acabais de fazer. Confiai em Deus, que vos dará a força de suportar as vossas penas. É o que pedirei, com todo o meu coração, para vós e para mim.

## 75. — CONFERÊNCIA DO DIA 29 DE JULHO DE 1656

### ÀS DUAS IRMÃS ENVIADAS A LA FÈRE

A 28 de Julho de 1656, a Rainha ordenou à ama do Rei que mandasse pedir as Filhas da Caridade para tratarem dos pobres soldados feridos no campo de batalha.

O nosso Venerando Pai nomeou duas, uma das quais fez resistência, com palavras bastante violentas em que testemunhava não ter grande affecto à sua vocação, pela repugnância que tinha em obedecer. A outra alegou qualquer enfermidade. Vendo isto, o nosso caridoso Pai não as quis obrigar, apesar da última se ter resolvido a obedecer, mesmo que tivesse de morrer. A outra pensando que tinha desagradado a seu Superior, no dia seguinte mandou-lhe dizer que faria o que ele quisesse, contanto que enviassem também para lá uma Irmã que tivesse a responsabilidade de tudo. A disposição que mostrava esta Irmã merecia correcção, e, no entanto, o nosso Venerando Pai, com muita paciência, mandou-lhe dizer que havia considerado caritativamente a respeito das suas enfermidades, e não julgava a propósito que ela fizesse esta viagem. E a Providência deparou imediatamente duas para o desempenho deste officio, <sup>(1)</sup> com todas as disposições necessárias. A 29 de mesmo mês, dirigiram-se à Casa Mãe para seguirem no dia immediato. À noite as duas Irmãs foram receber as suas ordens e tiveram a felicidade de ouvir, pouco mais ou menos, a seguinte instrução:

Minhas queridas Irmãs, foi a vós, pois, que a divina Providência escolheu para obra tão importante. Quem havia de pensar? Vós mesmas, minhas Irmãs, imaginastes alguma vez uma coisa destas? Os vossos pais teriam eles jamais pensado nisso? Minha

(1) Irmãs Maria Marta Trumeau e Isabel Brocard.

querida Irmã, na vossa terra de Champagne e vós de Poissy, nunca julgastes que Deus se lembrasse das Irmãs para as colocar num campo de batalha a fim de O servirem. Apesar de pobres meninas do campo, rudes e ignorantes como são, Deus olhou para elas e escolheu-as para obras tão grandes ! Como ! Uma Rainha pensa em vós, e com uma bondade incrível manda-vos buscar para, sob as suas ordens, desempenharem uma tão santa obra ! Ó minhas Filhas, como deveis humilhar-vos com o fim de agradecerdes favores tão grandes e vos reconhecerdes indignas deles, como na verdade, minhas Irmãs, o sois !

O fim para que Nosso Senhor as chama é aquele que devem sempre ter em vista, minhas queridas Irmãs : honrar a vida do Filho de Deus sobre a terra ; porque, outra coisa Ele não fez senão aquilo a que fostes chamadas ! Não se cansava Ele continuamente no trabalho da salvação das almas e mesmo na saúde dos corpos ? Pensais, minhas Irmãs, que isto é pouca coisa ? Mas poderá haver outra maior sobre a terra ? Oh ! Não, minhas queridas Filhas. Esta obra é tão grande que se os anjos e os santos fossem capazes de desejar alguma coisa, seria o de se ocuparem deste exercício. Sim, minhas Irmãs, os santos, de boa vontade, vo-lo invejariam. Oh ! Que felicidade ! Meu Salvador, conheceis a importância desta obra ! Como escolhestes pessoas tão humildes e desprezíveis ! Sabeis as graças que lhes queríeis conceder ; bendito sejais para sempre, meu Salvador !

Um dos fins, minhas Irmãs, que devem ter em vista e que Nosso Senhor também deve ter tido quando as chamou ao serviço dos pobres doentes e feridos, é reparar, por assim dizer, o que os homens quiseram destruir, procurando tirar a vida a essa boa gente. Vão ajudá-los a conservar a vida que Deus lhes deixou, fazendo o possível para restabelecerem as saúdes, ou para os ajudarem a ter uma boa morte, Ó que felicidade ! Que felicidade, minhas queridas Irmãs, serem colocadas neste exercício tão santo, semelhante ao do Filho de Deus sobre a terra !

Um dos meios para fazerem bem a obra de Nosso Senhor é a humildade, mas verdadeira e sólida humildade. — O que quer dizer, Senhor Padre ? Como devemos humilhar-nos ? Será, minhas Filhas, amando a vossa baixeza e o trabalho do campo em que hoje estariam, se tivessem ficado na vossa casa e segundo a vossa condição. E agora elevadas a um officio tão importante ! Serem consideradas por uma Rainha e por tantas outras pessoas de condição, serem, pela graça de Deus, capazes de prestar serviço ao próximo, e de tal forma, minhas Irmãs, que, se os anjos e os santos fossem susceptíveis de inveja, teriam esse sentimento ao considerar que as Irmãs fazem o mesmo que nosso Senhor quando

esteve na terra e o que Ele tanto recomendou aos apóstolos que fizessem e, neles, a todos os cristãos!

Humilhai-vos muito, minhas Irmãs, eu vo-lo peço.

Um outro meio de se humilharem são as ocasiões que lhes proporcionam as pessoas a quem procuram fazer bem. Ó minhas Irmãs, podem esperar por isso, porque é coisa muito corrente. E se isso não lhes sucedesse, não imitariéis inteiramente o Filho de Deus. Ah! Era isto que Ele queria dar a entender aos seus apóstolos, quando os enviava para socorrer e instruir o próximo: «Eu vos envio, disse Jesus, como ovelhas ao meio de lobos; eles hão de maltratar-vos, flagelar-vos e desprezar-vos.» (1) Digo-vos o mesmo, minhas Filhas. Poderá acontecer que se queixem de vós, que vos desprezem. Dirão que as Irmãs estragam tudo, que não compreendem coisa alguma, que fazem mais dano do que proveito. Até as mesmas pessoas a quem tenham prestado serviços dirão injúrias, e então, minhas Irmãs, alegrai-vos. O que não disseram a Nosso Senhor, que fazia bem a toda a gente! Ele sabia bem o que sucederia àqueles que O imitassem; e, para isso, fez-lhes compreender que há grande felicidade em sofrer estas coisas, visto que Ele ensina que nos devemos alegrar no meio de acontecimentos que aparentemente são para afligir. E talvez suceda, minhas Irmãs, que o desprezo que terão por vós seja tão grande que toda a Companhia sofrerá por isso alguma censura. Ora, é então, minhas queridas Irmãs, que poderão praticar uma verdadeira humildade. Não é suficiente que vejamos ou sintamos em nós mesmas as causas que merecem grande desprezo, que amemos a nossa própria abjecção; mas ainda é preciso amar o desprezo que se estende à Companhia, contanto que a Companhia e as Irmãs não tenham dado motivo de escândalo. Dai-vos pois a Deus, minhas queridas Irmãs, para que humilhando-vos nada receeis. Esse desprezo não vos pode prejudicar; pelo contrário, serve para vos tornar agradáveis a Deus, visto que honrais o estado humilhante de Seu Filho sobre a terra.

Essa humilhação, minhas Irmãs, servirá para terdes uma grande confiança em Deus. Não será a confiança que vos leva a emprender todas as acções de caridade que realizais? Sabeis muito bem, minhas Irmãs, que é Deus que dá coragem e força para levardes a bom fim tudo o que fizerdes por caridade. Era essa confiança que levava os apóstolos a emprender todas as grandes obras, que os fazia falar com tanta segurança aos grandes e aos pequenos. Era ela que fazia dizer a S. Paulo: «Posso tudo na-

(1) Evangelho de S. Mateus, X, 16 17.

quele que me fortifica» (Fil. 4,13). Sim, minhas Irmãs, as pessoas mais humildes podem fazer tudo o que Deus quer que façam, contanto que tenham confiança em Nosso Senhor Jesus Cristo, que nunca deixará de lhes conceder a sua graça, se lha pedirem. E, para isso, minhas Irmãs, rezai visto que é um meio muito poderoso para alcançar de Deus o cumprimento da Sua Santa Vontade em todas as Suas obras.

Um outro meio, minhas Irmãs, é a caridade, para que haja uma grande união entre vós e se suportem mutuamente. Porque, não duvideis, minhas Filhas, o vosso inimigo é inimigo da paz, e não deixará de vos armar ciladas para tentar semear a discórdia; mas permaneci firmes.

Irmã Marta, peço-lhe que seja Irmã Servente da vossa Irmã.

Por humildade, respondeu que não era capaz, mas, por submissão, aceitou.

— Bendito seja Deus! Se a vossa Irmã fizer ou disser alguma coisa que vos desagrade, suportai-a. E vós, se a vossa Irmã vos mandar fazer alguma coisa contra o vosso parecer, desculpai; se disser alguma coisa que vos faça pena, porque certamente isso sucederá, suportai-a. E, como não havia de acontecer, minhas Filhas, se nós mesmos nos contradizemos bastante? Dizemos uma coisa de manhã, e à noite já não pensamos o mesmo. Mas o que tendes a fazer nestas circunstâncias é suportar-vos uma à outra. Pensai como Nosso Senhor suportou, sem se queixar, aqueles que O caluniavam e contradiziam.

Nunca vos queixeis portanto, minhas queridas Irmãs, às pessoas de fóra! Nunca, minhas queridas Irmãs. Se vos queixásseis às pessoas do mundo, isso podia levá-las a dizer: «Como poderão estas Irmãs suportar com caridade os pobres doentes se não se suportam. Como darão paz aos pobres, se não a têm entre si.»

Uma das Irmãs disse:

Meu Pai, parece-me que não haverá dificuldade em servir os pobres, se houver união e suporte mútuo entre nós.

— Oh! Deus vos abençoe! Dizeis uma coisa muito verdadeira. E é por isso, minhas Irmãs, que eu vo-lo recomendo com todo o meu coração! Mas, para adquirir esta virtude de suporte mútuo, devem, logo que tenham descontentado a outra, pedir-lhe perdão de joelhos! Oh! Minhas Irmãs, que prática tão excelente! Exorto-vos a isso. Sim, Minhas Irmãs, até os mesmos Superiores devem-se sempre pôr de joelhos para pedir perdão. Ontem pedi perdão a toda a Companhia e de joelhos. Sim! Porque os Superiores devem considerar-se os responsáveis de todas as faltas que

se cometem na Companhia. Nosso Senhor procedeu assim. Não se disse que Ele carregou com todos os pecados do mundo, e não foram os nossos crimes que o fizeram morrer?? Ó minhas Irmãs, como é bom proceder assim!

Tende grande cuidado em guardar as vossas regras comuns, tanto quanto o serviço dos pobres vo-lo permitir; porque sabeis que é este o vosso principal dever, pelo qual deixastes tudo, sem no entanto deixardes de fazer uma parte da vossa obrigação, quando não podeis fazer tudo.

Quanto à Sagrada Comunhão, comungarão nos dias que são indicados, quando o serviço dos pobres o não impeça.

No parágrafo em que o nosso Venerando Pai recomenda que não comuniquemos as nossas penas às pessoas de fóra, inútil é dizer que Sua caridade acrescentou ainda que, se estivessemos muito desgostosas, depois de termos dito as nossas penas a Nosso Senhor, deveríamos escrever ao nosso Superior, de preferência a dar escândalo à Companhia.

E Sua Caridade acrescentou:

Ó minhas Filhas, é Nosso Senhor que nos ensina esta prática, quando, ao mandar os Seus Discípulos socorrer o próximo e pregar o seu Evangelho, lhes diz: «Não saudeis ninguém no caminho» (S. Luc. 10,4). Sabeis porquê? Porque temia que, distraído-se com a saudação, não se puséssem em perigo de falar de outras coisas e de acabarem por falar do que se passava entre eles. Ó minhas queridas Irmãs, que grande mal é o de descobrir os segredos da Companhia! Grande cordialidade, pois, minhas queridas Irmãs.

Perguntaram ao nosso Reverendíssimo Pai como deviam proceder as Irmãs com os soldados convalescentes.

— Minhas Irmãs, é preciso que seja com grande caridade e modéstia; porque como eles já não estão doentes, as Irmãs devem acautelar-se, e fazer como fazem com todos os homens. Se sucedesse que algum fosse insolente, deviam repreendê-lo severamente. Se voltasse a fazer o mesmo, deviam ameaçá-lo dizendo que dariam parte dele. Como também nunca se devem aproximar deles senão o necessário para o seu bem, fazendo com diligência o serviço que lhes devem prestar.

Não sei, minhas Irmãs, como poderão prover às necessidades dos pobres, tanto no que respeita a viveres como às outras despesas; mas peço que se encarreguem disso o menos possível. Se não pudédes deixar de manejar dinheiro, prestai conta dele, quanto antes. Para isso, é necessário apontar sempre o que recebem e o que gastam. É uma coisa absolutamente necessária às Filhas da Caridade, parecerem e serem de boas contas.

No caminho praticarão as vossas pequenas regras e farão tudo o que puderem para edificar o próximo. Já viajaram e sabem as pequenas práticas ordinárias das viagens. Nas hospedarias, ficam sempre à parte. Quando chegarem a Lá Fère irão à ama do Rei, depois de terem ido à Igreja adorar a Deus no Santíssimo Sacramento; e dirão a essa boa senhora que vão receber as suas ordens e saber quais os serviços que Deus quer sejam prestados aos pobres. Saibam também onde podem falar com o Senhor de São João, e devem entregar a um e a outro, as cartas que levam, seguindo em tudo os avisos que lhes derem.

E enfim, o nosso Reverendíssimo Pai deu a bênção, desejando, como sempre, alcançar de Deus a graça de fazermos a Sua santíssima vontade.

Bendito seja Deus!

76. — CONFERÊNCIA DO DIA 20 DE AGOSTO de 1656

### SOBRE A POBREZA

(Regras Comuns, art. 7)

Minhas queridas Irmãs, explicaremos hoje, com o auxílio de Deus, a vossa sétima regra, mas sucintamente, porque não posso estar aqui muito tempo. Esta regra diz: «Elas honrarão a pobreza de Nosso Senhor, contentando-se com ter as suas pequenas necessidades na simplicidade ordinária, etc.»

O Senhor Padre Vicente, relendo o artigo, explicou-o palavra por palavra e pouco mais ou menos como se segue:

«Elas honrarão a pobreza de Nosso Senhor.» Ó Salvador da minha alma! Isto é muito razoável. Quem há-de querer ser rico depois do Filho de Deus ter querido ser pobre! Se se considerarem o perigo em que estão as pessoas ricas quanto à sua salvação, não se terá inveja dos bens e comodidades da vida. Esta regra diz que não terão nada seu; terão tudo em comum. Minhas Irmãs, isto era a prática dos primeiros cristãos. Santo Agostinho estabeleceu no seu tempo uma comunidade de meninas e de mulheres para fazer, por assim dizer, reviver o espírito primitivo da Igreja. Como se procedia nesta comunidade? Punha-se tudo nas mãos da Superiora; e, se davam alguma coisa a uma, servia para todas; não podiam dispor, não só dos bens da Comunidade mas até daquilo que era seu. Ora, se já no tempo de Santo Agostinho, se observava isto, não será razoável que o façamos também? E se é mais difícil que um rico entre no céu do que fazer passar

um cabo por um buraco de uma agulha, quem não procurará evitar esse perigo? Se o Rei dos reis vindo ao mundo, abraçou a pobreza, fulminou a maldição sobre aqueles que estão presos às riquezas, dizendo: «Ai de vós, ó ricos, porque tendes a vossa consolação!» (S. Lucas VI, 24), se assim é, bem-aventuradas as Filhas da Caridade que escolheram um modo de vida que tem por fim principal a imitação da vida do Filho de Deus, que, podendo possuir todos os tesouros do mundo, desprezou-os e viveu tão pobremente que não tinha uma pedra para repousar a cabeça.

Minhas queridas Irmãs, peço a Nosso Senhor que vos faça compreender bem a felicidade dos que vivem na pobreza e a grande desgraça das pessoas que estão apegadas às riquezas.

Esta regra diz ainda: «Elas contentar-se-ão com ter as suas pequenas necessidades na simplicidade ordinária.» Porque não sois pessoas habituadas a ter mais do que o necessário, e não deveis desejar superfluidades. Mas, quantos religiosos e religiosas que nada têm e a quem não é permitido fazer reserva alguma! Quantos vão para o campo e aceitam o que lhes dão, sem nunca levar dinheiro para prover às suas necessidades! Deste modo dependem inteiramente da Providência. Isto mostra a grande confiança que têm em Deus.

Ora, minhas queridas Irmãs, afeiçoi-vos à prática desta santa virtude, imitando o vosso Esposo e tantas pessoas que, a Seu exemplo, a abraçaram, como os Capuchinhos, os Carmelitas, e outras Instituições sem bens pessoais, que dependem da Providência, sendo Deus assim glorificado por essas pessoas que abraçam este modo de vida para imitar a de Nosso Senhor e a dos primeiros cristãos.

Pois, minhas queridas Irmãs, nesses tempos os cristãos viviam assim; punham tudo em comum trazendo o produto dos seus bens aos pés dos Apóstolos. Ora, sucedeu que Ananias e Safira, sua mulher, quiseram ser cristãos. Para realizar esse desejo tinham que vender tudo e entregar o dinheiro aos Apóstolos. Porém, temeram que, desfazendo-se de tudo quanto possuíam, viessem a ter necessidades, e disseram entre si: «Quem sabe se não virá tempo em que expulsarão os cristãos e os matarão? Guardemos metade do nosso dinheiro para prover às nossas necessidades no caso de isso acontecer». Serviram-se da prudência humana. Levaram uma parte dos seus bens aos Apóstolos e guardaram a outra. S. Pedro, que então presidia, descobrindo a sua falsidade, fulminou-os de maldição por terem dissimulado a verdade, e, no mesmo instante, morreram.

Ora, se aqueles que aparentavam ser cristãos, eram, no princípio da Igreja, tratados desta maneira, que sucederá aos reli-

giosos que o são apenas no exterior! Quem sabe, minhas Irmãs, se a maldição de Deus não cairá sobre uma Filha da Caridade que, ao entrar na companhia, guardou alguma coisa de casa ou de seu! É um Ananias que engana os seus Superiores, infringindo ao mesmo tempo a regra. Mas por isso é também digna da maldição que caiu sobre Ananias e Safira. Se apenas se tratasse da morte do corpo, bem pouco seria, mas é também a da alma, como S. Pedro deu a entender quando lhes disse: «Como quiseste enganar o Espírito Santo? Mentiste a Deus, e por isso morrerás». (Actos Ap. V, 3-4,9.

Não devemos portanto ter nada nosso, nem em casa nem fora dela; porque a Irmã que tivesse alguma coisa pessoal, é uma Safira, e cedo ou tarde, suceder-lhe-á alguma infelicidade. Para evitar este mal, deve ter tudo em comum e nada em particular. Preveniram-vos disto quando entrastes na Companhia; prometestes fazê-lo, pois doutra maneira não vos admitiriam: não tendes, por isso, nenhuma desculpa. Desde o princípio da Igreja, foi observada esta regra, e não era cristão aquele que não pusesse tudo em comum, nem era padre se não abandonasse os seus bens.

Está dito que não podemos dispor dos bens da Comunidade. É verdade, minhas queridas Irmãs, que admiro a Divina Providência, que inspirou a ideia de contribuídes para a manutenção da Casa. É verdadeiramente admirável; procedendo assim, fazeis como os bons filhos que alimentam a mãe; pois a Companhia é vossa mãe, e deveis colaborar com ela na manutenção das Irmãs novas que estão aqui e das outras que virão. Não é permitido dispôr dos bens da Comunidade, nem dos próprios bens; pois nada possuís nem deveis possuir coisa alguma sem licença dos Superiores.

Poderá alguma pensar que só as que fizeram votos é que estão obrigadas a praticar a pobreza! Mas, ficai sabendo, minhas Irmãs, todas são obrigadas a isso, as que fizeram votos e as que os não fizeram, porque todas as que entram na Companhia têm ou devem ter desejo de servir a Deus; por isso, minhas Irmãs, as Filhas da Caridade devem estar desprendidas de tudo a fim de se assemelharem ao seu Esposo.

Não duvidamos, Senhor, que estejam obrigadas a observar esta regra, as que fizeram o voto de pobreza, mas as outras estarão igualmente obrigadas? Sim, minhas Irmãs, tanto mais que lho propuseram antes de as admitirem; não seria recebida uma menina se dissesse que não podia observar esta prática; todas devem estar revestidas das librés do seu Esposo. Não será uma honra, a esposa ser tratada como o Esposo? Um criado

não se sentirá honrado com as librés do seu amo ? Ora, minhas queridas Irmãs, entre esposo e esposa tudo é comum, por isso quando uma alma escolheu Nosso Senhor por Esposo, deve ter tudo em comum com Ele. Minhas Filhas, ao entrardes para a Companhia, escolhestes Nosso Senhor por Esposo, destes-lhe a vossa palavra e como levou uma vida de pobre, deveis por isso imitá-Lo. Não é Ele o soberano ? Não poderia ter todas as comodidades que quisesse ? Porém preferiu a pobreza que fez transparecer em todas as suas acções ; comeu e dormiu pobremente, e tanto que nem sequer teve uma pedra para repousar a cabeça. E uma Irmã não se sujeitará por amor ao que o Filho de Deus ensinou pelo exemplo ! Pensará que não está a isso obrigada só porque não fez votos ! Não consentais neste pensamento. Dai-vos a Deus para viverdes como o vosso Esposo viveu e permaneceu no estado em que Ele quis viver na terra. Não vale pois a desculpa de ainda não terdes feito os votos ; renunciastes aos próprios bens e ao desejo de os possuir quando saistes do mundo para servir mais perfeitamente a Deus, portanto deveis contentar-vos com a Sua posse. Que mais podemos desejar quando temos o soberano bem, isto é, a fonte de todos os bens ! Infeliz daquele que não se contenta só com Deus ! E desgraçados também os que preferem a criatura, seja ela qual fôr, ao soberano Criador !

Fixai bem isto, minhas queridas Irmãs: as que estão na Companhia e que ainda não fizeram votos devem praticar a pobreza. Quanto às que os já fizeram, nem se fala ; se guardassem alguma coisa sem o consentimento dos Superiores, offenderiam a Deus e faltariam à palavra que lhe prometeram.

Mas, Senhor, ainda a não prometemos a Deus por voto. Não a prometestes a Deus por voto, mas foi a Deus que destes a vossa palavra na pessoa dos Superiores, quando vos expuseram esta condição para serdes admitidas na Companhia. Não obstante isto, continuastes a pedir a vossa admissão. Transgredindo esta regra, não faltais só de lealdade para com os Superiores mas ainda faltais à promessa feita a Deus, segundo a palavra de S. Pedro, quando disse a Ananias: «Como ? Quiseste enganar a Deus. ! Mentiste ao Espírito Santo !» Para nos mostrar como importa sermos fiéis ao que prometemos. Ah ! Minhas Irmãs, procurai não cometer esta infidelidade, pois, logo que guardardes alguma coisa dos pobres ou da casa, faltais à promessa feita a Deus. Se existir entre vós alguma que proceda assim, é um Ananias a quem podíamos dizer o mesmo que S. Pedro disse: «Infeliz Irmã, porque falseastes a fé que deveis a Deus, vosso Esposo ?»

Não só não podem ter nada próprio, mas nem sequer podem guardar coisa alguma do que lhes derem seus parentes, uma senhora, ou seja quem for, sem licença dos Superiores; tanto mais que, desde o momento que se deram a Deus na Companhia não lhes é mais permitido dar, nem receber, a não ser, como já vos disse, com o consentimento dos Superiores. Para observardes exactamente as vossas regras, basta terdes entrado na Companhia.

Aqui temos esta regra explicada à letra; vejamos agora como podemos transgredi-la. Faltamos a esta regra por pensamentos, palavras e obras. Mas como podemos cometer faltas contra a pobreza, por pensamentos? Vede, minhas queridas Irmãs, é desejando ter todas as comodidades e que nada nos falte, seja na alimentação, nos hábitos ou na casa. É contra a pobreza não só desejar o que não temos, mas ainda ter apego ao que possuímos, por exemplo: a um hábito bem feito, a um quarto, ou a qualquer outra coisa. É transgredir a regra. Importa compreender bem isto, e peço-vos que o procureis fixar bem.

Minhas queridas Irmãs, é mau desejo querer possuir o que não é permitido ter, mas pior ainda é pedi-lo, pois a pobreza obriga a não desejar nada que não seja Deus, principalmente às que fizeram votos. Ora, entre as que transgridem a regra, cometem maior falta as que pedem com insistência o que desejam. Há quem não se contente só com desejar, mas vai até pedi-lo; não descansa enquanto não lho concedem, queixa-se e murmura. Como isto é mau! Não cheguemos a este ponto, minhas queridas Irmãs, quando não obtivermos o que desejamos. Se o Senhor Padre Portail ou a Senhora Le Gras não vos concedem imediatamente o que pedis, pensai que Deus assim o permite para praticardes a virtude da paciência.

Minhas queridas Irmãs, estas são as faltas contra a pobreza. Desejar possuir o que é do nosso gosto, desejá-lo ardentemente, pedi-lo e impacientarmo-nos quando no-lo não nos atendem imediatamente, ter grande mágoa quando o recusam, tudo isto é contra a santa pobreza; pois a prática da pobreza exige que deixemos tudo e não tenhamos nada pessoal. A pobreza significa uma renúncia de todos os bens e comodidades. Enfim, consiste em desejar só a Deus.

Eis como pecamos por pensamentos. Vejamos agora como pecamos por palavras. É quando, não podendo conseguir aquilo que desejamos, nós não temos paciência para esperar a hora de nos ser concedido o que nos prometeram. Falamos disso, queixamo-nos deste atrazo a uma Irmã, depois a outra, e ainda a outras, de forma que todas têm conhecimento disso, donde pode vir muito prejuizo para a Companhia, tanto mais que as que ouviram as

queixas não sabiam as razões que obrigaram os Superiores a recusar ou a diferir o pedido. E podem ficar escandalizadas.

Mas, pior, é quando as queixas são feitas aos externos. Não se contentam com dizer às Irmãs, mas têm tão pouco critério que vão se queixar às pessoas do mundo. Isto é directamente oposto ao espírito de pobreza, que recebe o que lhe dão e como lho dão, mas não se queixa quando alguma coisa lhe falta.

Os apóstolos recebiam o que lhes davam, cumprindo desta maneira o que Nosso Senhor lhes ensinou. Minhas Filhas, deveis fazer assim e não desejar nada senão o que os Superiores julgarem necessário. De outra forma, minhas queridas Irmãs, não tereis descanso; algumas afeiçoam-se tanto a uma ninharia, a uma estampa, a uns sapatos, que não podem suportar que lhes tirem. É contra a pobreza, que não permite desejar outra coisa que não seja Deus. Todos os santos tiveram esta prática. Consideremos a sua vida e veremos primeiramente, na vida de Nosso Senhor, que não possuía bens nem provisões para Si e os Seus apóstolos. Houve ocasiões em que não possuía coisa alguma. Mas, quando o grupo dos que O seguiam começou a aumentar, disseram-Lhe que era necessário ter com que prover às necessidades deles; pois, por Ele próprio não queria possuir coisa alguma. Disseram-Lhe: «Senhor, que quereis? As multidões seguem-Vos e não têm que comer; permiti alguma coisa para não morrerem de fome». Nosso Senhor, ouvindo isto, comoveu-Se, teve piedade desta pobre gente e desde então tolerou que algumas mulheres, que O amavam muito, dessem alguma coisa para Ele e para os Seus discípulos. Mas, até então, nada tinha possuído para mostrar quanto amava o estado de pobreza e de desprendimento. Ó minhas queridas Irmãs, que felicidade viver como o Filho de Deus viveu!

Podemos ainda infringir esta regra por obras; quando nos satisfazemos procurando todas as maneiras de obter o que desejamos. Há quem não se contente com transgredir a regra por pensamentos e por palavras; vão mais longe; pior ainda do que os pensamentos e as palavras, pois acabam por cometer completamente o mal. Por exemplo, compram uns sapatos seguindo a sua fantasia, ou roupa mais fina do que a da Comunidade. Ó Salvador! Que grande mal é satisfazer o gosto, faltando à santa pobreza, visto que possuir, seja o que fôr, sem licença dos Superiores, mesmo que seja uma estampa, é contra a santa pobreza. Não só é faltar à pobreza guardar, mas também receber alguma coisa sem licença.

É ainda contra a pobreza guardar o que pertence à Comunidade ou aos pobres. Ó Salvador! Que grande mal! Se existir al-

guma Irmã na Comunidade que seja tão infeliz, não o quero crer, mas, se existir alguma assim, será pior que Ananias e Safira, porque o que estes guardaram pertencia-lhes, mas guardar os bens dos pobres, é fazer como Judas. Este infeliz foi censurado por ter cometido o horrível crime de vender o seu Mestre por ter guardado, sem Nosso Senhor saber, as esmolas que davam para os pobres. Minhas Irmãs, disse-vos já, se existisse alguma, não o quero crêr. Oh! Não, pela graça de Deus, nunca ouvi dizer que alguma tenha guardado o que lhe não pertence, pelo menos não me recorde; mas, se isto sucedesse, poderíamos dizer que seria um Ananias ou um Judas; anda a enganar os que confiam nela, ou antes a atraiçoar a fé que prometeu ao seu Deus, satisfazendo o apetite desordenado de possuir, nem que fosse apenas cinco ou dois tostões, roubados na casa dos pobres; por esta pequena satisfação, faltaria à fidelidade que deve à sua vocação! Seria pior do que Ananias e Safira! Oh! Que infelicidade para essa pessoa! Pelo contrário, que felicidade para as que amam a pobreza! Como a graça embeleza as suas almas à medida que crescem nesta virtude! Como é sublime viver neste estado tão querido de Nosso Senhor! Não podemos compreender o prazer que tem ao ver uma alma continuar a vida que Ele próprio viveu na terra!

Se há pessoas no mundo que devem exceder na prática de honrar a vida pobre do Filho de Deus, e estejam obrigadas a amar a pobreza, são as Filhas da Caridade, porque manejam os bens dos pobres. Confiam-lhes tudo; Deus concedeu às nossas queridas Irmãs a graça de desempenharem tão bem os seus deveres, e por esse meio fizeram estimar de tal maneira a Companhia que as pessoas piedosas confiam na sua fidelidade. Minhas queridas Irmãs, duvido que a Companhia se possa manter sem a prática desta regra. Não, não, não vejo melhor meio de manter a Companhia da Caridade do que este. Logo que afrouxarem neste ponto, receio que percam o que até agora têm lucrado.

Minhas queridas Irmãs, que deve fazer uma pessoa que faz votos? A que fica obrigada? A fugir de tudo o que o mundo procura. Que promete uma Filha da Caridade que faz voto de pobreza, castidade e obediência? Promete renunciar ao mundo, desprezar as suas belas promessas e dar-se a Deus sem nenhuma reserva. Não terá mais prazer, nem vã satisfação da carne. «Renuncio a tudo, diz, para seguir o meu Eſposo na mesma vida que viveu.» É o que faz uma pessoa que se consagra a Deus por votos e o que deve fazer para bem os observar. Oh! Feliz estado dum alma que observa os votos, principalmente o de pobreza, e não descara também os outros. Assim, minhas queridas Irmãs, enquanto guardardes esta regra, Deus vos abençoará; mas, se

faltardes, não ficareis por aí; esta inobservância vos fará cair na infelicidade de Judas. Uma Irmã que fosse tão infeliz até guardar para si os bens dos pobres, minhas Irmãs, não perseverará na sua vocação. Não, não é possível que persevere. Poderá permanecer algum tempo; mas Deus não permitirá que infecte por muito tempo uma tão santa Companhia, nem que calque aos pés as graças que sobre ela derrama continuamente. Pois, que faz uma Irmã que não observa as suas regras, senão calcar aos pés os meios que Deus concedeu para a santificação das inúmeras almas que chamou para esta casa? Que infelicidade para as que não guardam esta regra! Poderão ser causa de ruína para toda a Companhia.

Receio, minhas queridas Irmãs, que faltando a esta regra, a Comunidade pereça. Pensei muitas vezes no que poderia causar este mal e fazer tanta ruína; não tornar a ver em Paris tantas virgens e viúvas a visitar os pobres; ou não tornar a ver na cidade pessoas com a panela dos pobres doentes! Este mal seria proveniente de terem guardado o que pertencia aos pobres. Há ainda outros crimes que podem destruir esta obra; mas este é um dos principais. Que infelicidade se dissessem que as Filhas da Caridade roubam, que são más e se apropriam dos bens dos pobres sob pretexto de os servir, que ninguém pode ter confiança nelas, porque são umas malvadas! Minhas queridas Irmãs, quando chegarmos a isto, digamos adeus à caridade. Que grande mal, se ouvíssemos dizer: «Esta desgraçada Irmã, em cujo poder encontraram dois escudos, é causa de tudo isto!» Quando as pessoas virem esta Irmã, e se uma ou duas tiverem feito o mesmo noutra paróquia, avisarão toda a gente do lugar, para que se acautelem e lhes não suceda o que aconteceu a uma tal senhora. Depois, esta fama espalhar-se-á por toda a parte e não terão mais confiança em nenhuma Irmã. É, então, a ruína da Companhia.

Mas, Senhor, que dizeis? É muito difícil nunca poder desejar a satisfação dos nossos gostos, nem nada do que nos agrada.

Que meio devemos empregar para nos podermos dominar sempre e continuamente resistir às inclinações que, ordinariamente, nos levam a desejar estas coisas de que devemos fugir? Respondo-vos que é a concupiscência da carne que faz falar assim. Viver segundo a carne, é morrer, morrer à vida da graça, que é bem mais importante do que a do corpo. Aqueles que se querem satisfazer e viver segundo a carne, não têm a vida do espírito. *Moriemini*, diz S. Paulo, (Ep. aos Rom. VIII, 13). Morrireis se quiserdes viver segundo a carne. É incompatível. Minhas Irmãs, se a Companhia perecer pela inobservância de alguma regra, será por não terem observado esta.

Parece, Senhor, que isto é muito difícil para uma pessoa que não é mortificada: morrer a si própria, viver numa perpétua renúncia aos prazeres e comodidades da vida, é muito difícil. — É verdade, minhas Irmãs, uma pessoa que não procura a Deus, e procura-se si mesma, encontra grandes dificuldades no caminho da virtude. As mais pequenas coisas que contrariam os seus sentimentos, são-lhe insuportáveis, e um pequeno desgosto parece-lhe uma coisa enorme. Isto não sucede aos que amam a Deus, porque sabem bem que a sua felicidade consiste em seguir o exemplo do Filho de Deus e em viver, tanto quanto possível, como Ele viveu sobre a terra. Eis a razão, minhas queridas Irmãs, porque me parece tão sublime, ver um homem amar a Deus, só a Ele procurar e não ter outro desejo senão o de Lhe agradecer. Nada encontra tão agradável como estar no estado em que Nosso Senhor o quer.

Nunca ouvistes o que contam a respeito de Taulère? Levaram-lhe, um dia um pobre homem coberto de úlceras. Este médico, vendo-o em tão grande miséria, comoveu-se e disse-lhe: «Peço a Deus que vos abençoe, meu amigo». Tenho muita pena por vos ver assim tão doente! — «Ah! Meu Salvador! Que dizeis, Senhor! Que dizeis? Senhor, disse o pobre homem, lastimais-me por eu me achar no estado em que Deus me pôs. Não sou eu bem feliz, pois que, estando assim, agrado a Nosso Senhor?» — «Mas, estais assim contente?» Diz-lhe o médico. — Sim, estou satisfeito, replicou. Se é o estado em que Deus me quer, se foi Ele que me pôs assim, porque não estaria contente? Estou, sim, e de tal forma, que não quero outra coisa que não seja a vontade de Deus». — «Mas, meu irmão, acrescentou o médico, se alguém vos quisesse livrar desse estado não ficaríeis satisfeito?» — «Digo-vos, respondeu este pobre homem, que estou mais contente com a minha pobreza do que vós, que me falais, na vossa abundância, e do que todos os que vivem no meio da vaidade.» O médico ficou tão edificado com isto que se converteu.

Ah! Minhas Irmãs, procuremos fazer como este pobre, isto é, nada desejar que não seja conforme ao estado em que Deus nos quer, pois devemos contentar-nos com isso.

A regra proíbe guardar seja o que for, contra a vontade dos Superiores. Se gostais deste estado, amais o estado em que o vosso Esposo quis viver; doutro modo, se dais ao vosso espírito a liberdade de se satisfazer, nunca guardareis a fidelidade que deveis a Deus. Se calais uma falta e não vos corrigis dela, embora vos não entregueis completamente às faltas de que falámos, Deus permitirá que isso suceda em castigo da vossa infidelidade; daqui se seguirá a vossa perda. Se comprehendêsseis, minhas queridas

Irmãs, este grande mal! Ah! Salvador! Bem podemos dizer que as que caem nesta falta, tornam-se culpadas da perda da Companhia. O quê! Ser causa da destruição duma obra tão santa! Que dirá essa pessoa quando Deus lhe pedir conta da Companhia que destruiu, rompendo os laços que unia os seus súbditos e não guardando o que prometeu quando nela entrou! Que desculpa poderá dar!

Lembrai-vos de que uma Irmã não perseverará, se não observar esta regra. Não, nunca sereis fiéis à vossa vocação se não fordes exactas ao que vos disse. Minhas Irmãs, sede firmes e tende a certeza de que, não observar a regra da santa pobreza, é estar em perigo, não só de deixar a vocação, mas de perder a Companhia e de um dia serdes abandonadas por Deus, tanto mais que a pobreza é a base e o fundamento que a sustém, e que, faltando, o edificio cairá em ruínas. Minhas queridas Irmãs, se houvesse alguma tão miserável, capaz de guardar para si alguma coisa, não mereceria estar entre as outras, e Deus não permitiria que ficasse muito tempo oculta. Penso que não as há; mas, se houvesse, não se deveriam suportar! O quê! saber que as há e conservá-las aqui! Seria preciso livrar-nos delas; senão seríamos culpados pelo mal que fizessem, e contribuiríamos para a sua perda, suportando-as no seu mal, e causaríamos o da Companhia, que não poderia continuar com tais membros.

Digo mais: se encontrássemos na Companhia uma Irmã desta espécie, Deus nos reprenderia por esta falta, se não lhe déssemos o remédio necessário. Acontece o mesmo com uma casa do que com um aprisco: se o pastor suportar uma ovelha tihosa entre as boas ovelhas, que lhe dirá o patrão? Se o Superior ou a Superiora souberem que uma Irmã está atacada com a doença da tinha do pecado, que, pelo seu veneno, causa dano às outras, e a não eliminasse, seriam culpados de todo o mal que acontecesse. Ó Salvador! É necessário precaver-nos bem contra este vício. A experiência mostra que basta uma ovelha tihosa para estragar todo o rebanho. Ora, o pecado é uma tinha muito mais perigosa do que a que ataca os rebanhos; querer possuir os bens dos pobres ou da Comunidade, é um grande pecado, que contagiará uma e depois outra, se não lhe dermos remédio, como faz o pastor, que separa do rebanho as ovelhas atingidas pela tinha. Se os Superiores não procederem assim, Deus permitirá que esta Irmã de má vontade, a pegue à outra; e pouco a pouco toda a Companhia ficará infectada. É necessário pois, separar estas pessoas das outras, se as houver; o que eu não quero crer. Mas, se alguma vez este mal succeder a alguma Filha da Caridade, é necessário expulsá-la como uma ladra, indigna de permanecer entre as outras.

Sabeis como se tratava outróra esta espécie de pessoas? Conta S. Gregório que, se encontrassem um padre que tivesse reservado alguma coisa para si, tiravam-lhe a batina; se fosse um leigo, proibiam-lhe a comunhão. Se uma religiosa morresse com cinco tostões, não era enterrada na terra benta, mas com os animais, sendo assim indigna de estar entre as que foram fiéis a Deus. Minhas queridas Irmãs, se uma religiosa é privada de um tão grande bem por se ter apropriado de cinco tostões, que seria duma Filha da Caridade, que guardasse para si o que pertence aos bens dos pobres! Quando encontrarem dois ou três vintens na posse duma e outros tantos na posse doutra, dirão: «Nem tudo o que luz é oiro. Estas Irmãs de quem diziam tanto bem, guardaram o dinheiro duma senhora!» Será possível que isto aconteça! No princípio serviam os pobres com tanto cuidado e fidelidade, mas agora já não é assim; procuram mais os seus interesses e comodidades do que o serviço dos doentes.»

Quando tivermos chegado a este estado, adeus Filhas da Caridade. Mas, enquanto guardarem esta regra e amarem a pobreza, Deus abençoará a Companhia; se a não guardarem, afirmo que é muito difficil, para não dizer impossível, que subsista. Muito menos poderão guardar a fidelidade que devem ao seu Esposo. Minhas Filhas, quando estiverdes mais esclarecidas e que aprouver a Deus fazer-vos conhecer a felicidade de quem pratica o que acabamos de dizer, que, de todos os estados do Filho de Deus não houve um que Ele mais tenha amado do que o da pobreza, considerar-vos-eis muito felizes quando encontrardes uma ocasião de O imitar. E se alguma coisa vos faltar e tiverdes o desejo de a possuir, considerai o estado do Filho de Deus, e dizei: «Tenho todo o necessário e mais do que mereço. Como! Desejar que me seja concedido tudo o que me pode satisfazer e não me faltar coisa alguma! Isso não é para mim! Devo seguir Nosso Senhor, e Ele nada estimava como a privação de tudo o que satisfaz a concupiscência da carne.»

Uma alma que ama a pobreza evita tudo o que é contrário a esta virtude: a posse de bens, a superfluidade, a delicadeza, etc; foge de tudo isto. Se lhe vem ao pensamento procurar a sua satisfação, diz: «Não quero fazer nada disto; é a concupiscência da carne que me sugere o desejo de pedir estas coisas. Mas, a minha regra proíbe-o, não o farei.»

Minhas Irmãs, quando uma Filha da Caridade procede desta maneira, é muito agradável a Deus; e quanto mais amor tiver à pobreza, mais crescerá na virtude; porque não pode amar a vida que Nosso Senhor viveu, sem amar a Deus, Oh! Quem tem o amor de Deus não têm outro desejo senão de Lhe agradar, e não Lhe

agradareis mais perfeitamente do que sendo fiéis à observância das vossas regras.

Minhas Irmãs, resolvi-vos a isso. Mas, como não podemos tomar essa resolução sem a graça de Deus, devemos pedir-Lha, particularmente nas nossas comunhões. Se quereis o meu conselho, a primeira comunhão que fizerdes será com o fim de alcançar de Deus a graça de bem observardes esta regra. Se o espírito de pobreza fôr conservado, minhas queridas Irmãs, a caridade florescerá entre vós e dareis excelentes frutos à Igreja. Mas acautelai-vos do que acabo de dizer. De todos os lados me pedem Irmãs e tenho grande dificuldade em me ver livre das pessoas a quem se não pode atender tão prontamente como desejam. Escrevi a um vigário geral que desejou conhecer o vosso modo de vida. O que lhe mandei dizer, simplesmente, sem aumentar nem diminuir nada, edificou-o de tal modo, que me disse numa das suas cartas: «Senhor, parece-me que a ordem e o método de vida dessas Irmãs é muito conforme à do Filho de Deus. Por esta razão não pode ter sido inspirada senão por Deus».

Ó minhas Irmãs, que felicidade, encontrarem-se num estado de vida semelhante à de Nosso Senhor! Quem poderá conceber a felicidade das Filhas da Caridade! Que felicidade, minhas Irmãs, saber que as vossas Regras são de Deus e dadas por Deus para honrar a vida que Seu Filho levou sobre a terra! Oh! Que felicidade estar no caminho que conduz directamente a Deus!

Que nos resta agora, senão tomar, desde já, a resolução de seguir sempre pelo caminho que as Regras nos indicam. As nossas boas Irmãs que estão no céu sabem bem quanto é necessário ser-lhes fiéis. Mas já o compreendiam bem quando estavam entre nós, porque seguiram sempre este caminho e nunca dele se desviaram. Minhas Irmãs, quando sentirem alguma dificuldade, pensem que elas vos precederam na prática do que vos parece tão difícil e que Deus vos concederá as mesmas graças. Coragem, pois, minhas Filhas! Sêde firmes; elas observaram esta regra, e vós também lhes sereis fiéis. Coragem! Porque Deus não vos faltará. Mas é preciso resolverem-se a isso, não obstante as tentações que nunca faltam aos servos e servas de Deus. Se o demónio não poupou Nosso Senhor e se atreveu a dizer-Lhe: «Adora-me», o que não fará para nos perder! Mas assim como o Filho de Deus, alcançando a vitória sobre o demónio, nos adquiriu a graça de vencermos as tentações; assim devem recorrer à oração quando forem tentadas, e dizer: «Meu Deus, ordenastes pelas minhas regras que faça isto, e estou tentada a fazer o contrário. Meu Deus, ajudai-me, dai-me a graça de vencer esta tentação.»

Poderá alguma dizer: é certo que o Filho de Deus foi tentado,

mas era todo pederoso para poder resistir à tentação; que poderá agora fazer uma pobre Filha da Caridade para não cair na tentação? Coragem! Vencereis com Ele. Ele venceu primeiro. Tende a certeza de que não há estado mais feliz do que aquele que Nosso Senhor nos aconselha e que só o demónio e a carne o podem fazer achar difficil. No céu, as nossas bem-aventuradas Irmãs gozam já do prémio que mereceram pela fidelidade a tudo o que lhes foi ordenado. Peço a Nosso Senhor que vos conceda a graça de as imitar na prática das Regras, para gozarem, também, depois desta vida, da mesma felicidade na glória.

77. — CONFERÊNCIA DO DIA 30 DE AGOSTO DE 1656

### ÀS DUAS IRMÃS ENVIADAS PARA A FUNDAÇÃO DE ARRÁS<sup>(1)</sup>

Minhas Irmãs, vou dizer em três pontos, a razão desta viagem, pois a divina Providência escolheu-nos para isso. O primeiro ponto trata das razões porque se devem dar a Deus a fim de cumprirem a sua santa vontade: o segundo, do que farão ali: o terceiro, dos meios para fazerem bem o que Deus vos pede.

Quanto ao primeiro ponto, a primeira razão é a vossa doação a Deus para fazerdes em tudo e por toda a parte a Sua santíssima vontade; porque, minhas Irmãs, não vos pertenceis, sois de Deus, por isso podeis dizer: «Não nos pertencemos, somos inteiramente de Deus.» Que consolação, minhas Irmãs, não nos pertencermos, mas pertencermos só a Deus, como fazeis!

A segunda razão, minhas Irmãs, é que ides viver com pessoas que servem a Deus e têm muita caridade; sim, são pessoas muito boas, e isto é uma grande consolação, ao passo que se fósseis para o meio de pessoas más, seria muito mais penoso.

Uma terceira razão é que fostes escolhidas para isso, minhas Irmãs. Fostes eleitas por Deus; vós e não outras. A Irmã quando estava na Misericórdia pensou alguma vez nisso? E a Irmã quando estava em Orleans? Quem o diria? Sem dúvida, foi Deus que o quis, porque as Irmãs nunca pensaram nisso. Mas o que podem crer, minhas Irmãs, é que a vossa vocação foi bem provada e que o resto veio de Deus.

O segundo ponto, minhas queridas Irmãs, é o que ireis fazer ali, o mesmo que o Filho de Deus fez sobre a terra, porque Ele veio para dar a vida ao mundo, e vós, ides dar a esses pobres

(1) Margarida Chétif e Radegunda Lenfanti.

doentes, a vida do corpo e da alma. Que felicidade fundar e estabelecer a Caridade numa cidade tão importante, no meio de um povo tão bom! Pediram-vos por um ano, por seis meses, ou talvez para sempre. Seja como fôr, vai também convosco uma boa menina, muito caritativa; honrai-a muito e em tudo procurai ter sempre em vista o bem dos pobres.

Antes de tudo, ireis cumprimentar o Senhor Bispo de Arrás <sup>(1)</sup> para lhe pedir a bênção e receber as suas ordens. Pedireis também a bênção ao Senhor Vigário Geral e juntas cumprimentareis um bom gentil-homem que deve lá estar e o Senhor Governador, a quem direis que estão ali para receber as suas ordens. Viverão as duas sôzinhas sem mais ninguém. Examinarão as propostas que vos forem feitas para a fundação da Casa de Caridade tão desejada, seja para toda a cidade, ou para cada freguesia; o que, segundo o meu parecer, seria preferível. Tive ocasião de presenciar isto em Beauvais; quizeram no começo estabelecer uma caridade para toda a cidade, mas isto durou apenas algum tempo, e não deu resultado; fundaram-na depois em todas as freguesias, e assim ficou muito melhor do que estava. Ouvireis o que pensam fazer ali e depois direis o que costumam fazer nos outros sítios. No caso de ser uma freguesia por cada vez, escolhereis a melhor para começar, contando com a opinião do Senhor Bispo, depois irão a outra, e assim de seguida, como melhor convier. Não vos encarregueis de muitos doentes ao mesmo tempo; bastará oito ou dez. Procederão em tudo como costumam fazer aqui.

Além dessa boa menina que vai convosco, outras quererão acompanhar-vos na visita dos doente; deixai-as ir, mas não se encarreguem de muitas ao mesmo tempo. Duas serão suficientes; cada uma terá a sua; é o bastante. Mas não as deixem entrar no quarto durante as orações. Desde o princípio, dirão a essas boas meninas, que tendes os vossos regulamentos e, para isso, têm de estar sós. Guardarão o melhor que puderem os vossos pequenos regulamentos; só o serviço dos doentes vos pode impedir de os fazer, e então será deixar Deus por Deus.

Uma das Irmãs, disse:

Meu pai, estamos de tal forma habituadas a isso que, a maior parte das vezes, fazemos oração indo e vindo ou durante a missa.

— Sim, minhas Filhas, deveis fazer a oração durante a missa, quando o serviço dos doentes vos não deixar tempo, ou então depois do jantar, na hora mais a propósito.

O vosso confessor será o senhor Padre Canísius (o mesmo das religiosas de Santa Brígida); tende confiança nele. Se adoecer ou

(1) Estêvão Moreau (1656-1670.)

fôr para o campo, escrever-nos-eis, e então vos diremos a quem deveis ir. Peço-vos, minhas Irmãs, que escrevam à Senhora Le Gras, se puderem, todas as semanas, e a mim muitas vezes.

Portanto, minhas Irmãs, sigam em tudo o parecer das pessoas que citei, contanto que não haja nada contrário às vossas Regras.

Lá encontrarão um padre da Missão, receberão também as suas ordens, contanto que não sejam nunca contra os vossos exercícios. Se ele vos mandar fazer alguma coisa contra as vossas regras ou contra o que costumais fazer aqui, dizei-lhe: «Senhor, isso não é conforme às nossas práticas; peço que nos desculpe». Enfim, não façais nada contra os vossos santos costumes.

A Irmã disse :

Meu Pai, sou incapaz de fazer tudo isso, porque me reconheço indigna e penso que só cometerei muitas faltas. Será bem preciso que Deus opere e trabalhe por nós.

Tendo a outra Irmã testemunhado os mesmos sentimentos, o nosso Venerandíssimo Pai respondeu-lhes :

Deus vos abençõe, minhas Irmãs ! São estes os meios que deveis empregar para fazer bem o que Deus vos pede e que são : primeiro, que permaneçais nos sentimentos que manifestais, pensar que não poderão fazer nada bem, que estragarão tudo, bem convencidas de que não farão nada e não serão capazes de coisa alguma sem uma graça particular de Deus. Eis, minhas Irmãs, um excelente meio : ter baixos sentimentos de vós mesmas.

O segundo meio, é primeiramente a caridade e a união entre vós. Ó minhas Irmãs, grande caridade e suporte mútuo ! Porque poderá acontecer que, de vez em quando, haja entre as Irmãs alguma coisa que lhes faça pena ; mas, minhas Irmãs, suportai-o ; e se derem uma à outra motivo de descontentamento, imediatamente devem pedir perdão. Peço-vos, pois, minha Irmã, que considereis na vossa Irmã a pessoa de Nosso Senhor, e vós, minha Irmã, que considereis, na vossa companheira, a pessoa da Santíssima Virgem.

O terceiro meio, é a humildade para com os outros, grande humildade para com todos, estimar todas as pessoas e preferir os outros a vós mesmas ; dai sempre o primeiro lugar a essa boa menina, e a preferência a toda a gente. Quando eu ia fazer uma missão com algum padre dos «Bons Meninos,» fazia-o sempre passar à frente com grande humildade. Portanto, minhas Irmãs, amai o desprezo que poderão ter por vós, porque poderá acontecer que vos desprezem e não vos estimem ; e, se lhes disserem que tiraram o dinheiro dos pobres ou que não distribuem tudo o que recebem para os pobres, humilhem-se, porque, se trouxéssem um colar de

pérolas ao pescoço, diriam que o tendes à custa dos pobres, como disseram da Senhora Duquesa. (1).

Aqui está, pois, minhas queridas Irmãs, os meios que devem empregar para fazer o que Deus quer de vós: primeiro, humildade consigo mesmas; segundo, caridade para com os que vos rodeiam, particularmente para com os pobres doentes; terceiro, humildade para com todos.

Mas, porque não podem praticar isto sem uma graça particular de Deus, entregai-vos a Ele de todo o vosso coração e pedi-Lhe muito que vos ajude. É o que peço para vós com todo o meu coração, minhas queridas Irmãs, apesar de muito indigno, e peço-vos que supliqueis a Deus por um miserável pecador. Peço-Lhe que Ele vos dê a sua santa bênção.

*Benedictio Dei Patris...*

78 — CONFERÊNCIA DE 14 DE DEZEMBRO DE 1656

### SOBRE O JUBILEU

Minhas queridas Irmãs, o assunto desta conferência é sobre o jubileu. O primeiro ponto é tirado das razões que temos para nos darmos a Nosso Senhor e assim nos dispormos a bem ganhar o jubileu; segundo ponto, o que é preciso fazer para o podermos ganhar; terceiro ponto, os obstáculos que nos podem impedir de ganhar o jubileu.

Minhas queridas Irmãs, antes de vos explicar o primeiro ponto, pensei que era preciso dizer-vos o que é o jubileu. Esta palavra jubileu quer dizer alegria, e ano de jubileu, ano de gozo. Há duas espécies de jubileu, o da antiga e o da nova lei. O jubileu da antiga lei era um ano de regozijo e de repouso para toda a gente; não se fazia nada nesse ano; os próprios animais não trabalhavam nas terras; e assim todos descansavam. Os que tinham pedido dinheiro emprestado ficavam livres da sua dívida e os bens que tinham sido vendidos eram entregues às pessoas a quem pertenciam, porque Deus mesmo tinha ordenado deste modo; os escravos eram postos em liberdade; numa palavra, tudo gozava da liberdade.

Ora, vêde se não havia razão para se alegrarem. O ano do jubileu era um motivo de grande consolação.

---

(1). A duquesa de Aiguillon.

O jubileu da lei de Nosso Senhor Jesus Cristo produz os mesmos efeitos do primeiro e é um grande motivo de consolação para todos os cristãos, mas não de consolação temporal, como o da antiga lei, que só dizia respeito ao corpo. O da lei nova diz respeito à alma. As mesmas consolações que o jubileu dava temporalmente, nós as recebemos espiritualmente no ano do jubileu. Como se dá isso? É que aqueles que têm as dívidas das suas paixões, e os que estão sob o domínio do espírito maligno por terem obedecido às suas tentações, depois de terem ganho o jubileu, são libertados de tudo isso. E, como os escravos eram postos em liberdade, assim os escravos do demónio são libertados pela graça que recebem e retomam a liberdade dos filhos de Deus. É por isso, minhas queridas Irmãs, é um grande motivo de consolação recuperar os bens da alma que se tinham perdido, voltar ao estado da graça de Deus e ser reconhecido como filho de Deus. O jubileu cumpre tudo isto pelos méritos do Sangue de Jesus Cristo que nos é aplicado e pelo qual retomamos o direito de Filhos de Deus, de herdeiros do Seu reino, de modo que Ele olha para nós com amor e nos trata como seus filhos muito amados.

Ora, minhas queridas Irmãs, para melhor compreender este primeiro ponto, deveis saber que há duas penas devidas ao pecado: uma eterna, que se sofre no inferno, e a outra temporal, correspondente às duas classes de malícia do pecado; a primeira faz-nos voltar as costas a Deus e a outra faz-nos voltar o rosto para as criaturas. De filhos de Deus que éramos, tornamo-nos escravos do pecado. Por uma pequena satisfação, por um prato de lentilhas, por uma paixão, voltámos as costas a Deus e voltámos o rosto, isto é, a afeição, para o mundo, para as riquezas e para outras coisas da terra.

Ora, como todo o pecado mortal causa estes dois males, merece também dois castigos. Um, por se ter afastado de Deus. O acto de voltar as costas a Deus merece o castigo de jamais O vermos e esta pena chama-se a pena de dano. Eis o primeiro efeito: priva-nos do paraíso e da visão beatífica.

É porque, voltando as costas a Deus, voltámos o rosto para as criaturas, tornamo-nos merecedores das penas eternas.

O primeiro motivo, pois, para nos prepararmos convenientemente para ganhar o jubileu, é que o pecado nos põe num estado de jamais vermos a Deus; o segundo que nos torna réus das penas eternas por termos voltado o rosto para as criaturas, desprezando o Criador. Que devemos, pois, fazer para adquirir a graça de Deus quando tivermos consentido no pecado? Oh! Devemos voltar-nos para a Sua divina Majestade; e é o que fazemos quando nos confessamos com espírito de verdadeira penitência.

A sua Divina Bondade perdoa-nos a primeira malícia do pecado, de modo que adquirimos a graça de Deus pela absolvição. Mas a confissão só perdoa a culpa e não impede que tenhamos de sofrer a pena que merece o pecado e que é necessário satisfazer neste mundo ou no outro.

Como, Senhor! A absolvição não nos isenta da pena devida aos pecados que tivermos confessado? — Não, minhas Irmãs, temos ainda que fazer penitência neste mundo por meio das doenças que Deus nos envia, ou por outras penas que Ele permite que nos sobrevenham. Seja como fôr, devemos satisfazer a justiça divina, e uma pessoa que o não faz enquanto tem meios para o fazer, e morre sem ter reparado os pecados que cometeu, vai para o purgatório; neste lugar, sofre a pena do fogo, que é um tormento maior que todas as penas que se podem imaginar e mesmo maior que tudo o que nosso Senhor Jesus Cristo sofreu na sua paixão.

Oh! Mas, Senhor, teremos que ficar muito tempo no purgatório? — Ó minhas Irmãs, isso não se pode saber. Fica-se lá até que Deus esteja satisfeito. Quais são, pois, os meios para remediar esse mal, e de não sermos obrigadas a estas penas depois desta vida?

Minhas queridas Irmãs, o meio de não irmos para o purgatório, é ganhar o jubileu e as indulgências; só este meio nos pode isentar das penas devidas aos nossos pecados.

Mas é preciso que seja o Papa que no-lo conceda, porque só a ele pertence dispôr dos tesouros da Igreja. Ora, os tesouros da Igreja, são os méritos de Jesus Cristo, que, sendo aplicados às nossas almas pelo jubileu que o Santo Padre nos proporciona, não só semos estabelecidos na graça de Deus, mas é-nos perdoada a pena devida aos nossos pecados; de forma que, se uma pessoa que fez bem o jubileu, morrer nessa ocasião, vai direita ao paraíso. Sim, minhas queridas Irmãs, isto é o que nos ensina a fé. Oh! Que felicidade para aqueles que ganharem bem o jubileu! Poder dizer-se que, quem faz tudo o que está indicado para lucrar o jubileu, se morrer nesse momento, vai direito ao paraíso, sem passar pelo purgatório!

Minhas queridas Irmãs, que grande bem nos é proporcionado pelo jubileu! Está dito que nada de impuro entrará na cidade santa, e é preciso não ter nenhuma mancha de pecado, nem de culpa, nem de pena, para entrar no céu. E se nos encontrarmos culpados de um só pecado depois da morte, é preciso ser purificado dele, ainda que o tenhamos confessado.

Temos o exemplo do nosso primeiro pai Adão, que nos mostra bem que a pena do pecado não é perdoada ao mesmo tempo

que a culpa, porque, ainda que Deus lhe tivesse perdoado, ele não deixou de fazer uma grande penitência.

E David, reconhecendo a sua falta com pesar, obteve também o perdão e mereceu que o profeta Natam lhe dissésse da parte de Deus, que o seu pecado estava perdoado. Mas quando David disse: «Ah! Senhor, pequei.» — «Pois bem! diz Natam, consola-te, o teu pecado está perdoado; mas não ficarás por aqui. Não irás para o inferno, mas Deus não se contenta com isso; fará morrer o filho que tanto amas, em castigo do pecado que cometeste.» Vêde como Deus quer que o adultério de David seja castigado pela morte do filho que dele proveio; e, com efeito, ele morreu, como o profeta o tinha dito. Não só se trata de nos livrar dos pecados mortais que nos induzem às penas do inferno, mas ainda todos os pecados nos são perdoados; tanto os mortais como os veniais, e isto é uma grande graça; porque, minhas queridas Irmãs, um só pecado venial atrasa a nossa entrada no paraíso e nos obriga a fazer penitência.

Como! Senhor, dir-me-eis vós, um pecado venial, uma mentirinha, obriga-nos a fazer penitência? — Sim, minhas Irmãs, a falta mais leve, como por exemplo, se não fizermos o possível por afastar uma distracção durante a santa missa, não será perdoada sem alguma pena neste mundo ou no outro, a não ser pelo jubileu, que, como vo-lo disse, apaga a pena e a culpa de todos os pecados, mesmo dos pecados mortais esquecidos. Se na confissão se esquecesse algum pecado mortal, a culpa e a pena deste pecado seriam perdoadas pelo jubileu.

Eis pois, minhas queridas Irmãs, um grande motivo para agradecer a Deus por ter inspirado ao nosso Santo Padre o Papa tão santo pensamento, que não pode vir senão da sua divina bondade, a qual, desejando que todas as almas dos fiéis sejam estabelecidas na Sua graça, inspirou ao Santo Padre o pensamento de conceder este jubileu.

O grande motivo para nos excitar a fazer bem tudo o que é requerido para receber tão grande graça, é de nos pormos num estado de perfeição que, se morrêssemos, fôssemos direitos ao paraíso, e se tivéssemos uma mancha na alma que nos obrigasse a ir para o purgatório, esta mancha seria apagada. Mas, como para tirar uma nódoa no que está manchado, é preciso ter algum trabalho, é necessário raspar ou esfregar o sítio que está sujo, assim para tirar essa mancha que o pecado fez na alma, é preciso que me custe alguma coisa, como é justo. E eis que, de repente, sem nenhuma dificuldade, é apagada por intermédio do jubileu.

Um outro motivo, minhas queridas Irmãs, para se darem a Deus aqueles a quem Ele dá as disposições necessárias para isso,

é porque o jubileu não é só para nós mas para o bem geral da Igreja. O Papa, considerando que a Igreja é composta de vários membros, formando todos um só corpo, e que, entre os fiéis, há tantos padres maus que a desonram, tantos cristãos que se portam mal, o Papa pensou que era necessário que todo o povo se pusesse em oração para alcançar de Deus a conversão dos pecadores, a santificação da Santa Igreja e livrá-la de tantas heresias que a afligem desde há mil e trezentos anos. E Deus queira que, o que vemos nos nossos dias, não seja o começo de outra! Eis o que é preciso pedir a Deus, que cada qual cumpra bem o seu dever na sua condição, que os padres sejam santos, que os párocos desempenhem bem o seu cargo e que todas as comunidades vivam na perfeição que Deus pede delas.

E' este, minhas queridas Irmãs, um dos fins do jubileu. Considerai se as Filhas da Caridade não têm motivo de guardar todas as suas Regras, assim como as Irmãs da Madalena, da Visitação e todas as outras casas religiosas, afim de alcançarem de Nosso Senhor que atenda as orações que Lhe são dirigidas, que dê bons padres à sua Igreja e que todos os cristãos vivam santamente, como são obrigados a viver. Eis a intenção do Papa ao conceder o jubileu.

O segundo motivo, é que o jubileu não é só a favor da Igreja; é ainda para conseguir a paz e para pedir a Deus que no-la conceda e faça cessar a guerra que há tanto tempo afflige o pobre povo. Neste momento está terrível como nunca foi. Na fronteira da Picardia, nos arredores de S. Quentim, é uma miséria que se não pode exprimir, segundo o que o nosso Irmão João, <sup>(1)</sup> que anda por essas paragens, me escreveu sobre isso. Um destes dias vi um bom pároco destes sítios que me dizia: «O Santo Padre, ao saber todas estas notícias, desejou que todos os cristãos orassem para alcançar da bondade de Deus o alívio do povo: e, para esse efeito, ordenou o jubileu.» Oh! Minhas queridas Irmãs, que motivo temos para nos darmos a Deus, para o bem fazer.

Que felicidade, minhas queridas Irmãs, se Deus vos conceder a graça de cumprirdes com perfeição as prescrições exigidas pela bula, de tal maneira que as orações que dirigis a Deus mereçam ser-Lhe agradáveis. Que felicidade se esta pequena Companhia puder obter de Deus que cesse esse flagelo da guerra e da peste, que é tão terrível, que morrem por dia perto de duzentas e trinta a duzentas e quarenta pessoas! Oh! Que felicidade se alcançardes de Nosso Senhor a graça de que as pessoas atingidas por esta doença sejam salvas e as que o não estão sejam delas preserva-

---

(1) João Parre.

das! Que grande motivo para pedir a Deus por esta intenção, porque várias pessoas estão expostas ao perigo, de modo que, se Deus não as preserva, não podem evitar esse mal. Temos dois dos nossos em Génova, dois em Roma e dois em Varsóvia que também estão expostos ao perigo. Recomendo-os às vossas orações. Quanto aos dois da Polónia, tiveram-na, mas curaram-se, graças a Deus.

Eis os grandes motivos para nos excitarmos a fazer o que Nosso Senhor inspirou ao Nosso Santo Padre. Primeiramente, trata-se de alcançar de Deus a paz, tanto para a Igreja como para o povo; trata-se de vos pôr de tal forma na graça de Deus que não vos fique nenhuma mancha de pecado, nem de culpa, nem de pena. Vêde, que cúmulo de consolação tem uma alma que, depois de ter feito o que devia fazer, se vê neste estado.

Ora, portanto, minhas queridas Irmãs, eis os motivos que nos devem levar a fazer bem o jubileu. Mas que é necessário fazermos para isso? É preciso fazer o que está prescrito na bula do Papa, primeiramente, e, depois, o que o nosso Bispo ordenou, não nos esquecendo de pedir a Deus a sua conservação. Vêde, minhas queridas Irmãs, nós devemos-lhe grande obrigação, nós, padres da Missão, e vós, porque foi ele que aprovou a vossa Companhia. Por isso, peço que se lembrem dele nas vossas orações, para que apraza a Deus conservá-lo para o bem da Sua Igreja. Que mais se deve fazer, minhas Irmãs? O Santo Padre ordena que se jeje só num dia, e que seja numa sexta-feira; que é um acto de penitência. Segundo, manda visitar uma ou várias Igrejas, e aí pedir a Deus pelas necessidades presentes, segundo o que diz a mesma bula. Com respeito às igrejas, podereis visitar aquelas que estão mais ao vosso alcance: Nossa Senhora, o Hospital Geral, estão destinadas para este efeito. E disso o Senhor Padre Portail foi nomeado juiz pelo Papa, visto que ele confere aos confessores o poder de fazer o que julgarem mais conveniente. Fareis o que ele vos ordenar. É preciso pois ir às Igrejas que forem designadas. E o que iremos ali fazer? Rezar pela paz, pelo nosso Santo Padre o Papa, pelo Rei, pela Rainha e por todo o povo, sobretudo orar para que o flagelo da peste cesse. Dirigindo-vos para lá, que os vossos pensamentos sejam de Nosso Senhor, recolhendo-vos interiormente.

Depois, é preciso confessarem-se. Não uma confissão geral; pelo menos não é necessária; se alguma a quiser fazer, ainda bem; mas não há necessidade disso. É bom acusarem-se, na santa confissão, de dois ou três pecados da vida passada; dos que nos causam mais pesar. Eis uma das coisas que está na bula: a confissão, na qual é preciso excitar-se extremamente à detestação e dôr do

pecado e ter uma firme resolução de não mais o cometer. Bem sabeis que esta disposição é indispensável para o pecado ser perdoado.

Diz-se que é necessário dar esmola. Mas, para isso, não tendes que vos preocupar. A Companhia dará por todas em geral, visto que sois pobres, e que a maior parte fez voto de pobreza, o que vos impede de possuir dinheiro. Nós também assim procedemos. A casa dará, portanto, a esmola por todas, e podeis oferecer a Nosso Senhor a que se faz por vós, e juntar a vossa intenção à dos Superiores.

A confissão para o jubileu deve ser feita em espírito extremamente contrito e humilhado, confissão que traz consigo a resolução de se desprender de todo o pecado mortal e venial, porque, se isto não existir, não tem o efeito que nós esperamos. Os doutores da Igreja dizem que mesmo só o affecto ao pecado venial é um impedimento para ganhar o jubileu.

É como conhecer se temos apego ao pecado? Por exemplo: murmurar contra uma Irmã, contra uma pessoa de autoridade, contra uma Irmã do Conselho, censurar o seu proceder e ter affecto a isto, minhas queridas Irmãs, é, segundo dizem os doutores, um impedimento para ganhar o jubileu.

É diferente cair nestas faltas por fraqueza ou por hábito, porque pode acontecer isso por surpresa, por paixão, ou de outro modo, sem ter affecto a isso. Mas quem tem uma firme resolução de não cair mais e se confessa com esta resolução, está na disposição de ganhar o jubileu.

Perguntar-me-ão: a murmuração é assim um mal tão grande para nos impedir de ganhar o jubileu? — Sim, minhas queridas Irmãs, e uma pessoa que tem affecto a isso, que murmura contra os Superiores, contra as pessoas do Estado e censura o governo, enquanto tiver affecto a isso, não pode ganhar o jubileu, porque Deus proíbe, acima de tudo, a murmuração. Diz-se no livro da Sabedoria que Deus detesta seis coisas, mas amaldiçoa a murmuração. Vêde, este pecado é tão grande que desagrada a Deus acima de todos os outros pecados; e o homicídio não é um pecado tão grande como a murmuração. Temos um exemplo em Datã e Abiron que foram castigados por Deus por terem murmurado contra Moisés; a terra tragou-os vivos, para mostrar o horror deste pecado.

Um outro grande impedimento para ganhar o jubileu, é estar apegada a um lugar mais do que a outro, querer ficar com esta Irmã e não com outra, querer escolher um officio antes do que outro; ter este affecto é uma coisa que impede de ganhar o jubileu. Ah! Salvador! Como é que uma Filha da Caridade que não deve ter coração nem amor senão por Deus, se prende a coi-

sas tão mesquinhas! Mas se assim fôr, este apego impede uma pessoa de ganhar o jubileu.

Um outro impedimento, é se houver qualquer animosidade contra o próximo. Não sei se isto existe aqui; mas se houvesse qualquer inveja entre vós, o que eu não acredito, isso seria um grande motivo de temor! Se derem um mau conselho a uma Irmã em consequência desta animosidade, se lançarem no espírito daqueles com quem falais qualquer má impressão, isso é um impedimento para ganhar a graça do jubileu. Eis a razão pela qual é necessário estar na disposição de vencer estes defeitos e sobretudo de não ter apego a nenhum lugar; e, desde este momento, é preciso tomar a resolução de não se afeiçoar nem a este lugar, nem a officio, nem seja ao que fôr, a não ser ao que apraza a Deus dar-vos. Quanto a mim, faço-o com todo o coração.

Seria ainda um impedimento para ganhar o jubileu se, nos nossos quartos, não recordasse tudo a pobreza de Nosso Senhor e da Santíssima Virgem. Por exemplo, quando se está doente, e se quer ser tão bem tratado que nada falte, é contra a pobreza; se uma Irmã quer tratar a sua Irmã doente como uma senhora, de forma que nada lhe falte e que ela não sinta a pobreza que deve haver entre as Filhas da Caridade, isto é um impedimento muito grande, porque nós somos pobres e porque Nosso Senhor o foi em toda a sua vida. Ora, devemos imitá-Lo no exemplo que Ele nos deu. Como se alimentava Ele? A maior parte das vezes só de pão, e é necessário que o procedimento das Filhas da Caridade seja semelhante ao de Nosso Senhor, sobretudo na pobreza; e se assim não fôr, temos um grande motivo para temer.

Quando eu digo que é necessário evitar o supérfluo e o exagerado cuidado com as Irmãs, não quero dizer que não se deva ter nenhum cuidado. Não, longe disso! Mas, quando uma Irmã por uma grande ternura pela sua companheira, se desvela a tratá-la bem, ou para se fazer amar e estimar, a fim de que se diga que é uma boa Irmã, que tem muita caridade para com as suas companheiras, é preciso moderar-se e dizer: «Eu quero tratar muito bem a minha Irmã; mas, porque somos de condição pobre e Servas dos Pobres, não farei nada contra isso». Porque, minhas queridas Irmãs, devem ter tanto a peito a maneira de viver do Filho de Deus que é preciso que as Suas máximas transpareçam em todo o vosso proceder e que todo aquele que vê uma Filha da Caridade possa dizer: é uma imagem da modéstia de Nosso Senhor.

Se alguma censurasse o proceder dos Superiores, seria também um grande impedimento às disposições que é necessário ter. Entre as Irmãs correu o boato, que não pode ter vindo senão do espírito

do demónio, de que, quando uma Irmã não serve para estar numa paróquia, nem noutro lugar, a mandam para a casa das crianças abandonadas como se fosse para uma prisão. Fiquem sabendo, minhas Irmãs, que este nunca foi o pensamento da Senhora Le Gras; mas, pelo contrário, quere-se prestar serviço a estas pobres crianças e servir-lhes de pai e de mãe. Oh! Vêde a malícia do demónio, lançando nos vossos espíritos este pensamento, e que grande mal é fazer correr este boato. O quê! Minhas Irmãs, temos nós melhores Irmãs do que as que estão alí pelo amor que têm a Deus, ao qual prestam serviço na pessoa destas crianças; e haverá quem diga que é porque não podem ser colocadas noutro sítio! Isso não é verdade, e não encontro Irmãs melhores noutro lugar. Eis a razão, minhas Irmãs porque devem tirar isso dos vossos espíritos e fiquem sabendo que censurar isto, manter esta linguagem e viver nesta disposição de espírito é um pecado venial; e o affecto, nem que seja apenas ao pecado venial, torna-as indignas de ganhar o jubileu.

Elévem, minhas Irmãs, os vossos corações, e eu convosco, e digamos a Deus que nunca murmuraremos. Ó Senhor, é sinceramente que nos entregamos a Vós para nunca murmurar contra os nossos Superiores, contra as Irmãs do Conselho, contra as Irmãs antigas, e mesmo contra o que as outras fazem. Eis, minhas Irmãs, o que é preciso fazer: não vermos o mal, a não ser em nós, e nunca encontrarmos ninguém pior do que nós.

Era o que eu pensava hoje e o que preguntava a mim mesmo: «Haverá no mundo homem pior do que eu? Haverá no inferno demónio pior do que eu?» E, com effeito, encontrei razão para me convencer. Eis o sentimento que é preciso ter: crer que todos se portam melhor do que nós, e que em toda a parte se serve a Deus melhor do que nós. Há tantas jovens em Paris que, se estivessem na Companhia, fariam muito melhor do que vós; e se tivessem encontrado a pérola do Evangelho, a fariam aproveitar muito melhor.

É isto, minhas queridas Irmãs, o que é preciso fazer para ganhar o jubileu; não ter nenhum apego ao pecado, amar só a Deus. Ó minhas queridas Irmãs, que felicidade tem uma alma que chegou a este estado! Recebi hoje uma carta de um dos nossos Irmãos, que me sensibilizou, e sou forçado a vo-lo comunicar. Manda-me dizer o seguinte: «Senhor, sinto um tão grande amor a Deus no meu coração que desejo que toda a gente O conheça, que toda a gente O ame, que toda a gente sinta quanto Ele é bom e digno de ser servido.» Eis o que este pobre rapaz me escreve.

Se fizermos como acabo de dizer e se nos entregarmos a Deus

para isso, tende a certeza de que estaremos nas disposições que Ele quer de nós para nas conceder a graça de ganharmos bem o jubileu. Tenhamos confiança em Nosso Senhor, minhas queridas Irmãs. Se nos esforçarmos em nos pôrmos no estado de Lhe agradecer, conceder-nos-á o que Lhe pedirmos.

Salvador das nossas almas, trata-se de ganhar um jubileu por meio do qual seremos livres de todo o pecado; trata-se de alcançar da Vossa Bondade a santificação da santa Igreja, a conservação da nosso Santo Padre e em seguida a graça de que todos os cristãos, para o futuro, Vos sirvam fielmente, que todas as comunidades vivam na perfeição que pedis delas. Mas, sobretudo, Senhor, concedei a esta pequena Companhia a graça de alcançar da Vossa Bondade que os Vossos castigos não caiam sobre aqueles que estão ameaçados do flagelo da peste e outras misérias, e que aqueles que estão oprimidos por ela sejam curados. Concedei-nos esta graça, ó Salvador. E porque o pecado, mesmo venial, Vos desagrada, nós renunciemos a ele para nunca mais o cometer. Se nos suceder, por fraqueza, voltar às faltas passadas, procuraremos levantar-nos e voltar a agradecer-Vos. Ó Santíssima Virgem, que sois a Mãe desta Companhia, alcançai-nos esta graça do Vosso Filho e a paz para a Sua Igreja.

*Benedictio Dei Patris...*

79 — CONFERÊNCIA DO DIA 6 DE JANEIRO DE 1657

## SOBRE A OBRIGAÇÃO DE TRABALHAR NA PERFEIÇÃO

Minhas Irmãs, o motivo da conferência de hoje, é o de trabalhar melhor do que até aqui, na própria santificação. O primeiro ponto é das razões que temos de melhor trabalhar na nossa própria perfeição, o que não fizemos no passado; o segundo, das práticas que devemos e queremos tomar este ano para melhor trabalhar na nossa própria perfeição e dos meios de a atingir.

Minhas queridas Irmãs, esta conferência é muito importante. É sobre este novo ano e as razões que temos de nos darmos a Deus para trabalhar na própria perfeição, melhor do que fizemos nos anos anteriores, porque cada um de nós deve crer que ainda nada fez de bem.

A primeira razão que nos obriga a trabalhar sempre cada vez mais na nossa perfeição, é porque Nosso Senhor, desde a hora do Seu nascimento, trabalhou incessantemente, padeceu para se tor-

nar agradável a Deus seu Pai e útil à Sua Igreja. Apenas passaram oito dias depois do Seu nascimento, fez-se circuncidar, para, desde então, começar a sofrer; e, imediatamente depois, é obrigado a fugir para o Egito. Numa palavra, pode-se dizer que toda a Sua vida foi um contínuo trabalho para se tornar cada vez mais agradável a Seu Pai.

Diz-se d'Ele que ia crescendo e aperfeiçoando-se em virtude diante de Deus e dos homens. Ah! Minhas queridas Irmãs, o Filho de Deus, um Deus, que desde o instante da sua Incarnação, estava cheio de graça, mesmo como homem, não se contentou com isso, mas trabalhou durante toda a vida para se aperfeiçoar cada vez mais.

Ora, minhas queridas Irmãs, como Ele é o exemplo da vossa Companhia, deveis trabalhar continuamente, à Sua imitação, para vos aperfeiçoardes. Logo que Ele começou a crescer, viram-no adiantar em virtude, de forma que hoje, via-se n'Ele mais perfeição do que no dia precedente. Devemos proceder do mesmo modo: caminhemos de virtude em virtude, trabalhemos cada vez mais e não digamos: chega.

A segunda razão para trabalhar continuamente no nosso adiantamento, é que é certo que, se não somos melhores hoje do que éramos ontem, somos piores, e podemos dizer: «Se este ano não fizer melhor que o ano passado, recuo. E porquê? É S. Bernardo que o diz: «Nos caminhos de Deus, não adiantar e ficar no mesmo estado, é recuar.» O rio, como sabem, minhas Irmãs, tem a sua corrente, e os barcos que seguem o curso da água, ainda que os não façam andar, não deixam de adiantar, porque o rio os arrasta. Mas, se fôr preciso ir contra a corrente, como por exemplo, se quisermos conduzir um barco daqui a Charenton, é preciso cavalos ou remos, para ajudar a fazer avançar o barco. Se um ou outro deixa de o fazer, recua imediatamente; se não tem continuamente os remos na mão, o barco volta ao sítio donde partiu. Ora, vêde, o mesmo sucede na vida das pessoas que saíam da massa corrompida do mundo para servir a Deus. É uma vida que não é segundo a natureza, porque a natureza é impelida a ver as coisas bonitas; a natureza quer ser estimada e louvada. Seguir isto é recuar. É a razão porque não há grande dificuldade, visto ser como a corrente de água que nos leva a essas coisas. A religião católica quer as coisas completamente contrárias à natureza; impele às coisas do céu, à prática da virtude. A natureza diz-me que olhe para as coisas da terra que siga as minhas paixões, que siga os meus prazeres; mas a razão diz completamente o contrário: «Queres pois atrair-me a ti e levar-me a seguir os teus apetites, queres que eu goze à vontade. Oh! Não será assim:

E' preciso que te mortifiques e que renunciés à tua própria satisfação.» Por exemplo, vamos pelas ruas: a natureza leva-nos a olhar para este homem ou para aquella mulher, e a razão diz que é preciso mortificar esta curiosidade. Em poucas palavras, a natureza faz-nos descer, e a religião católica subir. Quer dizer, se não continuarmos a mortificar-nos, e a ir contra as nossas más inclinações, se dermos a liberdade aos nossos olhos para verem o que se apresenta, sobretudo de fixar um homem, o que nunca se deve fazer, a não ser por necessidade, immediatamente dissipamo-nos e descemos. Sim, minhas queridas Irmãs, é certo que, se não trabalhamos incessantemente em mortificarmo-nos e em resistir às nossas paixões, elas tornam-se senhoras; e em seguida, vivemos segundo a natureza. Conhecé-lo-eis. Logo que uma Irmã deixe de ter a vista recolhida, vereis que será tão pouco mortificada como quando veio do mundo, porque é muito dissipada. Já não é a mesma como era antes, por que não continuou a trabalhar na sua perfeição. Um Capuchinho que conheço dizia-me um dia: «Vêde, Senhor, é preciso trabalhar incessantemente em mortificarmo-nos. Mesmo se tivéssemos um pé no paraíso, não se deveria deixar de trabalhar para lá introduzir o outro, porque aquelle que está de fora pode arrastar o que está dentro e perdê-lo.»

Por estas razões, minhas queridas Irmãs, é preciso mortificarmo-nos bem. Primeiramente, porque Nosso Senhor trabalhou continuamente e sofreu para se tornar agradável a Deus seu Pai e para se tornar útil à Sua Igreja, para nos dar o exemplo, e como Ele trabalharmos continuamente na nossa perfeição; segundo, porque, se não trabalharmos constantemente em tornarmo-nos melhores, indubitavelmente vamos de mal a pior, tanto mais que é impossível, em matéria de virtude, permanecer no mesmo estado.

Eis quanto ao primeiro ponto. Passemos ao segundo, que é sobre o que devemos fazer para trabalhar na nossa perfeição. Alguma poderá dizer: «Senhor Padre, dizeis que é necessário trabalhar para nos tornarmos melhores; sobre que ponto quereis que nós trabalhemos?» Minhas Irmãs, já vo-lo disse, que é preciso mortificarmo-nos. Que querem dizer estas palavras: é preciso mortificar-se?

É preciso que saibamos que temos em nós sentidos interiores e exteriores, que é preciso continuamente mortificá-los, se queremos viver não só como Filhas da Caridade, mas mesmo como boas cristãs. Os sentidos exteriores são a vista, o ouvido, o olfacto, o gosto e o tacto. Os interiores são as paixões da alma. Há onze, mas o amor, a raiva, a esperança e o desespero são os prin-

cipais e os que é necessário mortificar. Além disso, temos as três faculdades da alma: a memória, a inteligência e a vontade, que também é preciso mortificar. Sei que há algumas entre vós que talvez não o compreendam ainda, explicá-lo-emos agora.

Os olhos querem ver as coisas bonitas, os ouvidos escutar o que agrada e ouvir novidades, o olfacto deseja ter perfumes e bons cheiros, o gosto quer comer manjares delicados, gozar à vontade, e, como se diz vulgarmente, fazer do ventre o seu Deus.

Pelo tacto, é preciso abster-se de tocar coisa alguma, quer em si mesmo, quer nos outros, senão em caso de necessidade. É preciso, portanto, mortificar-se em todas estas coisas e impedir os sentidos exteriores de exercerem as suas funções, quando o julgarmos necessário para a glória de Deus e o bem do próximo.

Dir-vos-ei, minhas queridas Irmãs, que tenho muitas vezes a consolação de ver com que modéstia andais nas ruas e nos outros lugares aonde ides. Ouvei dizer que não suportais que se mantenham conversas indignas das esposas de Nosso Senhor. Oh! Que Deus vos abençoe, minhas Filhas, vós, que estais nesta prática! Porque uma Filha da Caridade nunca deve ouvir aquilo que a pode desviar do amor que deve ao Seu Esposo. Continuai, minhas Irmãs, eu vo-lo peço, deixai a conversa imediatamente, sobretudo com os homens.

Quanto ao gosto, sabeis como é preciso mortificá-lo, vivendo segundo a pobreza, contentando-vos com o pouco que tendes, sem desejar mais. Ó minhas Irmãs, ainda temos mais do que Nosso Senhor tinha quando estava sobre a terra, de quem se diz que se sustentava com pão, para voós fazer ver que se pode viver sem tantas delicadezas! Há prelados que vivem tão sóbriamente que é para admirar. Conheço um que só come uma vez ao dia, pão e água; outro, que desde há muitos anos vive só de pão e ervas<sup>(1)</sup>. Vêde, minhas Irmãs, o que devemos fazer, vendo pessoas do nosso tempo viver numa tal abstinência. E Santa Genoveva, de que vivia ela, minhas Irmãs? De favas, que mandava cozer duas vezes por semana, e apesar disso viveu até aos oitenta anos.

Como seria triste, depois disto, ouvir uma Filha da Caridade dizer: «Não posso comer isto, porque não me cai bem no estômago.» Imaginará que, se a comer, ficará indisposta; é nisto que é preciso mortificar o paladar e comer o que vos é apresentado, ainda que se sinta por isso repugnância. Excepto, no entanto, o que incomoda consideravelmente a saúde. Mas, quando se trata apenas de um pouco de repugnância, é preciso vencer-se. Ficai sabendo, minhas Irmãs, que Deus derrama uma certa suavi-

(1) Alano de Solminhac, bispo de Cahors.

dade e doçura nos manjares grosseiros e desagradáveis, quando são tomados por seu amor; e isto não se pode explicar. Porque, não só de pão vive o homem, mas de toda a palavra de Deus. Ora, os que vivem no meio de delicadezas não são capazes de entender isto, mas só aqueles que se sabem mortificar.

Senhor Padre, diz-nos muitas coisas. Como! Não poderemos, nem mesmo uma hora, descuidar a prática da mortificação?

— Sim, minha Irmã, eu vo-lo repito.

— Mas, o ano passado mortifiquei-me o mais que podia.

— Está muito bem, mas é preciso continuar, e continuar sem interrupção, se não quere recuar tanto ou mais do que avançou.

É necessário mortificar as paixões da alma. O amor, que é a primeira, leva-nos à lembrança do que deixamos, ao amor desregrado para com a família, ao desejo que nos deixem num lugar de que gostamos, porque ali encontramos com que nos satisfazer. É necessário mortificarmo-nos nestas coisas. Ó minhas Irmãs, como vos desejo na prática de alguns dos nossos, os quais, sentindo ter estima pelo lugar onde estão, o manifestam imediatamente e mandam-me dizer: «Senhor Padre, sinto grande prazer em estar neste lugar, e temo que, se estiver aqui muito tempo, não tenha grande desgosto em deixá-lo, quando fôr necessário Creio-me obrigado a prevenir-vos disto». Eis, minhas Irmãs, o que se pratica entre nós e o que desejo que façais também.

Ora, não só deveis mortificar-vos quanto ao receio de que vos retirem da paróquia de que gostais, mas também mortificar o desejo de sair daquela de que não gostais. É uma paixão que leva a isso. E se há outro lugar pelo qual se sente affecto, procura-se o meio de o conseguir.

Logo que se sente este amor desregrado, é preciso mortificá-lo, porque aquella que quer mudar de um lugar para outro, que quer ir aqui ou além, está muito longe de trabalhar na perfeição, se seguir a sua inclinação. É governar-se como os animais, não poder permanecer onde se está; porque os animais fazem assim; não poderiam ficar muito tempo no mesmo lugar; só querem andar. É uma pessoa que não tem firmeza e que só pede para mudar, procede como um animal. Vêde, minhas queridas Irmãs, como convém mortificar esta paixão e sobretudo ter a coragem de o dizer, quando se sente ter muito affecto pelo lugar onde se está.

Mas, Senhor Padre, que nos diz? Quer, pois, que me faça inimiga de mim mesma, apesar de não deixar de me mortificar, de fazer aquillo a que não me sinto nada impelida. Quereis, pois, que me destrua a mim própria?

— Sim, minha Irmã, e se o não fizerdes recuais no caminho da virtude.

Mas, Senhor Padre, é uma coisa deplorável estar sempre a mortificar-me.

— Mas, minha Irmã, não há meio de o evitar. Tendes de escolher, ou viver como os animais, ou como as pessoas razoáveis. Se quereis viver como um animal, tendes que seguir as paixões, porque, viver segundo as suas inclinações e affectos desregrados, é viver como os animais. Mas, se quereis levar uma vida de cristã e de boa Filha da Caridade, é preciso resolver-vos a procurar continuamente mortificar-vos, mesmo se não tivésseis senão um dia para viver.

A aversão aos lugares, aos officios, a aversão ao que nos custa deve ser ainda mortificada. Veremos uma Irmã que julgamos mais estimada do que nós, ou mais bem vista pelos Superiores, immediatamente nos sentimos impelidos a ter aversão contra essa Irmã. A ambição excita-nos a falar-lhe rudemente, a fazer de mau humor tudo o que ela nos manda. Deveis dominar esta paixão. Tenho um carácter vivo, e estou com uma Irmã que é demasiado lenta. Sinto aversão por esta maneira de ser, e tenho dificuldade em suportá-la. Deus quer que me mortifique em tudo isso e que lhe peça a graça de me vencer.

Também devemos mortificar a esperança. Logo que começamos a esperar qualquer coisa, seja presente ou futura, para satisfazer a natureza, é preciso ir contra, e renunciar a tudo o que se poderia esperar de mau, não perdendo tempo com isso. Porque, quando se trabalhou algum tempo em vencer-se e em adquirir alguma virtude e se nota que não se adiantou nada, perdemos a esperança de poder ir mais longe; e o espírito maligno, intrometendo-se nisso, dirá: «Ah! Nunca farás coisa alguma que valha; é impossível continuar assim.» Eis o que faz o demónio para fazer perder a coragem no caminho da virtude. Ora, é preciso mortificar esta paixão pela esperança em Deus e dizer: «Ainda que saiba que de mim mesma não me posso vencer, nem perseverar na minha vocação, espero que Deus me concederá a graça de que tenho necessidade para este efeito.»

Resta agora ver como devemos mortificar as três faculdades da alma. A lembrança das coisas passadas, os prazeres e satisfações que tínhamos neste lugar, a lembrança da família, dos seus bens, estado ou condição, ou outras coisas que deixámos; é preciso mortificar a lembrança de tudo isto.

É preciso também mortificar a intelligência, que nos leva a raciocinar sobre tudo o que se faz, sobre o proceder da Superiora, sobre o das Irmãs do Conselho. É necessário impedir estes ra-

ciocnios e não permitir à nossa inteligência censurar seja o que fôr, que os Superiores ordenem.

Quanto à vontade, é preciso também mortificá-la, quando ela quer alguma coisa contra o que Deus pede de nós. Para as coisas más, sabe-se bem que nunca se devem amar, nem dar lugar no nosso coração a nada que pudesse levar-nos ao pecado. É preciso mesmo mortificar-se nas coisas boas. Por exemplo: uma Irmã terá vontade de comungar mais vezes do que as outras; é preciso que siga a Comunidade e que se mortifique. Ainda que a comunidade por si mesma seja boa, é preciso mortificar-se nisso.

Eis, minhas queridas Irmãs, o que se deve fazer para trabalhar no nosso adiantamento: mortificarmo-nos em todas as coisas. Eis a pedra de toque, e, sem isso, não podemos fazer coisa alguma.

Jesus! Senhor Padre, o que diz? Temos que nos fazer uma guerra contínua.

— Sim, minhas Irmãs, mas por pouco tempo haverá dificuldade. Uma Irmã que se resolve a privar-se de todas as suas satisfações e a aceitar o que repugna à natureza, achará que é difícil no começo; mas, se continuar, habituar-se-á a estas práticas, e em pouco tempo não encontrará nisso mais dificuldade; pelo contrário, encontrará nisso consolação e poderá dizer como um bom noviço de uma ordem, onde se mortificam como deve ser, e me disse um dia: «Senhor, dizia um dia aos meus companheiros: que fazemos nós, meus Irmãos? Viemos para aqui para nos mortificar, e fazemos completamente o contrário; porque, sucede que as mesmas coisas que nos deveriam causar desgosto, se transformaram em consolação.» Eis a primeira coisa que é preciso fazer para trabalharmos melhor este ano do que o ano precedente.

A segunda, é perguntarmo-nos muitas vezes: «Porque deixastes a tua terra? Não foi para servir a Deus? Não te propuseste deixar as tuas próprias satisfações?» Eis o que devemos perguntar-nos, e sobretudo quando nos sentimos tentados. Para que vieste para aqui? Foi para te humilhares? Foi para obedecer? Foi para cumprir as tuas regras? É o que S. Bernardo se perguntava: «Bernardo, Bernardo, para que vieste à religião?»

A terceira coisa que devemos tomar por prática, vós e eu, é que devemos julgar que ainda nada fizemos e que não temos talvez mais do que este ano para trabalhar na nossa perfeição. Quanto a mim, é escusado dizê-lo, tendo setenta e seis anos, não posso portanto viver muito tempo, Deveis lembrar-vos do que uma santa diz: que as pessoas idosas não viverão muito tempo, mas que as novas podem morrer dentro em pouco, como vimos em várias das nossas Irmãs que morreram novas. É supondo que

tendes ainda algum tempo para viver, é para nós incerto, e no entanto não devemos deixar do mesmo modo de trabalhar, como se estivéssemos certos de não termos mais do que este ano.

Vejamos agora o que nos pode impedir de trabalhar melhor na nossa perfeição do que fizemos até aqui. A primeira coisa, é se quisesse viver livremente, sem me preocupar em esforçar-me na mortificação, nem observar as minhas regras. Se estivesse neste espírito e dissesse: «Eu bem quero guardar os mandamentos de Deus; eu bem quero não cometer pecado mortal; mas, quanto ao que acabam de dizer, não poderei sujeitar-me a isso. Para que serve essa maneira de proceder? Não preciso de mortificar-me tanto para me salvar; só tenho de cumprir os mandamentos de Deus, e isso basta.»

Ah! É um grande impedimento uma Irmã chegar a isto: não se preocupar em adiantar no caminho da virtude e não fazer caso dos meios próprios para atingir esse fim! Vêde, minhas Irmãs, uma pessoa que está neste espírito, corre grande risco de não observar os mandamentos de Deus. E se o espírito maligno vos sugerir que, para se salvar, é suficiente praticar os mandamentos, digo-vos que não, porque não podereis observar os mandamentos de Deus, se não fizerdes o que acabo de vos dizer. Podemos, dizeis vós! Oh! Como observareis o que é mais difícil, se não quereis fazer o que é tão fácil! Haverá coisa mais fácil do que praticar a virtude quando o queremos!

Nosso Senhor dizia aos seus discípulos: «Disseram aos antigos: não conhecereis a mulher de outrem; e eu digo-vos que não olheis para uma mulher para a cobiçar, porque, se o fizerdes, cometestes já o adultério no vosso coração.»

Digo-vos o mesmo, minhas Irmãs; não vos digo unicamente que observeis os mandamentos, mas digo-vos que não olheis para nenhum homem, fixando-o. Mortificai a vossa vista, guardai sempre a modéstia, e, por este meio, observareis os mandamentos. Mas, enquanto estiverdes neste espírito de libertinagem e não trabalhardes na mortificação, estais em grande perigo de cair no pecado; e cedo ou tarde uma Irmã que chegou a isto cairá em qualquer infelicidade. Por isso, minhas Irmãs, se souberdes de algumas que falam assim, preveni disso os Superiores, para que eles as ajudem a sair deste estado, porque não se poderiam salvar enquanto assim falassem. Se souberdes de alguma que já tenha sido prevenida e não deixe de continuar, é preciso ter compaixão dela, fazer o que se puder para a ajudar a sair deste estado e pedir a Deus por ela.

É preciso, pois, ser fiel nas pequenas coisas para não cair nas grandes; por exemplo, não olhar para um homem, e, se se

fizer por curiosidade, quando se aperceber disso, fazer um acto de contrição. Se não fordes fiéis nestas pequenas práticas, não levantar a vista para olhar para aqui e para ali, não tomar a liberdade de provar da panela dos doentes e não reservar coisa alguma para si mesmo, apenas uma migalha, minhas Irmãs, não fareis nunca grande progresso no caminho da virtude. E esta infidelidade é um perigoso estado, porque quem é fiel no pouco, é-o no muito. Apresentai-me uma Irmã que tome a liberdade de seguir as suas paixões e só fugir dos grandes pecados, cairá infallivelmente em qualquer infelicidade.

Santo Agostinho compara as pessoas que não fazem caso dos pecados leves, a um navio, no qual se abriu um buraco pequeno por baixo. É porque se não vê, não se tomam as providências necessárias. Assim pouco a pouco a água entra dentro e faz com que o navio se afunde. Se o buraco fosse grande, teriam remediado; mas, porque é pequeno, não se faz atenção, e, no entanto, isso faz afundar o navio.

Ah! Minhas Irmãs, isto é que fez naufragar algumas desta Companhia. Por não terem sido fiéis nas pequenas coisas deixaram-se arrastar a maiores, e por fim perderam a sua vocação. É o que diz o Espírito Santo na Sagrada Escritura: «Aquele que despreza as coisas pequenas cairá infallivelmente nas grandes.» (Ecl. 19,1). Conhecemos isto por experiência, muitas vezes, em várias pessoas, e mesmo perderam-se, por este motivo, casas inteiras.

Vi eu, no meu tempo, mais de quinze mosteiros acabarem, sem que tivésse ficado um só deles; porque não queriam sujeitar-se às pequenas observâncias. Pensaram que bastava cumprir os Mandamentos de Deus e não foram fiéis em abster-se de caír nas menores faltas. Daí começaram a tomar um pouco de liberdade, e pouco a pouco deixaram de observar as suas regras. Depois, quiseram viver uma vida completamente contrária à sua profissão, e o escândalo provocou a sua extinção. Para vermos como é perigoso chegar a isto, o que sucede, minhas Irmãs, a essas pessoas? Vão de mal a pior e levam vida miserável, seguindo o seu capricho, em vez do que tinham prometido. Ordinariamente não têm senão dificuldades. O que Deus justamente permite para castigar a sua infidelidade. Pois, ficai sabendo que, se algumas saíram da Companhia, foi por esta razão.

Mas, Senhor Padre, que devemos fazer quando virmos alguma neste espírito? Minhas Irmãs, repito o que já disse, devem ajudá-la a saír dele e pedir a Deus por ela. Se não fizer caso do que lhe fôr dito e não se corrigir, que se deve fazer? É deplorável ver uma Irmã já alguns anos na casa sem que tudo o que se lhe proporcionou tenha servido de alguma coisa. Há talvez dez anos

que está na Companhia ; o que devemos fazer? — Minhas Irmãs, a isto respondo, que é conveniente que essas Irmãs, que só servem de escândalo para as outras pela sua vida tibia no serviço de Deus, se vão embora da Companhia, e deveis pedir a Deus que a livre de tais pessoas e que todas as Irmãs chamadas por Deus à Companhia, sejam fiéis à sua vocação, e sejam todas santas. Mas, se houver alguma infiel, depois de ajudada a corrigir-se e de ter sido assistida com avisos, e advertidos os Superiores do que pensa, diremos : «Deus seja bendito ! É preciso que se não viva como ela». É o proveito que devemos tirar dos defeitos que se vêem nos outros, e dizer : «Devo ser fiel às minhas regras, visto ser a infidelidade que fez perder a vocação a várias. Além disso, devo alegrar-me por estar numa Companhia onde se não pode suportar uma pessoa que dê mau exemplo. Mas, se estivessem numa Companhia que suportasse alguma Irmã que não quisesse praticar as regras, nem viver em conformidade com a Comunidade, teriam motivo para temer e dizer : «Aqui não estamos bem. Como ! Deixam viver as pessoas seguindo a sua fantasia ; suportam tudo o que elas querem, sem as separar. Está tudo perdido ! Não nos salvamos neste lugar».

A propósito disto, informaram um dia o Senhor Arcebispo que havia uma Companhia de Irmãs onde nunca mandavam ninguém embora. «Que boa Companhia será essa, se nela entra toda a espécie de pessoas !» Como pode ser isto? Como se poderá manter uma casa em ordem, se de vez em quando não lhe fazem uma limpeza?

Ah ! Minhas Irmãs, bendizei a Deus porque tendes pessoas que velam pelo vosso bem e que, vendo o mal, lhe dão o remédio necessário. Se assim não fosse, era para temer que as outras recebessem o mal. Quando a gangrena está num membro, se não se atalha o mal, é para temer que se espalhe por todo o corpo. E se os remédios utilizados não forem suficientes para impedir que o mal se espalhe por todos os outros membros, que se deve fazer a essa pessoa? Se perguntarem à cabeça desse membro que tem a gangrena, dirá que é necessário cortá-lo, com receio de que corrompa os outros. Se perguntarem aos outros membros, dirão o mesmo : «Cortai porque a nossa vida depende disso.» Eis o que a cabeça e os membros dessa pessoa diriam, se pudessem falar. Minhas Irmãs, quando a gangrena atingiu certas pessoas que saíram da Companhia, não se omitiu coisa alguma para nos salvarmos desse mal. Ah ! Quanto sofrimento causaram. Quanto deram que fazer antes de chegar a esse extremo ! Mas, quando se faz tudo o que é possível, sem obter resultado, devemos livrar a Companhia de tais pessoas. E, quando os outros virem isso, di-

rão: «Bendito sejais, meu Deus, porque tirais da Companhia o que vos é desagradável. Juntastes no Vosso serviço todas as virgens e todas as viuvas, e quereis que vivamos todas na pureza. Ó Senhor, conservai sempre esta pequena Companhia na pureza; não permitais que aqui fiquem pessoas que não Vos amem. Quereamos amar os que Vos amam, mas soffremos muito quando vimos que, por não terem sido fiéis ao que quereis de nós, acabam por perder a sua vocação».

Posso assegurar-vos, minhas Irmãs, que me causa grande desgosto ao ver sair uma Irmã. Desejaria dar o meu sangue para o impedir. Mas, quando se fez tudo o que se pôde, bendito seja Deus por limpar a Companhia de pessoas que não lhe convêm.

Minhas queridas Irmãs, tenham confiança que, enquanto forem fiéis a Deus, Ele vos concederá a graça de perseverarem, porque as que saiem chegam a esse ponto, por não terem cumprido bem os seus deveres.

Que pena ver pessoas, que Deus escolhera para o Seu serviço na Companhia, tornarem-se indignas das graças que Ele derrama sobre ela! Minhas Irmãs, não tenho maior mágoa do que ver sair alguém daqui ou da nossa casa. De tal forma me sensibiliza que fico inconsolável por causa disso. Mas, se ela não opera aqui a sua salvação, é preferível, para ela e para os outros, que saia, do que permaneça. Deveis pedir a Deus que vos conceda sempre Superiores que vos dirijam como se fez até aqui. Quanto a mim, minhas queridas Irmãs, seria muito infeliz se, por não prever o que se pode fazer a todo o corpo da Companhia, deixasse algum membro estragar-se e que, por esse motivo, esta pequena Companhia, que goza de tão boa reputação entre as pessoas de piedade, viesse a perecer.

E digo-o para vossa consolação. Um official da Rainha, que veio da parte de Sua Majestade pedir algumas das Irmãs, contou-me que a Rainha, vendo a Irmã do Senhor Cardeal doente, não ser servida à sua vontade, disse immediatamente: «Ah! Na verdade, a senhora tal, não é tratada como deve ser; é preciso que venham Filhas da Caridade.» E, com efeito, fostes. Minhas queridas Irmãs, em que estado está a Companhia, pela graça de Deus. Como! Uma Rainha lança os olhos sobre as Irmãs, para tratarem de tão grande senhora, preferindo-vos a tantas pessoas que poderia encontrar na sua Côrte!

Não refiro ainda tudo o que este Senhor me disse sobre a estima que Sua Majestade manifesta por vós. Mas isto chega para mostrar a obrigação que tendes para com Deus, pelas graças que vos concede, e humilhar-vos por isso mesmo. Como! Deus chamou-me para uma Companhia que tem tal reputação! Oh! Como seria

miserável, se censurasse o proceder das pessoas que a dirigem!

Minhas Filhas, quando virdes sair alguma pessoa da Companhia, dizei: «Temos Superiores que fazem as coisas muito a propósito.» Ficai certas que censurar isso, querer informar-se das razões por que se procedeu assim, é um impedimento muito grande para trabalhades na vossa perfeição. Ah! Minhas queridas Irmãs, como sereis felizes se fordes fiéis à vossa vocação! Vem-me presentemente ao espírito certo desígnio que têm sobre vós, que não vos direi agora, reservando-o para outra vez. Glorificai a Deus porque a Divina Providência tem tanto cuidado em conservar a Companhia. É a oração que faço à Sua Divina Majestade, que teve por agradável reunir-vos e escolher-vos, pobres meninas na maior parte, que lhe apraza conservar-vos sempre no espírito que deu à pequena Companhia.

Peço a Nosso Senhor Jesus Cristo que nos conceda a graça de trabalhar continuamente na nossa perfeição e de nos perguntarmos muitas vezes, porque viémos para aqui, para que, se afrouxarmos no caminho da virtude, a lembrança das nossas primeiras intenções nos faça voltar aos primeiros fervores.

Ó Senhor! Apraza à Vossa infinita bondade conceder-nos a todos esta graça, e conservar a pequena Companhia para o bem dos pobres! Mas, porque quereis a nossa cooperação, nós vo-la prometemos, mediante a vossa graça.

Ah! Minhas queridas Irmãs, juntai a vossa intenção à minha, rogando à bondade de Deus, que vos conceda a graça de trabalhar melhor do que nunca, na vossa perfeição. Peço à Santíssima Virgem e aos vossos bons anjos que vos ajudem com a sua intercessão. Ajudai-vos, também, mutuamente, umas às outras, pelo exemplo. É o que eu peço a Nosso Senhor que vos conceda. É da Sua parte, apesar de indigno, pronunciarei as palavras de bênção.

*Benedictio Dei Patris...*

80 — CONFERÊNCIA DO DIA 22 DE MAIO DE 1657

## ELEIÇÃO DAS IRMÃS DO CONSELHO

Minhas queridas Irmãs, o assunto desta conferência é a prática duma das vossas regras, que é a eleição das Irmãs do Conselho. É preciso que isto se faça todos os anos, na segunda-feira de Pentecostes. Não sei porque razão não o fizemos o ano pas-

---

Instrução LXXX. — Caderno escrito pela mão da Irmã Maturina Guérin. (Arq. das Filhas da Caridade.)

sado; penso que fui eu a causa disso, como também de que adiássemos para hoje, em vez de ontem, em que se devia fazer esta eleição.

Ora, para este assunto deram-vos três pontos a considerar. O primeiro é sobre as razões que temos de nos darmos a Deus para escolher as Irmãs que tenham, pouco mais ou menos, as qualidades requeridas para pertencerem ao Conselho; o segundo é sobre os sinais para conhecermos as que têm estas qualidades; o terceiro, sobre os meios de bem proceder à eleição das Irmãs.

Eis, portanto, minhas Irmãs, o primeiro ponto. Temos razões, vós e eu, e todas as que aqui estão, de nos entregarmos a Deus, para que lhe apraza conceder-nos a graça de lançar os olhos sobre aquelas que têm as qualidades requeridas para serem Irmãs do Conselho. O segundo ponto dirá os sinais que fazem conhecer que tal Irmã é boa, que tem, pouco mais ou menos, as qualidades necessárias. No terceiro ponto, explicaremos como se deve proceder para dar o voto, quando vo-lo disserem.

Ora, minhas Irmãs, a primeira razão para se darem a Deus a fim de escolherem as Irmãs do Conselho para o lugar das que estiveram até agora, as quais peço a Deus se digne abençoá-las e lhes sirva de recompensa, pelos serviços que prestaram à Companhia. Minhas Filhas, pode-se dizer que todo o bem e todo o mal da casa depende da Superiora e delas. Se a Superiora e elas cumprirem bem o seu dever, há motivo de esperar que a Companhia se conservará e irá aumentando de virtude em virtude; mas, se for o contrário, cairá, em vez de se aperfeiçoar. Quando os membros de um corpo e mesmo a cabeça estão doentes, este corpo não pode ter saúde. Se os braços e as pernas se tiverem perdido, se for surdo ou mudo, este corpo tem membros, mas é como se os não tivesse. Assim sucede com as comunidades. A Companhia da Caridade é um corpo, e as Irmãs do Conselho são os membros deste corpo. Se procederem bem, o corpo terá saúde; mas, se elas não cumprirem bem o seu dever, todo o corpo se ressentirá disso. De forma que se pode dizer que um dos maiores bens que pode suceder à Companhia, é ter uma boa Superiora e boas Irmãs do Conselho, que vigiem para que as coisas vão bem e se tornem melhores, e que intentem remediar as que vão mal, advertindo os Superiores.

Dir-vos-ei, minhas Irmãs, que sucede às Ordens mais santas da Igreja, o mesmo que aos nossos corpos, que, se os quisermos conservar com saúde, é preciso limpá-los de tempos a tempos. E com isto e outros remédios recuperam-se as forças que se tinham perdido. Mas isto é só por um tempo. De forma que é necessário recommençar algum tempo depois. Eis como é a enfermidade

humana. Do mesmo modo, estes dias, estivemos cheios de fervor e devoção. Passado algum tempo, encontrar-nos-emos, pelo contrário, negligentes e sem affecto ao serviço de Deus. A natureza corrompida sujeita-nos a esta miséria. Estamos agora neste estado, e logo estaremos noutro. Uma Filha da Caridade que parece ter bom espírito, muito discreta e afeiçoada a tudo o que depende das suas regras; finalmente, depois, um motivo de descontentamento, uma correcção, até mesmo uma bagatela, será sufficiente para a fazer mudar, de forma que, ao vê-la, não será a mesma que estava na presença do Senhor Padre Portail, nem da Senhora Le Gras. Não é verdade o que vos digo, minhas Irmãs? Não experimentais vós isso? Tenho a certeza que sim.

Minhas queridas Irmãs, deveis saber que, o que sentimos em nós mesmos, succede do mesmo modo ao corpo da Companhia. Sim, as mesmas alterações e mudanças que experimentamos succedem particularmente aos corpos das Comunidades. Ora, quem deve pôr ordem nisto? São os Superiores que devem ter olhos para vigiar as necessidades de todo o corpo da Companhia e de cada uma em particular.

Representai-vos um navio no mar; se o piloto não o souber governar bem, afundar-se-á. Ora, uma Companhia é como um navio que nos deve levar ao porto, e os Superiores são como os pilotos que o devem dirigir. E tanto assim é, que, quando os ventos se levantam e as ondas parecem querer submergir o navio, este voltar-se-ia se os que o devem conduzir não pegassem nos remos; do mesmo modo, se aqueles que devem conduzir a Companhia não são cuidadosos em pegar no remo e proceder de forma que as regras sejam bem observadas, ela perecerá. Se a Superiora e as Irmãs do Conselho não velarem sobre a Companhia, como se tornarão as pobres Filhas da Caridade? Só se ouvirá falar de desordens. Ora se dirá que em tal cidade elas fizeram isto ou aquilo. E assim, pouco a pouco, desistirão de as ter. Convém imenso escolher boas Irmãs do Conselho como escolher um bom piloto para conduzir um navio ao porto desejado.

Digo mais, minhas Irmãs, todo o bem e todo o mal depende disso. Digo-o muitas vezes em nossa casa, todo o mal que se faz na Missão,izei que é o Senhor Padre Vicente que o faz. Se se faz bem, attribuí a Deus; mas quanto ao mal attribuí aos Superiores; porque, se eu vigiasse sobre vós, isso não aconteceria. Se vos avisasse do que deveríeis fazer, se me elevasse a Deus para alcançar as luzes de que tenho necessidade para conduzir bem a Companhia, seguramente tudo corria bem.

Eis a primeira razão para se dar a Deus, a fim de bem escolher as Irmãs do Conselho, porque, que fará a Superiora se elas não

tiverem as qualidades requeridas? Por mais capaz que seja, se não fôr auxiliada por elas, de que lhe servirá mandar, se não têm o cuidado em executar, não só o que ela diz por palavras, mas o que se sabe ser a sua intenção? Porque os verdadeiros obedientes não se contentam em seguir o que os Superiores ordenam, mas vão além, fazendo o que pensam ser segundo a sua intenção. É preciso, pois, que as Irmãs do Conselho tenham grande cuidado em fazer executar a ordem que a Superiora dá e advertir dos defeitos que notarem, porque se não virem o mal que se faz, a Superiora não remediará; e assim elas serão culpadas do mesmo mal.

Uma pessoa dizia a um miserável pecador como eu: «Quando tenho alguma dificuldade e não sei o que deva fazer, considero qual seria a intenção dos meus Superiores; e depois procedo assim e fico sossegado. As Irmãs do Conselho devem ter os olhos sempre atentos na vontade de Deus e nas ordens dos seus Superiores, para que todo o seu procedimento seja exemplo vivo, para que todas as outras possam formar-se, segundo o que diz o salmista! *Ad te levavi oculos meos, qui habitas in caelis.* Ó Senhor; como a criada tem os olhos sobre a sua senhora para executar o que ela lhe ordena, assim tenhamos os olhos atentos em Vós.

Uma terceira razão para escolher bem as vossas Irmãs do Conselho, é o que me recordo de vos ter dito quando vos falei da uniformidade, que é uma das vossas regras, que uma alma uniforme em todas as coisas na Comunidade, é muito agradável a Deus; e fiz uma objecção que repito ainda: «A quem me devo fazer semelhante?» Dizeis que nos devemos conformar com a casa da Superiora. Mas sobre quem se deve lançar o olhar? Sobre tal Irmã, sobre a Irmã Francisca, Joana e Maria? Respondi, então, que se deveria tornar bem semelhante à sua Irmã, quando proceder bem. Mas, para se formar como uma boa Filha da Caridade deve ser, é preciso que o tomeis das vossas regras, das conferências que vos fazem e dos exemplos que vêdes aqui. Mas, se essa casa que deve servir de regra às outras, não fosse composta de pessoas exactas às regras, se só se visse desordem entre elas, que seria das outras que aqui não estão? E como são as Irmãs do Conselho as encarregadas de fazer observar as regras e a dar o exemplo às outras, estando sempre em casa, é muito importante que sejam muito bem escolhidas, para procurar que a intenção dos Superiores seja bem seguida, que as novas que se recebem sejam bem formadas, numa palavra, que tudo caminhe de forma que as que voltam dos campos ou da cidade, possam ficar edificadas, que, quando se vir o que se faz aqui, se possa também fazer o mesmo no lugar onde se está. Porque é preciso

isto, minhas Irmãs. Quando uma Irmã diz : «Faz-se tal coisa na nossa casa ; procede-se de tal forma.» é preciso fazê-lo. E não é por outro motivo que se vos diz que é preciso ver o que aqui se faz.

Oh ! Sim ! Senhor Padre, dirão, vimos suficientemente a necessidade que há de bem escolher as Irmãs do Conselho, visto tal ser o senhor, tais serem os servos ; tais são o pai e a mãe, tais serão, os filhos ; e por conseguinte tais são as Irmãs do Conselho, tais serão do mesmo modo as outras. Eis a razão porque nos damos a Deus de bom grado para alcançar esta graça da Sua bondade. Mas como as reconheceremos ?

Minhas Irmãs, vou dar-vos os sinais que vo-las farão conhecer pouco mais ou menos. Sabeis que há três Irmãs do Conselho. A primeira chama-se Assistente ; o seu officio é receber as ordens da Superiora e ter o cuidado de as fazer observar. A segunda é a Ecónoma ; que tem o cuidado de guardar o dinheiro. A terceira é a Provedora ; deve igualmente contribuir com os seus avisos, quando lhos pedirem.

Eis quanto ao que diz respeito ao cargo de cada Irmã do Conselho. Quanto à maneira de o desempenhar, a Ecónoma presta contas de tempos a tempos à Superiora, e a Provedora recebe da Ecónoma o dinheiro para a despesa ordinária, à qual dá também contas. Em Santa Maria, isto faz-se também assim : a Provedora presta contas todos os dias, e a Superiora todos os anos ao Superior. A visita faz-se todos os anos ; o Visitador faz apresentar as contas e fecha as contas da despesa e da receita. O mesmo se faz aqui, pouco mais ou menos.

Vejamos os sinais para conhecer quais as qualidades requeridas para serem nomeadas Irmãs do Conselho. A primeira, é que era para desejar que tivessem saúde, que tivessem um corpo muito são, porque devem ser as primeiras por toda a parte. Mas, porque apraz a Deus que nem todas tenham saúde e que há muitas enfermas em quem não falta grande capacidade para estes officios, não se põem de parte por serem doentes. Assim, se uma doente que é Irmã do Conselho, não tem bastante saúde para se encontrar em todos os exercícos, *in nomine Domini !*

O segundo sinal para conhecer uma boa Irmã do Conselho, é quando tem um espírito bem formado : uma Irmã prudente, paciente, afável, judiciosa, uma Irmã razoável que não se deixa dominar pela paixão. Há certas pessoas cujo espírito não se deixa dominar pela paixão e no entanto, é tão variável, que nunca a razão se encontra nela, ou muito raras vezes. Ora, não se deveriam escolher estas pessoas. Em terceiro lugar, convém que as que forem eleitas sejam boas cristãs, que tenham o temor de

Deus, que sejam exactas em fazer todas as coisas que Deus ordena, porque não podem ser boas Irmãs do Conselho sem isso.

Um terceiro sinal, minhas Irmãs, para conhecer as Irmãs aptas para serem conselheiras, são aquelas que terão sido boas Irmãs sem nenhuma ambição, nas quais se terá notado um espírito de simplicidade, um grande zelo para o serviço do próximo, e sobretudo pela salvação dos pobres, nossos senhores e nossos amos, porque somos servos dos pobres, apesar de indignos desta honra. É preciso ver que sejam Irmãs virtuosas, que sejam modestas no tocado, na maneira de andar nas ruas, que não tenham affectação nos seus hábitos, sem nada que cheire a particularidade, enfim, que tenham sido boas Filhas da Caridade em todos os officios que lhe foram dados. Eis um bom sinal.

Além disso, uma Irmã que gosta da exactidão das regras, que se aflige com as faltas das suas Irmãs e procura ajudá-las a corrigir-se, que é zelosa para a obediência e não falta a nenhuma observância, esta tem as qualidades duma boa Irmã do Conselho.

Mas uma Irmã que não tem humildade, que não é amiga dos despresos e inimiga das honras, que, pelo contrário, só reclama aplausos, louvores e que falem dela, isto, minhas queridas Irmãs, fica muito mal a uma Irmã; aquelas que possuem este espírito não são de forma alguma aptas para serem Irmãs do Conselho. No entanto, haveria muitos sinais a indicar. Mas estes serão suficientes por agora.

Passemos ao terceiro ponto, que é da maneira como é preciso proceder para esta eleição. Como se deve proceder para fazer uma boa eleição? Minhas Filhas, é preciso que cada uma se dê a Deus desde este momento para ver aquelas que são aptas, e dar o seu voto àquelas em que Deus vos terá feito ver as qualidades requeridas. Mas, antes de tudo, é preciso resolver-se a não votar senão por aquelas que julgam mais aptas.

É porque há duas coisas que levam a não proceder bem às eleições, é preciso evitá-las.

Primeiramente, é que, de ordinário, se tem inclinações por uma, que se não têm por outra; e assim julgam-na mais apta que aquela pela qual não se tem affecto particular, talvez porque é do seu parecer e que se torna complacente ao que desejamos; como, pelo contrário, há outras que não nos agradam, contra as quais temos alguma aversão natural, pela diferença que encontramos entre o seu espírito e o nosso; o que nos faz pensar que estas não são aptas. Ora, não devemos olhar às nossas inclinações, nem deixar de dar o voto àquelas que não são segundo a nossa maneira de ver, porque seria mal feito; tão pouco se deve

votar por uma Irmã porque encontramos nela qualquer coisa que nos agrada. É preciso, pois, pôr de parte as nossas inclinações e dirigirmo-nos rectamente a Deus, ver diante d'Ele aquelas que têm melhores qualidades e dar-lhes o voto.

Em segundo lugar, seria proceder mal se se falasse entre si disto, se se dissesse: «Uma tal seria boa para este officio; esta outra não seria apta». Oh! Nunca se deveria dizer isso, nem falar do que se disse antes ou depois. É preciso que o silêncio torne isso secreto.

Pensamos que não poderíamos proceder melhor nesta eleição, do que fazendo-a à maneira dos apóstolos quando depois da Ascensão de Nosso Senhor e a descida do Espírito Santo, resolveram pôr alguém no lugar de Judas. O que é que eles fizeram? Junta-ram os discípulos e disseram-lhes: «Soubésteis todos como o infeliz Judas perdeu o apostolado vendendo o seu e nosso bom mestre, e como desesperou: É preciso alguém para o seu lugar». E para proceder nisso, segundo o que o Espírito Santo lhes tinha inspirado, escolheram dois dos discípulos que tinham seguido Nosso Senhor até à morte, para fazer de um deles um apóstolo no lugar de Judas. Ora, pensámos diante de Deus que era necessário proceder assim; e, seguindo este exemplo dos apóstolos, nomeamos duas para serem Assistentes, duas para serem Economas e duas para serem Provedoras. Chamar-vos-emos umas após outras, e dareis o vosso voto àquela que pensardes ser a melhor. E porque o santo costume das Comunidades é que nem as noviças, nem as que não têm quatro anos de vocação, não têm voto para as eleições, as que não estão aqui ainda há quatro anos passados retirar-se-ão para um lado, e as que tem mais de quatro anos colocar-se-ão no outro. E quando vos chamarem, dir-me-eis baixinho por quem votais, e não falareis a ninguém, depois disso.

Eia pois, Salvador das nossas almas, vós que sois Aquele que escolheste, desde toda a eternidade, as Irmãs que devem ser as vossas Irmãs do Conselho, concedei-nos a graça de as conhecer. Foram Conselheiras na Vossa ideia eternamente. Tende por agradável lembrar-Vos que são as Irmãs do Conselho que Vós escolheste para o bem desta pequena Companhia. Não vos contentastes com instituir esta Companhia para formar as Vossas Esposas; inspirastes, além disso, a necessidade de dar Irmãs do Conselho que, com a Vossa graça, cooperem na sua satisfação. Bendito sejas porque procedeis desta maneira! Permiti, ó Salvador, que nos dirijamos a Vós, à maneira de S. Pedro, na escolha que queria fazer de alguém para ser apóstolo, que vos supplicava que lhe fizésseis conhecer a Vossa vontade desta forma: «Ó Salvador, mos-

traí-nos aquele que escolheste para este ministério. (Acto dos Apóstolos. I, 24.)

Minhas Irmãs, elevai-vos até Deus comigo para Lhe pedir a mesma graça; entregai-vos a Ele para não olhar nesta acção senão, à Sua Santa Vontade e para dar o vosso voto àquelas às quais o quereríeis dar à hora da morte; porque é preciso que saibais que haveria pecado em o dar a uma que pensásseis que não era apta. É o concílio de Trento que o diz: «Há pecado mortal em escolher a pior entre aquelas que são propostas, e grande mérito de votar por uma boa.»

Há outras, além daquelas sobre quem lançamos a vista, que seriam aptas, mas são necessárias noutros sítios, e ousa dizer, pela misericórdia de Deus, que talvez tivéssem as qualidades requeridas para Conselheiras em tão alto grau como o daquelas que se escolheram para isso. Mas, para não faltar às pessoas que as reclamam desde há muito, não as nomeamos.

Aqui o nosso Venerando Pai disse as Irmãs que eram propostas para serem eleitas, e em seguida a sua caridade começou o *Veni Creator Spiritus*; e depois chamou as Irmãs, que falaram em voz baixa e umas após outras.

Minhas Irmãs, diz o nosso Venerando Pai, a pluralidade dos votos são para a nossa Irmã Joana de la Croix, como Assistente, a Irmã Genoveva Poisson, como Economa, e a Irmã Madalena, como Provedora. Queira a bondade de Deus ter por agradável esta eleição e conceder-lhes a graça de bem desempenharem as suas funções para a sua glória e a utilidade do próximo!

Uma das Irmãs do Conselho que saía do officio pôs-se de joelhos e pediu perdão das faltas que cometeu enquanto esteve nesse cargo, e do mau exemplo que deu à Comunidade. O nosso Venerando Pai disse-lhe:

Deus vos abençoe, minha Filha! A Senhora Le Gras acaba-me de dar boas informações de vós e do vosso proceder, como também das outras; do que seja dada glória a Deus! Mas, tendes razão de pedir perdão às nossas Irmãs dos maus exemplos que podeis ter-lhes dado durante a administração do vosso cargo; porque é muito difficil proceder tão bem, que não se encontre sempre qualquer coisa a censurar. É a prática das Filhas de Santa Maria de procederem assim, as que saiem do officio. E mesmo dão-lhe qualquer penitência. Eis porque penso que é bom fazer o mesmo. Deus deu o pensamento à nossa Irmã de fazer este acto para nos recordar isto; no qual não pensava. Deus vos abençoe, minha Irmã!

As duas outras Irmãs do Conselho tendo feito a mesma coisa, o nosso Venerando Pai prescreveu a todas por penitência, e para

alcançar de Deus a graça de que tinham necessidade as Irmãs recentemente eleitas para começar bem o seu officio, rezar a ladainha do Santo Nome de Jesus e ouvir a santa missa no dia seguinte nestas mesmas intenções. E assim terminou a conferência.

*Santa Maria, succurre miseris...*

81 — CONFERÊNCIA DE 17 DE JUNHO DE 1657

**SOBRE A PRÁTICA DE NADA PEDIR NEM NADA RECUSAR**

*(Regras comuns, cap. II, par. 2.)*

A conferência de hoje será sobre este ponto das vossas Regras. Vejamos o que contém: «Farão todo o possível em guardar a santa prática tão recomendada pelos santos e tão bem observada nas Comunidades bem regulares, isto é, de não pedir nem recusar nada das coisas da terra. Mas se tiverem verdadeira necessidade de alguma coisa, poderão expô-la simplesmente e com indiferença às pessoas encarregadas de prover a essa necessidade, e depois permanecerão sossegadas, quer lha concedam ou não.»

Já tenho dito muitas vezes, minhas Caríssimas Irmãs, que as vossas regras indicam o meio de serem verdadeiras Filhas da Caridade, e por consequência, verdadeiras Filhas de Nosso Senhor, e que as devem considerar como regras dadas por Deus, o que vos deve levar a praticá-las fielmente. Se assim o fizerem, elas vos conduzirão, com segurança, através do mar tempestuoso deste mundo, e vos servirão de barco para chegarem ao porto tão desejado do Paraíso.

Entre todas as virtudes, minhas Caríssimas Irmãs, temos uma que é muito impor ante: é a de nada pedir nem nada recusar. Esta regra é observada em todas ou, pelo menos, em quase todas as Comunidades. Na vossa, é essencialmente necessário nada pedir e nada recusar. Para vos falar com proveito desta prática, seguirei a ordem habitual, expondo primeiramente as razões que obrigam a Companhia das Filhas da Caridade em geral e a cada uma em particular a prometer a Deus abraçar e praticar com amor esta regra, a fim de adquirirem o verdadeiro e perfeito espírito cristão. No segundo ponto diremos em que consiste esta virtude, e no terceiro, dos meios que devemos empregar, a fim de se observar a regra de nada pedir e nada recusar.

Minhas Irmãs, ao dizermos que não devemos pedir nem recusar nada, poderá alguma perguntar de que maneira devemos compreender isto. Por isso, é necessário esclarecer este assunto para sabermos que são as coisas temporais que não devemos pedir, porque, quanto às espirituais, devemos pedi-las instantaneamente. Nosso Senhor assim o quer, pois bem nos diz no Evangelho: «Pedi e recebereis; batei e abrir-se-vos-à» (S. Mateus VII, 7). Não queremos, pois, dizer que não devemos pedir a Deus as necessidades da alma, como a virtude, a força para dominar as paixões e a Sua santa Graça; mas, quando dizemos que nada devemos pedir, referimo-nos às coisas da terra e que não servem para o céu, como, por exemplo, pedir para estar nesta paróquia e não naquela, com tal Irmã, ter este ou aquele officio, um vestido deste feitio ou de fazenda diferente de outra; querer ter sempre coisas diferentes das outras. É isto que se não deve pedir. As almas que se consagram ao serviço de Deus e às quais não é permitido amar as criaturas senão por Seu amor, não devem pedir tais coisas. Numa palavra, não é lícito a uma alma amar alguma coisa mais do que a Deus. O Senhor é cioso do amor das Suas Esposas e não quer ser amado a meias. Quando preferimos uma coisa a outra, é sinal de que Deus não é o único objecto do nosso amor. Considerai, pois, como esta prática é impor ante.

Digo, pois, minhas Caríssimas Irmãs, que a primeira razão que deve levar-nos a observar esta regra é por ser uma prática que nos leva à indiferença, e que faz chegar a alma a não saber o que quer nem o que não quer, porque de tal maneira vive unida a Deus que não deseja senão o que Ele quer e como Ele o quere. Feliz a alma que chega a este estado! Uma Irmã, como há muitas, graças a Deus, que se encontre nesta disposição e à qual se possa dizer: «Minha Irmã, vinde», e ela vem; «minha Irmã, vá» e ela vai. A que se faz, desta maneira, podemos dizer que, no seu coração reina a indiferença. É o maior gozo que se pode ter nesta terra. Sim, que maior satisfação pode haver do que ter o mesmo querer ou não querer dos nossos Superiores? Desejais, minhas Filhas, viver unidas a Deus e ter com Ele um só coração? Não há melhor meio do que só quererem o que Lhe agrada e estarem sempre dispostas a obedecer-Lhe em tudo como os servos do Centurião de que fala o Evangelho. Este homem dizia a Nosso Senhor: «Tenho soldados às minhas ordens e quando digo a um: vai, ele vai, e a outro, vem, ele vem». (S. Mateus VIII, 9). Assim, da mesma maneira, há quem ao menor indicio da vontade dos Superiores a executam prontamente. Dizem-lhe: «Isto deve ser assim» e cumprem-no sem se deterem a pensar se seria ou não melhor proceder doutra maneira. Minhas queridas

Irmãs, quando uma Irmã faz como acabo de dizer é porque só tem o pensar e o querer de Deus. Quem chega a este ponto pode dizer: «Vivo, mas não sou eu que vivo, é Jesus Cristo que vive em mim». São palavras de S. Paulo (Epístola aos Gálatas II, 20). Isto quer dizer: vivo, quanto à vida do corpo, duma vida animal; mas não é desta vida que vivo; é Jesus Cristo que faz que não viva só desta vida animal, porque é Ele que vive em mim. Desta maneira vivo como Nosso Senhor quer que viva, assemelhando-me a Ele o mais possível, de tal maneira que, quem me vê, vê a imagem de Jesus Cristo. Oh! Minhas Filhas, como serão ditosas se observarem esta Regra, e como a Companhia da Caridade será feliz se Deus lhe conceder a graça de chegar a tal estado! Então, cada uma ficará contente com a sua posição e não desejará outra mais elevada. Que felicidade desejar só o que Deus quer, ter satisfação só no cumprimento da Sua Santa Vontade! Oh! Não há estado mais elevado do que aquele que assim nos une à Sua Divina Majestade! O meio de chegar a esta união é, justamente, nada pedir e nada recusar. Está muito longe do que Deus pede dela, a Irmã que pretende ir para tal lugar para mudar de officio, e que, para o alcançar, faz constantes pedidos à Senhora Le Gras e ao Senhor Padre Portail! Não creio que haja entre vós alguma que assim proceda, mas todas, estou certo, estão no firme propósito de nada pedir e nada recusar; pelo menos pedem a Deus essa graça. Mas se houver alguma que não esteja nesta santa disposição, Deus meu, que se emende e diga a Deus: «Senhor, só desejo submeter-me à Vossa Santa Vontade, manifestada pelos meus superiores!». Esta é a primeira razão.

A segunda razão que temos para nada pedir e nada recusar, é que, procedendo assim, não faremos a nossa vontade e estaremos sempre contentes, seja onde for que estivermos. As pessoas que assim estão neste mundo, vivendo como se nele não vivessem, começam já a gozar na terra as delícias do Paraíso e a participar da felicidade dos bem-aventurados. Em que pensam que consiste a bem-aventurança dos santos no céu? É em não terem outra vontade senão a de Deus; não desejar senão o que Deus deseja. Nisto consiste a bem-aventurança. E assim é que a alma, que se conforma com a vontade de Deus, quando está contente no estado em que se encontra, creiam, minhas Irmãs, começou já a gozar o Paraíso na terra; e não há gozo semelhante. Não é verdade, minhas Irmãs, que por experiência pessoal sabeis que é assim como digo? Não há maior prazer do que conformar a nossa vontade à Vontade de Deus. Espero que a todas, umas mais do que a outras, Deus concedeu a graça de adiantarem neste

ponto, compreendendo bem que grande é a dita de chegar a tão alto estado.

Mas, Senhor, dirá alguma, poderei eu chegar a este estado, eu, uma pobre aldeã?

— Sim, minha Irmã, e aquelas que servem os pobres sem se apegarem a este ou àquele lugar, aquelas que só procuram agradecer a Deus, aquelas que nada pedem e nada recusam e que ficam indiferentes quando as mandam para outro lugar ou as deixam no mesmo sítio, sim, eu lhes digo, não pode haver pessoas mais felizes, nem estado mais perfeito. Oh! Minhas Irmãs, quando se interrogam interiormente: que quero eu? E verificam que não querem senão o que Deus quer; não é verdade que sentem uma alegria, uma paz interior e um gozo inexplicáveis?

São estas as duas razões que, entre muitas outras, tinha a dizer sobre o assunto.

Mas, Senhor, dirão ainda, como foi que Nosso Senhor observou esta prática? Não fez Ele a Sua vontade? Minhas Irmãs, Nosso Senhor nunca fez a Sua Vontade, mas pelo contrário, sempre cumpriu a vontade de Deus Seu Pai, que era Seu Director. Se somos filhos de Deus temos que nos assemelhar a Ele; e se sois verdadeiras Filhas da Caridade, que significa serem Filhas de Deus, têm que seguir o Seu exemplo. Assim fizeram todos os santos, assim fez S. Paulo. Quando Deus o fez cair por terra e o converteu, que disse ele a Nosso Senhor? «Senhor, que quereis que eu faça?» (Actos dos Apóstolos 9, 6). Só pede para fazer a Vontade de Deus com santa indiferença. Não faz o que quer e diz: «Senhor que quereis que eu faça? Estou pronto a obedecer-Vos». Nosso Senhor mandou-o ir ter com Ananias para que o instruisse. Oh! Salvador da minha alma, quem me dera entrar nestes sentimentos!

Minhas Irmãs, a pessoa que assim procede está muito adiantada na virtude, porque observa a própria prática de Nosso Senhor, de S. Paulo e do Senhor Bispo de Genebra<sup>(1)</sup> que a tinha em tão elevado grau que dizia: «Se eu fosse religioso não pediria nem recusaria nada; mas não posso fazer assim, porque sou bispo e tenho que mandar. «E doutra vez acrescenta: «Cheguei a uma indiferença, tão grande que, se Deus não me tivesse dito: Vem a mim, eu não teria ido». Este bem-aventurado amou tanto esta prática, que deu uma regra especial às Filhas de Santa Maria, pela qual estão obrigadas a não pedirem nem recusarem nada.

(<sup>1</sup>) S. Francisco de Sales, 21 de Agosto de 1567—28 de Dezembro de 1622.

É encantador o episódio da sogra de S. Pedro, no Evangelho. Esta boa mulher estava doente com febre perniciosa e tinha ouvido dizer que Nosso Senhor se encontrava em Carfanaum, que fazia milagres, curava os doentes, expulsava os demônios dos possessos, e outras maravilhas. Sabia que o genro andava com o Filho de Deus e disse-lhe: «Meu Filho, o Mestre tem poder para curar-me desta doença». E eis que um dia entrou Nosso Senhor na sua casa. Ela não deu nenhum sinal de impaciência; nunca se queixou, não pediu ao genro, nem mesmo a Nosso Senhor que a curasse, pois, bem podia ter dito: «Sei que podeis curar toda a espécie de doenças; Senhor, tende compaixão de mim». Mas não proferiu palavra, e o Senhor vendo o seu estado de indiferença, mandou à febre que a deixasse, e num momento o mal desapareceu.

Queridas Irmãs, não nos aflijamos com as coisas penosas que nos acontecem nem ainda pelas doenças ou dores que sofremos; não desejemos sequer ficar livres delas; abandonemos tudo isso à Divina Providência e que nos baste ser Nosso Senhor a ver e a saber que padecemos por Seu Amor, e também para imitarmos os exemplos que nos deu, especialmente no Horto das Oliveiras quando aceitou o Seu Cálice de sofrimento para nos excitar ao desprendimento. E embora tivesse pedido que, se fosse possível, lhe afastasse esse cálice, no entanto acrescentou imediatamente, «mas que a Vossa Vontade seja feita». Deu assim a entender que se encontrava numa perfeita indiferença para viver ou morrer. Isto deve obrigar-vos, minhas caríssimas Irmãs, a receberem tudo quanto o Senhor lhes enviar, e habituarem-se a praticar tão bem a virtude da indiferença que nada haja no mundo que possa perturbar o vosso espírito. Oh! Salvador da minha alma, concedei-nos a graça de adquirirmos este espírito. Tudo isto parece doloroso à natureza; mas a alma que ama deveras a Deus e se quer salvar, não sente tanta dificuldade como parece.

Quanto ao segundo ponto, sobre a prática de não pedir e não recusar nada das coisas temporais, nada tenho a acrescentar, porque a coisa fala por si própria e não há necessidade, segundo me parece, de mais explicações.

Quanto ao terceiro ponto, que se refere aos meios de observar bem esta regra, direi que o primeiro meio é considerar as vantagens que resultam para as almas que a ela se aplicam, fazer orações sobre este assunto e quando estão duas ou mais Irmãs juntas, conversarem sobre o que aqui se disse e não sobre bagatelas ou coisas más.

O segundo meio para obter esta virtude, é considerar o prejuízo que o contrário pode causar.

O terceiro é considerar que, por esta virtude, chegarão a ser verdadeiras Filhas da Caridade. Perguntam-me às vezes, como poderão chegar a ser perfeitas Filhas da Caridade. Guardai esta Regra, minhas Irmãs; praticai as virtudes que compõem o nosso espírito, a saber: a humildade, a simplicidade e a caridade; por este meio chegareis a um alto grau de virtude.

O quarto meio consiste em se persuadirem que a coisa não é tão difícil como se imagina; como já disse, no começo parecerá um pouco penoso. Mas se vos habituardes não tereis dificuldade nenhuma, com a graça de Deus; mas é preciso pedi-la.

Outro meio, é a mortificação nas ocasiões em que tiverem alguma contrariedade. Tende a certeza, queridas Irmãs, que pela mortificação chegareis à indiferença, e com ela, à verdadeira liberdade dos filhos de Deus. Que dita chegar a esta santidade!

Um dos nossos irmãos dizia ao falar da oração: «Senhor, quando peço a Deus que me mortifique nalguma coisa, como no beber ou no comer, no falar ou no olhar, logo me ocorrem muitos bons pensamentos na oração, e tantos que tenho de entre eles escolher os que mais me convêm».

Este irmão é um ignorante, e Deus concede-lhe esta graça, e a tal ponto, que pode afirmar: «São muitos os que me ocorrem». Confesso que fiquei comovido ao ver esse pobre Irmão chegar a um tão elevado grau de oração! Aprendamos por isto que a mortificação é um meio para bem se fazer a oração. Lembrai-vos do que vos disse numa conferência sobre a mortificação: que esta virtude devia estender-se a todos os sentidos a começar pelos ouvidos, escutando só as coisas necessárias; pelos olhos, não olhando, pelo gosto, não comendo fora do necessário; por exemplo: se estiverem numa paróquia ou num hospital, só deverão comer o que é permitido comer na Casa principal, observando a mesma ordem no que se refere à quantidade e à qualidade; ali não bebem vinho; eu também não o devo beber. Há fruta em abundância, não comerei mais do que é costume. Ainda que estejam fora da Casa principal, não deveis fazer senão o que ali se faz, por exemplo, gosto imenso de ir a tal paróquia com a Irmã; é uma ocasião para me mortificar manifestando-o à Superiora ou ao Senhor Padre Portail, dizendo-lhes: «Senhor, ou Senhorá, devo comunicar que tenho grande prazer em ir àquele lugar com tal Irmã, onde me quer mandar; vede se não há inconveniente». Assim faziam os servos de Deus. Imitai-os, minhas Caríssimas Irmãs.

É também motivo de mortificação, quando vos mandam a um lugar que não é do vosso agrado. Uma Irmã que sentir isto fará grande mal em o comunicar? Não é grande pecado dizê-lo, se se

contenta em oferecer a Deus esta mortificação e pedir-Lhe forças para a suportar; mas seria melhor não o dizer.

Há também mortificações interiores, quer dizer, que é preciso mortificar a imaginação impedindo-a de se encher com vãs curiosidades. A memória quer, por vezes, recordar o passado, os dias da juventude, os prazeres, os passatempos, as pessoas que os proporcionam, para destes pensamentos receber satisfação, como ao contrário, recordar os que as magoaram para se revoltar contra eles. É necessário, minhas Irmãs, mortificar a lembrança de todas estas coisas, nem sequer falar delas, mas só pensar em coisas edificantes; por exemplo, nas virtudes das nossas Irmãs. E, quando sentirmos affecto pelas coisas da terra, recordemos o desprezo que elas merecem, elevemo-nos até Deus e digamos: «Oh! Meu Deus, como eu seria feliz se observasse estas práticas! Quantas virtudes alcançaria!»

Mas, Senhor, dir me eis, é muito penoso ter de me mortificar durante toda a vida». — Sim, minhas Irmãs, é preciso que mortifiquemos todos os nossos gostos, quando não forem conformes à vontade de Deus, mas apenas tenhamos começado esta prática, tornar-se-nos-à fácil. Primeiramente teremos dificuldade; mas oito ou dez dias depois, ou quando muito, um mês, não desejaremos outra coisa e ficaremos numa disposição que não conseguiremos saber o que queremos ou não queremos. Que felicidade! E não digais que é impossível chegar a este resultado, porque conheço almas que no mundo gozam tão grande indiferença, que nada querem fazer por própria iniciativa.

Conheci algumas, e tenho-as agora presentes na memória, que me diziam: «Como! Recusar-me a fazer o que é mandado ou fazer alguma coisa da minha própria vontade! Se isso acontecesse não mais teria descanso».

Uma Senhora que conheci não fazia a menor coisa que não lhe fosse mandado. Se as pessoas que vivem no mundo podem aspirar a esta perfeição e conseguí-la, com muito maior razão somos obrigados a dar-mo-nos a Deus para observar esta santa prática, exigida pelas nossas Santas Regras. Por elas estamos obrigados a uma tão inteira submissão às ordens da Divina Providência, que temos de acatá-las de bom grado, sem recusar nem desejar coisa alguma. É a maior felicidade que pode ter uma alma na terra. Mas, ao contrário, quem tiver vontade própria e não aceitar o mal que lhe é mandado, ou se aborrecer porque lhe negam alguma coisa, que mau espírito teria, Salvador meu! Pobre Companhia da Caridade! Depressa verás chegar o teu fim, se te deixares cair em tão deplorável estado! Minhas Irmãs, quando ouvirdes dizer: «Eu quero fazer isto ou aquilo», podeis chorar.

«Senhor, dirá alguma, bem queria fazer assim mas não tenho forças para tanto». Se não se sente com forças, peça a Deus as graças necessárias para isso.

Dir-me-à outra: «Não posso conseguir isso. Desejo-o com todo o meu coração, mas quando chega a ocasião, tenho o espírito muito teimoso e não posso curvar-me ao que me é mandado». Ah! Minhas Irmãs, se houver alguma nesta disposição, compadecei-vos de vós próprias, porque a desolação está à porta. Pedi a Nosso Senhor que vos conceda um espírito dócil e trabalhai para o adquirir. Procurai vencer a natureza e tende confiança que Deus vos dará forças e a Sua graça.

«Sou Irmã antiga, Senhor, não me será lícito ter maior liberdade do que as novas? Deverei ser tão submissa como se tivesse acabado de chegar?» Ah! Minhas Irmãs, que grande escândalo dariam se cometessem essa falta! Diz que é antiga na Companhia, e é mesmo por essa razão que deve ser a primeira na prática das virtudes duma verdadeira Filha da Caridade; as Irmãs antigas estão obrigadas a maior virtude do que as que chegaram depois delas. Deus não só exige maior perfeição a uma Irmã antiga, senão que, à medida que adianta na idade, está mais obrigada à perfeição. Como sabeis, eu tenho já setenta e sete anos, tenho por isso maior obrigação de ser mais perfeito do que o que tem sessenta. Quanto mais viver, tanto mais obrigação tenho de imitar a perfeição dAquele que nunca fez a Sua Vontade, mas sempre foi obediente à Sua Santíssima Mãe e a S. José durante a Sua Infância e vida oculta, e aos juizes — ainda que maus — na sua Paixão. Assim, pois, minhas Irmãs, não creio que exista causa para omitir este exercício, nem com saúde, nem na doença, porque em qualquer estado, podeis ter esta conformidade com a vontade de Deus.

«Mas, quando estiver doente, com muita febre e dores de cabeça, que muito me façam sofrer, não posso pedir um copo de água?» Neste caso, não digo que não é permitido, especialmente quando a febre é tão ardente que parece que um copo de água daria vida, nem acuso de imperfeita a Irmã que, tendo semelhante necessidade, peça um pouco de alimento, mas também acrescento que, se suportasse tudo isso por amor de Deus, faria um acto de virtude tão agradável à divina Majestade que receberia uma unção particular de graça para a sua alma, que excederia infinitamente a consolação de que se privara, evitando pedir aquilo de que tanto tinha necessidade.

Não só de pão vive o homem mas da palavra de Deus, e desta maneira as que mais se privam dos alimentos que parecem tão necessários à vida, sentem muito mais as consolações com que

Nosso Senhor sacia aqueles que voluntariamente se mortificam por Seu amor.

Dizia S. Bernardo àqueles que se admiravam com a austeridade da vida dos seus religiosos: «O mundo contempla os nossos trabalhos e mortificações, e por isso, lamenta-nos e tem compaixão de nós. No entanto, não vêm as doçuras e consolações espirituais que sentimos; não sabem que um acto de mortificação nos proporciona um gozo superior aos trabalhos a que nos dedicamos. Por isso se admira e se compadece».

Oh! Minhas Irmãs, se assim fizéssemos, gozaríamos um número incontável de consolações. Lembrai o que vos disse sobre aquele Irmão que, por se ter mortificado, recebeu tantas graças. Se aceitarmos as mortificações como vindas de Deus, de qualquer parte que venham, particularmente os aborrecimentos e penas interiores, a Companhia das Filhas da Caridade seria um Paraíso na terra. Considerai que uma Irmã que procura mortificar-se adquire grande número de virtudes. Já noutra ocasião disse que um Religioso duma Ordem muito penitente, dizia que estava tão habituado à mortificação, que nada havia que lhe custasse, e dizia a seus Irmãos: «Que fazemos aqui? Viemos para obedecer e acontece o contrário, porque todas as coisas nos obedecem».

Por isto vereis, minhas Irmãs, como devemos mortificar as nossas paixões se quisermos gozar de santa liberdade, porque a mortificação produz a paz na alma, de maneira que está sempre contente com o que lhe sucede, não pode rejeitar coisa alguma. Minhas Caríssimas Irmãs, é encantador possuir-se uma virtude que nos leva a não desejar nada senão fazer a Vontade de Deus. Suponhamos que tínhamos agora liberdade para escolher: ou seguirmos as nossas inclinações com todo o prejuízo que pudessem causar-nos, ou fazermos como os bem-aventurados no Céu, conformar-nos em tudo com a Vontade de Deus. Sendo assim, não quereis que desde já nos demos a Deus para praticar a santa indiferença? Julgo, minhas Irmãs, que todas pensarão assim. Mas não basta a vontade, se não for acompanhada de obras; devemos pedir a Deus esta graça e começarmos agora a excitarmo-nos nela, recebendo de boa vontade, o que nos suceder ainda que repugne aos nossos sentidos e que nunca se possa ouvir nesta casa: «Porque me dão este peitilho? E esta mudança? Porque me dão este Hábito? Não quero isto!» Ai! Irmãs! Não quero pensar que possa existir, actualmente, isto entre vós, embora se tenha dado no passado. Dai-vos pois a Deus, para conseguir esta virtude, que evitará toda a crítica sobre as disposições dos vossos Superiores que devemos considerar sempre inspirados por Deus, não julgando que tudo está em desordem e que a casa deixou de

ser o que foi. Tende cuidado sobre a origem desses sentimentos e não vos enganéis; não foi a Casa que mudou mas, sim, vós. Minhas Irmãs, quando saíram daqui, eram recolhidas e observavam as regras; mas, durante a vossa ausência, caísteis na dissipação e descuidastes tudo isto, de maneira que, ao regressardes a Casa, esta vos parece mudada, porque nela vêdes práticas que já não observais. Salvador da minha alma! Concedei-nos a graça de nos emendarmos de todas estas faltas e de voltarmos a estas práticas. Salvador da minha alma, que sois a própria Caridade e Pai das Filhas da Caridade, que nunca fizestes a Vossa vontade mas só a do vosso Pai e voluntariamente vos submetestes à vossa Santíssima Mãe e a S. José, vosso Pai putativo; concedei-me a graça de não querer senão a vontade de Deus, porque nisto consiste a verdadeira felicidade. Obtende-nos que comecemos, hoje mesmo, essa vida bem-aventurada, que os santos gozam no céu e que consiste em não ter outra vontade senão a de Deus. Meu Salvador, se as Filhas da Caridade obtiverem a graça de nada pedirem ou nada recusarem, começarão o seu paraíso nesta vida e gozarão, de certo modo, a bem-aventurança que possuís e que nos prometestes. Isto peço a Nosso Senhor, Caríssimas Irmãs.

Mas não respondi ainda à objecção que me possa ser feita: «Pode acontecer, por exemplo, que não se dêem conta de que me falta alguma coisa necessária. Que devo fazer neste caso?» Vêde, minhas Irmãs, o que fazemos em S. Lázaro. Há um Irmão provedor da pobreza, que tem o cargo de perguntar a cada um o que lhe falta, e faz o necessário para a remediar. Julgo, Senhora Le Gras que deveríeis proceder assim com as Irmãs.

— Dá-me licença, meu Pai, disse a Senhora Le Grás, que lhe apresente as dificuldades que daí poderiam advir em virtude dos diferentes lugares donde vêem as Irmãs, e serem em dias diferentes em que aqui chegam. Por esta razão fazemos o seguinte: Quando a Irmã encarregada dos Hábitos ou eu, nos apercebemos de alguma necessidade, remediamos-la às vezes por nós mesmas, e noutras ocasiões, são as próprias Irmãs a pedir; e, quando é necessário, expomos suavemente as razões que temos para recusar.

— Será talvez oportuno fazer assim para as Irmãs de fora, disse o Senhor P.<sup>o</sup> Vicente, mas penso que seria bom introduzir-se aqui este uso.

82 — CONFERÊNCIA DE 5 DE AGOSTO DE 1657

## USO DOS BENS POSTOS À DISPOSIÇÃO DAS IRMÃS

*(Regras Commns, art. 9)*

Minhas Irmãs, o assunto desta Conferência é a regra 9, que diz: «não podem servir-se do que está a uso de outra Irmã, sem licença da Superiora, nem queixarem-se de que outra Irmã se sirva, com a mesma licença, do que têm a uso.

Primeiro ponto: Razões porque devem guardar bem esta regra.

Segundo ponto: Faltas que se podem cometer contra ela.

Terceiro ponto: Meios para bem a observar.

Depois da leitura do artigo em que ela se contém, o Senhor Padre Vicente explicou mais ou menos o que segue:

Minhas Irmãs, a nona regra que Nosso Senhor nos deu prescreve às Filhas da Caridade não se servirem, sem licença, do que está destinado ao uso das suas companheiras, nem queixarem-se quando derem a outra Irmã o que está a seu uso. Compreendeis bem este artigo em geral: mas analisemo-lo pormenorizadamente. Digo, pois, que nunca uma Irmã se sirva do que é da sua companheira, sejam livros, imagens, terços, lenços, etc., sem permissão. Mas quando a Superiora a der, a Irmã não deve queixar-se de que a companheira use o que lhe pertence. Porque levar a mal que a Irmã proceda assim, por ordem da Superiora? Nenhuma deve ver nisto motivo para censurar. Se houver alguma razão a alegar, é dizê-la à mesma Superiora, e nunca às outras companheiras, a não ser à Irmã Servente, quando não estiverem na casa <sup>(1)</sup>. Mas, para falarmos de tudo isto é necessário que consideremos as razões que nos obrigam a guardar esta regra.

A primeira razão é a geral, que consiste na consolação que tem a Irmã observante das suas regras, quando entra em si mesma e pergunta: Observo fielmente as minhas regras? E ao verificar que sim, que satisfação não sente! Nem é possível dizer-se! Temos em casa Sacerdotes e Irmãos que são tão exactos em cumprir as regras que sempre as guardam, suceda o que succeder. Não duvido que, entre vós, haverá muitas que não querem faltar a nenhuma, pois, todas visam a tornar-vos santas.

Que dizeis, Senhor, com que autoridade affirmais isso? Digo-o autorizado pelo Papa Inocência VIII <sup>(2)</sup> que affirmava: «Apresen-

<sup>(1)</sup> Casa Mãe.

<sup>(2)</sup> Nos outros lugares S. Vicente attribue estas palavras a Clemente VIII.

tai-me uma pessoa que tenha guardado exactamente as regras da sua Religião e da Comunidade a que pertenceu, e declará-la-ei santa, sem outro milagre; basta isso para canonizá-la.» Desta maneira, não é necessário ir a Jerusalém, nem fazer muitas penitências como muitos fazem para alcançar a santidade; basta guardar as regras.

A que for fiel em observar as suas regras, faz mais do que se realizasse as maiores obras do mundo. Uma Irmã abnegada, que trate dos pobres forçados e dos loucos, e que faça maravilhas por onde quer que passe, se não guardar as regras em todas as coisas, será sem valor o que faz, em relação à alma que é observante: Ainda que estivesse ao serviço do exército, como está agora uma das vossas Irmãs, teria pouco valor o seu trabalho se não fosse fiel às regras. Encomendo às vossas orações a Irmã a que me referi: Joana Cristina Prevot, que está em Sedan. Por vontade da Rainha trata dos pobres soldados feridos. Quem havia de dizer, minhas Irmãs, que Deus escolheria as Filhas da Caridade para servirem no campo de batalha! Os homens vão ali para matar, e a Filha da Caridade vai para dar vida! Oh! Salvador, sêde bendito pela graça que fazeis a esta Companhia.

Recomendo-vos, também, as nossas Irmãs Maria e Marta <sup>(1)</sup> que estão em La Fère. Edificam toda a cidade. Daqui me escrevem com uma grande estima, não somente a mim; mas também à Côrte, que está maravilhada com o bem que realizam. Entre outras coisas que me contam delas, dizem-me que são muito exactas nas suas regras. Ah! Minhas Irmãs, quanto vale uma Irmã que é verdadeiramente Filha da Caridade! Quanto bem dirão dela! Não é que proceda com essa intenção, mas isso acontece sem que ela o queira, porque é impossível que a virtude permaneça escondida, onde quer que se encontre. Deixo à vossa consideração o que se dirá no céu, e com quanto gozo contemplarão Deus estas almas que aspiram apenas a dar-Lhe gosto, empregando o tempo, as forças, a saúde e a própria vida a tratar dos doentes. Sim, Ele olha para elas com prazer, vê as que observam as suas regras e sente satisfação com isso. Admirais-vos dos louvores prestados às Irmãs que observam as regras, se até os próprios Anjos se regozijam? É uma razão poderosa, esta, minhas Irmãs, para guardarmos fielmente as nossas regras.

Temos ainda outro motivo que nos obriga a observá-las: É que, faltando a elas, vamos contra a lei natural que proíbe o uso do que pertence ao próximo, contra a sua vontade; primeira lei que Deus pôs no coração do homem. Repito: «Que Deus pôs»,

(1) Maria Brocard e Marta Trumeau.

porque não foi nem um padre, nem um profeta, foi o próprio Deus que imprimiu no homem o não fazer ao próximo aquilo que não queremos que nos façam. Por exemplo, uma Irmã que tem um terço ou alguma imagem no leito; tem também o lenço de peçoço, o calçado e outras coisas. Tudo isto é seu porque lhas deram para o seu uso. Segundo a lei natural e a regra que lemos, não deve uma Irmã tocar no que pertence à companheira, se a Superiora o não mandar. Quando, por exemplo, enviarem uma Irmã a outra parte e virem que não tem terço, a Superiora dir-lhe-à: «Aceite este, Irmã». Então, esta não procede contra a lei, porque a Superiora tem autoridade para dispor de todos os bens das Irmãs. E a Irmã que aceitou o terço da outra, por ordem da Superiora, cumpriu a vontade de Deus; de maneira que ao voltar a companheira e não encontrar o terço, não deve levar a mal nem queixar-se. E, se alguma coisa tiver a dizer, que seja à Superiora, porque nada é vosso do que tendes, tudo é da Comunidade, e os Superiores têm todo o direito de dispor como lhes parecer oportuno. Esta é a razão porque essa Irmã deve ficar contente, depois de o ter comunicado à Superiora sem ir queixar-se a Joana ou a Maria, e a nenhuma outra Irmã.

A terceira parte é que algumas das Irmãs fizeram voto de pobreza e as outras estão resolvidas a fazê-lo. Ao entrar na Companhia, resolveram abraçar a pobreza, porque, a não ser assim, não as teriam admitido. Quando se apresenta alguma jovem, diz-se-lhe: «Sabe que não podemos possuir coisa alguma em particular? Se quer ser Filha da Caridade, é necessário estar resolvida a isto». Se não o aceita, não se admite. É mister dizer claramente que está disposta a imitar a pobreza de Nosso Senhor. Se disser: «não posso decidir-me a desprender-me de todas as coisas; quero ter liberdade de guardar alguma coisa para o meu uso particular.» Então, deve ser despedida, porque não se podem admitir senão as que estão dispostas a seguir o exemplo de Nosso Senhor e da Santíssima Virgem, que nada possuíam de Seu. Só com esta condição poderão ser recebidas.

E se, para serem admitidas, fingissem ter este propósito, pecariam mortalmente. As que fizeram voto de pobreza, devem contentar-se com o que têm por ordem dos seus superiores e suportar de boa vontade que eles disponham do que lhes pertence, como bem lhes parecer. A pobreza exige que não disponha de coisa alguma nem se deseje possuir nada em particular; porque, se quiséssemos dispor daquilo que nos agrada, não seríamos pobres e faríamos o que o mundo chama um roubo. Nas Comunidades diz-se que é faltar à pobreza, querer dispor de alguma coisa contra a vontade dos Superiores. Sobre este assunto, falaremos noutra ocasião, logo

que pudérmos; por agora temos outras coisas muito importantes a tratar, referentes à Companhia. Direi apenas que, guardar dinheiro dos pobres para gastar em estampas ou outros objectos de devoção, é um roubo, porque foi-nos confiados só para o empregar no cuidado dos pobres. No que vos diz respeito, minhas Irmãs, sabeis que usar o que pertence às outras, sem licença, é faltar a esta regra.

Senhor, dirá alguma, se a minha Irmã me disser que posso servir-me do que lhe pertence, faltarei à regra se assim o fizer? — Pode aceitar, mas com moderação. A Irmã que autoriza outra a servir-se livremente de tudo o que lhe pertence, mostra ter muito bom coração, mas daqui não se segue que deva abusar da bondade da sua companheira, retendo muito tempo em seu poder o que lhe foi emprestado; seria sinal de muita malícia conservá-lo e não querer devolvê-lo. Porque a sua Irmã é boa, há-de ela ser má! Pecaria contra o voto de pobreza e desgostaria a companheira.

Por último, a quarta razão, é que nas Comunidades em que se falta a esta regra e se atrevem a usar umas o que pertence às outras, ou se o escondem, não há senão discórdias, divisões, dissensões, murmurações, até ódio e rancor umas contra as outras. Com efeito, nessas Comunidades só há desordem e confusão e não posso dizer até onde poderá chegar o mal que daqui resultaria. Não podem imaginar, mas é uma lástima ver a confusão que há nestas casas; uma diz: «tiraram-me isto»; outra diz: «porque se serve aquela do que me pertence; a Superiora tinha-mo dado. Aquela escondeu-me isto». Numa palavra, minhas Irmãs, não pode haver caridade, nem cordialidade, se não se observa esta regra. Não sei se nesta casa há esta desordem, mas se alguma de vós tiver sido a causa de semelhante coisa, pode muito bem fazer penitência e pedir misericórdia. Julguemos agora, por tudo o que acabo de dizer, se não é razoável fazer o propósito de não se servir de coisa alguma que pertença às nossas Irmãs, visto ser contra a lei que Deus pôs no coração do homem, contra o voto de pobreza e, além disso, causa grandes desordens nas Comunidades.

Tudo isto diz respeito ao primeiro ponto. Não julgo necessário falar do segundo ponto que trata das faltas que podemos cometer contra esta regra, porque já as expliquei no primeiro ponto. Apenas direi que, as que se queixam a uns e a outros, cometem uma grande falta. Aquela a quem tiraram alguma coisa sem autorização e vai queixar-se a uma companheira, dizendo: «Que diremos de tal Irmã que me tirou um livro ou uma estampa, ou outra coisa qualquer? Acha bem?» Depois conta a outra. E, embora seja verdade o que conta, faz mal, porque a regra proíbe queixar-se a alguém, a não ser aos Superiores. Minhas Irmãs, tomai bem a resolução de nunca cair nesta falta. Se a vossa Irmã é

má e tomar essa liberdade, sede boas sofrendo tudo por amor de Deus, e em vez de vos aborrecerdes com ela, mostrai-vos reconhecidas porque vos proporcionou a ocasião de praticar a virtude, pois, um só acto de virtude vale mais do que todos os tesouros do mundo. Sim, minhas Irmãs, a virtude vale tanto, que nem o ouro, nem as pedras preciosas se lhes podem comparar.

Ao guardar esta regra, fareis duas coisas: «Primeira, praticareis a pobreza de que fizestes voto. Segunda, realizareis um acto de mortificação se disserdes: «Tenho razão, meu Deus, para queixar-me da minha Irmã, mas não o farei por Vosso amor». Como isto agrada a Nosso Senhor! Poderão dar-se casos particulares em que é conveniente expor à superiora as dificuldades que se encontram, como, por exemplo, a Irmã a quem tivessem trocado um Hábito ou outra coisa qualquer. Tinham-lho dado, por necessidade de saúde, de fazenda mais forte ou forrado para a preservar do frio no inverno; se lhe derem um Hábito mais leve, poderá adoecer. O mesmo poderá acontecer com a camiseta. Essa Irmã julga que se não puser nada na sua frente, apanhará frio no estômago e, não podendo resistir, ficará doente. Neste caso, a simplicidade exige que diga à Superiora: «Eu tinha tal coisa que agora foi dada à minha companheira, mas prejudica-me muito e parece-me necessitar dela; no entanto, farei o que quiser». Eis o que a simplicidade leva a fazer; após o que, a Irmã deve conformar-se com o que a superiora ordenar, quer lha conceda ou recuse. Até aqui nada há de mal. Mas dizê-lo a uma Irmã ou queixar-se àquela a quem o entregaram, é contra a regra; assim difamais a pobre Irmã que não tem culpa, porque procedeu como lhe disseram e vós prejudicais o bom conceito de que goza, fazendo-a passar por indiscreta, que tira e se serve do que encontra. É o que pensará a Irmã a quem vos queixais, porque ignora a autorização que lhe foi dada.

Julgo que podemos pôr ainda no número das faltas que se podem cometer contra a regra, a seguinte: se a Irmã que tem o cargo de prover às necessidades das demais, der a uma um vestido remendado ou um peitilho mal engomado, e se aquela a quem o entregar se molestar por isso e lho der a entender, cometerá uma falta contra a pobreza. Como! Queixarem-se da Providência que lhes deu esse Hábito, esse peitilho, e revoltarem-se contra a Irmã! E seria ainda pior se dissesse: «Não o quero, dê-me outro; se não mo der, não usarei este». E seria mais grave a falta se fosse dizê-lo a outra e se, não contente com haver recusado o que lhe deram, disser à companheira ou à primeira que chegar: «Olha, vê o que fez a Irmã Fulana! Quis dar-me um Hábito remendado e uma touquilha velha. Mandei tudo a passeio. Que faça isso

a outras, mas não a mim!». Oh! Meu Salvador, que pecado comete essa Irmã! Deus nos livre de tal infelicidade! A Pobreza manda contentarmo-nos com o que nos dão, e uma Irmã que usa o Hábito de Serva dos Pobres poderia manter um espírito tão oposto! Quero crêr, minhas Irmãs que entre vós não haja nenhuma assim. Mas acreditem que as verdadeiras Filhas da Caridade em vez de se queixarem quando alguma coisa rude e grosseira lhes seja dada, devem alegrar-se e sentirem-se satisfeitas que às suas Irmãs seja dado melhor; e deverão contristar-se se forem melhor servidas do que as outras. É este o sinal para se reconhecer que pertencem a este número, isto é, se escolhem sempre o pior, a despeito da natureza que procura satisfazer-se em tudo, se não nos vigiarmos.

O que acabo de dizer tem em vista a observância do voto de Pobreza. Mas há ainda uma coisa que lhe é contrária. Não se contentar com a maneira como são feitos os Hábitos na casa, mas fazem-nos à sua vontade, ou então se uma Irmã a quem tenha sido dado um Habito, como o dão a todas, dissesse: «Vejam que bonito Hábito! Como está mal feito! E que o mandasse a um alfaiate para o transformar. Meu Salvador, que falta tão grave cometeria essa Irmã! — E se ela própria o compusesse melhor? — Como! Uma Filha da Caridade tão vaidosa! Há diferença, minhas Irmãs, entre o arranjar-se o Hábito por necessidade, como para se resguardar do frio e fazê-lo para parecer bem ou com a desculpa de se sentir melhor. Que palavras: Sentir-se melhor, parecer bem! Oh! Se houvesse Irmãs com esta maneira de ver, que comprassem, por estar longe de casa, tecido mais fino do que aquele que usam, peitilho de melhor pano, calçado melhor confeccionado, um terço mais bonito ou ainda um livro; Salvador, seria então para temer justamente a ruína da Companhia, a não ser que se lhe dê remédio prontamente. Razão por que devem sempre seguir o que se faz aqui.

Não posso senão dizer a esse respeito, que um dos sinais de que a Providência está convosco, que devem estimar e que eu admiro, é que vos seja dado tudo da casa. Este meio evita as quedas nas faltas que acabo de referir.

Para as que vivem longe, a quem não podem ser fornecidos os Hábitos, como acontece com as de Paris e dos arredores, pertence ao Visitador o cargo de cuidar do assunto quando vai a Nantes, a Angers, e a outros lugares.

S. Francisco ao visitar uma casa da sua ordem verificou ter sido feita uma Igreja melhor que a indicada por ele ou então que estava feita de maneira diferente das outras. Este bom santo ficou tão impressionado ao ver que os religiosos tinham violado

a pobreza que exclamou: «Como! Fazer-se isto no meu tempo! Como! Em vida de Francisco o pecador, os seus próprios filhos ousarem cometer esta falta! Por Deus, que a destruam!» — «Meu Pai, a despesa está feita e não teremos meios para voltar a construir». — «Não importa! Não beberei nem comerei enquanto não for destruída.» E deitaram-na abaixo, porque era demasiado bela.

Minhas Irmãs, quando os Visitadores de tempos a tempos, verificam terem as Filhas da Caridade Hábitos melhores ou peitinhos de pano mais fino, devem dar remédio a esta desordem, avisando os Superiores. É mal de vós, se o não fizerem e não escreverem contra isto.

Acrescento, ao que está dito, que é um acto de religião que se pratica entre vós; porque não é permitido a uma pessoa da Comunidade comprar o quer que seja, para satisfação pessoal. Pensais que a Religiosa tem a liberdade de dispor de alguma coisa e de fazer o Hábito segunda a sua fantasia? Não! É a religião que lho faz e lhe fornece tudo o que ela necessita. Assim, minhas Irmãs, têm isto de comum com as religiosas, porque uma Irmã não deve nunca comprar o quer que seja para si própria, se não for autorizada; e ainda é necessário que isso seja igual às outras e possa servir à comunidade. Admiro os desígnios da Providência que pôs este santo costume entre vós: que não sejais vós a comprar os Hábitos e que não sejam diferentes uns dos outros; porque não podem calcular a inveja que desperta ver-se uma Irmã vestida diferentemente das outras. Se um Hábito é melhor, seja no corte, seja no comprimento, as que o verificam, dizem entre si: «Porque tem aquela Irmã um tecido melhor do que os outros? Será ela mais do que nós? Como está bem arranjada!» As outras dirão: «Admiram-se? É uma vaidosa, com coisa alguma se importa, contanto que esteja bem regalada.»

Por onde se vê a necessidade que há de em tudo se ser igual às demais, porque, ao contrário, suscitam-se as invejas e os ciumes. É, assim, devem dar muitas graças a Deus que é o Autor das vossas regras, e particularmente desta, que obriga a não usarem coisa alguma que a Superiora ou quem a represente não vo-la dê.

Passamos ao terceiro ponto desta instrução, que são os meios que devem servir-nos para bem se observar esta regra. Minhas Irmãs, o primeiro meio, é pôr em prática a nona regra: nada pedir e nada recusar. — Como! Não poderei pedir tecido quando tiver o Hábito usado? Não, não direi nada! Está bem à vista! Basta que o saibam. Não me preocuparei pois com isso.

Minhas Irmãs, não posso pensar no que vi sem me admirar: Conheci o Padre de Gondi, do Oratório, quando cortesão. Na Côrte mudava de vestuário três vezes ao dia, depois viu-o com

uma batina velha e os cotovelos rotos. Vi isto com os meus olhos. Como é admirável esta mudança! O primeiro espírito deste homem era do mundo; mas o segundo vinha de Nosso Senhor Jesus Cristo que o levava a desprezar todas as vaidades e a abraçar a pobreza.

Querem saber qual dos dois espíritos vos anima? Nisto podereis reconhecê-lo. Aquelas de entre vós que amam a pobreza concordam com o que digo; mas aquela que tiver o espírito do mundo dirá interiormente: «Meu Deus! Que diz este homem! Como fazer o que ele ensina! Então não poderei comprar nada e quem o fizer tem o espírito do mundo!» E, assim fica perturbada e inquieta. E porquê? Porque tem o espírito do mundo.

Minhas Irmãs, ponhamo-nos na presença de Nosso Senhor e consideremos se estamos dispostas a seguir Nosso Senhor e a Santíssima Virgem na sua pobreza, tendo apenas o que lhes é dado. Se assim fôr, Deus seja bendito, mas se sentirmos alguma repugnância contra esta regra, é porque temos o espírito do mundo. Sim, se tivermos pena que nos dêem hábitos, roupa branca ou outras coisas remendadas, é o espírito de orgulho e do mundo que estão em nós; e aquela que tiver estes sentimentos não deve descansar enquanto não obtenha, por orações e outros meios, a maneira de os eliminar; e nas suas orações deve sempre inclinar a sua vontade para esta intenção até que consiga amar a pobreza e a prática de nada pedir e nada recusar.

Algumas vezes penso no bem que este facto produziu em S. Lázaro, onde Deus concedeu a graça de se praticar este exercício há muitos anos. Ninguém se queixa do que lhe tiram e não dizem: «Necessito de tal coisa e não ma dão». Não temais ouvir ali essas queixas. Há pouco repeti outra vez essa pergunta e disseram-me: «Senhor, pela graça de Deus, observa-se bem este artigo». Quem tem o cargo das distribuições? Entre os Irmãos, é um irmão que provê às necessidades; entre os Padres, é um deles. Por exemplo, perguntará um Irmão a outro: «Irmão, necessita de alguma coisa?» — Responde aquele. «Não! Basta-me o que tenho.» Ou, se precisa de alguma coisa, é-lhe fornecida. É assim que se procede, minhas Irmãs. Decidindo-vos a usar esta prática arranjarão um tesouro na terra. Sabeis que os Religiosos de S. Francisco fazem voto de pobreza e que é esta a sua principal característica. Vivem muito melhor tendo apenas a Providência a cuidar deles do que se tivessem muitos bens; abandonados por completo em Suas mãos, de nada carecem; e se lhes falta alguma coisa, Deus providencia prontamente.

Julgais, minhas Irmãs, que, por terem abraçado o estado de Nosso Senhor, careceriam do necessário à vida? Oh! Não, é um

tesouro, e digo-o ainda, dou graças a Deus, do mais profundo do meu coração, da graça que Ele concede à Companhia, de nada terem as Irmãs a comprar. Mas que felicidade, Irmãs, serem assim semelhantes aos Religiosos, até aos próprios Capuchinhos! Porque os Capuchinhos nada têm, nada podem comprar; e nisto nos assemelhamos a eles. Alegrai-vos, pois, que tudo vos seja dado, porque nisto seguís o exemplo de Nosso Senhor e da Santíssima Virgem.

Há outro meio para pôr em prática esta regra: é considerar que se não aceitarem isto procedem contra a regra e contra a lei natural, e provocam a murmuração. Actualmente a Companhia está em começo, de maneira que, se não guardarem as regras, não poderá subsistir. Pensarão: eu estarei assim possuída do espírito do mundo e serei das que não observam as regras! Se todas fizessem como eu, as regras seriam inúteis. São estas as considerações que podem servir de segundo meio.

O terceiro meio, deve levar-vos a avisar a Superiora, o Senhor P.<sup>o</sup> Portail ou a mim, quando notarem alguma falta a esta regra; e dizer: «Senhor, (ou Senhora), parece-me que esta regra não é bem observada.» Se a Irmã que tem o cuidado de dar as necessidades não o fizer como deve, poderão dizer à Senhora Le Gras ou às Irmãs Conselheiras: «Parece-me que esta Irmã abusa demasiado do seu cargo.»

O quarto e último meio é pensar que não pode ter a consciência sossegada quem não guardar as regras. Deus quer que as guarde; e como não faz a Sua vontade, tem razão para julgar não estar na Sua graça ou pelo menos que não se compraz dela. Isto é o que se chama remorso de consciência que se segue sempre ao pecado; assim a Irmã não tem sossego, enquanto se lembrar que tem em seu poder o que pertence à sua Irmã, ou que o comprou e o confeccionou. A Irmã que sente este remorso, não tem paz nem descanso, ao pensar: «Sou o escândalo da Companhia, não só peço, mas sou causa que outras o façam ou ainda as desedifique.» Verdadeiramente, minhas Irmãs, é uma grande tribulação

Há ainda outra coisa pior a temer: Deus retira as graças que lhes tinha dado. Como endureceram o coração, desprezando os remorsos da consciência que o Senhor lhes inspirava para que se corrigissem, retirou-lhes a graça de amarem a sua vocação e o prazer que tinham em praticar a virtude. Já não lhes agrada o serviço de Deus. Se olham o céu, vêem nuvens entre Deus e elas que as faz murmurar com tristeza: «Deus, seria sempre o meu Deus, mas a minha infidelidade rouba-me o prazer de gozar d'Ele.» Pobre da Irmã que chega a este estado! Dificilmente sairá dele, principalmente se há já algum tempo que nele perma-

nece. A princípio podia ; mas, avançada em idade, não tem forças para dominar as suas más inclinações, por se achar indigna das graças de Deus. Débil na fé, não tem caridade, nem confiança em Deus. Porque ? Porque permaneceu na inobservância das regras. Perto da morte, pensar em preparar-se, se viveu deste modo, é difficilimo, porque desprezou as regras. Não quis observá-las, principalmente estas ; e por isso está impossibilitada de se servir das suas faculdades. É como uma parálitica que nada pode fazer.

Mas, Senhor, não poderá curar-se ? Minhas Irmãs, duvido muito, porque é uma cura muito difficil. Chegada a este ponto, há razão para temer que nunca mais se modifique. É um mal de morte ; porque a paralisia atingiu a cabeça, a língua, os braços, as pernas e todo o corpo. Como sarar ? Repeliu os remédios, a voz da consciência que tantas vezes lhe murmurou : «Irmã, abandona esse desejo de parecer melhor do que as outras ; deixa essa paixão e faz como as outras ; mortifica esse vício de que estás tantas vezes dominada.» Nunca se esforçou para se desfazer dele e nessa hora falta-lhe a graça para o fazer, de maneira que, se não está perdida, tem motivo para temer. Minhas Irmãs, não vos parece muito estranho que uma Irmã seja miserável a ponto de não querer por coisa alguma corrigir-se, e pense : «Digam-me o que quiserem, mas quero viver assim.» Deus nos preserve de tal infelicidade e nos conceda a graça de vivermos na santa prática da pobreza. Se pudéssemos ver uma alma que ama a pobreza, que foge de tudo o que se relaciona com o espírito do mundo, vê-la-famos luminosa como o sol ; porque despreza as coisas da terra, Deus torna-a rica em virtudes, aumenta-lhe a fé e a confiança, que procede da sua fidelidade ; porque, quando pensa : «Guardo as minhas regras, com a graça de Deus», adquire uma certa segurança que nunca mais a abandonará.

A caridade aumenta também. À medida que uma Irmã se afeiçoa à pobreza, o amor de Deus cresce nela. Tem o seu coração preso em Deus, e como se priva das comodidades do mundo por Seu amor, Ele concede-lhe a graça de não amar senão a Ele e de O amar com todo o coração. Pois, como não perdem tempo em pensar em si, nem no seu Hábito, nem a desejar aquele tecido, nem aquele peitilho, nem a camiseta, nem nos sapatos, nem em coisa alguma da terra, ama a Deus com todo o seu coração e é para Ele todo o seu amor. E como não O amaria, se não tem nada disto em apreço ! O seu coração não sabe viver sem amar. A quem se daria ? Só a Deus e não a outros !

Minhas Filhas, como sereis felizes se entrardes nesta prática ! Sereis uma Irmã que amará a pobreza e crescerá, dia a dia, na

virtude. Minhas Irmãs, dêmo-nos a Deus para cumprirmos esta regra. Assim o desejais, porque o vosso rosto revela-me que todas têm esta disposição. O rosto deixa transparecer a disposição do coração, que, vulgarmente, manifesta o interior; de maneira que, ao ver-vos, parece-me que todas me dizem: «Sim, Senhor, comprometo-me a nunca desejar Hábito especial, nem qualquer coisa que não seja conforme às máximas da casa.»

Peço a Nosso Senhor que vos conceda esta graça e amanhã suplicá-lo-ei na Santa Missa, a fim de que nenhuma de vós venha a perder-se no espírito da vaidade. É o que peço a Nosso Senhor de todo o meu coração.

83 — CONFERÊNCIA DE 26 DE AGOSTO DE 1657

## SOBRE A ADMINISTRAÇÃO DOS BENS DOS POBRES E DA COMUNIDADE

*(Regras comuns, art. 10)*

Nesta Conferência, minhas Irmãs, continuaremos a explicação das vossas regras. Falaremos da décima que consiste na administração recta dos bens dos pobres e dos vossos. Procedamos à leitura do artigo e vejamos o que ele diz: «Administração cuidadosamente o dinheiro e tudo o que manejam para uso das Irmãs, etc.» Isto, Irmãs, é claro por si mesmo, e não necessita explicar-se, mas, no entanto, desejamos dizer alguma coisa sobre o assunto, para que melhor o compreendam. Digo, pois, que as Irmãs que aqui estão, e também noutros lugares, hospitais e paróquias, que tenham de manejar dinheiro e coisas semelhantes, são obrigadas a administrá-lo fielmente. Primeiramente, porque são bens de Deus, por serem bens dos pobres; e por isso sereis mais cuidadosas, não só porque são propriedade dos pobres que deles necessitam, senão também porque são de Nosso Senhor Jesus Cristo. O que eu mais temo, ou pelo menos tanto como nenhuma outra, é que haja na Companhia quem não administre honradamente estes bens. O meu temor funda-se na dificuldade que há em se manejar bem o dinheiro, e até os mais prudentes correm o perigo de apropriar-se do que não lhes pertence, ainda que santos como os Apóstolos. O manejo do dinheiro tem anexo o perigo de se apropriarem, a não ser que se mantenham num constante alerta.

Mas, Senhor, há algum exemplo no Evangelho que nos faça acreditar nisso? — Sim, Minhas Irmãs, temo-lo em Judas, escolhido pelo Senhor para Apóstolo; seguiu-O para toda a parte e até fez milagres. Porém, este desditoso deicida, ao ver-se com dinheiro nas mãos, por ter sido eleito pelo Senhor para dispensador da Companhia, recebia e entregava sem contar; teve assim ocasião de se apoderar de parte dele; censurava que o empregassem em alguma coisa para Nosso Senhor, como o manifestou ao murmurar contra Madalena, quando esta derramou o unguento precioso na cabeça do Mestre; e assim, por manejar dinheiro, de Apóstolo do Filho de Deus que era, transformou-se no homem pior do mundo. Sim, minhas Irmãs, nunca houve homem pior no mundo do que Judas.

— «Mas, Senhor, foi o dinheiro a causa dele se transformar num malvado?»

— Sim, minhas Irmãs. — Como! O dinheiro fê-lo incorrer num deicídio, o crime maior que se pode cometer? — Foi a administração do dinheiro a causa disto, e teve bastante força para o corromper a ele que convivia com Nosso Senhor; os doutores não dão outra razão da sua perdição. Se, pois, o manejo do dinheiro foi a causa de que este desgraçado se convertesse de Apóstolo num miserável ladrão, quanto temos a temer, minhas queridas Irmãs! Quem não corre esse perigo? Todas podem dizer: «Tive melhor vocação que Judas? Não! Pois a Judas foi mesmo Nosso Senhor que o chamou. Recebi eu mais graças que Judas? É grande temeridade acreditá-lo. Contará uma Irmã com mais graças do que Judas, chamado pelo próprio Autor de todas as graças, em cuja Companhia viveu? Uma pobre Filha da Caridade não pode pensar assim sem presunção. Pelo que, minhas queridas Irmãs, não tenho a dizer-vos sobre esta matéria senão que as que manejam dinheiro correm o perigo de serem como Judas, se não se acautelarem. Como caiu em tão grande falta? Desta maneira. Pensou: «Não sei se durará muito esta Companhia; não me parece segura; bom é que guarde alguma coisa para mim; assim, se chegar a desaparecer, pelo menos terei com que remediar as minhas necessidades.»

Por aqui começou a tentá-lo o demonio: pela avareza. E pouco a pouco foi juntando dinheiro. Com esse dinheiro em seu poder começou a desgostar-se das coisas santas; tanto que não podia nem sequer ouvir falar de Nosso Senhor. Insensivelmente foi escorregando. Logo vieram pensamentos de blasfêmia; e começou a duvidar se aquele homem que ele considerava como Criador do céu e da terra e era tido pelo Messias, não seria um enganador; e caiu em tão grande cegueira, que chegou a pensar

tratar-se dum falso profeta. Caindo de pecado em pecado, censurava a palavra de Nosso Senhor, fazia acções indignas da sua vocação, murmurava das acções mais santas, como a da Madalena. Este mau homem, ao ver o que ela tinha feito a Nosso Senhor, disse: «Verdadeiramente, que gasto inútil! Este homem que se diz Filho de Deus, que louva a pobreza, tolera semelhante coisa! Não seria melhor vender este perfume e dar o dinheiro aos pobres?» Judas não dizia isto pelo desejo que tinha de favorecer os pobres, mas porque era assim frustrado nos seus intentos, pois queria guardar parte do dinheiro para si. Por isso, indignou-se e murmurou contra o seu mestre. Mas não ficou por ali. Sabendo que os sacerdotes queriam prender o Senhor, foi ter com eles, e tanto mal disse que o consideraram um dos seus inimigos. O que lhe deu coragem para o tentarem a vender o seu mestre; o que fez, combinando nesse mesmo momento o preço. Quando viu que O levavam ao suplício, compreendeu o seu pecado e quis arrepende-se; foi ter com os príncipes dos Sacerdotes e disse-lhes cheio de dor e angústia: «Pequei, vendendo o sangue inocente. (S. Mateus XXVII,4). Dito isto, atirou-lhes o dinheiro; e saindo, foi enforcar-se. Salvador da minha alma! Que fim tão desgraçado! Aquele infeliz deu-se conta do seu pecado, mas demasiado tarde.

Minhas Irmãs, para todos, sem excepção, homens ou mulheres, é preciso manejar dinheiro; uma Irmã fica em perigo grave de perder a sua vocação, se não for exacta, até ao ponto de não guardar para si a mais pequena moeda; porque, desde que conserve em seu poder, nem que seja um tostão, está em caminho de perder a sua vocação, porque chegará a pensar como Judas: «Quem sabe se esta Companhia durará muito tempo! Tenho que me precaver com alguma coisa.» Após o que, terá pensamentos contra a vocação. O demónio dir-lhe-á: «Que fazes aqui? Não te salvarias igualmente em qualquer outro estado?» A princípio estes pensamentos serão repellidos, mas no fim cederá. Daí procede, minhas Irmãs, uma das coisas mais temíveis, a meu ver, o cargo do dinheiro, porque poderá ocasionar a perdição da Companhia, se não houver verdadeira fidelidade. E peço às Irmãs que têm a responsabilidade das Irmãs novas que as levem a sentir grande horror por isto. Volto a repetir: Que pecado pensam que comete a infeliz que retém alguma coisa da casa ou dos bens dos pobres? Primeiramente pratica uma acção que se chama roubar. E se vinte cêntimos roubados por uma criada ou qualquer pessoa do mundo são suficientes para que cometa um pecado mortal, o que será numa Filha da Caridade!

Além de que, pecam contra o Voto ou promessa que fizeram

de observar a pobreza, porque foram recebidas com a condição de serem fiéis no manejo do dinheiro que lhes confiam, e não teriam sido admitidas se não o promettessem, esperando fazer o voto ao fim de quatro ou cinco anos. Cometem-se pois duas faltas, administrando mal ou guardando para benefício próprio os bens dos pobres. A primeira chama-se roubo, que de si é pecado mortal; é contra o mandamento da lei de Deus. A segunda é contra o Voto; e é mais ainda que pecado mortal, em virtude do voto de pobreza que fizeram; e, violá-lo, é sacrilégio. Pois, minhas Irmãs, o que era apenas pecado mortal torna-se sacrilégio desde que há o voto. Mas há mais, minhas Irmãs. Quem é prejudicado? Se for um homem ou uma mulher, é pecado mortal. Mas de quem são os bens que temos em mãos? Pertencem aos pobres. Salvador! Aos Pobres! Assim, roubam o próprio Deus. Roubam os pobres que não têm senão o que lhes dão; e são aquelas que devem ser suas mães e provedoras. Isto é mais do que pecado mortal, porque transgrediu o mandamento e o Voto; é um sacrilégio.

Estes bens são de Deus e foi Ele que inspirou a essas pessoas para os darem aos pobres. Foram confiados às Irmãs a fim de os distribuírem, e serão tão infelizes que o não respeitem! Meu Deus! Que é isto? Que desdita! Miserável a que tal fizesse! Minhas Irmãs, não vos admireis se houver alguma afeiçoada à vocação a princípio, e ainda muito tempo depois, mas que pouco a pouco vá perdendo o amor que tinha às suas regras, não procura praticar as boas obras, não trata das coisas de Deus, e finalmente separa-se por completo da vocação, por não ter observado esta regra. De maneira que a perda da vocação, ordinariamente, procede de ter sido guardada alguma coisa dos Pobres, ainda que apenas cinco cêntimos.

«Mas, Senhor, é pouquíssimo para se poder perder a vocação.» — Minhas Irmãs, não é tanto a quantidade a que é preciso olhar mas à qualidade do pecado. Fizestes voto a Deus prometendo guardar a pobreza e pecastes contra o Voto porque não somente o Voto vos impede de dispor do que não vos pertence, mas até mesmo do que vos poderia pertencer. E se uma jovem mal formada guardar o dinheiro ou outra coisa, ao entrar na Companhia, procederia muito mal; porque deve, se trouxer alguma coisa, entregá-la à Superiora que mandará à tesouraria apontar no livro o que lhe fosse entregue, a fim de que, se a recém-chegada fosse tão infeliz que o demónio a desviasse da vocação, lho pudesse devolver; é assim que se deve proceder. E, logo que a Irmã tenha pronunciado os Votos não lhe é permitido dispor dos seus bens.

«Senhor, dirá alguma, é verdade que tenho algum dinheiro,

mas porque mo deu minha mãe ou porque me coube em herança.» — Não importa; o voto não vos autoriza a guardar o quer que seja sem autorização, por muitos que sejam os bens que tenham. Se os tivesse, eu próprio que sou um miserável, em virtude do voto, teria de os entregar à Comunidade, sem nada reservar para mim.

«Senhor, um parente meu veio a Paris consultar um advogado; está em grande necessidade; não poderia eu ajudá-lo com alguma coisa? — Não! Não lhe podeis dar nada, nem um cêntimo, sem ofender a Deus. — Será pecado mortal dar um cêntimo? — Deus o sabe! Mas o que eu sei é que violar o voto é pecado mortal; agora, se é pecado mortal dar um cêntimo, Deus o sabe! Ele vê a intenção com que é feito. Os capuchinhos não podem sequer tocar em dinheiro; se o fizerem pecam mortalmente, porque prometeram a Deus, com voto, viver desta maneira, confiando inteiramente na Providência; e guardam este voto com muita exactidão. Ora, vós tendes ainda maior obrigação de não tocar nos bens dos pobres e de usar deles conforme vos for indicado. O demónio procurará surpreender-vos; e, se lhe derdes ouvidos, dirá: «Minha Irmã, como é bom possuir alguma coisa! Sabereis o que acontecerá?» Sim, isto vos será dito pelo demónio, porque foi o mesmo que disse a Judas. Mas respondi a estes pensamentos: «Estou certa que nada me faltará se for fiel a Deus e me abandonar à Sua Providência.»

O Evangelho de hoje diz: «Procurai primeiramente o reino de Deus e a sua justiça, e tudo o mais vos será dado.» (S. Mat. VI, 33).

Minhas queridas Irmãs, é isto o que fazeis. Uma verdadeira Filha da Caridade não tem outro desejo senão o de se conservar na graça de Deus, procurar o Reino de Deus. Além disso, procuram a Sua Glória ao servir os doentes. Enquanto fizerem isto, não recebem; nada vos faltará; é impossível que Deus não tenha cuidado das vossas almas. Gravai bem isto nos vossos corações e dissei: «Porque acredito firmemente no que este homem me diz da parte de Deus, desde agora, abandono-me inteiramente à Divina Providência.» Firmai-vos bem neste pensamento e tende a certeza de que Deus nunca vos faltará. Dizeis agora: «Ponho toda a minha confiança em Deus, com a certeza de que, se guardar as minhas regras, nada me faltará. Se algum dos meus parentes ou alguma Irmã pervertida quiser persuadir-me do contrário, jámais o acreditarei.»

Sim, é isto o que farão, se forem verdadeiras Filhas da Caridade. Mas, no caso contrário, sabeis o que dirão? Apenas se aperceberem numa paróquia que uma Irmã guardou cinco cêntimos, podeis ter a certeza que dirão: As Filhas da Caridade são umas

ladrazinhas que roubam os bens dos pobres. E, os que isto ouvirem, dirão: «Até agora, confiámos nas Filhas da Caridade, mas, daqui por diante, não.» Eis o que acontecerá. Farão passar todas as Filhas da Caridade por umas ladras; e se continuarem a servir-se de vós será por meio dum procurador que vos indicará o que é necessário comprar; mas nunca mais vos confiarão coisa alguma; porque, ficai sabendo, desde a hora em que a Companhia tiver adquirido esta reputação, dizei adeus às Filhas da Caridade.

E não é tudo. As jovens que isto ouvirem dizer, se pretenderem entrar na Comunidade, desistirão desse desejo. E, se se mantiverem nele, fá-las-ão desviar dessa inclinação, dizendo-lhes: «Para onde querem ir? Viver com essas Irmãs! Umhas ladras! Foram-lhes encontradas coisas que pertencem aos pobres. Mas o mal foi logo remediado, porque não lhe confiaram mais dinheiro, entregaram-no a um procurador».

Assim será, minhas Irmãs, se não for observada esta regra; será lamentável ver a Companhia em tal estado. Deus me leve antes que eu veja acontecer tal coisa! Será motivo de escândalo uma Companhia de tanto proveito, à qual Deus tem concedido tantas graças! Sim, minhas Irmãs, Deus me leve antes de eu ver tão grande desgraça. Mas, vós, vê-lo-eis infallivelmente se faltardes ao que digo, não porque sou eu a dizê-lo, mas porque é verdade e porque a própria experiência no-lo ensina. Para o evitar, tomai a resolução de nunca guardardes nada dos pobres ou da Companhia e administrai fielmente o que vos for confiado. Tende presente que é este o alicerce da Companhia e o que a conservará, como o tendes visto pelo que vos tenho dito.

Assim continua o artigo: «E, para impedir os abusos que possam sobrevir no uso que fizerem, etc».

Uma das grandes tentações que o demónio poderá sugerir, para vos prender, é que roubem para vestirem melhor. Numa ordem religiosa de que me falaram hoje, ocorreram males graves por abusarem dos bens que tinham e pela singularidade. Era uma ordem santa na Igreja, mas que já não existe. Foi esta a origem da sua ruina. Cada uma vestia a seu modo e assim se perderam.

Para evitar semelhante mal, inspirou Deus um bom meio: não serdes vós a vestir-vos, mas a receber da superiora os Hábitos já feitos. É um pensamento de Deus, que o céu inspirou à pequena Companhia. É um grande bem não ter senão que receber os Hábitos, a roupa ou outra coisa que a superiora vos dá. É este o meio para se consagrarem inteiramente ao serviço de Deus. Não têm de pensar em fazer o Hábito ou o peitilho; só têm que observar as regras e servir os pobres. Que felicidade, minhas Irmãs! As que estão em casa devem observar esta regra.

Dar-lhes-ão o que elas necessitam e, de tempos a tempos, serão interrogadas sobre se lhes falta alguma coisa. Para as que estão no campo, pedirão por carta ou de outra maneira à superiora, porque não se pode perguntar em todas as partes se lhes falta alguma coisa. Assim, é preciso que escrevam à Senhora Le Gras e não a comprem, a não ser que a coisa seja de pouca importância ou que a Superiora mande a Irmã fazer de outro modo. A Irmã que compra alguma coisa em proveito próprio, peca, por transgredir a regra que se observa em casa ; geralmente, as que assim procedem não pensam comprar as coisas como aqui se usam e, se o fazem, é raro. Pensam que uma Irmã não observante da regra neste ponto, procede conforme à maneira comum do que se faz na Casa da Superiora? Nunca! Ah! Minhas Irmãs, ignoram quanto custa impedir as singularidades das Irmãs!

Recebi hoje uma carta em que me dizem que uma das vossas Irmãs comprou uma capa sem licença e a usa. Vede se é bonito ver duas Irmãs, uma com o seu toucado ordinário e a outra com capa! Se não a impedirmos, chegaremos a vê-la, umas vezes com um hábito duma forma e outras vezes com outro de fazenda mais fina, com um toucado mais limpo e até com os cabelos à mostra. Enfim, se a não vigiarem, desaparecerá a uniformidade, e a Comunidade perecerá. Porém, se conservarem este santo costume, Deus vos conservará. Minhas Irmãs, que felizes são! Posso dizê-lo diante de Deus. Não conheço nenhuma Comunidade que seja mais agradável a Deus do que a vossa. Gravaí bem isto. Não compreis os hábitos porque seria grande desordem vestir cada uma a seu modo. Por que razão usam os Capuchinhos o mesmo hábito, senão para evitar essa desordem? Como trajava o Padre de Joyeuse? Não vestia um hábito como os outros? Sim, porque bem sabia quanto importava manter a uniformidade. Por esta razão, S. Francisco e os outros santos fundadores, sempre procuraram esta regra quando fundaram as suas Ordens, e queriam que todos usassem o mesmo Hábito, do mesmo feitio e da mesma fazenda.

Neste mesmo artigo, está indicado que as Irmãs devem entregar à Superiora o que lhes sobrar de dinheiro para pagarem os Hábitos, mas depois de terem utilizado o necessário para o seu sustento.

Que quer isto dizer? Que as das paróquias ou outros lugares, excepto as dos hospitais, não gastarão o dinheiro que lhes foi entregue para o seu sustento, Hábito ou outra roupa, senão conforme as ordens que lhes sejam dadas, de maneira que antes de irem para uma paróquia terão de receber as ordens da Superiora, que lhes indicará como devem dispor do dinheiro. Se assim fizerem terão o mérito de obediência ; caso contrário, correrão o pe-

rigo de cair no vício da sensualidade, tratando-se melhor do que as outras que estão na Casa, sobre pretexto de saúde, de ter forças para trabalhar; porque a natureza, oculta-se sempre sob estes pretextos.

Além disso, minhas queridas Irmãs, não será justo que entreguem algum dinheiro à nossa casa para cobrir os gastos que exige a conservação dos Hábitos? E, quando sobrar algum dinheiro, há muitas outras despesas a fazer, por exemplo: viagens, Irmãs doentes e outras coisas. Se não observarem esta prática, correrão o perigo de cair na avareza. Porque, ficai sabendo, minhas Irmãs, quando temos alguma coisa, custa muito a desprendermo-nos dela. A princípio serão apenas dois ou três escudos; e logo teremos vontade de ter mais. É impossível guardar dinheiro sem que o coração lhe não fique preso. Se não observarem esta regra, serão impelidas pelo espírito que acabamos de indicar. Se sobrar algum dinheiro servirá para alimentar as vossas Irmãs, sois mães das jovens que entram para a Comunidade! Que felicidade poder contribuir para o sustento da vossa casa!

Os religiosos de Santo Agostinho procediam desta maneira. Entregavam à Casa principal o que lhes sobrava de dinheiro e o Abade repartia-o entre as outras casas da ordem, segundo as necessidades de cada casa. Se vos sobrar, pois, alguma coisa, colocai-o nas mãos da Superiora, porque, não somente temos de ter em conta o sustento das Irmãs, mas também as viagens. Isto não quer dizer que terão de faltar com o necessário. Não! Deveis gastar, tanto quanto seja preciso para remediar as vossas necessidades; falamos só do que sobra. As que estiverem nas aldeias, se necessitarem de alguma coisa, escreverão duas palavras pedindo autorização para as comprar ou para lhes enviarem; é assim que devem fazer.

As que manejam o dinheiro dos pobres devem desempenhar o cargo com fidelidade, fazendo todas as suas acções com rectidão, e nunca dizerem, sob que pretexto for, que o objecto comprado é mais caro do que realmente é. Devem apresentar as contas à tesoureira, o mais cedo que puder ser e até pedir-lhe que as receba quanto antes. Procedendo assim, dar-lhe-ão muita consolação, porque mostrarão que são Irmãs de boas contas.

Quando doentes, as senhoras querem que se sirvam dos remédios dos pobres, mas fora disso, minhas queridas Irmãs, não devem tocar-lhes. Essas boas Senhoras afligem-se muito, quando adoecem. É incrível a estima que têm por vós, por isso, deveis proceder de maneira a dar-lhes gosto. Tenho outra coisa muito importante a comunicar: é sobre o respeito que lhes deveis; mas será para outra vez, porque já é tarde. No entanto, minhas Filhas,

prometamos a Deus, que administraremos fielmente os bens dos Pobres. Na assembleia das Senhoras que ontem se realizou, falou-se, entre outras coisas, do bem que as nossas Irmãs fazem aos Pobres no Hospital Geral, mediante o resultado da venda de geleia; estas Senhoras, de mãos postas, diziam: «Que maravilha! Estas boas Irmãs, não contentes em cuidar dos Pobres, procuram ganhar com o seu trabalho o necessário para os auxiliar. Digo isto, para vossa consolação e para mostrar quanto bem podem fazer as Filhas da Caridade se forem fiéis às suas regras.

Mas, tende em conta, queridas Filhas, que uma das graças que mais deveis pedir a Deus, é a de mostrar ao Céu e à terra, que as Filhas da Caridade, recebem apropriar-se dos bens dos Pobres. Deveis pedir esta graça nas vossas orações e queira a Divina bondade conceder à Companhia a graça de administrar fielmente os bens dos pobres. Quereis, pois, minhas Irmãs, pedir hoje e amanhã este favor? Prometeis agora a Nosso Senhor que sereis fiéis e cuidareis dos bens dos Pobres ainda mais do que se fôsem vossos, posto que sejam deles, visto que pertencem aos seus Membros?

— Sim, meu Pai, responderam algumas.

— Sim, vejo bem, minhas Filhas, que todas estão dispostas a isso. Peço a Nosso Senhor que conceda à Companhia a graça de guardar esta regra como tenho dito, rogando à Sua Bondade que, ao pronunciar eu as palavras de Bênção, se digne conceder-vos ao mesmo tempo abundância das suas luzes e vos faça ver os bens encerrados no amor e no exercício da pobreza. Peço também que conceda à vossa vontade a chama de amor e de caridade para que vos abrazeis com ela. É o que Lhe peço de todo o meu coração.

84 — CONFERÊNCIA DE 8 DE SETEMBRO DE 1657

**QUE NÃO SE CONVIDE OS EXTERNOS A COMER SEM  
OBTER AUTORIZAÇÃO**  
(*Regras Comuns, art. II*)

Minhas queridas Irmãs, esta Conferência versará sobre a 11.<sup>a</sup> regra. Diz assim: «Enquanto permanecerem na casa onde reside a Superiora, guardar-se-ão de dar de comer a algum externo, sem licença. Isto mesmo observarão também nas outras paróquias e nas outras casas afastadas com respeito à Irmã Servente que o não permitirá, sem grande necessidade e sem licença especial da

mesma Superiora, e isto a respeito das pessoas do seu sexo, em que não há outro mal que não seja o de dispor do que lhes não pertence».

Esta regra, minhas Irmãs, consiste em não dar de comer a ninguém sem autorização. Dividiremos o assunto em três pontos, como costumamos fazer:

No primeiro exporemos a Regra; no segundo consideraremos as razões que temos para bem a observarmos; no terceiro o que é necessário fazer para a pormos em prática.

Esta prática é de maior importância do que à primeira vista parece; porque da sua observância depende o bom andamento da Companhia e provocaria grandes desordens a sua inobservância. A regra diz, pois, que as Irmãs não devem convidar ninguém para comer sem licença. Pelo que respeita às Irmãs que estão fora da Casa, isto é, nas paróquias, nos forçados, nos hospitais ou noutros lugares aonde as enviar a Divina Providência, não devem nunca fazer convites sem licença da Irmã Servente; e esta não deve conceder sem a ter obtido da Senhora Le Gras, que é a Superiora. Quando derem de comer a alguém na vossa casa, deve ser apenas a pessoas do mesmo sexo e da vossa Companhia, porque não devem nunca convidar os externos. Podem dar-lhes de comer, mas só por necessidade, e não por cortezia ou por cordialidade. Por exemplo: Vai uma Irmã à cidade e sente-se com fraqueza; então, pode tomar alguma coisa, mas é preciso que seja verdadeira necessidade. Porém, não deve fazê-lo com muita frequência, a não ser que sejam Irmãs da Casa que tenham de ir a vários lados da cidade; estas é que poderão ter sempre essa necessidade. Quanto às pessoas externas não lhes devem dar essa liberdade. — Mas se fôr minha mãe, minha irmã ou meu irmão que me venha visitar? — Sim, mas se lhes derem de comer, procederão mal. — Mas, Senhor, que mal há nisso? Então, não podemos dar esse gosto à nossa mãe e favorecer assim, quando se pode, os da família? — Para responder a essa pergunta, Irmã, falemos claramente. Não há mal nenhum nisso, se não fosse o voto de pobreza que fizestes e pelo qual os bens que possuis não são vossos e não podeis usar deles senão para remediar as vossas necessidades.

Direis: «É minha Irmã!» — Não importa que o seja, não tendes licença. — «Mas que mal haveria nisso?» — Nenhum, se não fosseis Filhas da Caridade, e se aquilo que está à vossa disposição vos pertencesse. Mas desde que uma Irmã faz voto de pobreza não está autorizada a dispor dum cêntimo nem dos bens dos pobres, nem do que tem ao seu uso, se a não autorizarem; e se o fizer quebraria o voto e consequentemente pecaria. Se ainda não fez

o voto, é no entanto, obrigada a observar esta regra, porque foi recebida na companhia com a condição de guardar as regras; assim, todas são obrigadas, tanto as que fizeram voto como as que o não fizeram.

Alguna poderá dizer: «Senhor, isso parece muito penoso, é necessário sermos humanos e termos um pouco de Caridade. Minha mãe vem ver-me; se a não sento à mesa pensará que, procedendo assim, não tenho Caridade.» Não deveis dar-lhe de comer porque seria roubar os Pobres ou a Comunidade. Não vos é permitido dar os bens dos pobres porque seria contra a justiça tirar a alguém o que lhe pertence para dar a outro. Em Paris não faltam pensões que fornecem alimento. Devem dizer-lhes que não sois donas do dinheiro que está em vossso poder e que não podeis dispor dele. Se o tirásseis aos Pobres, pecaríeis.

Mas é um pai; é um irmão! — Não há excepção; nenhuma. — Ofenderiam a Deus se o fizessem? — Sim, ofendê-Lo-feis. — Senhor, isso é muito duro para a natureza. — No princípio, sim, mas com a prática todas as coisas se tornam fáceis. De resto, em todas as Comunidades existe este costume de não se dar de comer a quem quer que seja, excepto algumas de saúde precária. Vamos às Carmelitas, aos Capuchinhos e a outros ver se dão alimentação às pessoas que os visitam. Absolutamente nada! Porquê? Porque os bens que estão nas casas pertencem à Comunidade e não podem utilizar-se deles sem se prejudicar toda a Comunidade.

Mas, entre vós, é pior ainda porque não somente prejudicais os direitos da Comunidade quando dais alguma coisa, mas ainda o tirais aos pobres. Dirá alguma: «Senhor, é assim tão grande mal violar esta regra?» — Sim, minhas Irmãs; em primeiro lugar Deus inspirou-a, e faltar a uma regra é sempre ofender a Deus por ser uma coisa proibida. Além disso, desobedecem, porque procedem contra o espírito da regra e os usos da Comunidade.

A segunda razão é muito poderosa, é porque se uma o fizer outra a imitará. O exemplo duma casa bastará para que as outras façam como ela. Se a Casa de S. Germano <sup>(1)</sup> o fizer, a casa de Santo André <sup>(2)</sup> não andarão longe de a imitar assim como as demais.

Pois, para evitar as desordens que daqui viriam, existe esta regra; mas, se alguma não fizer caso, tudo o que acabo de dizer acontecerá, sem dúvida. Digamos tudo: se começam por dar ainda que seja um pouco de pão a uma Irmã, a outra dirá que

(1) Paróquia de Paris

(2) Outra paróquia de Paris.

é necessário juntar-lhe fruta; e outra para obsequiar a Irmã dirá: «A pastelaria não é longe, podemos oferecer-lhe uns pastelinhos.» E se for um parente, dirá: «Habitualmente, não temos mais do que isto, mas em vossa casa decerto que sim; seria conveniente trazer vinho.» Depois, seria necessário fazer-lhe companhia, e assim desde que se começasse a usar esta liberdade num lugar, imperceptivelmente fariam o mesmo nas outras casas; e a razão é que tratar do corpo é uma coisa de que se gosta muito. Facilmente vamos ao que gostamos e assim tornar-se-ia um hábito. Se uma Irmã visitar a companheira e a não convidar para tomar alguma coisa ficará ofendida sabendo que a não trata como as outras.

Aconteceria isto: começava-se pelo pouco e do pouco passáramos a outra coisa. A alegria de se verem juntas seria causa de que dissessem: «Visto que a Irmã nos visitou, é justo que haja alguma coisa mais; vamos à pastelaria e alegremo-nos.» Depois dos pasteis viria o vinho e depois do vinho o entusiasmo. Falarão de umas e de outras, esquecerão os pobres e não pensarão senão em gozar. E assim, em pouco tempo, as casas das Filhas da Caridade se transformariam numa pensão ou numa taberna em que a mesa está sempre posta. Chegarão a isto se não observarem esta regra. Não terão passado dez anos, nem talvez seis sem que isto aconteça. Basta que haja uma casa que proceda assim para que logo todas as outras o façam também. Considerem por aqui, minhas Irmãs, todo o mal que resultará se faltarem a esta regra e que escândalo se dará ao próximo. As senhoras que agora se edificam tanto quando ouvem falar da vossa maneira de viver, mudariam de linguagem e diriam: «As Filhas da Caridade que viviam com tanta frugalidade, mudaram de costume, agora encontram-se sempre com a mesa posta.»

Além disso, enquanto procedeis assim, o espírito do mal incitará a falar deste e daquele, e muitas vezes cai-se na murmuração e na maledicência. Sobretudo, as Filhas da Caridade, não dispõem de tempo, devem-no aos pobres e às suas regras. Daqui se segue outro mal, a perda de tempo. E todas sabem ou devem saber o que diz a Sagrada Escritura: Enquanto temos tempo, façamos bem a todos» (Epístola aos Galatas VI, 10). Razão por que as pessoas espirituais se acusam de perder o tempo e dizem: «Acuso-me de ter perdido um quarto de hora mais que o necessário na companhia duma pessoa, podendo retirar-me.»

Acrescento a esta falta, o prejuizo causado aos pobres. Se for mestra de aula, as alunas sairão mais tarde; se se tratar da que distribui a porção aos enfermos, ficarão sem ser servidos, ou virão a sê-lo mais tarde. E, assim, quando perderdes o tempo, por

pouço que seja, os pobres serão prejudicados. Se prestarem ouvidos ao mau procedimento de algumas, e não fizerem atenção a estes avisos, se seguirem o seu exemplo, e se a Superiora o tolerar, fiquem certas que não tardarão muito a chegar a esse extremo, e a Superiora, tanto como o Senhor P.<sup>o</sup> Portail, darão contas a Deus, se não lhe puserem cobro.

Sabeis o que fazia uma Companhia de sacerdotes de muita fama, no tempo da sua fundação? Sentavam à mesa todos os que lá iam e recebiam estudantes que comiam e bebiam. Como vinham a horas diferentes, ter-se-ia dito ao ver esta casa, que era uma taberna. Tanta desordem se seguiu que os Superiores resolveram não darem de comer a ninguém; o que observaram com toda a fidelidade. Nunca mais ninguém comeu ali, a não ser algum doutor da sua Companhia e às horas combinadas.

Podeis ver, por este exemplo, aonde vão parar todas estas coisas e quanto importa prometer deveras a Deus que esta regra seja observada, porque se assim não fizerem desobedecerão aos Superiores e às vossas regras, roubareis aos pobres, ou antes, a Deus, o que dais, perdeis o tempo e finalmente sereis causas de grandes desordens que viriam a perder a Companhia.

Mas, Senhor, eu sou da aldeia, e se meu irmão vier visitar-me, pode pedir-me que lhe dê alguma coisa de comer. E, se for noite, que deverá dizer-lhe? Se o despeço ficará desgostoso e considerar-me-à uma ingrata. Far-me-á muita pena. — Minha Irmã, seja firme, apresente as suas desculpas, porque se o receber uma vez, depressa virá um primo, que pedirá a mesma coisa. E, mais ainda, porque um pecado atrai o outro, depois de o haver admitido, haverá quem diga: «Não temos cama, mas há aí um colchão, ou então deito-me com a companheira para deixar livre a minha cama.» Em verdade, minhas Irmãs, não terá isto já acontecido? Chamo-as como testemunhas diante de Deus. Se isto já aconteceu, como creio, em verdade expusestes-vos à tentação contra a pureza. Como! Uma Irmã ver um homem deitado no seu quarto e talvez na própria cama! Isto deve horrorizar-vos. Depois disto, não faltará o escândalo dos vizinhos e talvez as calúnias, porque dirão: «Se estas jovens fossem sensatas como as consideram, alojariam elas na sua casa um homem, ainda que fosse seu irmão? Não era decente.» E tinham razão para assim falar.

Não quero pensar que tal tenha acontecido; porém, tarde ou cedo virá a acontecer se não se acautelarem. Se receberem um irmão, não poderão tratá-lo como a vós mesmas, terão de dar-lhe vinho; e então dirá: «Bebe comigo». E, se a Irmã se recusar dizendo que não tem licença para fazer isso, ele dirá: «Pois,

se não bebes, também eu não bebo». E, enfim, ele acabará por vencer. É isto que pode suceder, minhas Irmãs, não duvideis; tende por certo que é assim. Tenho razão para o temer, ainda que, sem dúvida, eu o não queira acreditar.

Por todas estas razões, Caríssimas Irmãs, dai-vos a Deus, e agora erguei ao céu os vossos corações para pedir à Sua Bondade Se digne aceitar a vossa resolução de observar bem esta regra, porque, do contrário, não é possível conservar-se a pureza na Companhia. E, como é esta Casa que deve dar exemplo a todas as outras, se o não cumprirdes, como quereis que as Irmãs colocadas nas Obras, saibam que são obrigadas a fazê-lo, se o não virem praticar?

Um exemplo: O Senhor Chanceler pede Irmãs com destino a cinquenta léguas de distância: Não será necessário que as que vão para Cahors, Arles e Angers, sejam bem instruídas e informadas sobre todas as regras e bons costumes da casa da Superiora, para os introduzirem naqueles lugares?

Por aqui podeis avaliar quanto importa prometer a Deus fidelidade nisto, onde quer que se encontrem. Ainda que não tenha acontecido o que se acaba de dizer, é conveniente prevenirmo-nos para evitarmos os acidentes que possam sobrevir, porque não poderá ocorrer coisa pior para a pureza, que vos é tão necessária.

Podereis acaso ouvir sem grande alegria o que vou dizer-vos? É uma carta que um dos nossos me escreveu de Varsóvia pela qual me comunica: «A Rainha chamou-me e às Filhas da Caridade para tratar dos pobres soldados feridos». Ah! Minhas Irmãs, que consolação receber estas notícias! Jovens, terem coragem de ir para o exército! Como! As Filhas da Caridade de Paris, em frente a S. Lázaro, irem visitar os pobres feridos, não só em França, mas até na Polónia! Minhas Irmãs, já se viu coisa semelhante? Já ouvistes dizer que se tenha feito coisa igual? Em qualquer sítio que tenhais estado, soubestes que tenha havido jovens entre os soldados, com este fim? Quanto a mim, nunca vi isso, e não conheço Companhia que tenha feito as obras que Deus faz pela vossa. Ah! Minhas Filhas, isto obriga-vos a dar-vos de todo o coração e de todo o affecto à vossa vocação, porque, vêde, Deus tem grandes desígnios sobre vós, que realizará desde que acreditem o que se lhe diz e observem fielmente as regras. Salvador! Não é admirável ver pobres jovens entrar num campo de batalha? E, para quê? Para reparar os que os maus destroem. Os homens vão ali para destruir, para matar, e elas para, com os seus cuidados, fazerem voltar à vida. Os homens enviam-se mutuamente para o inferno, porque é impossível não haver, em tanta

carnificina, algumas pobres almas em pecado mortal; e as Irmãs fazem o que podem para as encaminhar para o céu.

Minhas Irmãs, não parece que Deus quer servir-se de vós? Falemos um pouco cordialmente; convém que conversemos sobre o assunto. Ouvistes jamais dizer que alguma jovem tenha feito o mesmo que vós? Não. Nunca se viu. E porquê? Penso que nunca o espírito humano supôs que jovens virgens fossem para o êxército reparar o mal que os maus ali fazem. Não é isto verdadeiramente extraordinário? Dai-vos, pois, a Deus e sêde fieis em observar as regras. Estou certo, Irmãs, de que todas formaram este propósito, mas quis dizer-vo-lo para vossa e minha consolação. Principalmente não-de ser fiéis ao que vos disse; e para facilitá-lo, deveis, desde amanhã, fazer a oração sobre isto e pensar diante de Deus no mal que resultaria ter a mesa posta para os que vos visitam. Considerai a série de males que sobreviriam se, por falsa amabilidade, esta regra deixasse de ser observada. Co no! Desobedecer, expor-se a ofender a Deus, pelo desejo, talvez, de comer um ovo, uma pera ou outra coisa semelhante! Que ruindade de coração, minhas Irmãs! Eis, como é preciso proceder e, depois de pensarem no que acabo de dizer, devem tomar a resolução de serem fiéis a isto e dizerem a Deus: «Dou-vos graças, meu Deus, por ter sido prevenida a tempo do perigo que corria se, por falsa cordialidade, faltasse a esta regra. Dou-me a vós e prometo não dar de comer a ninguém sem necessidade, e se as minhas Irmãs mo pedirem, perguntar-lhes-ei se têm necessidade disso.»

Sim, minhas Irmãs, quando uma Irmã pedir alguma coisa, não há perigo, que lhe digam: «Minha Irmã, está necessitada disso?» Se assim é, com muito gosto. Este é o primeiro meio, e creio que seria conveniente que, todos os meses, fizessem oração sobre o que dissemos, a fim de se fixarem nesta prática.

O segundo meio que proponho, é que se souberem que algumas Irmãs, tentadas pelo espírito maligno, transgridem esta regra, devem avisar os Superiores. Se o não fizerem, serão a causa de que o mal prossiga, e disso darão contas a Deus. Estão obrigadas, pois, a avisar, apenas souberem que caem nessa falta, dizendo: «Senhora (ou Senhor) sinto-me obrigada diante de Deus a avisar-vos de que se passa tal coisa, em tal parte. Fico tranquila dizendo-o. Aplicareis o remédio que vos parecer oportuno.»

É assim que devem proceder. Para as que se encontram longe de Paris, se for um visitador, como é uma das melhores práticas que temos, devem preveni-lo. Por exemplo, um padre da Companhia vai visitar as nossas casas e se, na mesma ocasião, visitar as vossas, a primeira coisa de que devem dar-lhe

conta, é se esta regra é bem observada ou se algumas das vossas Irmãs faltam a ela sem verdadeira necessidade. Não é isto fácil, minhas Irmãs? Não se exige que passem necessidade, como sabem! Não se sentem bem? Exponde-o sinceramente, e o remédio ser-vos-á dado com caridade.

O terceiro meio, é de pedir instantemente esta graça a Deus e vigiar-se mutuamente. Diz a Sagrada Escritura que Deus deu a cada um de nós o cuidado do próximo: *Unicuique mandavit de proximo suo* (Eclesiástico XVII, 12). Eu, por exemplo, estou obrigado a velar pelos que Deus me confiou, e todas as pessoas espirituais estão obrigadas a cuidar umas das outras. Até os próprios turcos que não conhecem Deus, estão obrigados a isto, e ainda que eu não tivesse conhecimentos superiores aos deles, tinha também esse dever imposto pela lei natural. Pois, se Deus assim o ordena a todos, impõe-o com maior razão, aos que vivem em comunidade, ligados pelos vínculos da caridade e, portanto, hão-de observar isto mais cuidadosamente que os outros. Importa, pois, que tomem a vosso cargo este cuidado, e que as duma paróquia velem pelas outras, e cada uma por sua Irmã. E, se souberem que alguma falta ao seu dever, devem avisar os Superiores. Procedendo assim, prestar-vos-eis uma ajuda mútua, para serdes fieis às regras, ficando assim livres de toda a responsabilidade.

Quando o Bem-aventurado Bispo de Genebra <sup>(1)</sup> fundou a sua ordem, impôs que se observasse este procedimento, e ensinou à Senhora de Chantal como deviam as religiosas de uma cidade vigiar as que viviam noutra cidade, e recomendava que escrevessem imediatamente para Annecy logo que ocorresse alguma coisa não conforme às regras. É certamente um meio muito eficaz, que se vigiem mutuamente; porque as regras serão bem guardadas se as de uma paróquia vigiarem as de outra.

Poderão dizer: Como! É necessário que eu vigie pessoas que fizeram profissão de servir a Deus? Pessoas que devem viver sempre na Sua presença? — A maior parte não necessita deste cuidado, mas tomai-o vós, a fim de ajudarem a conservar a Companhia na pureza do seu espírito, porque não posso crer que as Filhas da Caridade guardem essa pureza se não observarem esta regra. Por esta razão, minhas Irmãs, prometam a Deus serem fieis na observância das vossas regras, a fim de irem, pela misericórdia de Deus, adiantando sempre como até agora e principalmente para bem observarem esta.

Salvador da minha alma, que sabeis o grande mal causado pelos nossos primeiros pais contra o vosso mandamento ao

(1) S. Francisco de Sales (21 Agosto 1567 — 28 Dezembro 1622).

comerem um pedaço de maçã, concedei-nos a graça de nunca violarmos as ordens que destes. Oh! Senhor, quanto perdeu Esaú ao vender o seu direito de primogenitura por um prato de lentilhas, não permitais que para satisfazer um gosto, percamos a felicidade preparada para as almas que cumprem a Vossa Vontade. Vós sabeis os grandes males que os banquetes provocam, e como um deles custou a cabeça a S. João, Vosso Precursor; Vós, Senhor, que conheceis os males que pode causar à Companhia não observando esta regra, fazei que ela Vos tenha sempre presente para que o inimigo a não arraste a tão grande desgraça. Inspirai às Filhas da Caridade o propósito de lhe serem sempre fieis. Sim, Vo-lo pedimos, por tantos benefícios que haveis concedido a esta Companhia, os quais conhecemos pelos emprêgos que lhe confiais. Fazei-lhe a graça de conservar bem a pureza e de considerar esta regra como meio poderoso para a alcançar.

Senhor, assim o pedimos com todo o nosso coração, concedei-nos esta graça por intercessão da Santíssima Virgem.

85 — CONFERÊNCIA DE 11 DE NOVEMBRO DE 1657

DO CUIDADO DOS DOENTES E DA PRÓPRIA SAÚDE

(*Regras Comuns, art. 12-16*)

A presente conferência será, minhas Irmãs, absolutamente diferente das anteriores. Temos o costume de escolher por tema uma virtude e sobre ela interrogar-vos. Pela graça de Deus isto tem-se feito com a Sua bênção. Outras vezes detivemo-nos sobre uma só Regra que servia para toda a Conferência. Hoje faremos de outro modo; ocupar-nos-emos das regras que seguem e diremos apenas alguma coisa sobre cada uma. Até agora fizemos assim porque convinha; eram regras fundamentais e de muita importância que necessitavam de mais explicações. Mas estas, ainda que necessárias, não carecem de tão ampla explicação, porque falam por si mesmas.

Estamos, pois, na 12.<sup>a</sup> regra. Vejamos o que diz: «O seu principal cuidado será servir os pobres doentes, tratando-os com compaixão, doçura, cordialidade, respeito e devoção, etc».

Ê o que diz a 12.<sup>a</sup> regra, falando das Filhas da Caridade, quer dizer que o vosso principal cuidado depois do amor de Deus e

do desejo de agradar a Sua Divina Majestade, há-de ser servir os pobres doentes com grande doçura e cordialidade, compadecendo-se dos seus males e ouvindo as suas queixas, como uma boa Mãe, porque assim vos consideram e como pessoas enviadas por Deus para os assistir. Assim, sois destinadas a representar a Bondade de Deus para com os pobres enfermos. E, como esta Bondade divina procede mansa e caridosamente com os pobres doentes como essa mesma Bondade ensina, isto é, com doçura, compaixão e amor, porque são os vossos senhores e também os meus. Há uma certa Companhia, cujo nome me não recorda, que chama aos pobres: Nossos senhores e amos, e tem razão. São, de facto, grandes senhores no Céu, cuja porta são eles que a devem abrir.

Por esta razão, estais obrigadas a servi-los com respeito, como vossos amos e com devoção, porque representam a pessoa de Nosso Senhor que disse: «O que fizestes ao mais pequenino dos Meus, a Mim o fizestes» (S. Mat. XXV, 44). De maneira que, minhas Irmãs, no doente é realmente Nosso Senhor a ser servido. Assim não só devemos evitar com muito cuidado a aspereza e a impaciência, mas procurar servi-los com muita afabilidade e doçura, mesmo os mais desagradáveis e difíceis, dirigindo-lhes sempre algumas boas palavras, como por exemplo: «Então, meu irmão, como pensa fazer a viagem para o outro mundo?» E depois a outro: «Não quer, meu filho, unir-se a Deus? E fazer uma boa confissão geral para se dispor a bem morrer? Não quer ir ver Nosso Senhor?» E assim há sempre que dizer-lhes alguma coisa para os levar a Deus. Não insistir muito duma vez, senão ensinar-lhes pouco a pouco o que é necessário; como às criancinhas de leite, é pouco o que lhe dão de cada vez. Ora, os vossos doentes, na devoção, são crianças, embora sejam adultos. Uma boa palavra inspirada pelo coração e dita com o espírito devido, bastará para os levar a Deus. Contanto que seja cheia de ardor, produzirá o efeito que se propõe. Por esta razão diz-se que as orações jaculatórias são como dardos que atravessam o coração de Nosso Senhor, principalmente quando pronunciadas por uma boa alma. Qualquer boa palavra dita por uma Filha da Caridade a um enfermo, é um facho que acende em seu coração o amor de Deus. A todas considero boas, mas a alma que ama deveras a Nosso Senhor e a Santíssima Virgem, que, em tudo que faz, apenas tem em vista agradar a Nosso Senhor Jesus Cristo, é como que uma chama de amor que penetra os corações daqueles a quem fala. Essas boas palavras devem impeli-los a ter paciência, a fazerem uma boa confissão geral, a bem morrer, ou a bem viver, se recuperarem a saúde, e a ensinar-lhes as coisas necessá-

rias à salvação. Certamente que é muito tratar dos pobres, quanto ao corpo, mas, em verdade, os desígnios de Nosso Senhor, ao fundar a vossa Companhia, não foi para que tratassem somente dos corpos, porque nunca faltariam pessoas que o fizessem, mas sim que tratassem das suas almas e, por isso, deveis considerar no vosso interior: «Como procedo na paróquia? Como sirvo os enfermos? Trato-os só do corpo, ou do corpo e da alma ao mesmo tempo? Se apenas me preocupo com o corpo, é, infelizmente, bem pouca coisa! Qualquer outra pessoa faz o mesmo. Um Turco, um idólatra podem cuidar dos corpos. Nosso Senhor não ter! fundado uma Companhia apenas com esse fim, pois que a própria natureza obriga a isso, mas não pode dizer-se o mesmo da alma, porque nem todos podem ajudá-la, e Deus escolheu-vos principalmente, para que os ensineis nas coisas indispensáveis à salvação. Examinai-vos bem e dizei: «Cuidei dos pobres unicamente quanto ao corpo? Se só tive em vista dar-lhes o alimento, remédios e outras coisas úteis aos corpos, não cumpri o meu dever. Perdoai-me, Senhor, o passado!»

Minhas Irmãs, não basta. É mister que, para o futuro, tomeis a resolução de unir ao cuidado dos corpos a assistência das almas: «Sim, meu Salvador, doravante quero prestar aos doentes todo o cuidado espiritual que me for possível, assim como todo o bem corporal.»

Dirá alguma: «Temos trinta enfermos a nosso cuidado, como poderemos dar a cada um, o que lhes é necessário, e ainda ensiná-los?» Minhas Irmãs, direi a essa que lhes dirija, ao passar, alguma palavra de Nosso Senhor e que procure elevar-se a Deus para receber de Nosso Senhor algumas palavras de consolação para os pobres enfermos, por exemplo: «Meu filho, como será feliz, se sofrer pacientemente o seu mal! Meu irmão, sofre muito, mas Deus merece bem que soframos ainda mais por Seu amor. E, porque sofreis muito, também será grande o vosso mérito. Pois bem! Meu irmão, minha irmã, amemos deveras a Nosso Senhor! Não quer fazer uma boa confissão geral?» E, assim, falar-lhes, segundo a sua necessidade. E, para que aproveitem, é preciso, minhas caríssimas Irmãs, que se penetrem do espírito de Nosso Senhor, de maneira que se veja que O amam e que procuram fazê-LO amar. A que estiver cheia do espírito de Nosso Senhor produzirá muito fruto. Porém, se alguma fôr apenas Filha da Caridade no nome e no Hábito, essa não lhes dirá nada; ou, se lhes disser alguma coisa, será tão friamente que não lhes tocará a alma. E, porque não têm caridade no coração, fala apenas dos lábios. O que disser não tem força, porque é da língua e não do coração. Mas as que estão cheias de Deus falam com entu-

siasmo, porque trazem Deus no coração e o que sai dele é como um pequeno fogo que penetra no coração do doente. É um aroma que tudo perfuma com o seu bom odor.

Recordais as nossas Irmãs que Deus chamou a Si? Com que espírito falavam aos doentes e até às próprias Irmãs! Nenhuma houve que não fizesse assim.

Viam-nas servir os doentes com caridade, falar-lhes com doçura e humildade. Minhas Irmãs, lembrem-se disto. É a lição de Nosso Senhor: «Aprende de Mim que sou manso e humilde de coração» (S. Mat. XI, 29); porque nada adiantarão ao proceder de outra maneira. Quando tiverem um aviso a fazer às vossas companheiras ou algumas boas palavras a dirigir aos pobres, fazei-o sempre com humildade e doçura. É semente que produz sempre fruto. Mas com aspereza e espírito apaixonado, não conseguireis nada. Dêmo-nos a Deus para assim fazermos e peçamos às nossas Irmãs que no Céu estão a gozar a bem-aventurança que nos obtenham esta graça. Supliquemos-Lhe que no-la conceda por amor delas. Meu Deus, que permitistes às nossas Irmãs tocarem os corações quando falavam às companheiras ou aos doentes, concedei-nos também esta graça. Tanto as amastes que lhes fizestes a graça das suas palavras serem apreciadas e aproveitadas por aqueles que elas assistiam. Dai-nos, Senhor, a graça de levarmos os corações a amar-Vos, principalmente a ensinar-lhes o que é necessário à sua salvação, porque dizem os doutores que ninguém pode salvar-se se não souber os mistérios principais da nossa fé. Razão por que deveis especialmente ensinar aos Pobres que há um Deus em três Pessoas.

Mas é gente que não tem instrução alguma; há um que apenas tem 16 anos! Não importa, sem isto não poderão salvar-se. S. Tomás e Santo Agostinho afirmam que não há salvação para a alma que ignora haver um Deus em Três Pessoas, que a segunda incarnou, e tudo o mais que Nosso Senhor fez pela nossa salvação. Ah! Minhas Irmãs, que felicidade ter-vos Deus dado tão santo emprego. Não há beleza maior nem quem seja mais digno de estima que aqueles que tudo deixaram para se dar inteiramente a Deus no serviço dos Pobres. Que beleza! Se pudéssemos ver a alma da Filha da Caridade que serve bem os pobres e cuida da sua salvação, que trabalha quanto lhe é possível em aperfeiçoar-se, para ser agradável a Deus, minhas Irmãs, se nos fosse dado contemplar a alma que assim faz, veríamos que a sua formosura não tem igual. Agora não o vemos; só no céu nos será possível admirá-lo. Deixar tudo que se tem no mundo, o pai, a mãe, os irmãos, os parentes, os bens se os há e até o seu próprio país. Para quê? Para servir os Pobres, os instruir e os ajudar a ir para o Céu.

Há coisa mais bela ou de maior valor? Se víssemos assim uma Irmã, ser-nos-ia dado contemplar a sua alma a resplandecer como um sol, conforme Nosso Senhor diz na Sagrada Escritura: «Então resplandecerão os justos como o Sol». (S. Mateus (XIII, 43). O justo é o que faz a justiça, dando a Deus, ao próximo e a si mesmo o que lhe pertence. Ora, se Deus faz justiça ao homem que cumpre estas três ordens de justiça, que concederá Ele a uma Filha da Caridade que não se contenta só em fazer actos de justiça mas que consagra toda a sua vida ao serviço de Deus e que vive segundo as suas regras! Digo, a pessoa que assim fizer chegará a grande perfeição, porque as vossas regras são todas santas e tendem todas a santificar-vos.

Se soubésseis, minhas Filhas, quanto vale a graça de servir os pobres e de haver sido escolhidas por Deus para isso! Não temos luzes suficientes para ver a excelência desta graça, ou pelo menos não as temos todas, porque às vezes concede Deus a almas boas luzes necessárias para contemplar a beleza da alma predestinada. Quando uma Filha da Caridade consagra toda a sua vida ao serviço dos pobres, tendo deixado tudo, e pensa que já nada tem no mundo, nem pai, nem mãe, nem riquezas, nem bens, nem amizades, senão em Deus e por amor de Deus, há motivo para crer que será algum dia bem-aventurada. Mas são poucos os que conhecem isto. Ah! Como faz bem ver uma alma revestida da graça, adornada com a virtude divina que traz Deus no coração e que O não perde de vista! Se pudéssemos ver isto, ficaríamos maravilhados; não poderíamos contemplar a beleza dessa alma sem nos deslumbrarmos. Sim, dizem os Santos Padres, se víssemos a beleza da virtude, perderíamos os sentidos e não poderíamos deixar de a amar ainda que não quiséssemos. É o que acontece à alma que trabalha na prática da virtude, como fazem todas as verdadeiras Filhas da Caridade. Pois, minhas Irmãs, que fazeis ao observar as vossas Regras, senão praticar continuamente a virtude? Dai-vos a Deus para serdes fiéis às vossas regras, e principalmente a esta, tão necessária à salvação dos Pobres que servis.

De tudo que se refere ao governo, isto é, à maneira como devem proceder para com as Senhoras da Caridade e outras pessoas que vos empregam no serviço dos pobres, como também no serviço dos doentes, fez-se um pequeno tratado que tereis ocasião de ver, quando Deus quiser.

Passemos à 13.<sup>a</sup> regra: «Sendo a caridade mal ordenada, especialmente a que se faz fora da obediência, é extremamente desagradável a Deus, mas também prejudicial à alma que assim faz, as Irmãs nunca devem dar alimento ou medicamentos

a qualquer doente, contra a vontade das pessoas de quem dependem, nem contra a ordem que lhes tenha sido dada, etc.

Isto quer dizer, minhas Irmãs, que nada se aproveita do que for dado aos pobres, se não fôr por obediência. Logo que numa obra boa se intromete a desobediência, produz tal deformidade que a acção, embora boa, perde toda a beleza. Ao contrário, a obediência dá brilho e beleza a tudo que fazemos; torna as acções indiferentes boas e meritórias, e, às acções boas, aumenta-lhes o mérito, e faz que sejam muito mais agradáveis a Deus.

Significa esta regra que não devem nunca admitir um doente contra a ordem das Senhoras da Caridade ou do médico. Se numa paróquia houver uma Irmã que se proponha receber os enfermos segundo o seu capricho, minhas Irmãs, não o deve fazer; e as outras Irmãs que o venham a conhecer, não a devem imitar. Porque se há-de receber um doente contra a ordem? Com que autoridade? A caridade para ser bem feita deve ser acompanhada de obediência, de outro modo não é caridade, porque não pode haver caridade contra a obediência. Tratar dum doente, ainda que aparentemente seja caridade, se for sem o consentimento de quem o deve mandar, não é caridade.

Senhor, é um doente que não quiseram receber e ele julga que sou eu a causa, e, sempre que me vê, vem atrás de mim a gritar. Que devo fazer? — Minhas Irmãs, isso pode acontecer, mas é preciso sofrer e curvar a cabeça.

Mas, Senhor, dez vezes que eu passe por ali, ouvirei sempre a mesma censura. — Não importa, nada há a fazer, a não ser queixar-se a Deus que sabe bem com que intenção isso foi feito.

Nunca foi intenção da Caridade receber os hidróticos, os doentes de peito ou os epilépticos. Que faríamos se nos encarregássemos deste género de doentes? Mas, poderíamos deixá-los morrer sem os socorrermos? Minhas Irmãs, nunca ouvi dizer que estes doentes tenham morrido por falta de assistência. Há sempre alguém que cuide deles, e, em Paris, há um hospital para incuráveis. Se puderem recomendá-los a alguma boa pessoa para que lhes dê alguma coisa, muito bem, fazei-o *in nomine Domini!* Mas recebê-los, por mais que se lamentem, não o deveis fazer. Não se pode fazer a caridade contra a obediência.

Terão um particular cuidado com as Irmãs doentes, em especial com as que estão longe da casa, olhando-as como Servas de Jesus Cristo, porque são servas dos pobres, que são Seus membros, e, como suas próprias Irmãs, são todas, e de maneira especial, filhas dum mesmo Pai que é Deus.

Quer isto dizer, minhas Irmãs, que deveis assistir com muito cuidado as Irmãs doentes, principalmente fora da casa da Supe-

riora. A Irmã Servente compete vigiar isto, porque são verdadeiramente mais do que as filhas dum mesmo pai natural, visto serem todas filhas de Nosso Senhor, que é vosso Pai. Devem, pois, cuidar delas com tanta devoção como tratam os pobres. E, pela maneira de as tratarem, as Filhas da Caridade não devem desmentir o nome que têm. Habituar-se-ão a fazer em toda a parte o que se faz aqui durante a doença. Quando, com saúde, uma Irmã é verdadeira Filha da Caridade, também o será durante a doença, e assim, alegrar-se-á de ser tratada como os pobres enfermos. Deixará de ser Filha da Caridade se durante a doença pretender tratamento delicado. Que dão aos pobres que são assistidos pelas Irmãs? Ovos e caldos. Pois, quando vos tratam deste modo, sois iguais aos vossos senhores e não podeis receber melhor tratamento. Quando melhoram dão-lhes vinho e pão; e há-de a Filha da Caridade desejar que lhe dêem perdiz, galinholas ou outros manjares delicados! Não é essa a vossa condição; isso é bom para as senhoras. Mas as Filhas da Caridade devem ser tratadas como os pobres, sendo a vossa Companhia pobre como é. E, em verdade, minhas Irmãs, se estivéssemos em nossas casas, seríamos tratadas assim? Teríamos esses regalos? Sabeis que não! No entanto, por serem Filhas da Caridade, acontece haver, algumas vezes, senhoras que as querem tratar como senhoras. Procuram proporcionar alívio à Filha da Caridade que está doente na sua paróquia como se fosse uma senhora. As que isso aceitam, afastam-se muito do seu dever. As Irmãs devem dizer: «Minha Senhora, isso não é próprio para pobres como nós; permiti que sigamos os nossos usos».

Diz-se no livro de Daniel que um rei tomou quatro meninos e ordenou que se lhes desse cada dia de comer das suas iguarias. As crianças que não estavam habituadas a tal tratamento pediram a quem estava encarregado delas: «Estamos agradecidos ao rei pelo favor que nos faz, mas esses manjares não nos darão mais saúde. Dai-nos o alimento que estamos habituados a tomar e vereis que passaremos melhor.» — «Oh! disse este, não ousarei, porque exponho a minha cabeça. O rei determinou o que devem comer e beber.»

— «Senhor, experimente; nós tínhamos o costume de comer raízes, legumes e carnes mais grosseiras, dê-nos isto durante oito ou dez dias somente; se passarmos bem, o rei ficará contente; se emagrecermos, fareis o que melhor vos parecer.»

Fez o que lhe propuseram, e passaram muito bem. Tinham boa aparência e melhor saúde do que se tivessem delicados manjares. Enfim, nada havia a dizer. Disseram ajuda àquele que os governava: «Para confirmar que estamos melhor ao sermos

alimentados como costumávamos, mande vir os outros meninos que comem as mais delicadas carnes, para vermos se estão melhores do que nós.» Assim foi feito. O eunuco mandou vir os meninos e verificou que estavam muito longe de gozar tanta saúde como aqueles.

É o que a História Sagrada nos relata sobre os quatro meninos. Mas não diz o que foi ordenado. Minhas Irmãs, vós e eu, somos de famílias pobres. Sou filho dum lavrador, fui alimentado rústicamente e, porque sou presentemente superior da Missão, hei-de querer ser tratado como um Senhor! Lembremos a nossa condição, e encontraremos motivo para dar graças a Deus.

Depois disto, que deverei dizer-vos? Que pensam da alimentação dos reis quando estão doentes? Ovos e caldos. É o que lhes dão. Fez-me Deus a graça de assistir à morte do último rei. Recusou o alimento, porque lhe repugnava e por se sentir perto da morte. Depois, concedeu-me a honra de me mandar chamar e disse-me: «Padre Vicente, o médico mandou-me tomar alimento e eu recusei, porque vou morrer. Que me aconselha a fazer? Eu respondi: «Senhor, os médicos aconselharam-vos o alimento porque é máxima sua fazerem-no tomar sempre aos doentes. Enquanto lhes restar um sopro de vida, esperam sempre que surja o momento de poderem recobrar a saúde. Razão por que, se aprouver a Vossa Majestade, seria melhor fazer o que o médico ordenou.» Este bom rei, por sua vontade, chamou o médico, que era o Dr. Bouvard, e mandou trazer um caldo.

De maneira que, minhas Irmãs, ao darem-vos ovos e caldos, sois tratadas como os grandes da terra. Vejamos! A mortificação consiste em contentarmo-nos com o que nos dão; e se desejamos outra coisa, não seguimos o exemplo do Filho de Deus. Ai de mim! Como foi Ele alimentado? Com pão. A qualquer casa onde chegava, perguntava: «Há pão? Dai-me pão!» E toda a Sua vida na terra foi uma constante mortificação e prática da pobreza.

Vivamos de harmonia com a nossa condição e queiramos ser sempre tratadas como pobres. Recomendo às nossas Irmãs Serventes que tratem com grande cuidado as nossas Irmãs doentes e que lhes dêem o que é permitido, da maneira como se faz aqui na casa. E, fazendo assim, sereis verdadeiras Filhas da Caridade, praticareis as vossas regras, que não têm outro fim senão lembrar a vossa condição para não sairdes dela, e que é grande motivo para vos manter na humildade.

Segue esta regra dizendo: «Ainda que as Senhoras quisessem, por excesso de caridade, tratá-las mais larga e delicadamente, etc.»

Não está proibido receber alguns doces, quando houver necessidade; quando tudo nos repugna e cansa ao último extremo, é necessária alguma guloseima, mas só quando for verdadeiramente preciso.

O artigo décimo quinto das vossas regras fala dos deveres das Irmãs doentes. Diz que não devem impacientar-se nem murmurar quando não forem tratadas a seu gosto, considerando que não sabem melhor o que lhes é necessário do que o médico e as enfermeiras, etc.

Ai de mim! Minhas Irmãs, serem tratadas a seu gosto! O que agradará ao gosto duma pessoa doente? É um resultado da doença aborrecer tudo. A este respeito, o que podemos dizer, é que devem obedecer ao médico no que se relaciona com o officio dele. É nisto que se conhece a virtude duma pessoa, se, estando doente, obedece bem ao médico; é indício duma verdadeira Filha da Caridade ou dum verdadeiro religioso, se deixa fazer tudo o que os médicos e as enfermeiras querem. Assim deveis fazer, minhas Irmãs, na doença, para que vos aproveite! Ficar contentes em sofrer alguma coisa por amor de Deus que se compraz em provar os seus servos e servas por meio do sofrimento.

Eis a 16.<sup>a</sup> regra: «E, porque a demasiada ternura por si mesma pode levar as Irmãs, particularmente as das paróquias, a dizerem os seus males ao médico dos pobres, o qual lhes receita sempre ao menor mal de que se queixam, e isto prejudica-lhes a saúde em vez de as curar; não usarão medicamento algum, nem sangria, em seu proveito, nem consultarão o médico para o mesmo efeito, sem licença da Superiora, nem as que estiverem com ela ou nas paróquias da cidade onde reside. Para as que estão longe será necessário obter licença da Irmã Servente, licença que a Irmã Servente não concederá se não vir necessidade; e procurará dar o exemplo às outras na prática desta regra.

Vêde, minhas Irmãs, não é precisa outra explicação, porque a regra fala por si mesma. Vejamos, não obstante, o que significa: que não devem dispor de remédios, as Filhas da Caridade, sem licença da Senhora Le Gras. Porquê? Porque a experiência ensina que nada há mais prejudicial à saúde que a quantidade de remédios, particularmente à juventude ou às de meia idade. E, depois, também, porque raramente dirão ao médico que não estão bem, que eles não digam: «É preciso fazer tal coisa», por lhes parecer que é para isso que lhes dizem as suas indisposições. E aqui mesmo já os médicos me disseram que às vezes não sabem que remédio receitar, com receio de que cause mais dano que proveito à saúde. Por esta razão, guardai muito

hem esta regra, minhas Irmãs. Talvez que algumas de vós saibam por experiência como isto é necessário.

Também direi que recebi queixas duma comunidade de religiosas por a Superiora lhes dar remédios em demasia, e as fazer ir para a enfermariã à menor indisposição. Porque as estimava, tratava-as como a si mesma. Em verdade, ella necessitava, mas as outras não: «Senhor, disseram-me, desde que a nossa Madre governa, a nossa comunidade está reduzida a metade.»

Os Jesuítas não estão autorizados a consultar o médico sem licença. Ora, como se soube que algumas Filhas da Caridade tomavam remédios com muita facilidade, para evitar os abusos que esse facto poderia ocasionar, pareceu-nos conveniente que nenhuma diga o seu mal sem licença.

Oh! Quando forem precisos remédios, é preciso que se tomem, dir-me-ão, ainda que falte tudo o mais.

— Pobres Filhas da Caridade se tal acontecesse! É preciso que seja com ordem dos Superiores.

São estes os avisos que tinha a fazer. Se os seguirem, serão verdadeiras Filhas da Caridade, com saúde ou doentes; no caso contrário, serão pessoas doentes com mais necessidade de serem tratadas, que com saúde para cuidarem dos outros. São as regras que Deus vos apresenta, se as observarem dareis prova do vosso amor por Ele.

Rogo a Nosso Senhor que vos conceda a graça de serdes fiéis às vossas regras, que parecem pequenas na aparência, mas que são tão grandes na realidade. Salvador das nossas almas, que sois o verdadeiro médico, sede-o tanto dos nossos corpos como das nossas almas. Ensinastes aos animais os remédios necessários aos seus males; ensinai-nos, Senhor, a proceder nesses casos, como devemos; e como as pessoas prudentes nunca se excedem, ensinai-nos como devemos usar os remédios, não só quanto a nós, mas ainda a respeito dos nossos pobres.

Uma Irmã vendo que o Sr. Padre Vicente estava pronto a dar-lhes a bênção, pediu-lhe perdão e a toda a Companhia, à qual elle respondeu: «Deus a abençoe, minha Filha, dos sentimentos que acaba de manifestar. Isso supõe, minha Irmã, que está na disposição de proceder melhor daqui para o futuro, e de trabalhar na prática do que acabo de dizer. É a graça que peço a Deus para vós e para todas as nossas Irmãs. Que o céu se regozije pelo que acaba de fazer, porque está dito que há uma alegria particular entre os anjos quando um pecador faz penitência.

Praza a Deus abençoar-nos e conceder-nos a graça de sermos sempre fiéis às nossas regras, que são tão santas. É o que rogo a Nosso Senhor e, da Sua parte, pronunciarei as palavras de bênção.

## SOBRE A UNIFORMIDADE

*(Regras Comuns, art. 17)*

Minhas Irmãs, chegámos à décima sétima das vossas regras, de que falaremos hoje. Vejamos o que diz o artigo 17.º: «Guardarão, quanto possível, a uniformidade em todas as coisas, porque conserva a união e a boa ordem nas comunidades, e evitarão toda a singularidade, como causa de divisões e de desordens duma Companhia; e segundo isto, se acomodarão em tudo à maneira comum de viver da casa em que reside a Superiora, conformando-se a todas as máximas e práticas que ali se ensinam tanto no que respeita à parte espiritual como temporal, e não tomarão outras, ainda que boas ou melhores, na aparência. Em ordem ao que se refere às necessidades do corpo, não procurarão o que é diferente, nem melhor que as demais. Mas se alguma julga em consciência necessitar de alguma particularidade, em razão da sua indisposição, poderá expô-lo muito simplesmente e com indiferença à Superiora, a qual pensará diante de Deus e com o Superior o que for melhor.»

Este artigo, minhas Irmãs, recomenda à vossa comunidade que mantenha a uniformidade em todas as coisas. Que quer dizer uniformidade? Serem uniformes, é proceder da mesma maneira, serem unânimes em tudo o que fazem, serem todas semelhantes, terem todas uma mesma maneira em qualquer lugar que se encontrem, em Paris, ou no campo, numa palavra, serem iguais em tudo.

É a lição que Nosso Senhor vos faz hoje pelo Espírito Santo e pela explicação das vossas regras, que sejam todas uniformes. Isto não significa que seja necessário conformar-se a cada Irmã e seguir o espírito desta ou daquela. Mas, para serem inteiramente semelhantes, devem imitar os usos da casa da Superiora, os ensinamentos que ali são dados, e a ordem que lá se mantém, não para se moldar à Francisca ou à Catarina, mas para chegar à uniformidade que Deus vos pede. Não basta, pois, dizer: «Sou semelhante à Irmã tal, mas é preciso fazer o que se põe em prática na vossa Casa principal, pois é ela que deve servir de exemplo às outras. E, por isso, aquela casa está obrigada a maior virtude, porque deve dar a todas as Irmãs o exemplo do que são obrigadas a fazer. Razão porque, minhas Irmãs, visto terem a felicidade de morar aqui, devem viver numa grande perfeição. Se houver a desunião, e que todas não sejam unânimes na prá-

tica das regras e do que os Superiores ordenam, as Irmãs que vêm para se instruir, vendo isso, cairão nas mesmas faltas, e poderiam dizer quando as repreendessem: «Porque não faremos, o que também se faz na vossa casa?» Como é grande a perfeição que Nosso Senhor pede às que aqui residem! Assim como elas são, assim serão as outras. E, como a Casa deve sobressair em perfeição, as Irmãs terão grande cuidado de progredir de virtude em virtude. Segundo isto, deveis alegrar-vos e até desejar ver a boa ordem que reina na casa, para aprender o que ali se faz e estando lá animarem-se a praticar as virtudes que notam nas outras Irmãs, aprendendo duma o silêncio, de outra a rectidão, a modéstia, a recolecção e assim sucessivamente. Isto deveis fazer, quando vierdes à casa à qual Nosso Senhor fez tantas graças dando-lhe o Seu espírito, para que seja comunicado a todos os membros da Comunidade que Deus ama tão ternamente e conserva com tanta solicitude. Ora, como o Santíssimo Sacramento é conservado cuidadosamente em todas as igrejas, porque o espírito de Deus ali reside, assim nas Ordens Religiosas há sempre a preocupação de conservar o primitivo espírito dado por Deus. É o que a esta casa cumpre fazer. É ela que deve ter e conservar cuidadosamente o espírito que Nosso Senhor lhe deu desde o seu começo.

E, como os Cartuxos têm uma casa em que o primitivo espírito se conserva e está sempre em vigor, assim todos os Superiores das casas desta Ordem são obrigados a ir ali todos os anos para verem se continuam a manter a antiga austeridade e se há alguma nova prática, para depois a introduzirem nas próprias casas.

Também, minhas Irmãs, deveis vir de vez em quando, para saber o que aqui se faz e se não se modificou alguma coisa, que tratareis de pôr em prática no lugar onde vos collocarem. Basta saber que tal coisa se faz na nossa Casa para que a observeis, porque ela deve ser espírito e vida que anime todas as outras; de maneira que, tanto as que estão na cidade como as que estão nas aldeias, necessitam de aprender desta casa a regra e o modelo de tudo o que fazem, e é por essa razão que as Irmãs daqui devem irradiar muito alto em perfeição. Seria necessário, se isso fosse possível, que fossem anjos, por terem de guiar e dar o exemplo às que não gozam desta felicidade.

A uniformidade recomendada pela vossa regra é de grande importância para todas as Filhas da Caridade. Mas que produz ela entre vós, minhas Irmãs? Mantém a Caridade e, enquanto houver a uniformidade, a caridade conservar-se-á. Mas quando exista diferença nos hábitos, que uma queira pentear-se à sua

maneira, que queira sapatos diferentes das outras e uma outra que fará os exercícios de piedade porque um padre ou o confessor lhe ensinou, isto ferirá a caridade que deve existir entre todas e a Irmã que ama as suas regras vendo que as observais de maneira diversa, ofender-se-á e não terá confiança em vós nem o affecto que poderia ter, por ver que não há a semelhança que produz o amor. E, não a havendo, inútil é procurar aí a caridade, ou a amizade que se vê entre vós. Porque a uniformidade produz a união, e enquanto houver a uniformidade, minhas Irmãs, estará a caridade entre vós. Mas, logo que se encontre alguma que diga : «Porque havemos de ir sempre assim? Poderíamos pôr um véu, seria bem mais modesto.» Não lhe deis ouvidos, mas fugi delas como de pessoas que vos querem perder. E quando ouvirdes dizer : «Conviria aceitar jovens de condição para ajudarem a arranjar a casa,» dissei que é o demónio que quer mudar a ordem que Deus quis para vós reunir. Pobres criaturas que não sabem que Deus pretende conservar as coisas como as fez. E como as primeiras que foram chamadas a esta Companhia eram pobres camponesas, é de crer que os desígnios de Deus são que ela se componha de pobres e simples jovens, o que não se encontra vulgarmente em pessoas de condição ; de maneira que é necessário evitar tal coisa. Se Nosso Senhor chamar para o meio de vós alguma jovem de condição, é de esperar da Sua bondade que lhe concederá a graça das qualidades precisas e que ela se portará bem, como as outras que já ali se encontram. Mas desejar e procurar as ocasiões por outra via diferente desta, é o que não deve ser, porque considerai, minhas Irmãs, que deveis temer tudo o que possa fazer mudar os vossos primeiros usos ; e, se houvesse quem quisesse usar manto e cobrir a cabeça, não deve ser.

As nossas Irmãs que foram para Arras viram que o costume do país era o uso duma capa para se cobrirem. Escreveram-me para saber se deveriam acomodar-se ao uso do lugar, porque eram tão estranhas que as olhavam como pessoas vindas do outro mundo. Em resumo, que eram apontadas a dedo. Foi-lhes respondido <sup>(1)</sup> que se abstivessem disso, porque seria motivo de devissão entre elas e as Irmãs daqui, e porque também deixariam de falar sobre os Hábitos, logo que se habituassem a vê-las.

Não procederam mal, propondo-nos o assunto como fizeram, porque manifestaram estar prontas a seguir o conselho que se lhes desse ; e é desta maneira que se deve fazer, não mudando nunca os Hábitos em qualquer lugar para onde vão. Nós vemos chegar aqui pessoas estrangeiras vestidas à moda do respectivo

(1) S. Vicente de Paulo, correspondensa tomo VI, pág. 113, carta 2160.

país; pois bem, elas não se dão ao trabalho de modificarem a sroupas porque olham para elas e causam a admiração de quem as vê.

Por exemplo, os Capuchinhos. Antes de nos habituarmos a vê-los, achavamo-los tão extraordinários que não sabíamos a quem os comparar. Mudaram eles por acaso a sua maneira de vestir? De modo algum! Vimos os Polacos quando vieram a Paris buscar a Rainha, vestidos a seu modo, e ninguém achou mal que não estivessem vestidos como os franceses.

Assim, pois, minhas Irmãs, não vos admireis que vos seja tão recomendada a uniformidade nos Hábitos e se vos aconselhe que não introduzais nenhuma mudança, com o pretexto de vos acomodardes aos usos dos lugares para onde vos mandarem. Se alguma de vós quiser persuadir-se do contrário, sob qualquer pretexto, ficai sabendo que é uma tentação que a impele a isso para perder a Companhia que só poderá subsistir por meio da união e da caridade. Só a uniformidade poderá manter a estima entre vós, porque dedicamos afeição às coisas que se relacionam connosco. A semelhança produz a estima, assim como a singularidade causa a desunião. Ora, querer o que as outras não têm, é tornar-se diferente e fazer alguma coisa mais do que as outras. Tudo isto é contra a vossa regra.

Há aquelas que pedem para comungar com mais frequência que as outras e isso não deve ser, tanto mais que a uniformidade exige que se seja igual em tudo. O alimento da humildade é fazer-se só o que as outras fazem. Ao contrário, o orgulho é produzido pela singularidade. Tomai, pois, hoje a resolução, por amor de Deus, de não comungar com mais frequência do que as regras o permitem. De outro modo dareis lugar à inveja, e as outras dirão: «Se nós não comungamos, porque comunga aquela Irmã? Que graça recebeu ela de Deus para ter esse privilégio?» Razão porque sou de opinião que o não deveis fazer, e quando tiverdes desejo de comungar além dos dias permitidos pela regra <sup>(1)</sup> ofereci a Deus esse desejo. E assim tereis o mérito da comunhão e o da obediência à regra. Porque, considerai, a perfeição não consiste na multiplicidade das coisas que se fazem, mas em fazê-las bem, no espírito com que Nosso Senhor fazia as suas acções. Eis em que consiste a sólida e verdadeira santidade: Fazer bem o que se faz, em conformidade com a vocação. Assim, a santidade do sacerdote consiste em rezar bem o Offício, fazer bem as leituras e desempenhar-se bem das obrigações do seu ministério.

A santidade da Filha da Caridade consiste em observar bem

---

(1) Ver a nota e observação da pág. 249.

as suas regras, digo, observá-las bem no seu espírito próprio, em servir bem os pobres com pontualidade, com amor, doçura e compaixão, em cumprir com rigor as prescrições dos médicos, em fazer os seus exercícios, tanto espirituais como corporais, com o fim de adquirir as virtudes que compõem o espírito que Deus dá à vossa Companhia, que são três, das quais falaremos dentro em pouco. Se uma pessoa observar todos os pontos das suas regras chegará, não duvideis, a uma alta santidade. E, por isso, o Papa Clemente VIII, costumava dizer: «Dai-me um religioso de qualquer Ordem que seja, que tenha guardado bem as suas regras e eu o canonizarei.» Não pedia outro milagre para prova de santidade, a fim de o canonizar. Assim, minhas Irmãs, são as Filhas da Caridade que cumprem bem as suas regras, que serão santas, e é só o que é necessário para o serem. Dai-vos, pois, a Deus, para fazerdes bem tudo o que é das vossas regras, e nada mais, para fugir de toda a singularidade, segundo o que elas nos recomendam.

A singularidade consiste em apropriar-se de alguma coisa, e em querer fazer o que as outras não fazem. Pensam ser melhores que as outras e, por isso, poderem ter maior liberdade; querem ser consideradas melhores. Tudo isto é contrário ao espírito de humildade, que não consente a singularidade, mas faz-nos manter sempre no plano das outras. Ser melhor e mais virtuosa que as outras é bom, mas não deveis desejar ser consideradas por tal; ao contrário, deveis considerar-vos piores do que todas, pensando que nada fazeis que valha e, principalmente, acomodar-vos à Comunidade. Oh! Minhas Irmãs, como é grande a obrigação das Irmãs daqui, de praticarem o que mandam os superiores, de aproveitarem o exemplo que vos dão as outras e de serem submissas a todas, especialmente às Irmãs conselheiras. E todas, geralmente, devem conformar-se com o que respeita ao comportamento espiritual e corporal e às máximas observadas nesta Casa. Por exemplo, há aqui por máxima humilhar-se em tudo que se pode, amar a própria abjecção, desejar ser desprezada e considerar-se a mais miserável de todas. É a que se pratica nesta Casa, e à qual devem adaptar-se, tanto as das paróquias como as das aldeias. Por isso, vinde aqui para retomar o vosso espírito, porque estando longe, vão esmorecendo e, assim, é preciso que venham renovar-se. Se o fogo da devoção se extinguir noutros lugares, devem vir reacendê-lo aqui.

Uma outra máxima e a segunda virtude que compõe o vosso espírito, é a simplicidade e candura a respeito dos Superiores, virtudes que não deixam usar de manhas, de palavras com duplo sentido, de mentiras, enfim, impedem que se digam as coisas di-

ferentemente do que se pensam, porque tudo isto é contrário à simplicidade, como o fogo é contrário à água; e é tão grande a diferença entre um e outro como entre a dissimulação e a simplicidade.

A caridade conduz a Deus. É ela que nos faz amá-Lo com toda a força da nossa afeição, que nos faz desejar que Ele seja amado e servido por todos, que se conheça e se ame a eterna verdade, a imensidade, a pureza, a bondade, a sabedoria, a providência divina, eternidade em que Ele comunica a Sua Glória aos Bem-aventurados, e que faz oferecer continuamente orações a Deus por todos. É este o efeito da caridade a respeito de Deus; e as que assim fizerem, viverão segundo o espírito de Deus e não segundo a carne. Sim, proceder deste modo, minhas Irmãs, é viver segundo o espírito que Deus deu à vossa Companhia, mas viver segundo a carne, é procurar a própria satisfação e não se importar com Deus nem com o próximo.

São as máximas que aqui se praticam, a saber: a humildade, que faz desejar ser a menos estimada; a simplicidade, que leva a nunca se dizer nada contrário à verdade, e é este o nosso espírito; mas sobretudo a caridade para com Deus e para com o próximo. São estas as máximas a que deve adaptar-se o vosso procedimento, sem seguir outras, ainda que boas e melhores na aparência.

O que aconteceria se as Filhas da Caridade, cujo espírito de caridade as obriga a gastarem-se no serviço do próximo, seguissem as máximas das Carmelitas de espírito tão austero! E, se um bispo entrasse na Cartuxa, isto é, se fizesse Cartuxo, não faria o que Deus lhe pedia. Os seus exercícios são bons para eles, mas não para nós.

Dizia-me um dia o Bispo de Genebra <sup>(1)</sup>: «Senhor, eu digo às nossas Irmãs que estimem as outras religiões mais que a sua, que desejem as Carmelitas mais perfeitas que elas, e ainda que considerem a todas superiores a elas, mas estimem também as suas regras mais do que todas as outras, estimam as suas.» Dizia-me ainda: Quero que considerem serem as suas regras as melhores e as mais perfeitas para elas. Quero que pensem serem as Filhas de S. Domingos e mesmo todas as do mundo, mais perfeitas do que elas, e que a sua maneira de viver é melhor que a sua; todavia, quero que tenham um grande amor à sua.» E fez esta comparação: «Assim como um filho acha a sua mãe mais agradável e o seu leite melhor que o de outra, embora seja disforme, aleijada e muito feia, ele ama-a mais do que se fosse uma

(1) S. Francisco de Sales (21 de Agosto de 1567 -- 28 de dezembro de 1622).

Rainha, porque é sua mãe. Por isso, é preciso, que as nossas Irmãs amem a sua mãe, que é a sua religião, mais do que outra.»

Ele queria dizer isto: Como as crianças têm mais afeição à mãe que a qualquer grande senhora do mundo, assim as Filhas de Santa Maria devem ter mais amor à sua religião, que a todas as outras, por mais perfeitas que pareçam, porque é sua mãe.

Digo mesmo, minhas Irmãs, considerem as regras e exercícios de todas as outras, melhores e mais perfeitas que as vossas para elas, mas não para vós. Amai as vossas e será isso a uniformidade. Se vos propuserem alguma coisa que seja contrário às vossas regras, seja confessor, seja quem fôr, considerai isso bom para os que o podem fazer, mas quanto a vós tendes as vossas regras que não vos permitem ter outros exercícios, embora bons. Se uma Filha da Visitação quisesse seguir as máximas de S. Tomás, não faria o que Deus queria dela; assim, como já disse, se um bispo quisesse viver como Cartuxo e na solidão como eles, e uma Filha da Caridade desejasse ser como uma religiosa e dedicar-se a exercícios incompatíveis com os deveres da sua vocação. Firmai-vos, pois, nas máximas que vos são ensinadas pelos Superiores e logo que alguém fale de mudanças, pensai que querem separar-vos, gritai interiormente ao ladrão, porque é o vosso espírito que pretendem seduzir, gritai ao assassino. São pessoas que querem roubar-me a vida, que tentam persuadir-me a seguir máximas contrárias ao espírito que Deus deu à nossa Companhia.»

Até agora há motivo para dar graças a Deus, mas deve-se temer a ameaça que o demónio fez um dia a S. Francisco, porque este estava contente com a ordem que reinava entre os seus religiosos. O demónio ameaçou-o de introduzir na Ordem pessoas de categoria, por meio das quais a arruinaria. E foi o que aconteceu porque foi necessário reformá-la duas ou três vezes. Assim, é para reear, que sob pretexto de condicionar melhor a casa, se venham a admitir meninas de condição e por este meio provocar mudanças na Companhia. Não julguem que falo no assunto sem motivo; porque repito o que já foi dito: «Ah! Era conveniente receber meninas que trouxessem bens, para se poder arranjar a casa.» Salvador da minha alma! Deus as preserve de se servirem de tal meio para manter a Companhia. Minhas Irmãs, quem cuidou de vós até agora? Não foi a Providência? Enquanto forem boas servas de Nosso Senhor e dos Pobres, Deus não as abandonará. Que lhes faltou até agora? Não as alimentou Deus e não tem mantido como uma mãe a seu filho? Confiem, pois, na sua Bondade e não dêem nunca ouvidos aos que lhes falarem disso. Digam-lhes que as vossas regras não permitem tal coisa. Se Deus chamar alguma de condição, em boa hora o faça! Mas não deve

ser recebida, em consideração a esse motivo, nem julgar que é necessário servir-se desses meios para fazer subsistir a Companhia. Oh! Não. Todos esses meios são segundo a carne e o sangue e contrários à confiança que se deve ter em Deus. Sim, minhas Irmãs, tudo o que seja sugerido para mudarem as vossas máximas vem da carne e do demónio, razão porque não devem nunca ser mudadas.

Ah! Mas faz-se isto em tal lugar; fazem o mesmo noutra casa, um tal falou-me de tal coisa. — Devemos pensar que as suas máximas são boas para eles, mas não para vós. Estimem as vossas, como já disse. Considerem as práticas dos outros muito boas para o seu adiantamento espiritual, mas não mudem o que quer que seja nas vossas, tanto no espiritual como no corporal, e não tenham mais do que as outras; é o que exige a uniformidade, sobretudo quanto às Filhas da Caridade.

Quando deram as regras às Filhas de Santa Maria, o Bem-aventurado bispo de Genebra quis que tivessem no quarto apenas uma imagem e um livro. Foi o que este bem-aventurado pai autorizou porque sabia pela experiência dos outros, que a vaidade penetra até nos objectos de devoção. Sim, ter uma linda imagem, ou um lindo livro, dá prazer; e essa satisfação produz a vã complacência. Razão porque os santos sempre reprovaram a superfluidade nessas coisas. Entre outros S. Bernardo censurava aqueles que, no seu tempo, punham todo o cuidado em preparar as igrejas e orná-las com pratas. Minhas Irmãs, este grande santo, não aprovava isso; ao contrário, dizia: «Enquanto o templo vivo, que é pobre, anda nas ruas, sofrendo a fome e o frio, vós empregais os vossos bens em gastos supérfluos!» Ide primeiro aos pobres e ajudai-os, e depois, se puderdes fazer o resto, muito bem.

Presentemente, há os que ornamentam as igrejas dessa maneira e não fazem mal por isso, tanto mais que, dispondo de muitos bens, podem fazer uma coisa e outra. Mas, quanto a vós, deveis amar a pobreza, que obriga a não desejar tão lindas coisas. Porque desde que alguma tenha alguma coisa bonita, um oratório bem arranjado, a Irmã que o vir terá o desejo de um igual, e dirá: «Há uma Irmã em tal lugar que tem um lindo oratório, tem isto e tem aquilo, oh! Como faz devoção! Tenho que comprar um assim! E onde arranjar o dinheiro para isso? Só tirando-o aos pobres. E, se for empregar o que lhe dão para as despesas, é-lhe tão permitido isso como utilizar o dinheiro dos Pobres. Além desse dinheiro não tendes nada, de maneira que, ou não tiram dos Pobres ou às Irmãs, porque estão obrigadas a trazer para Casa o que sobrar dos gastos. A propósito, quero

dizer-vos o muito que admiro a divina Providência que vos inspirou o pensamento de contribuir para o sustento da Companhia. Firmem-se nisto, minhas Irmãs; porque assim contribuem para a manutenção das Irmãs que se preparam nesta casa para o Serviço dos Pobres.

Quando vejo um sacerdote recolher a mãe para a sustentar, digo-lhe: «Como o Senhor é feliz, de poder retribuir de algum modo a sua mãe, o que ela fez por si, tomando-a agora a seu cargo!» A respeito da Casa, digo agora o mesmo; é a mãe que vos preparou e gastou tudo para vos educar, porque não fostes vós que vos formastes sòzinhas, tivestes de ser instruídas e aprender o espírito da Companhia. Ora, fazendo assim, a Casa faz como a mãe que alimenta os filhos; gasta a sua própria substância a alimentá-los. E, procedendo assim, ajudam à subsistência da mesma mãe que os alimentou. Que felicidade, Irmãs! Considero como uma grande bênção de Deus que continuará a outorgar-vos as Suas graças desde que continuem tão santo costume.

A continuação deste artigo diz que as Irmãs evitarão alimentar-se diferentemente ou melhor do que as outras. É necessário, pois, serem iguais em tudo o que respeita à alimentação, tanto no pão como na carne, entim, semelhantes em tudo. Quanto ao vinho, até agora não o tendes bebido e julgo conveniente conservar-se este costume, a não ser em caso de enfermidade ou que haja alguma muito velhinha que os Superiores possam, se o julgarem conveniente, dispensar desta regra. Mas fora disto não o devem fazer, porque, acreditem, minhas Irmãs, é uma grande vantagem nunca beber vinho.

Os turcos não bebem vinho, ainda que vivam num país muito quente, e passam melhor do que os que aqui bebem. Daí se verifica que o vinho não é necessário à vida como se crê. Ai de mim! Se não abusassem dele não havia tantas desordens. Não é doloroso que os Turcos e todos os da Turquia, cuja extensão é de 150 das nossas léguas, vivam sem isso, e que os cristãos abusem tanto! Daí procede que tenham costumes tão moderados e que não suportem que uma pessoa fale alto entre eles. Vimos, há pouco, um homem que nesse país tinha acabado de pescar baleias, e como eu o interrogasse sobre a maneira como vivem, disse-me que nunca bebiam vinho nesse enorme país, nem tinham doenças, que eram corpos bem formados, e que se alimentavam de bacalhau molhado em leite.

Compreendam, pois, bem, minhas Irmãs, o que diz a regra, que se alguma pensa necessitar de alguma particularidade em razão das suas indisposições poderá propô-lo com toda a simplicidade. Oh! Como são razoáveis as vossas regras e quanto se

pensou antes de vo-las dar! É assim como devem proceder, minhas Irmãs, quando julgam, em consciência, ter alguma necessidade. Digam: «Meu Deus, penso necessitar de tal coisa, pedi-la-ei, e se for do Vosso agrado que ma concedam, muito bem, senão, seja feita a Vossa Vontade!»

Desejem sobretudo conformarem-se com o que se faz aqui dentro e virem aprendê-lo, a fim de que todas se assemelhem. Minhas Irmãs, como é belo guardar a uniformidade em todas as coisas!

Dir-me-eis: «Senhor, na casa há Irmãs novas que acabam de chegar; vamos seguir os seus exemplos?» Não, quando digo que venham, não quero dizer que se conformem com o que fazem as novas, mas com o procedimento das antigas, principalmente das que observam bem as suas regras e com as Irmãs Conselheiras. Procedam assim, e será conservada a caridade e a uniformidade. Sendo fiéis ao que acabo de dizer, contribuirão para a conservação da boa ordem na Comunidade e para todo o bem que ali se fará. Que felicidade, minhas Filhas, ter regras que visam apenas a vossa perfeição. Que felicidade saber que Deus vos inspirou uma vida conforme à de Seu Filho! Como serão felizes, se, como servas da Caridade, procederem com a dignidade a que as obriga o vosso belo nome. São chamadas servas e as que, de facto, se servem deste lindo nome para se humilhar e servir os pobres e as Irmãs, são bem ditosas. Mas, desde que vos tenham em grande conta, que queiram dominar as outras, que pretendam elevar-se, adeus espírito de humildade! Só existirá a aparência, logo que se transformem de servas em independentes. Ora, para evitar essa desgraça, é preciso que as escolhidas para o officio de servas, sejam sempre as primeiras a humilhar-se e a dar às outras o exemplo do que elas são obrigadas a fazer. Se uma Irmã que deve ter o cuidado da Companhia, sofrer que uma outra falte contra as suas regras e não informe os Superiores, que má serve! É a causa, pelo seu silêncio, do mal que faz a companheira. Deve primeiro avisá-la caridosamente e se, depois de ter feito o que julga seu dever, a Irmã continuar, está obrigada a informar a Superiora, a fim de aplicar ao mal o remédio necessário. Se faltar a isto, procede mal e poderá acontecer que, com o tempo, fique conivente com a Irmã, e assim consinta no mal que ela faz. Minhas Irmãs, quantos motivos para agradecer a Deus de se encontrarem numa Companhia que tem por máxima a uniformidade.

Ó uniformidade, que existes em summa perfeição na Santíssima Trindade! O Pai, o Filho e o Espírito Santo não são mais um do que o outro. A uniformidade existia também entre os apóstolos.

Ditosas são, minhas Filhas, em terem uma regra, que é Deus

e que vos obriga a imitar a santa igualdade e uniformidade das três Pessoas Divinas. Mantenham as vossas regras, sem lhe introduzirem jamais mudança alguma. E asseguro, minhas Irmãs, que, se observarem bem esta, Deus fará grandes coisas na Companhia. O que fará Ele? Fará que floresça em virtudes e que se veja sempre a mesma maneira de viver e uniformidade entré vós. É o que peço a Nosso Senhor. Rogo-Lhe que dê a todas o desejo de observarem esta regra, a fim de que a uniformidade reine entre todas, para honrar a que existe entre o Pai, o Filho e o Espírito Santo; e, assim, serão semelhantes aos Apóstolos e observarão as mesmas regras que Nosso Senhor lhes deu. Praza à divina Bondade conceder a todas este espírito de uniformidade e que nele façam progressos, dia a dia, de maneira que cada uma prefira morrer, a afastar-se dela. É a graça que Lhe suplico pelo amor que Ele tem à santa uniformidade.

87 — CONFERÊNCIA DE 18 DE NOVEMBRO DE <sup>1657</sup> 1695

## SOBRE A UNIFORMIDADE, A CASTIDADE E A MODÉSTIA

*(Regras Comuns, art. 17, 18 e 19)*

Continuaremos hoje, minhas Irmãs, a ler as vossas regras e a salientar em cada artigo o que vos diz particularmente respeito, porque deveis considerá-las como canais, pelos quais Nosso Senhor derrama as Suas graças sobre as Suas Esposas para, depois desta vida, as fazer reinar lá em cima, no céu; de maneira que deveis esperar toda a espécie de graças, por meio das vossas regras. Deus procede nisto como com a Sua Igreja; e como é só em virtude dos Sacramentos que concede as Suas graças à Igreja, também à alma só dá as Suas graças por meio da observância das Suas regras. E não é só a vós, mas a todas as Comunidades lhes são comunicadas as graças em virtude da fidelidade à observância das regras, e quanto mais exactas forem, tanto mais abundantes serão as graças que Deus concederá. Mas, ao contrário, quanto mais afastadas estiverem da observância das regras, mais se afastarão das graças de Deus.

Todas as nossas operações procedem da cabeça pela contiguidade e união da cabeça com os membros; dela se alonga o espírito animal e vital a todos os membros. Ora, como o corpo, que está bem unido à cabeça, e um membro a outro membro, participam de toda a influência que daquela procede, também um

membro apodrecido, não poderá estar unido à cabeça, nem receberá qualquer participação no benefício dos seus efeitos, assim uma casa da Comunidade não pode receber as graças que lhe são necessárias à conservação da sua vida espiritual se não estiver unida à cabeça. Assim, pois, dai-me uma Irmã de quem se possa dizer: «Observa bem as suas regras», posso dizer que chegará a um alto grau de virtude e união com Deus, que se compraz em saber que na terra há alguém que guarda bem as suas regras. Apraz-Lhe ver isso! E, assim como uma esposa é objecto das alegrias e satisfação do esposo, assim Nosso Senhor tem um prazer extremo quando uma alma se submete a todas as Suas vontades pela observância das suas regras. É o que move Deus a pôr o olhar da Sua Bondade sobre ela, para a embelezar cada vez mais pela continuação das Suas graças. De maneira que, como um pai, não tem outro prazer senão ver o filho adornado de óptimas qualidades e dum bom natural, o que é toda a sua consolação, também, minhas Irmãs, é certo que Deus tem uma alegria sem igual em ver uma Comunidade a observar bem as suas regras. Não se pode comparar o prazer de Deus por esta fidelidade à satisfação que o esposo tem em olhar para a esposa, nem a que um filho proporciona a seu pai. Vejamos, repito ainda, porque muito importa que se persuadam bem disto: O objecto do agrado de Deus é que uma Filha da Caridade observe bem as regras, e uma boa religiosa observe bem a sua religião. Pelo que o Papa Clemente VIII, que tive a honra de ver, e que é um santo, dizia: «Dai-me uma pessoa que tenha sido pontual na observância das suas regras e canonizá-la-ei sem outros milagres. Não exijo outra prova da sua santidade senão a de saber que cumpriu as suas regras.»

Por aqui se vê que, quanto mais uma Irmã é fiel à suas regras, mais virtude tem, e que, quanto mais se afasta da sua observância, tanto mais se afasta de Deus, volta aos seus primeiros hábitos, aos apetites da carne e do sangue, tornando-se pior do que era no mundo. E porquê? Deus tinha-a chamado à Companhia para a fazer objecto das Suas complacências e observante das regras que lhe deu. Vendo-a negligente ao máximo, retira-lhe as Suas graças e abandona-a a todas as suas paixões. É o castigo do desprezo das suas Regras. Deus disse: «Esta alma a quem concedi a graça de fazer sair da massa corrompida do mundo, para levar uma vida inteiramente oposta pela prática das regras que lhe fiz dar, faz absolutamente o contrário. Vejo que vive como se eu lhe não tivesse mostrado como deve viver. Abandono-a: vai, faz o que quiseres.» A pobre criatura assim abandonada por Deus, cai num estado deplorável, muitas vezes pior do que aquele donde veio antes da sua vocação. Considerai, pois, minhas

Irmãs, que a vossa felicidade ou a vossa perda dependem da observâncias das regras. Ora, para as guardar é necessário compreendê-las bem, e, por isso, quero lê-las. Elas são quarenta e três, e nós estamos na décima sétima, que se refere à uniformidade que deve existir entre vós.

«Guardarão, tanto quanto possível, a uniformidade em todas as coisas porque esta mantém a união e a boa ordem nas Comunidades; e evitarão toda a singularidade, como causa das divisões e desordem duma Companhia. E, segundo isto, acomodar-se-ão à maneira comum de viver da casa onde reside a Superiora, submetendo-se a todas as práticas e máximas que ali se ensinam para o procedimento, tanto espiritual como temporal.»

É este o artigo da uniformidade. Há talvez algumas de entre vós que não sabem o significado da palavra uniformidade. Ser uniforme, minhas Irmãs, é serem todas semelhantes, por exemplo, é usarem o mesmo toucado, os mesmos peitilhos, os mesmos Hábitos, os mesmos sapatos; e, se pudesse ser, um mesmo falar, quer dizer, que era para desejar que todas falassem da mesma maneira, amável, cordial, humilde, uma mesma maneira de servir os pobres, a mesma opinião quando estão juntas, uma maneira igual de proceder quando estão nas paróquias, não que seja necessário ir ver o que se faz numa para se fazer o mesmo na outra, mas ver como se faz aqui, e não fazer diferentemente, porque é desta casa que deveis seguir o exemplo, pondo-o em prática nas outras para onde fordes, como no «Nome de Jesus», nas «Crianças Espostas» e outros lugares, sempre que se puder; é o que se quer dizer neste artigo. Depois disto, seria para desejar que tivessem todas os mesmos sentimentos, que estimassem tudo o que a Superiora estima, que as Irmãs Conselheiras e as antigas animadas do mesmo espírito vivessem bem unidas às Superiores e que as mais novas se afeiçoassem todas às mais antigas e fizessem o que elas lhes dizem, e que, tanto umas como as outras, seguissem os conselhos que lhes são dados.

S. Paulo dizia ao povo novamente convertido: «Rogo-vos, pois, que sejais meus imitadores, como eu o sou de Cristo». (1.<sup>a</sup> Epístola aos Cor. IV,16). Se S. Paulo dizia isto aos primeiros cristãos, é porque é fácil imitar o bem que vemos fazer. É necessário, pois, que todos imitem o que se faz nesta Casa, e que nenhuma proceda segundo a sua fantasia, porque não seguir os sentimentos dos outros, é uma espécie de orgulho. Sim, ser singular, não querer ceder a ninguém, querer submeter o sentimento dos outros ao seu, é ser filha do orgulho. Aquela que assim procede é capaz de dizer ou de pensar: «Tenho mais inteligência que aquela; procedam as outras como quiserem, quanto a mim farei

como entendo». Esta é uma filha do orgulho que, cedo ou tarde, Deus castigará, porque tem orgulho que é o vício do demónio, expulso por Deus do Paraíso por causa do orgulho. A humildade conserva-se fazendo tudo como as outras. Mas quando uma Irmã diz: «Minha Irmã, façamos isto», e que a outra lhe responde: «Parece-me que será melhor doutra maneira». «Porquê? dirá a primeira, eu quero fazer assim.» — «Ah! Minha Irmã, dirá a outra, há o costume de se fazer isto na Casa.» — «Não me importa, eu creio que é melhor doutra maneira». Ah! Pensamento do demónio e do orgulho! Sim, porque quer ser singular e seguir a sua opinião, é um pensamento de orgulho! Uma Irmã faz uma coisa de tal maneira, a sua Irmã aceita-a bem, mas há uma outra que diz: «Eu quero fazer como me parece melhor.» Compreende-se que é o orgulho que a leva a crer que fará melhor do que as outras. Toda a singularidade é um ninho de orgulho, dentro do qual ela se esconde, e toda a pessoa que não se submete à Superiora e às Conselheiras, tanto quanto lhe é possível, é governada pelo espírito de orgulho que quer sempre ser diferente dos outros.

A humildade, ao contrário, prefere sempre o parecer dos outros ao seu. Se lhe dizem: «Faça assim», ela faz. Digo que esta Irmã é humilde, porque a humildade é inimiga da singularidade e tanto quanto condescender com os outros, tanto adiantará na humildade. Mas quando digo que devem proceder como as outras, não me refiro às que seguem os seus caprichos, se as houver. Terrível imitação! A Irmã que vê as Conselheiras, que considera o seu procedimento, as suas virtudes, para as imitar, que na sua paróquia se esforça em satisfazer as senhoras e seguir, como lhe é possível, o que lhe mandam, é sinal de humildade; não há mostras de singularidade. Faz o que as outras fazem. Assim, minhas Irmãs, a humildade conserva-se sob as cinzas da imitação das outras. Quando virdes uma Irmã fazer-se valer, que censura as outras Irmãs, que pensa terem-se enganado quando a repreendem, não é verdade que isto vos desgosta? E, vêde, uma alma humilde tem sempre melhor opinião dos outros que de si mesma.

Ante-ontem um Senhor da Côrte entre outras coisas disse-me: «Quando tenho alguma coisa a fazer tomo sempre conselho com minha mulher». Analisemos um pouco esta boa alma que consagrando tanta estima a sua mulher a julgava mais virtuosa do que ele, e aceitava os seus conselhos. Isto é humildade: Dizer sempre bem dos outros e nunca falar de si. Quando virem uma Irmã falar bem da companheira podem dizer: «É uma Irmã virtuosa, não precisam de outro modelo, imitem-na.» Mas, se virem uma Irmã que só louva o que faz, que censura tudo o que as outras fazem, ou, se as elogiam, cala-se, para manifestar com o

seu silêncio que não concorda com o que dizem, pensai: «É uma orgulhosa»; e asseguro que Deus a perderá com todas as que são orgulhosas. Perderão as graças de Deus, que só são concedidas aos humildes. E, ao desprezarem as Suas inspirações e os avisos que lhes são feitos, dir-lhes-á: «Deixas-Me, miserável, por vãs satisfações, vai, abandono-te, não quero mais ouvir falar de ti.» De maneira que não sentirá gosto algum na virtude, será insuportável às companheiras e a si mesma, e será Filha da Caridade só na aparência. Tem o hábito, mas não tem o seu espírito. O espírito das Filhas da Caridade, é a humildade, e ela está cheia de orgulho, o que a torna semelhante ao demónio e até pior que ele. Ai de mim! Por muito que sejamos, se formos bem humildes, julgaremos ser piores que o demónio. Não é juízo falso, senão que o deveríamos sentir assim, porque se ele se não tivesse obstinado no pecado e se tivesse recebido a mínima das graças que nos são concedidas, faria melhor uso delas do que nós. E, por mim, creio, como alguns santos, que, se lhe fosse dada a graça de mudar de resolução, ele viria a ser bem melhor do que nós; mas nunca lhe será concedida esta graça. Só aos homens pecadores e às mulheres pecadoras foi dada a graça de se arrependem dos seus pecados. Era o que o demónio dizia pela boca dos possessos de Loudun: «Ó miseráveis cristãos, como fazeis mau uso das graças de Deus! Se nos fosse permitida a conversão, como a vós, não permaneceríamos neste desgraçado estado em que nos encontramos e de que não podemos saír. Mas vós, podeis. Não nos imiteis, não continueis obstinados nos vossos pecados, convertei-vos a Deus, enquanto é tempo.»

Tende bem presente, minhas Irmãs, que a singularidade é filha do orgulho e que devem fugir dela porque causa dissensões.

Não é verdade que vos faz pena ver uma Irmã que se arranja com muito esmero e que gosta de parecer melhor que as outras? Uma pessoa que não segue a Comunidade e quer que as outras se submetam a ela como se fosse quase Superiora, é tão insuportável que nem se pode explicar. Todas as divisões e desordens das comunidades provêm de não se submeterem às outras. Assim faz uma Irmã que, estando numa paróquia, não cede aos avisos que lhe são feitos, porque se julga superior. E depois, habituada a seguir os próprios sentimentos, quando a querem modificar, não cede. Todos estes males vêm da singularidade. Desvia o espírito de submissão. Embora não chegue a este ponto, produz, no entanto, males muito perigosos.

«Adaptar-se-ão todas à maneira comum de viver da casa onde reside a Superiora, quer dizer, que devem aprender nesta casa, da Superiora, das Conselheiras e das Irmãs antigas que nela vivem,

tudo o que devem pôr em prática. E as que estão empregadas nesta Casa considerem bem a obrigação que têm, de ser virtuosas: Como sois felizes, porque Deus vos escolheu para um trabalho tão santo, a fim de serdes as pedras fundamentais do seu edificio. Mas recordai o que é dito às Filhas da Caridade: «Vós, a quem concedi todas as graças necessárias para serdes dignas de tão santo emprêgo, sabeis que espero que contribuais por palavras e por exemplos, para a perfeição das plantas jovens que estão entre vós.» Ah! minhas Filhas, como sois obrigadas a fazê-lo. Todas as outras têm os olhos postos nas Irmãs que aqui se encontram. Razão porque era necessário que fossem anjos humanos que ensinassem nesta casa, se isso pudesse ser, para vos dizer quanto é necessário que sejais perfeitas, pois assim acontece com a cabeça do corpo humano, se está sã, todo o corpo está bem, mas se estiver doente, todos os membros se sentirão. Ora, como as Irmãs desta casa são obrigadas a dar o bom exemplo pela observância das regras, as outras que estão colocadas fora, devem também conformar-se ao que aqui se ensina, sem fazer outras coisas, ainda que boas e melhores aparentemente.

Poderá ser, minhas Irmãs, que passe pelo espírito de alguma, fazer, por exemplo, oração como as Carmelitas que ficam na presença de Deus aguardando que lhes dê as graças que Lhe aprouver. Se lhas concede, muito bem; se não lhes dá nada, ficam em paz. Isto é bom para as carmelitas, mas não para vós.

Considerai as Filhas da Cruz. Vestem-se de preto e, quando saem usam véu. Parece que, se o vosso Hábito fosse assim, seria mais modesto. Está bem para as Filhas da Cruz mas não para as Filhas da Caridade, escolhidas para honrar a pobreza de Jesus Cristo com o seu Hábito. E como Ele foi o mais pobre de todos os homens, quis que se vestissem como as mais pobres, por isso devem, minhas Irmãs, preferi-lo a qualquer outro.

Poderá acontecer que venha alguma a Casa e diga: «Em tal Comunidade faz-se isto; porque se não faz aqui? Ah! Pobre criatura! Que dizes? O Senhor quer que vivas da maneira mais pobre que se vive no mundo e tu queres contrariar os Seus desígnios, seguindo procedimento diferente do que Ele deseja. — Mas, se é uma coisa boa, que mal há em fazer como elas? — Não é para vós, qualquer prática que vos ensinem, por mais perfeita que seja, se fôr contrária às vossas. Deixai-a, pois, para aqueles a quem Deus a deu. Não deveis censurar as outras, ao contrário, deveis pensar que todas são boas, mas que tendes de observar as vossas.

Mas, meu Deus! Vestimo-nos tão mal, alimentamo-nos tão pobremente! Não há quem esteja tão mal alojado como nós! Nas

outras Comunidades não comem assim. — Deixai o que diz respeito às outras, não é vosso espírito. O vosso é o espírito de Nosso Senhor humilhado, desconhecido e desprezado por todos. Sois felizes porque Nosso Senhor pensou em vós, e vos escolheu entre tantas para O imitar num modo de vida tão pobre e humilde como a vossa, pela qual pretende que O sigam no mundo, no que é mais difícil: a humilhação. Porque nada há tão difícil como isso, nem que nos custe tanto! Minhas Irmãs, não procurem vida melhor que aquela em que Nosso Senhor vos pôs, não encontrareis nenhuma tão boa. Nunca vistes uma mãe toda suja, de rosto feio, com o filho nos braços? Se a Rainha lhe quizer pegar, ele não irá. Por mais que lhe digam: «Meu filho, então? A Rainha quer-te e tu não te mexes!» Olhai. Deus e a natureza ensinam-lhe que deve mais à mãe que a todas as Rainhas do mundo, porque a sua vida veio dela. Eis porque nada encontra tão belo; e tem razão, é a sua mãe e benfeitora.

Minhas Irmãs, há casas bem melhores do que a vossa que, em verdade, estão em grande apreço. Sim, a igreja tem grande quantidade de Ordens que são muito consideradas em relação às quais a Companhia da Caridade se pode comparar a uma pobre mãe ramelosa. Tendo em vista estas Ordens de valor, poderá alguma dizer: «Ah! Meu Deus, como são felizes as religiosas! Como gostava de ser Carmelita, ou então proceder como elas.» Não viestes à Caridade para fazer como as Carmelitas; mas fostes chamadas a humilhar-vos, a servir a Deus e os pobres e a fazer tudo para dar satisfação às Senhoras, a fim de terdes melhores meios para cuidardes do próximo. Assim vos ensina a vossa mãe, que, embora miserável, deveis amar, se quereis ser humilhadas como foi o Filho de Deus. Se vos alimentais mal, alegrai-vos, sofri isso por um tempo. Mesmo assim estais melhor do que Nosso Senhor se encontrava. Amai muito a vossa mãe, ainda que ramelosa e tereis por bom tudo que vos dá. Não desejeis «ssa O:dem santa, nem o Hábito de outra, nem a maneira de proceder daquela. São boas para elas, mas não para vós.

Ai de mim! Acreditaí que não digo isto de mim, minhas Irmãs, aprendi-o com um grande mestre, o bem-aventurado bispo de Genebra que mo disse pessoalmente. Confidencou-me: «Olhai, eu digo a minhas Filhas, que estimem todas as outras casas mais do que a sua, mas que amem a sua de preferência a todas as outras.»

Repito-vos o mesmo, minhas Caríssimas Irmãs, considerai todas mais perfeitas de que a vossa, mas preferi a todas a vossa Companhia porque é a vossa mãe que vos criou e alimentou até agora, e fá-lo-á enquanto permanecerdes nela. Deus prometeu que nunca vos faltará, enquanto estiverdes nos braços de Nosso Senhor.

Para isso, deveis submeter-vos à Sua direcção espiritual e também, à temporal, segundo o que mandam as Santas Regras. Últimamente indiquei, e repito-o ainda, como devem proceder na doença, quer dizer, que é necessário evitar o cuidado excessivo de si mesma e contentarem-se com um tratamento igual ao dos pobres. Mas digo que, se alguma, em virtude da enfermidade, da idade ou muita fraqueza do corpo, necessitar de maior tratamento, a Caridade, que dirige todas as coisas, deve ter isso em vista. Por exemplo, uma pessoa doente na Companhia, sem forças, e cuja saúde tão frágil como o vidro desapareceu há vinte anos. Como! Tratar esta pessoa da mesma maneira como as que não são de compleição tão delicada? Não seria justo. A Companhia é tão boa mãe que trata as doentes como doentes. E como uma mãe que trata com muita mais ternura e compaixão o filho doente que os filhos saudáveis, assim a Companhia deve tratar as Irmãs impossibilitadas de seguirem o comum.

Assim, quanto a mim, porque estou obrigado a dar o exemplo aos outros, a Companhia, em vista ao mal das minhas pernas, deu-me um carro para me transportar. Recusei-o durante algum tempo, mas a necessidade obrigou-me a aceitá-lo depois. Além disso, há ano e meio que me deram um quarto com lareira e cortinas para a cama. Ora, suposto isto, em virtude das minhas indisposições, pois, anteriormente, não os tive, como os outros.

Por isso, quem está doente necessita de cuidados especiais, sem o que seria uma mortandade. Não seria justo tratar-se uma pessoa enferma e idosa como as outras, sem excepção nem consideração. Minhas Irmãs, é preciso cuidar delas quando a idade e as enfermidades as impossibilitaram; doutro modo, seria uma grande injustiça. Assim, Caríssimas Irmãs, não vos aflijais, quando estiverdes de idade avançada e doentes. A Companhia é uma mãe que sabe distinguir entre os filhos doentes e os que têm saúde.

Exceptuo uma coisa, que é introduzir na Companhia uma forma de hábitos que não seja conforme aos outros. Por exemplo, uma menina que ingressou na Companhia querer usar véu. Isso não se deve tolerar. Se não se submeter como as outras, é sinal de que Deus allí a não quer. Daí resulta que se considere que a pessoa chamada por Deus a uma Comunidade, recebe d'Ele todas as graças necessárias para se conformar a tudo que allí se pratica. E é motivo para temer, logo que se apresente uma como acabamos de dizer. Por mim, penso ser necessário dizer-se-lhe que, se quiser ficar, esta pessoa deve resolver-se a ser em tudo como as outras, e, se o julga impossível, que não vá adiante. Se precisar de alguma coisa para cobrir a cabeça, poderá usá-la com licença, dentro de casa. Mas acautelai-vos, não vos deixeis iludir porque a

regra permite tratarem-se as doentes como doentes, porque, minhas Irmãs, a natureza p ocura atrair-nos. Pensa fãcilmente que estã doente e frequentemente considera ser o mal maior que de facto é. Por este motivo, ao necessitardes de alguma coisa, pedi a Deus que vos faça conhecer se de facto assim é. E depois de bem o terem pedido a Deus, se continuar a vontade a manifestar-se, podeis propô-lo com indiferença à Superiora. Fixai bem que é propô-lo com indiferença, e rogai a Deus que vos faça conhecer se é da Sua vontade que vos sintais na indiferença de ter ou de ser recusado o que necessitais. E, se reconhecerem que é esta a disposição que tem e que é o estado de perfeição que mais nos aproxima de Deus, podem expor muito simplesmente o que precisam e seguirem depois o que fôr imposto a esse respeito.

Vejamos a 18.<sup>a</sup> regra : «Farão todas o possível para conservar a castidade do corpo e do coração. A este respeito repelirão prontamente toda a espécie de pensamentos contrários a esta virtude e fugirão cuidadosamente de todas as ocasiões que a poderiam lesar por pouco que seja, etc.»

Minhas caríssimas Irmãs, a castidade ! É assunto que merecia bem mais largo desensolvimento, se o tempo o permitisse. Notareis sòmente comigo que o desejo de parecer agradável é inteiramente contrário a esta virtude. Como é miserável diante de Deus a que deseja ser agradável aos outros. Mas agradável a quem ? Às Irmãs com certas amabilidades ; às Senhoras, para que as elogiem ! Mas é mais infeliz ainda aquela que procura agradar aos homens, principalmente aos confessores. Isto é ainda pior que tudo o mais. Minhas Caríssimas Irmãs, acautelem-se bem sobre isto. Desconfiem dos confessores mais do que qualquer outro, porque estabelece-se uma tal ligação entre o confessor e a penitente em virtude do que esta lhe diz, que frequentemente o que começou por motivo de caridade se transformou numa certa amizade fundada inteiramente na carne e no sangue.

Mas este confessor diz coisas tão lindas quando vem à nossa Casa ! — Não se lhe há-de permitir que entre, senão em caso de necessidade ou de doença, porque se depois disto é preciso ir a outro já se não encontra quem satisfaça, e se o têm de deixar, pensais que não há outro como ele no mundo. Tende por certo, minhas caríssimas Irmãs, se tendes desgosto em mudar de confessor é porque lhe tendes apego, e considerai : «Eis-me presa ; sem dúvida que o demónio me arma um laço para me perder».

Mas é um confessor que me diz tão boas coisas. — Pois tende em conta que a experiência nos ensina que não há coisa tão perigosa como o affecto aos confessores, e apenas verifiquem que sentem gosto em ir a um e desgosto em ir a outro, digam : «Eis-

tou presa.» E, logo, ide a outro ; dizendo à Superiora : «Sinto um certo affecto pelo confessor, seguramente que o demónio me armazilada neste ponto». Não é verdade que a afeição produz isto ? Diz-se : «Aquele é bom, e este outro nos desagrada». Minhas Irmãs, ainda que ele vos pareça menos espiritual e menos atraente que o outro, é todavia o que convém. É Lia a miserável. Mas foi ela que recebeu o dom de fecundidade. O demónio faz isso para que ponhais os olhos no outro e não aproveiteis o fruto do que este vos diz.

Quando virem alguma que se gloria, que queira dar nas vistas, que conta o que faz : «Estive, diz ella, collocada nesse officio ; naquella outro,» considerai-a dominada pelo orgulho, que é incompatível com a castidade. E tende presente que, embora sendo anjos, se existir a vaidade, caireis na impureza, que é o castigo desse vício. Permite Deus que as pessoas orgulhosas caiam nesse horrível pecado para as humilhar. E, quem quer que seja, se tiver orgulho, pode contar em ser alvo de horríveis tentações, porque o demónio da vaidade é o demónio da impureza.

A curiosidade de ver e de olhar o mundo é ainda uma ocasião de que convém fugir, para se conservar a pureza. Em verdade, devo dizer que, até agora, tenho visto em todas uma grande modestia, excepto numa ou duas, que me desedificaram. Mas, fora disso, sempre me edifiquei ao ver-vos. Continuem, minhas Filhas, e evitem a conversação dos homens, sempre que desnecessário, porque há um veneno entre um e outro sexo que imperceptivelmente se comunica. É o motivo porque diz a Sagrada Escritura : «Fugi do pecado como duma serpente.» Fazei como a Santíssima Virgem que temia ver no seu quarto um anjo com forma de homem. O melhor remédio para qualquer pensamento de impureza, é repeli-lo do coração, recorrer a Deus com santas considerações, fazer disciplina e outras mortificações, porém, sempre com autorização.

Há ainda a impureza e a pureza da vista, a impureza dos ouvidos, isto comprehende-se bem, a impureza da língua, a impureza em todos os sentidos, se não nos acautelarmos. Mas a Filha da Caridade que tem Deus por testemunha de todos os seus pensamentos e que por Ele faz todas as suas acções, será, por isto mesmo, fiel à observância das suas regras. Quem a obrigará a isto senão Deus ? Mas recomendo, principalmente, que não deixem entrar nenhuma pessoa de outro sexo, nos vossos aposentos, ainda que seja eu, vosso Superior, eu, indigno, não me permitam a entrada.

Décima Nona regra : «E a santa modestia é necessária, não só para edificar o próximo, sendo como é, uma pregação muda e contínua, mas também para conservar a pureza, etc.»

Este artigo, minhas Caríssimas Irmãs, ensina-nos que devemos guardar sempre a modéstia, até mesmo nos recreios. S. Paulo dizia aos cristãos do seu tempo: «Alegrai-vos, mas que a vossa modéstia seja conhecida de todos os homens. (Epist. aos Filipenses, IV, 5). Há algumas de entre vós que sempre me edificam ao vê-las. Creio que nunca vi algumas das que são verdadeiramente modestas, que eu não sinta satisfação e não dê graças a Deus de que Elle, nelas, se manifeste.

S. Francisco tomou um dia consigo um Irmão e disse-lhe: «Meu Irmão, vamos prègar.» Depois de terem andado na cidade, ao regressarem, este Irmão perguntou-lhe: «Meu pai, dizia que ia prègar e não o fez». — Como, meu Irmão, não foi prègar ter andado com modéstia na cidade? Foi uma prègação muda.»

Quantas pessoas e até homens me têm dito, vendo-vos passar nas ruas: «As suas Filhas edificam-me mais com a sua modéstia do que com um sermão; prègam sem dizer palavra.» Continuai, minhas Filhas, esta prática, desenvolvi-a como muito necessária à conservação da pureza, e tendes tanta precisão desta virtude nos vossos quartos como nos recreios e nas ruas.

É bom recrear-se, mas modestamente, evitando os risos excessivos e os gestos incorrectos. S. Paulo aconselha-o assim: «Alegrai-vos, mas de maneira que a modéstia seja respeitada: Iterum dico vobis: gaudete, etc.» (Epist. aos Filip. IV, 4). Alegria-vos, mas evitai principalmente tocarem-se umas nas outras. Se soubessem o que se oculta nesses gestos, embora entre pessoas do mesmo sexo! Não ousou dizer-vo-lo por recear ensinar a algumas de vós o que ignoram. Não se toquem a não ser que a caridade o exija, como seja, abraçarem-se às que vêm de novo, ou para se reconciliarem com alguma a quem tenham contristado. O que está muito bem! Recomendo-o, ainda que sintam amargura no coração. Oh! Santo abraço! Então, é permitido beijarem-se na face, mas nunca na boca.

Porém, no que respeita a pessoas de outro sexo, as Filhas da Caridade não devem suportar que as beijem ou que de qualquer maneira as toquem. — Como! Nem um irmão? — Não, nem mesmo o vosso pai. Vêde como têm motivos para louvar a Deus de se encontrarem numa Companhia que seguramente conduz a pessoa, que vive segundo as suas regras, a uma grande santidade. Amem as vossas regras e agradeçam a Deus a graça que lhes concede de as ouvirem explicar. E, se reconhecem ter caído em falta, confessem-se, resolvidas a emendarem-se. Procedendo assim, minhas Caríssimas Irmãs, não existe motivo para que invejem a vida das religiosas e podem esperar que Nosso Senhor as tomará sob a sua protecção.

Peço a Nosso Senhor que vos faça esta graça. Ó Salvador! Ó Virgem Santíssima! É com todo o coração que Vos peço a graça de estarem as nossas Irmãs animadas do espírito que lhes é necessário, a fim de seguirem os conselhos que acabam de receber e de se lembrarem frequentemente da santidade das suas regras. Salvador das nossas almas, que reunistes estas boas jovens de diversas terras para levarem uma vida tão perfeita e muito semelhante à que levastes na terra, imprimi no coração das nossas Irmãs a santidade dos avisos que hoje receberam. Santíssima Virgem, que fostes tão casta e tão modesta, fazei que as nossas Irmãs pratiquem estas virtudes. Iluminai, Senhor, o seu espírito das verdades que acabo de expor, no momento em que em Vosso nome, eu pronunciar as palavras de bênção.

88 — CONFERÊNCIA DE 2 de DEZEMBRO DE 1657

### SOBRE A OBEDIÊNCIA

*(Regras Comuns, art, 20, 21 22, e 23)*

Explicámos até agora as vossas regras até à 19; é mister agora vermos a 20, porque, sem dúvida, estais persuadidas que aqueles que precisam de atravessar o mar necessitam dum barco que os leve ao porto do destino e não se expõem ao mar sem um piloto que os governe. Assim, minhas Caríssimas Irmãs, as Filhas da Caridade que quiserem passar o mar tempestuoso deste mundo e chegar ao porto de salvação, devem ter um barco, que não é outro senão as vossas regras, a prática das virtudes necessárias às Filhas da Caridade e em especial o grande cuidado de trabalharem na própria perfeição.

É este, minhas Irmãs, o meio de navegar com felicidade, e digo com felicidade, porque, se quiserem ser felizes neste mundo e no outro, hão-de observar as vossas regras; e ficai certas que é este meio mais eficaz para se salvarem. Mas também, não querem submeter-se aos usos da Comunidade e não observarem as regras, é querer passar o mar sem navio. Imaginai uma pessoa que se mete ao mar desta forma; como passá-lo sem naufragar? Assim, o meio para atravessar o mar deste mundo sem perecer, é a observância das regras que ensinam a maneira de servirem a Deus, de viverem no Seu amor, e de serem gratas aos olhos da Sua Divina Majestade. E ao amor de Deus segue o amor do próximo, amor consolador, compassivo e delicado com todos por amor de Deus. Isto mandam as vossas regras. Fazei assim e alcançareis

todas as virtudes necessárias às Filhas da Caridade porque as vossas regras compreendem todas as virtudes contidas nos mandamentos da lei de Deus e nos Conselhos evangélicos. Assim, a virtude que tem por fundamento a palavra de Deus, não perecerá nunca. Convém, pois, esse alicerce e persuadir-vos desta verdade: se observar as minhas regras, chegarei à perfeição que Deus me pede, mas se as guardar sentirei grande dificuldade em praticar a virtude; poderei trabalhar, falar, comungar e rezar muito bem, passar por uma boa Filha da Caridade, tudo isso de nada me servirá. Se eu não guardar as minhas regras serei toda a minha vida uma inconstante sem firmeza, e tão pouco ama a vocação que à menor dificuldade, deixa hoje de ser o que foi ontem. E queira Deus que no outro mundo não encontrem cerrado o paraíso por não haverem aproveitado os meios que, para isso, Deus pôs à sua disposição.

Haveis de persuadir-vos disto, Caríssimas Irmãs, para que Deus continui derramando as Suas graças sobre a Companhia e a mantenha, sendo certo que nas casas religiosas e nas Comunidades em que se não guardam as regras, só há desordem e confusão.

Vejamos a vigéssima Regra: Honrarão e obedecerão ao Superior Geral da Missão como Superior e Director geral que é da Companhia e àqueles em quem tenha delegado para o substituir, a Superiora e na sua ausência a Irmã assistente e as Conselheiras da casa, em tudo que respeite os seus officios, etc.

A obediência tem diversos gráus, mas antes de tudo quero dizer-vos: Com que fins pensais que Nosso Senhor vos deu a todas a mesma Regra? Para que todas tenham um mesmo coração, uma mesma opinião, uma mesma vontade e que todas tenham a um mesmo fim. Assim, a Companhia representa a unidade da Santíssima Trindade. O que é que mantém e faz a união entre o Pai e o Filho? É, caríssimas Irmãs, porque o que quer o Pai, o Filho o quer. O que une perfeitamente estas duas Pessoas divinas, produz a terceira que é o Espírito Santo. É isto o que faz o Paraíso. Não há paraíso sem esta divina união. Mas, como diz o bemaventurado bispo de Genebra, se na Trindade não existisse a união, que haveria nela digno de amor? Quem produz esta união? A santa condescendência á Vontade do Pai; e o amor recíproco entre o Pai e o Filho produz o Espírito Santo que é igual ao Pai e ao Filho. E, porque as Três Pessoas da Santíssima Trindade são iguais em todas as coisas, é fácil a união. Porém, afim de haver união entre pessoas desiguais, é necessário que uma diminua e que a outra se eleve, quer dizer, que uma tenha o poder constituido em autoridade e que a outra se submeta, daqui vem, haver superiores e inferiores. E como é mister que se unam, é ne-

cessário que um desça e que o outro se eleve. Por exemplo, um padre deve submeter-se ao pároco, este ao bispo e todos ao Papa. Sem isto, os assuntos da Igreja não iriam bem. Porquê? Porque numa Comunidade não há união, se os membros dela não estiverem sujeitos aos Superiores; a ordem não poderia existir. Desde que Deus quer unir estes dois extremos, manda que os Superiores desçam, tanto quanto possível, até aos inferiores, e, por isso, todo aquele que é dócil e submisso aos Superiores contribue para esta união! Oh! Caríssimas Irmãs, como são felizes as almas que assim procedem. Elevam-se dia a dia em virtude. Sim, as almas que são submissas, que nada querem fazer segundo a sua vontade, procedem em tudo como os Superiores lhes mandam, considero-as já bemaventuradas neste mundo, porque não têm outra vontade senão a de Deus, que lhes é manifestada por meio dos Superiores. É porque não vêem o que lhes dizem os Superiores, como ordens suas, mas como vindas de Deus, que manda por sua boca o que lhes ordena, como ouviram deste Pai, que, por meio das regras, diz aos Superiores: «Quem vos houve, a Mim houve, e quem vos obedece, obedece-Me; mas quem vos despreza, Me despreza». (S. Lucas X, 16). Mas, Senhor, sois Vós realmente a mandar por meio desta pessoa? Sim, sou Eu, e não é o Superior ou a Superiora que desprezais. Quando não tendes em conta o que vos dizem, é a Mim, em vão, que desprezais; não ofendeis a quem resistis, mas sou Eu que recebo o que lhes é feito com esse desprezo.

São estas, Caríssimas Irmãs, as vantagens que resultam para a alma em estado de submissão, porque obedecendo aos Superiores, é ao próprio Deus que obedece; além de que, quando obedece, não procede mal. Quem manda pode enganar-se, o que não sucede àquele que obedece. Tudo que é feito por obediência, redundando em proveito próprio, proveito que será tanto maior quanto maior fôr a coisa em si mesma. É ouro, e se à boa obra se junta a santa obediência, anexa-se-lhe, então, pedras preciosas. Já vestes um vestido valioso recamado de ouro? Ah! Que lindo e resplandecente! Mas se nele collocarem pedras preciosas, esmeraldas e rubis, quanto não aumentará o seu valor?! Minhas Filhas, toda a acção feita por obediência põe um diamante no vestido de que acabo de falar. Tudo que se faz é ouro! Mas ouro realçado por pedras preciosas que lhe comunicam um brilho que deslumbraria o olhar se pudesse ser visto.

Ah! Salvador! Como são felizes, as Irmãs e eu, de vivermos num estado em que tudo o que se faz é ouro! Se quisermos, basta só obedecer e acrescentaremos às acções já de si boas, um brilhante com um realce maravilhoso aos olhos de Deus; é o que faz a pessoa obediente.

Há outras que, ao contrário, nada podem fazer por obediência. Sim, porque, cheias de orgulho, desde que se faz alguma coisa contra a sua opinião, ei-las a murmurar. Mas há também outra que só estão contentes a obedecer e que não sabem fazer nada sem ordens superiores. A quem compararemos estas duas Irmãs. Uma que nada faz senão por obediência e outra que só acha bem o que é feito segundo a sua opinião. Podemos comparar a primeira a Nosso Senhor que prestou obediência contínua a Deus Seu Pai até à morte da Cruz. E, a outra a quem a compararemos? Ao demónio! Porque este só procede da sua cabeça. Não, minhas Irmãs, o demónio não quer submeter-se a quem quer que seja, nem a Deus, nem aos homens, nem sequer aos seus semelhantes. E a Irmã assim agarrada ao seu próprio parecer, não se submete a ninguém. Não é assemelhar-se ao demónio?

Vós, a quem quereis assemelhar-vos? Se o vosso espírito é desta espécie, se censurais as ordens dos Superiores e dizeis: «Não comprehendem; se o Padre Vicente e a Senhora Le Gras comprehendessem bem isto, não mandariam isto assim.» Ó minhas Filhas, tomai cuidado com o espírito que vos leva a proceder assim. O verdadeiro obediente considera sempre bom o que lhe é mandado. Depende, pois, de vós a escolha do que deveis seguir.

Vede minhas Irmãs, falo familiarmente. Quando Deus me chamou para casa da senhora do General das Galeras, considerava-o a ele como Deus e à Senhora como a Santíssima Virgem. Se me mandavam alguma coisa, obedecia-lhes como a Deus e a Nossa Senhora e não me lembro de ter recebido as suas ordens senão como vindas de Deus, quando me eram dadas pelo Senhor General, e da Santíssima Virgem quando me eram transmitidas pela Senhora. E, não me lembro, pela graça de Deus, de ter feito outra coisa. Ouso até dizer que, se aprouve a Deus dar alguma bênção à Companhia da Missão, foi decerto em virtude da obediência que prestei ao Senhor General e à sua Esposa, e ao espírito de submissão com que entrei na sua casa. Glória a Deus, e a mim, a humilhação.

Sei que devemos ver Deus na Superiora e nas Conselheiras, e obedecer-lhes, mas, dirá alguma, será necessário obedecer à Irmã Servente que me fôr dada numa paróquia? Não bastará obedecer aos Superiores, aos confessores e Conselheiras da Casa? — Minhas Irmãs, não basta obedecer a duas ou três pessoas; é preciso obedecer a todos os que tiverem autoridade sobre vós. Deveis obedecer à Senhora Le Gras como a Deus e a todas as Conselheiras eleitas para vos instruírem e ainda a todas as pessoas superiores a vós.

Mas, devo obedecer ao pároco, onde sirvo os Pobres? — Sim,

minha Irmã, como a Deus, em tudo que respeita aos Pobres.

— Como?! Então devo obedecer a uma jovem que está na Companhia apenas há dois ou três anos? — Sim, assim deve ser! — Mas se nem sequer tem o espírito da Companhia! — Ah! Minha Filha, não é a ela que obedeceis, é a Deus, que vo-la deu para que conheceis a Sua Vontade.

Também é necessário obedecer ao médico? — Sim, também é preciso executar exactamente as suas receitas. — Mas, o médico manda-me sangrar uma pessoa que vai morrer. — Minha Irmã, é preciso obedecer-lhe. E, no caso de haver mudança no estado do doente desde que ordenou a sangria ou receitou o remédio, devem procurar informá-lo, porque a não ser isso, é necessário, minhas Irmãs, fazer o que o médico mandou, a não ser que succedesse, como disse, algum grave acidente, como quando o doente tem uma síncope; neste caso, pode-se perguntar ao médico o que convém fazer. Mas fora disto, não se deve fazer de maneira diferente que o médico indicou.

Devo também obedecer às Senhoras em tudo que se refere ao serviço dos Pobres. — Mas as Senhoras mandam tanta coisa! Queriam que estivéssemos ao mesmo tempo em quatro lugares diferentes e que depois de termos levado as porções, fôssemos fazer o que elas querem. — Não digo, minhas Irmãs, que se faça o impossível, mas é necessário procurar dar-lhes satisfação. Digo isto, para que se houver alguma que nas paróquias pretenda dar-se arcos de importância, pondo de lado a Senhora para seguir a sua fantasia, sem se importar com as ordens recebidas, minhas Irmãs, se tal acontecer é um grande mal. Aquela que se sinta inclinada a proceder assim, que se acautele. Não creio que isto possa ser, mas já aconteceu. Oh! Minhas Irmãs, que tal se não faça mais, porque é a ruína da caridade. Como quereis que as Senhoras continuem a fazer bem aos Pobres se as contristais e se as não estimulais com o auxílio que lhes deveis. É preciso, pois, minhas Irmãs, obedecer a todas, mas, compreende-se, no que diz respeito ao seu officio: Ao pároco como ao pároco, ao médico como ao médico, às Senhoras como às Senhoras, aos Superiores como aos Superiores. Assim, o que acontece? É que juntareis á vossa acção uma linda pedra preciosa. Sim, uma acção feita por obediência, pelas Filhas da Caridade, é um raio de luz que chega ao Céu.

Digo ainda mais, que a menor acção feita deste modo, merece mais ser recompensada que tudo o que se faça sem ser por obediência. Seja o que for, feito por obediência, junta a essa acção um raio que vai até Deus, que a faz ser vista pelos bemaventurados, como se dissesse: «Vêde, como esta Irmã Me serve e como

procura só agradar-Me em tudo o que faz.» Ah! Minhas Irmãs, que felizes sereis, se procederdes assim! E que acontecerá? A vossa Companhia será um paraíso quando estiver unida às Superiores e às Irmãs Conselheiras. Deus não tem maior prazer no Paraíso, se fosse possível recebê-lo do exterior, do que ver uma Companhia nestes sentimentos pois o que agrada a Deus é a união. E, quando o Filho se fez Homem foi para obedecer ao Pai, de maneira que, se obedecerdes como convém, conservareis a união e Deus olhar-vos-á com satisfação. Mas, se quereis dar-vos ares de importância, só fareis pena aos outros e muito mal a vós mesmas.

Considerai, pois, em que estado vos encontrais, se tendes o espírito de vaidade que só procura mandar. Humilhai-vos diante de Deus. É um estado tão infeliz! Pedi ao Senhor que vos faça sair dele, porque estais mortas à Sua Graça e porque é um estado do demónio que nunca quer obedecer. Quereis ser semelhantes ao demónio? Que Deus vos preserve, minhas Filhas! No entanto, é a vós que compete escolher com quem quereis parecer-vos.

A obediência que se vos pede é a do entendimento, quer dizer que é necessária a submissão do juízo ao que é mandado e que se creia ser bem mandado o que a Superiora, Conselheira ou Irmã ordenaram.

Mas, não poderão elas enganar-se? — Quando obedeceis, fazeis sempre a vontade de Deus. Os Superiores podem enganar-se, mas vós ao obedecer, nunca. Considerai o motivo que tendes de louvar a Deus por vos ter dado uma regra, cujo fim é levar-vos a obedecer da maneira mais perfeita, que é pela submissão do juízo. Não deveis nunca ver se aqueles que vos mandam têm razão para o fazer. Uma outra coisa, é que se acontecesse enganarem-se no que vos mandam, quem obedece não perde o mérito da obediência como se fosse ordenado por Deus. Não façais qualquer juízo sobre as coisas que vos são mandadas.

Há aquelas que obedecem bem, quanto à vontade, mas não submetem o entendimento. «Pois bem! dizem, quereis que eu faça isto; fá-lo-ei, mas parece-me que seria melhor de outra maneira. Minhas Irmãs, que maneira infeliz de obedecer. Se é assim que obedeceis, é à maneira do inferno que se submete a Deus, à força. Não basta só obedecer, mas é necessário fazê-lo de boa maneira, e submeter-se ao que é mandado, de boa vontade, e dizer com coração alegre: «Sim, Senhor, (ou senhora) fá-lo-ei.»

Para ser verdadeiramente obediente é preciso fazer-se o que é mandado como é indicado, à hora fixada, sem atraso, obedecer toda a vida e em todas as coisas. Ah! esta é a perfeição da obediência, porque não se deve dizer: «Quero fazer bem isto, mas

não aquilo.» Isto nunca se deve dizer a não ser que seja má, a coisa em si. É necessário, em tudo que vos diz respeito, a óptima harmonia que existe na Companhia, composta, em verdade, de pobres jovens, mas harmonia que é admirada por todos que a conhecem e que vai até ao Céu. Minhas Caríssimas Irmãs, que vos parece? E, o coração não vos diz que é um paraíso, uma Companhia onde a obediência é tão bem observada e que, ao contrário, é um inferno, onde ela não é respeitada. Peçamos a Deus que vos conceda a graça de obedecerdes bem aos Superiores, e eu aos meus, porque também tenho os meus superiores, assim como vós tendes os vossos, às inspirações que recebemos da Sua Bondade para isso.

Mas, Senhor Padre, gostamos de obedecer a uma pessoa que tem espírito, um ar agradável e que sabe bem o que faz. Mas a uma que não é nada disto, que nos é inferior, sem experiência e que é de humor enfadonho. Se não fosse isto, obedecer-lhe-ia de todo o coração. — Minhas Irmãs, não olhemos ao que ela é, mas Deus que está nela. Que vos baste ser-vos dada por Deus para Superiora.

*com* Vejamos o vigésimo primeiro artigo das vossas regras. «No que respeita ao serviço dos Pobres, prestarão honra e obediência aos Senhores Administradores dos Hospitais onde se encontrem estabelecidas, às Senhoras das paróquias, principalmente às Irmãs Conselheiras e também aos médicos, executando, pontual e fielmente, as receitas. As Irmãs doentes devem obedecer também à enfermeira e ao médico, em tudo que se refere ao seu officio.»

Os Padres Jesuitas têm isto entre si. Quando vêm que algum não obedece ao médico consideram-no de humor pouco tratável e embora seja considerado muito virtuoso, humilham-no muito. E, isto compreende-se bem.

Agora a vigésima segunda regra: «Sendo mandadas para qualquer paróquia para ali fazerem o serviço dos Pobres doentes, irão pedir a bênção aos párocos, que a devem receber de joelhos. «Fazeis isto, minhas Irmãs?»

A Senhora Legras respondeu que sim, quando iam primeira vez a uma paróquia servir os pobres, mas como as Irmãs mudam muito, as que iam em substituição, nem sempre procediam assim. Algumas Irmãs deram a mesma resposta.

Minhas Irmãs, respondeu S. Vicente, habituai-vos a esta prática e dedicai-lhe um grande respeito. Quando vos disserem: «Minha Irmã, há um doente em tal lugar que é preciso visitar.» Dizei: «Vou vê-lo, Senhor.»

A vigésima terceira regra diz: «Terão, também, um grande respeito a todos os eclesiásticos, quem quer que eles sejam, mas

particularmente aos que lhes forem dados para as dirigir e para confessar os pobres, considerando-os todos, em todos os tempos e em todos os lugares, com a mesma veneração como se estivessem no altar, submetendo-se às suas ordens e conselhos, em tudo que não é pecado, nem contrário à regra e práticas ordinárias da Companhia, nem contra a intenção dos Superiores.»

É isto que deve ser, minhas Irmãs; não devem ver os Padres como homens, mas como medianeiros entre Deus e nós. Se os virem assim, não temam qualquer mal. Examinai e vêde o que diz a vossa regra: «Obedecei-lhe em tudo que não é pecado, nem contra as regras». S. Paulo dizia que, se um anjo dissesse para se fazer alguma coisa que fosse pecado, não se devia fazer. Também, se alguém mandar proceder contra as vossas regras, não lhe deis crédito, quem quer que seja, confessor ou outro.

Mas se for um religioso: — Quando for um religioso, não podeis, na mesma, fazer nada contra as regras, nem contra a intenção dos Superiores. Como poderá um religioso, que não vos conhece saber o que é próprio a uma Filha da Caridade, se Deus não o chamou a isso? ! Poderá dizer-vos lindas coisas, mas não serão úteis. E os conselhos que vos der segundo a sua maneira de ver, não serão de Deus. Há acaso membros que recebam espírito e vida se não estiverem unidos aos corpos? Ora, como um membro recebe a vida que lhe é transmitida da cabeça, minhas Caríssimas Irmãs, uma pessoa da Comunidade não pode receber nem espírito nem vida, senão dos Superiores.

Oh! Deus seja louvado! Faz-se tarde. Razão por que não falaremos mais. Entretanto, minhas Irmãs, demos graças a Deus e considerai esta lição como dada por nosso Senhor pela minha boca, ou antes pela Sua. Observai-a porque Ele vos deu disso o exemplo. Se sentis a disposição de obedecer como foi dito, agradecei a Deus, como uma graça excepcional, e as que não podem obedecer, e só acham bem o que fazem pela sua cabeça, humilhem-se diante de Deus e digam: «A quem é semelhante o meu espírito? Ao demónio que não sabe obedecer.» Ah! Salvador! É grande motivo para se afligir e gemer! Peçam a Deus a graça de entrarem no espírito de obediência, na observância das regras. Pedí este espírito a Deus, minhas Filhas, e trabalhai para isto; assim, fareis desta Companhia um retrato da Santíssima Trindade. Assim será, minhas Irmãs, se se conformarem à vontade dos Superiores; da nossa parte faremos o que pudermos para condescender com os inferiores. É o que compete a uma Irmã fazer a respeito de outra Irmã.

S. Paulo referindo-se aos Superiores para com os inferiores quer que os consideremos como Superiores. «Obedecei, diz ainda,

aos vossos Superiores. (Epist. aos Hebreus XIII, 17). Vivereis o espírito de Nosso Senhor, se assim fizerdes. Doutra maneira, vivereis como o demónio, estareis divididas, haverá desregramento e discórdia, porque, diz o Evangelho: «Todo o Reino dividido entre si, será desolado, e caírá casa sobre casa.» (S. Lucas XI, 17) Considerai as Irmãs antigas que vos deram tão lindos exemplos da prática destas virtudes. E, assim a Companhia, já em tão bom odor, irá sempre aumentando de virtude em virtude.

Enfim, minhas Filhas, o que posso dizer-vos sobre a estima que é dispensada à Companhia, é que não se passa uma semana que não nos peçam pobres Filhas da Caridade. Ainda há pouco no-las pediram para dois lugares, onde propõem um grande bem a fazer. Foi Sua Excelência Reverendíssima o arcebispo de Tolosa, e o outro parece-me que de Bayonne. Qual é a causa disto? Não conheço outra que não seja a obediência existente na Companhia até ao presente.

Salvador das nossas almas, que tanto amais a santa obediência, que preferistes perder a vida, do que faltar a ela, formastes uma Companhia para continuar a vossa obediência, concedei-lhe esta graça, Senhor, se quereis que ela a Vós se pareça. Se uma jovem, oferecer as maiores vantagens, o melhor espírito, e o mais apto a fazer tudo, que consiga realizar tudo que empreende, se lhe faltar a obediência, não é uma Filha da Caridade, mas uma soberba, e queira Deus que não venha a perder a vocação com todo o seu lindo espírito.

Santíssima Virgem que declarastes no Vosso cântico, que foi pela Vossa humildade que Deus fez em Vós grandes coisas, alcançai à Companhia a graça de Vos imitar, porque obedecer é praticar a humildade. É meu Senhor e meu Deus, a graça que Vos peço com toda a ternura do meu affecto. Esperamos que, por vossa intercessão, as nossas Irmãs, ajudadas pelos seus bons anjos, trabalharão na prática do que acabamos de dizer. De tudo isto, minhas Irmãs, podemos concluir que os bemaventurados são os que foram obedientes, e que os infelizes são os que não quiseram obedecer. Mas, bemaventurados também, são os que não têm sido obedientes, mas querem vir a sê-lo.

89. — CONFERÊNCIA DE 9 DE DEZEMBRO DE 1657

**SOBRE A MORTIFICAÇÃO, A CORRESPONDÊNCIA,  
AS REFEIÇÕES E AS SAÍDAS**

*(Regras Comuns art. 24, 25, 26 e 27)*

Vamos explicar hoje a vigésima quarta regra. Começa assim : «Ainda que os contínuos trabalhos das Filhas da Caridade lhes não permitam fazer muitas penitências e austeridades corporais, poderão, contudo, alguma vez, praticar algumas ; mas terão de obter licença da Superiora nas coisas ordinárias e do Director, nas extraordinárias. etc.»

Minhas Irmãs, a vigésima quarta regra que acabamos de ler, diz que, ainda que seja muito trabalhosa a vossa vida, e por isso, causa de bastante sofrimento, tanto pela vida que levam como pelos pobres a quem servem, todavia não impede que usem algumas vezes, mortificações exteriores. Ora, estas consistem, em muita coisa penosa ao corpo ; são os meios de mortificação. Por exemplo ; dormir no chão, usar camisa de tecido grosseiro, tomar disciplina e tudo o mais que possa mortificar o corpo ; são coisas que os cristãos devem fazer, cada um segundo as suas necessidades.

O bemaventurado bispo de Genebra era no mundo o homem mais complacente e mais amável, porque aceitava todos os conselhos que lhe davam e, no entanto, ordenou às Filhas de Santa Maria que tomassem disciplina todas as sextas feiras, o que ele também fazia. Vêem-se ainda cheias de sangue as disciplinas de que se servia.. Os reis que também temem a Deus não se julgavam dispensados da disciplina, embora sejam reis. O Imperador Carlos, bisavô da nossa Rainha, que Deus conserve, tomava disciplina ; conservam ainda no tesouro da Espanha, uma das camisas do tecido grosseiro de que se servia, e que consideram como objecto precioso. Este Imperador usava destas mortificações porque se considerava pecador e acreditava que os pecados nos tornam devedores para com a justiça divina. Razão que o levava a castigar-se a si mesmo para o não ser no outro mundo.

S. Paulo diz a este respeito : «Se nos julgássemos a nós mesmos (fazendo penitência) não seríamos com certeza julgados. (Primeira Epíst. aos Cor. XI, 31) quer dizer, se nos castigarmos a nós mesmos, Deus não nos castigará, porque é mister satisfazer à Justiça divina neste mundo ou no outro.

Está dito que o justo cai sete vezes ao dia (Prov. XXIV,16). É por esta razão, que as pessoas virtuosas devem dar-se a Deus ainda em vida para fazerem justiça por si mesmas. Se o fizerem, a Sagrada Escritura diz que Deus não pune nunca duas vezes; se nós o não fizermos, Deus o fará. Ah! Salvador, com este rigor serão castigados os que preferem fazer penitência no outro mundo e não neste. Porque, minhas Irmãs, se não mortificarmos o nosso corpo com jejuns, orações e outras penitências, como diz a Sagrada Escritura, é certo que morreremos. S. Paulo diz-nos: «Se viverdes segundo a carne, morrereis» (Epist. aos Romanos VIII,13). Não se referia à morte do corpo, mas à morte eterna.

Que dizeis, Senhor? Que se não fizermos penitência, nos condenaremos? Minhas Irmãs, digo terminantemente, se seguides os prazeres da carne, morrereis. Realmente se alguém se der a esses prazeres; às honras, às suas satisfações, cairá de pecado em pecado, e por fim perecerá. Mirhas Irmãs, curvemo-nos diante de Deus e condenemo-nos; convençamo-nos que se não nos mortificarmos, morrereis. Isto não significa a morte natural, mas a morte eterna. Que cada um de nós diga intimamente: É preciso que eu me mortifique e que aqui sofra a pena. Seja esta a nossa preocupação. Não o quereis assim, minhas Irmãs, se S. Paulo o diz e o próprio Filho de Deus o praticou? Bem sabeis que estava continuamente em oração e mortificação, não quanto à vontade, visto que era Senhor absoluto de todas as coisas, mas quanto à mortificação dos sentidos, levando sobre si os sinais de penitente, o que levou S. Paulo a dizer: «Trago sempre no meu corpo a mortificação de Jesus Cristo» (Segunda Epist. aos Cor. IV, 10). É mister, bem o vedes, ou fazer penitência ou arrastarmo-nos sempre com as mesmas imperfeições, sem nunca nos assemelharmos em nada a Nosso Senhor. Quando assim acontece, há lugar para pequenas frivolidades, para pensarmos na nossa terra, coisas que trazem consigo a imortificação interior. Olhai, minhas Irmãs, as que se mortificam como devem, andam longe disto! Não pensam senão em dar-se a Nosso Senhor, não vacilam, porque sabem que a mortificação é o meio de se manterem firmes em Deus pela prática de actos de justiça.

Dirá alguma; «Senhor, temos de subir escadas muito altas e além disso, muito carregadas!»

Minhas Irmãs, conta-se que a Princesa <sup>(1)</sup> ao visitar os doentes subiu um dia oitenta degraus e que ao voltar, o vestido que trazia estava tão enlameado, que os seus ficaram admirados. Quem

---

(1) A Mãe do Ilustre Condé.

pensais que a moveu a isto? O conhecimen o de que é necessário fazer penitência.

A vida do Filho de Deus não nos diz outra coisa. Enquanto esteve na terra mortificou-se no beber, no comer, no vestuário, no deitar e em todas as coisas. São todos estes actos de penitência que deveis fazer, se desejais ser verdadeiras Filhas da Caridade, e filhas do Pai da penitência que é Nosso Senhor. Podeis, em meio dos vossos grandes cansaços, oferecer as vossas tribulações a Nosso Senhor, em espírito de penitência. Oferecer-lhe por exemplo a mortificação de servir os doentes nos frios ou calores intensos, para dar satisfação a Deus pelos vossos pecados. É uma boa penitência, minhas Irmãs.

É isto que respeita a esta regra no exterior, porque há penitência ou mortificação exterior e interior. Falámos agora da primeira. Resta-nos ver o que é mortificação interior. Minhas Irmãs, refere-se às paixões dos sentidos interiores e também exteriores, e estas mortificações são as principais. Assim a mortificação interior deve começar pelo amor, porque é a primeira paixão. São onze, mas é o amor que ocupa o primeiro lugar. Por exemplo, certas Irmãs amam, uma paróquia, determinados exercícios de piedade mais do que outros. Quando sentirem affecto por estas coisas, é o amor.

Como pode ser, dirá alguma, abominável, o amor, nestes casos? — Sabeis que tudo o que atrai para a criatura, fora do amor de Deus, nos leva ao pecado. Se tivermos affecto a um vestido a uma cama, a uma paróquia ou a uma Irmã, em tudo isso devemos mortificar-nos, ainda que pareça coisa sem importância; e se não nos procurarmos desprender-nos enquanto estivermos na graça de Deus, ficaremos em perigo de cair em grandes pecados, porque aquele que despreza as pequenas coisas, fàcilmente cairá nas grandes.

Conheci uma Senhora que só gostava de um cãozinho, e o amava com paixão. Numa viagem em que ele a acompanhava, morreu. Ei-la em altos gritos a chorar á perda do cão, dizendo: Quem virá receber-me quando chegar a casa, se morreu o cão que era a minha distracção?! Pobre criatura! Como suspirava no seu carro! Porquê? Por um cão. E a dor era tão grande que pensava perder o juízo. Os médicos aconselharam-na a emprender uma viagem, só para se distrair. Ó meu Salvador! Em que perigo não estamos, se o amor por uma insignificante criatura faz isto! Acautelemo-nos, minhas Irmãs, em mortificar esta paixão e logo que conheçamos em nós affecto a alguma coisa, procuremos diminui-lo. Se assim o fizerdes passará o amor que consagrais a uma Irmã ou a um lugar! Não dedicando afeição a

essas coisas, só pensareis em Deus, em conseguir o Seu amor, e em consagrar-lhe o vosso, porque, sabeis, que o amor de Deus é incompatível com o das criaturas, quando este é desordenado. Se amais alguém, tê-la-eis sempre presente, ainda que esteja ausente. Dais-lhe o vosso affecto e deixais só o Vosso Criador. Logo que tenhais affecto a alguma coisa, procurai immediatamente os meios de o mortificar. Declarai-o ao Superior, à Senhora Le Gras, dizendo: «Julgo meu dever dizer que sinto uma forte afeição por tal coisa; aconselhai-me o que tenho a fazer.»

Há também um sentimento de aversão que leva a detestar um lugar, algumas Irmãs, ou algum emprego que não agrada. Assim que estejamos atingidos por esse sentimento, é necessário mortificá-lo, porque admitir em nós essa disposição, é consentir no demónio, que atormentará constantemente o nosso espírito. Olhai, por exemplo, uma jovem que se compraz em pensar: «Mandam-me para aquele lugar, mas eu faria melhor noutro, onde as Senhoras estimam muito as Irmãs. Mandam-me fazer isto, mas eu sou mais indicada para fazer outra coisa. «Porque o emprego não é do seu gosto, desagradam-lhes o lugar. Ah! Minhas Irmãs, não conheço nada mais deplorável, que desejar officios diferentes dos que tendes. Se algumas das Irmãs pretender empregos superiores, por exemplo, o lugar da Superiora, declaro que está em vias de se perder, porque é o espírito de orgulho que a faz desejar elevar-se; é o demónio que a leva a isso, porque nunca se querem as honras que não se seja levado a isso pelo demónio. Ao contrário, o espírito de Nosso Senhor procura sempre apagar-se. Fixai, pois, minhas Irmãs, que é próprio do demónio levar as criaturas a elevarem-se, e o Filho de Deus a humilharem-se. Razão por que toda a disposição de não desejar cargos ou empregos que possam proporcionar estimas, é inspirada por Jesus Cristo e quem sentir ao contrário, deve temer o espírito do demónio. Pode ser, que alguma tenha sido atormentada desta maneira; se assim for, tremei e pedi a Deus que vos dê o espírito de Nosso Senhor que nos faz sempre desejar ser os últimos, e é próprio do demónio fazer querer o primeiro lugar.

Também é necessário vencer o desânimo que convence da impossibilidade de mortificação no que quer que seja, pela experiência que há da própria fraqueza.

Por isso, é necessário mortificar a esperança quando nos faz esperar vantagens da parte das criaturas. Ah! Salvador! Esperança nas criaturas! Minhas Irmãs, tenhamos muita confiança em Deus, mas desconfiemos da esperança que se apoia nas criaturas.

Isto no que se refere às paixões. Vejamos, agora, como devemos mortificar os sentidos exteriores.

Primeiramente, a mortificação da vista. não olhando para o que pode levar a ofender a Deus. E até, quando se queira ver alguma coisa, mesmo lícita e não necessária, devemos dizer a nós mesmos: «Meus olhos não vejam isto». Demos graças a Deus. Peçamos à Santíssima Virgem que Lhe dê graças por nós, pela modéstia que se dignou conceder aos nossos olhos. Continuai, minhas Irmãs, nesta prática. Dir-vos-ei o mal que observo, mas também quero dizer o bem. A todas que tenho encontrado na cidade, tenho-as visto sempre muito modestas, a umas mais, a outras menos. Só me recordo de duas que me desedificaram. Vêde como conto o bem que fazeis, mas também o mal, porque assim é meu dever.

Ora, o que é preciso fazer? Antes de tudo imitar as que se distinguem na mortificação. Há, presentemente, a mortificação do ouvido, do gosto, do olfacto, do tacto, a mortificação da entendimento, abstando-se da curiosidade de saber como as Superiores e as Conselheiras se conduzem no governo da casa. Há pouco, falei do assunto e volto a repeti-lo. Nunca se deve julgar o que os Superiores ordenarem. Quando os subditos se entretêm a criticar as ordens dos Superiores, é um grande defeito e não conheço nada mais prejudicial. Primeiro, deve-se obedecer com o entendimento, submetendo-se ao que é mandado, e, principalmente, obedecer em absoluto como se manda e propõe. Quando a Irmã Servente manda alguma coisa, é mister fazê-lo como ela o disse. Se deu alguma ordem, crer que o que manda está bem e se há-de executar como o entende. É esta a maneira de se submeter às ordens dos Superiores. Se a que manda é Conselheira, a Irmã deve fazer o que ela diz; se é Superiora, toda a Comunidade há-de submeter-se ao seu parecer. E se houvesse alguma tão insensata que quisesse saber se a Superiora tem razão para ordenar tal coisa, seria uma loucura julgar que poderia governar melhor que as escolhidas por Deus para isso e sobretudo na Companhia das Filhas da Caridade que deve ser uma Companhia de obediência e de humildade. Dêmo-nos bem a Deus, minhas Irmãs, para cumprirmos bem isto. E, ainda que a natureza resista, quando sentirdes o desejo de criticar as disposições dos Superiores, reprimi-os prontamente.

Ha-de-se também mortificar a vontade não só quando nos inclina ao mal, senão também nas coisas boas e de devoção, por exemplo, se apreciamos demasiado recitar tal officio ou tal oração. As Filhas da Caridade têm de estar dispostas a mortificarem-se sempre em tudo. Os olhos só devem servir para coisas necessárias.

A mortificação da língua ! É uma das principais mortificações. Um santo, creio que foi S. Tiago, diz que aquele que não refreia a língua, não tem religião. Epist. I, 26). As Santas regras dizem : «Persudir-se-ão que as mortificações exteriores, de pouco servirão, se não forem acompanhadas da mortificação interior, que consiste em recusar aos sentidos as satisfações que eles pedem e especialmente em conter a língua. Assim, a Filha da Caridade que não mortifica a língua não é Filha da Caridade.

É o que a regra nos ensina. Poderá ser que algumas se assustem um tanto, particularmente as que são condescendentes consigo mesmas. Como, dirão : «Mortificar-nos continuamente !» E, tende presente, que o exercício da mortificação não é difícil como parece, porque há mais consolação que dificuldade no exercício dela. Certamente que um dos maiores prazeres das almas boas é a mortificação ; gozam, então, de indizível consolação. Minhas Irmãs, experimentai ; gustate et videte, dizia David, (Salmo XXXIII,9) ; ponde em prática e vereis como é consoladora a mortificação, por sabermos que, por este meio, se agrada a Deus.

Parece-me ter-vos contado o que me foi dito, uma vez, por um religioso duma ordem muito austera :

«Estamos aqui, dizia a seus irmãos, para mortificar-nos e em vez de soffrermos, gozamos na mortificação.» Como pode ser isto ? Ah ! Irmãs, é que a mortificação ou privação do nosso gosto são acompanhadas do desejo de agradar a Deus. E esses actos feitos por amor de Deus, atraem as Suas carícias e consolações bem maiores que as que nos poderiam proporcionar as coisas de que nos privamos. Assim, não são dolorosas as mortificações. Não há maior consolação, que a de sabermos ter feito uma acção agradável a Deus. Sente-se, então, uma alegria e consolação tão grandes que nada há que se possa comparar, não é verdade, Irmãs ? As que se exercitam na mortificação podem confirmar o que digo ; as que ainda a não praticam, procurem fazê-lo e verificá-lo-ão.

Vamos agora à vigésima quinta regra : «Não escreverão, nem receberão cartas sem licença da Superiora a quem entregarão as que escreverem para que sejam enviadas ou retidas, como a Superiora entender.»

Significa isto que as Filhas da Caridade não podem escrever nem receber cartas, de quem quer que seja, sem as mostrarem à Superiora. É o uso entre nós. Há alguns que guardam as cartas dois ou três dias sem as lerem para que eu as veja ; nenhum escreve sem autorização e sem mostrar o que escreve. Não existe este uso só entre nós mas também em todas as Comunidades Religiosas porque para se governar bem uma casa é necessário

que o Superior tenha conhecimento de tudo. Assim fazem os Cartuxos, os Jesuitas, em Santa Maria e em todas as Ordens Religiosas. Justo é, pois, que guardem esta regra.

Se necessitam escrever, peçam primeiramente licença à Superiora, porque nunca a devem fazer sem o seu consentimento.

Isto não nos impede de escrever aos Superiores sem dar as cartas, a ler. Por exemplo, os que querem escrever-me das outras casas podem fazê-lo sem que sejam obrigados a mostrar as suas cartas aos Superiores do lugar onde se encontram e estes têm obrigação de mas remeter sem as lerem, ainda que lhes sejam entregues abertas. Não vos parece justo, minhas Irmãs, que os que estão sob a direcção dos Superiores possam ter licença de lhes escrever com toda a liberdade, visto ser deles que esperam consolação e conselhos que os ajudem. Por esta razão, todos os que querem escrever, não só aos Superiores da sua Ordem, mas até ao Papa, podem fazê-lo, sem mostrar as cartas ao Superior Geral da Sua Ordem e sem pedir licença a ninguém.

Regra 26.<sup>a</sup>: E, porque a sobriedade e a boa ordem que se guarda no comer contribui muito para a saúde da alma e do corpo, procurarão conformar-se com o regulamento que se observa na casa da Superiora, etc.»

Quer isto dizer, minhas Caríssimas Irmãs, que haveis de alimentar-vos da mesma maneira que ali se alimentam. É alimento muito semelhante ao dos pobres. E, por isso, devem considerar-se felizes por serem obrigadas pelas regras não só a servir os pobres, mas ainda a assemelharem-se a eles na alimentação. Devem acomodar-se no comer e no beber ao que se faz aqui, tanto na quantidade como na qualidade, como nas horas e lugares destinados às refeições; isto para impedir muitos abusos e inconvenientes que poderiam introduzir-se de outra maneira. Não se podem dizer os dissabores que produz a intemperança no comer e no beber, especialmente das que não guardam os votos que fizeram.

Faço mal de falar e dar como exemplo a Companhia; mas devo dizer que em nossa casa só se come carne de vaca ou de carneiro.

Regra 27.<sup>a</sup>: Não sairão de casa sem licença da Superiora a quem dirão onde vão e para quê.»

Claramente se diz nesta regra que as Irmãs, não podem sair de casa sem licença da Superiora e as de fora tão pouco hão-de sair sem dizer à Irmã Servente: «Parece-vos bem que eu vá a tal parte?» ou então: «Quereis que eu leve isto aos Pobres?» E a Irmã Servente antes de sair, para fazer o que é devido, dirá à companheira: «Irmã vou a tal parte.» E, tanto umas como as outras, no regresso darão parte do que fizeram. O Filho de Deus

dizia aos discípulos: «O que quiser ser o primeiro entre vós, seja vosso servo» (S. Mat. XX, 27), Não-de fazer o mesmo, tanto as Irmãs Serventes como as companheiras. E, como isto está esclarecido, não nos deteremos no assunto.

São estas as vossas regras, minhas Filhas; é o que Nosso Senhor vos pede e a toda a Companhia das Filhas da Caridade! Oh! Salvador! Que Companhia vereis. Haverá coisa melhor que a Companhia da Caridade? Quantos frutos produzirão as instruções e os exemplos das que observarem as Regras?! Como! Uma Irmã que faz tudo o que pode para modelar o seu coração pelo de Nosso Senhor e que deseja fazer todas as coisas necessárias para viver como verdadeira Filha da Caridade. Que bênção não deve esperar de Deus! Pensai como utilizará a Companhia se observardes as vossas regras. Mas quanto deveis temer se as não guardardes, Salvador! Como é culpado aquele que sabendo o que Deus quer dele, vem a portar-se mal e a faltar! Tem razão para temer se não persevera.

Minhas Irmãs, se alguma coisa agrada a Deus é certamente a observância das regras, porque estão compostas segundo o Seu espírito, do qual os Superiores as tomaram, pelo que se fazem a vontade de Deus que olha isso com agrado e vos concede novas graças, podeis crer que todo o bem que daí vem à Companhia, também reverte a vosso favor, resultante da observância das regras. Olhem, minhas Irmãs, há almas que consideram que se Deus pudesse receber honra e alegria além das que existem em Si mesmo, seria ver as almas que se comprazem de viver na observância das regras. Nada há que Lhe seja tão agradável pelo prazer que Lhe causam as almas que se Lhe deram para O servir. É isto se vê no Evangelho; se no Céu há alegria por um pecador que faz penitência, quanto maior razão não temos nós de crer que Deus se compraz de ver as Suas esposas procurarem agradar-Lhe pela observância das regras. O que aumentaria a Sua Glória, se ela pudesse ser maior. Mas tem gózos infinitos em Si mesmo e nada se pode acrescentar à glória que tem e que de Si mesmo recebe. Assim a que de nós recebe, redundando em nosso próprio bem.

Que as Filhas da Caridade se dêem a Deus para observarem as suas regras, por ser isto que mais agrada à Sua Bondade. Não só Deus se alegra ao contemplar o serviço que Lhe prestais, mas mostra-o aos anjos e aos Bem-aventurados. Ó Salvador das nossas almas, que consolação sabermos que a Deus agrada o que fazeis! Como é forte o motivo que tendes para amar a vossa vocação, sabendo que as vossas obras são agradáveis a Deus!

Minhas Caríssimas Irmãs, por todas estas considerações, decidi

servir os vossos doentes com toda a perfeição possível. Que felicidade só querer agradar a Deus, desprezar todas as comodidades que se poderiam ter e reputar por nada quanto se refere ao mundo, como devem fazer as boas Filhas da Caridade! Continuai, pois, minhas Irmãs, de maneira que a Companhia vá sempre em aumento, e aperfeiçoando-se cada vez mais na graça de Deus preste grandes serviços a Nosso Senhor pela observância das regras.

Suplico à Divina Bondade que tenha por agradável o serviço que prestais aos Pobres e se digne tomá-lo como feito a Si mesmo, e dou muitas graças a Deus por todas as bênçãos que derrama nos trabalhos que prodigalizaís tanto aos corpos como às almas dos vossos pobres doentes. Ó Senhor, abençoai-as em tudo que fizerem. São estes os meus votos, e peço a Nosso Senhor que vos ilumine sobre o valor que a observância das Santas Regras deve ter para as Filhas da Caridade. Já sabem, que não é necessário mais para serem santas. Já outras vezes vos disse que o Papa Clemente VIII era o que pedia para canonizar uma pessoa.

Ó Salvador da minha alma que, desde toda a eternidade, prescrevestes regras: O Pai gerando o Filho e o Filho produzindo o Espírito Santo, é esta a Vossa regra. Caríssimas Irmãs, rogo a Nosso Senhor que aumente em vós o amor às Santas Regras para que vivais todas observando-as. Rogo-Lhe a graça de bem as guardardes e de não faltardes nunca a elas. Se assim fôr, dir-vos-á como disse a Moisés: «Abençoo-vos à partida e abençoo-vos no regresso; em resumo,abençoar-vos-ei em tudo. O mesmo digo eu: Guardadas as vossas regras, atraíreis as bênçãos de Deus sobre as vossas almas e sobre os vossos corpos, bênçãos contínuas durante esta vida e enfim na outra, no Paraíso.

90 — CONFERÊNCIA DE 23 DE DEZEMBRO DE 1657

## **SOBRE AS VISITAS E DO DEVER DE AVISAR OS SUPERIORES**

Minhas Irmãs, vamos ler as Regras 28.<sup>a</sup> e 29.<sup>a</sup> das 43 que tendes. Dizem assim: Não farão visitas nem mesmo a suas Irmãs de outra paróquia, sem licença da Superiora, senão em caso de necessidade, como seria se estivessem doentes »

Isto refere-se às visitas activas e passivas. As visitas passivas são as que se recebem e as activas são as que se fazem. As pessoas do mundo crêem que as visitas é uma das coisas que deve suprimir-se e a experiência mostra-nos que de modo geral, servem apenas para se perder tempo. É assim que no mundo as pessoas perdem a maior parte do tempo em visitas. De maneira que,

Instrução XC. — Ms. SA 4, pág. 229 e segs.

quando uma Senhora ou um homem pretende começar uma vida mais perfeita, o primeiro conselho ou primeira regra que lhes dá um director é de reduzir as visitas que faz. Porquê? Porque nelas falam de tantas coisas que é impossível não ofender a Deus e ao próximo. Pois o que é aconselhado às pessoas do mundo, também se manda às Filhas da Caridade que hão-de viver com a perfeição a que estão obrigadas; para isso, é necessário que sejam regradas nas suas visitas, que é um meio poderoso para terem o espírito recolhido em meditação. Não provocarão, pois, as visitas, nem as farão. Ficarão recolhidas em casa e não conversarão com os externos, a não ser quando Nosso Senhor as obrigar a isso. Fora disso, abster-se-ão.

Mas continuemos: Não farão visitas, nem mesmo às Irmãs das outras paróquias. «Isto parecer-vos-á duro.» Como! Não posso visitar as minhas companheiras, sendo Irmãs como somos? Que mal pode haver em nos visitarmos umas às outras? Não o façais nunca sem ter obtido antes autorização da Superiora. E, se uma Irmã seguisse a sua vontade, sem ter em conta esta regra, procederia mal, porque perderia o tempo em prejuízo do serviço dos Pobres.

Em segundo lugar, é a causa de que aquela que ela visita cometa a mesma falta, porque há-de fazer companhia a sua Irmã. E por esta razão quer Nosso Senhor que tenhais como máxima não fazerdes visitas sem licença dos Superiores. — Senhor, dir-me-eis, faz-se o mesmo nas outras Comunidades? — Sim, minhas Irmãs, as Filhas de Santa Maria têm esta máxima: que nunca uma delas fale a outra sem licença, a não ser quando se reunirem. Fora disso, não lhes é consentido falarem sem autorização. Se uma religiosa de Santa Maria falar a outra sem consentimento, comete uma falta que não fica sem castigo. Porquê? É porque a experiência mostra, desde há mil anos que se começou a instituição das Comunidades, que as religiosas podem prejudicar-se muito com as conversações.

Mas como fazer, então? Se houver alguma coisa a dizer aos de fora ou às Irmãs, deve ser pedida licença, para falar ou para escrever; se forem coisas interiores, então devem vir aqui. Minhas Filhas, é justo que, quem tudo deixou para seguir Nosso Senhor, verdadeiro Esposo, não procure outras distrações além do Seu amor e do serviço dos Pobres. E, assim haveis de fazer, fora de caso de necessidade. Mas, por exemplo, uma Irmã que não se encontra bem numa paróquia, se a outra Irmã sabe então faz muito bem de ir ali imediatamente. Considerai, pois, com quanta justiça e acerto estão dispostas as vossas regras. Mas, fora de necessidade, in nomine Domini!

Não procurarão também, para distracção, que as outras as visitem; quer isto dizer, minhas Irmãs, que as Filhas da Caridade não devem procurar que as Irmãs as venham ver, para poderem distrair-se. Quanto às doentes é outra coisa, como acabo de dizer. Recomendo às nossas Irmãs que, quando houver doentes, as das outras casas as visitem, porque creio que seja uma grande consolação para uma Irmã doente ver as suas Irmãs; mas fora disso, minhas Irmãs, nada de visitas, mantende-vos na observância das Santas Regras:

A regra vinte e oito fala do que diz respeito especialmente às Irmãs que não estão com a Superiora, as quais não devem consentir que nenhum externo entre nos seus quartos, fora de absoluta necessidade, particularmente os homens, ainda que sejam sacerdotes, ou confessores, a não ser quando se encontrem enfermas.

Olhai, Irmãs, o que acabo de dizer tem tanta importância que depois do amor de Deus e do próximo, parece-me que a maior recomendação que temos a fazer é a cuidadosa observância desta regra para a conservação da pureza. Sabem que o maior perigo a que estão expostas as Filhas da Caridade, é faltar à pureza. Como pode ser isto? É que o espírito maligno enraivecido por se ver desprezado e pelo serviço que prestam a Deus as almas que guardam a pureza, tenta-as de muitas maneiras e roda continuamente à volta de pessoas religiosas ou das que vivem em Comunidade, para as perder. Por esta razão hão-de evitar as conversações com os homens, sem necessidade, ainda que se trate de assuntos piedosos, porque, até disso, se servirá o espírito maligno para vos tentar. Quando não tem objecto que provoque, passa facilmente, mas quando chega a ocasião da tentação, ah! Então é mais violenta e de maior duração. É a razão porque guardam a clausura nos conventos, o que nem sempre se fez, porque no princípio as religiosas não tinham clausura e andavam como vós agora, no mundo. Mas sofriam tentações horríveis contra a pureza, e ao darem-se conta disso, os Sumo Pontífices, para evitarem os inconvenientes que se seguiam, mandaram-nas viver em clausura, porque é muito difícil guardar castidade no meio das ocasiões de a perder.

Tereis, pois, minhas Irmãs, as tentações que padeciam as religiosas e que algumas vezes as fizeram cair, não a vós, pela misericórdia de Deus, porque até agora não sabemos que nenhuma tenha caído; se tiveram tentações, venceram-nas pela misericórdia de Deus. Mas, se no passado fostes preservadas, tendes motivo para temer o futuro, assim como as que vos sucederem, se faltarem a esta regra.

Que havemos de fazer para o evitar, Senhor ?

— É necessário que as Filhas da Caridade façam do seu quarto um claustro. Se vier algum parente vê-las, devem recebê-los em baixo diante de todos. E ainda assim é preciso ser breve.

Não vos parece, que é demasiado duro tudo isso? Que é de-sumano? — Não, minha Irmã, porque se o permitis a um parente será o bastante para que os outros sigam o exemplo. E, assim, não deveis nunca consentir que qualquer Irmã autorize a um homem a entrada nos seus aposentos, nem tão pouco a mulheres, fora dum caso de necessidade.

Não só está proibido às religiosas deixarem entrar os homens, mas até as mulheres nunca devem entrar, ou raramente. E assim mesmo só com licença do Bispo ou do Geral. Quanto aos homens só sacerdotes ou médicos em caso de doença. Se tiverdes que falar com os confessores fazei-o na igreja mas nunca nos vossos aposentos, ainda mesmo que se trate do Senhor Portail ou eu mesmo, não deveis consenti-lo.

Mas isso é excessivamente rigoroso! — Mas é justo. Quando aprouver a Deus dar-vos a conhecer o perigo que há para as Filhas da Caridade em manter tais conversações, compreendereis quanta razão houve em impôr-vos esta regra. Queira Deus conceder-vos esta graça! Ó meu Salvador, escutai a súplica que vos faço para que compreendam a utilidade desta regra, vós que tivestes uma Mãe tão pura que se perturbou à vista dum anjo, com forma humana, no seu aposento, fazei pela vossa infinita bondade, meu Salvador, que todas as Irmãs, compreendam quanto importa que nenhum homem entre no seu quarto. Assim, peço-Vos Senhor, pelo amor que tendes à pureza, pois, quisestes nascer duma Mãe tão pura, concedei-nos esta graça. Aproxima-se uma festa de pureza. Peça-mos a Nosso Senhor pela sua santa natividade que nos conceda a graça de guardarmos bem esta regra. Prometamos-Lhe que a cumpriremos, porque é de maior importância que as outras.

É preciso, pois, que em caso de necessidade de falar aos confessores, isso se faça na igreja ou à porta da casa. E, ainda mesmo assim, é necessário que não seja a hora intempestiva, apesar de todas as boas intenções e razões que possam existir. A hora intempestiva quer dizer, minhas Irmãs, ao cafr da noite; nem tão pouco ao amanhecer, porque haveis de ter cuidado, ao falar a alguém, que seja a hora em que se possa ver claramente o que fazeis. É isto, minhas Irmãs, que Deus manda pela vossa regra e que deveis ter presente meditando-a com frequência para vos impelir a observá-la. Sabeis, minhas Irmãs, que o a b c do alfabeto,